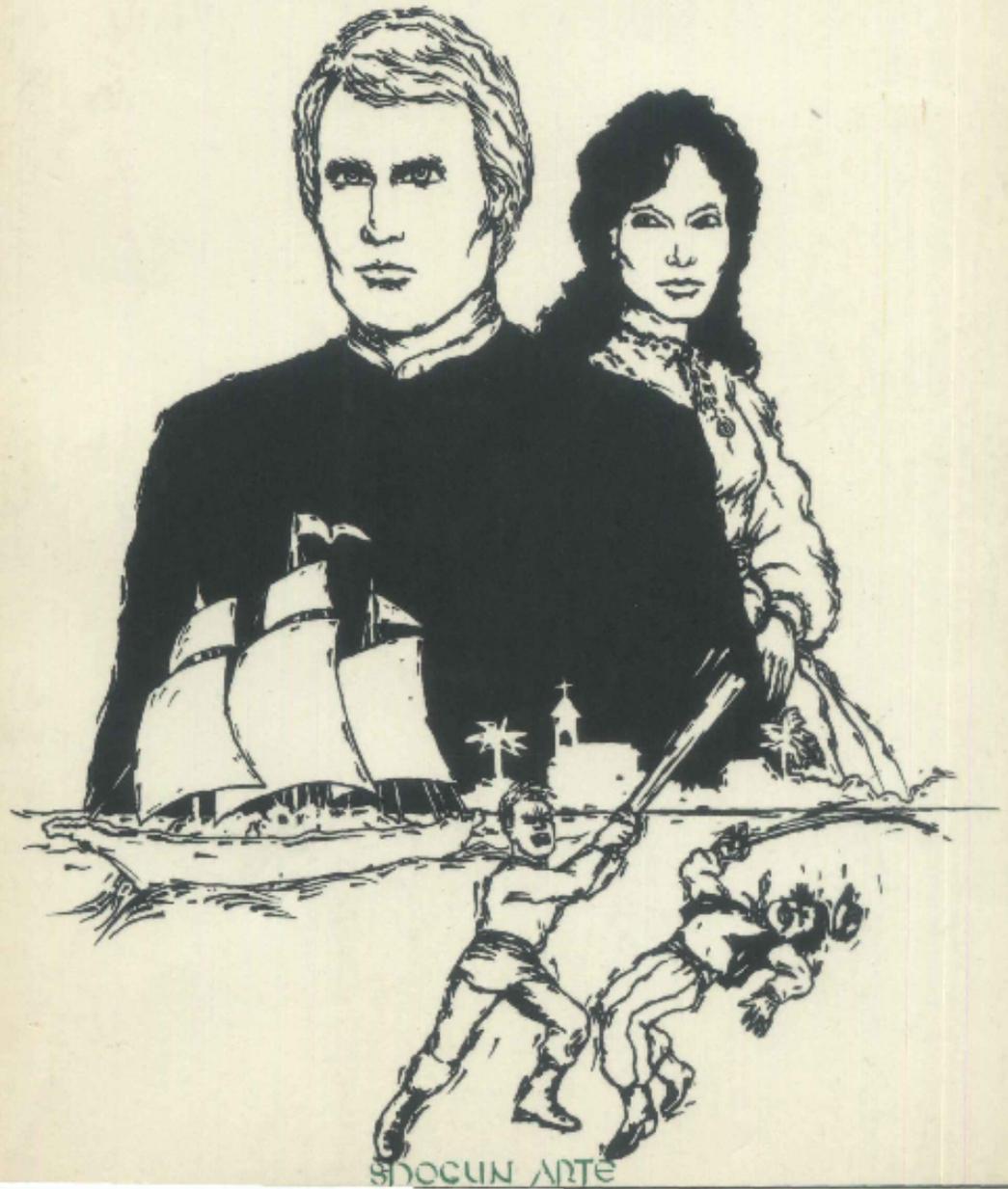


JORGE BRITO

A MORTE DE JOÃO GRANDE

O Padre que lutou na Guerra dos Farrapos



A MORTE DE JOÃO GRANDE

O Padre que Lutou na Guerra dos Farrapos

Jorge Brito (1918-1998)

Copyright 1983 by Jorge Brito

PREFÁCIO



www.PampaLivre.info

"João Grande" não é um romance histórico. Muitos dos atos e fatos são fielmente narrados nos lugares e com as pessoas indicadas, que realmente existiram inclusive o personagem que dá nome ao livro, "um jovem norte-americano ou irlandês, de nome John Griggs, conhecido por João Grande, devido, à sua avantajada estatura" (Lucas Boiteux).

Foi lendo a página 167 do livro "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos", de Lindolfo Collor. (Ed. Civilização Brasileira, 1977) presente de meu filho Nei que soube da existência de João Grande. Um mês depois disso eu já resolvera escrever sobre este estranho e misterioso indivíduo.

Na "Guerra dos Farrapos" o Sr. Gatilho Goycochea (Ed. 1938, pág. 154) alude a Griggs. Os dois Boiteux, tanto Henrique em "Santa Catarina na Marinha" (Oficinas Gráficas de Liga Marítima Brasileira, pág. 113) como o Capitão de Mar-e-Guerra Lucas Alexandre em "Marinha Imperial na Revolução Farroupilha" (Imp. Naval R.J., 1935, pág. 83) narram pormenores assim, "John Griggs para combater usa um bastão. Cada golpe que descarregava, podia contar-se com uma vítima, sem derramamento de sangue. Diz-se que, de consciência tranqüila, acompanhava a queda do adversário repetindo o versículo do Salmo", Recebe mais este, Senhor, em tua misericórdia!"

Em "Memorie Biografiche" de Giuseppe Maria Garibaldi, (Ed. Firenze, 1888) encontrei mais extensas e precisas notícias de João Grande. O Comandante da Frota Farroupilha chama Grigg(s) de "meu companheiro e precursor, de excelente índole, de uma coragem a toda prova e dono de uma constância inabalável".! Os dois homens eram amigos fraternos!

Sobre estes dados é que construí o que poderia ter sido a vida de John Griggs, o João Grande. A Guerra dos Farrapos é o pano de fundo.

J.B.

INTRODUÇÃO

O desfile foi uma glória. Em Laguna, naquela manhã ensolarada de julho quem pôde sair de casa foi ver a tropa farroupilha marchar na cidade. Armaram para as autoridades, em frente ao Palácio do Governo, um palanque e lá estavam o General Davi Canabarro e o Coronel Teixeira Nunes representando o Exército; o capitão-tenente José Maria Garibaldi e o Tenente João Griggs (João Grande), a Marinha; o Juiz de Paz, o Intendente Municipal e o sacerdote mais graduado da região. Monsenhor Vicente dos Santos Cordeiro.

Às dez horas em ponto a Banda da Intendência iniciou o desfile com os acordes vibrantes de um dobrado, vindo colocar-se ao lado do palanque para marcar com tambores e caixas de rufo o ritmo da marcha dos soldados e marinheiros. Os primeiros a passar foram os cavalarianos, um esquadrão inteiro deles, vestidos a caráter, de botas e chilenas, bombachas e tirador, sob um chapelão de abas largas de feltro preto, com barbicacho. Depois deles vinham os outros combatentes, distinguindo-se os da infantaria, esbeltos, cadência certa, peito arfante, perfilados e alinhados, com as armas reluzindo ao sol. Por fim, os marinheiros de uniforme azul e gorro branco.

O povo não media aplausos aos valentes soldados do Rio Grande. E os mais ingênuos perguntavam:

— E os hunos? Os degoladores profissionais? Onde estão os verdugos e os demônios? São estes rapazes? Nunca! Fomos enganados por vis mentirosos!

— Meu Deus, eu andava apavorada com esses Republicanos, dizia uma invicta lagunense de trinta e dois anos. Eles são lindos! Quem dera que algum desses gaúchos quisesse casar comigo!

Quase ao encerrar-se o desfile deu-se o patético. A linda moça, D. Maria da Glória Garcia, vibrando de entusiasmo cívico, pediu ao tenente João Henriques que lhe entregasse a Sendeira Farroupilha. Satisfeita, beijou e levantou bem alto o estandarte, dando vivas à República Riograndense e a seus bravos soldados e marinheiros.

A assistência delirou, aplaudindo-a e respondendo com fervor aos vivas, sem dúvida porque se sentia agora tranqüila. Os sombrios prognósticos não se verificaram.

Ficou claro, com a tropa marchando em perfeita ordem pela cidade conquistada na véspera, que soldados e marujos não eram bandidos, nem piratas, mas homens de bem tanto quanto eles. Palmas e vivas duraram mais de quinze minutos.

João Grande comoveu-se com a acolhida entusiástica da população. E, por serem os mais jovens, ele e Garibaldi, ao descerem do palanque foram abraçados e beijados efusivamente pelas moças. Garibaldi mais do que Griggs, por ser de menor estatura e por isso mesmo mais ao alcance das beijoqueiras.

Ao regressarem a bordo do "Seival", John sabendo que o amigo era capaz de ficar contente com a alegria dos outros, disse radiante:

— Garibaldi, caí hoje em estado de felicidade!

Capítulo I

Camaquã — Fazenda do Brejo

As terras de campo e mato, do Paço do Mendonça, à foz do rio Camaquã na Lagoa dos Patos, possuídas pelo velho Gonçalves, depois da morte do dono foram repartidas em três grandes propriedades. A Fazenda Cristal coube ao filho Bento. A segunda, a da Barra, à filha Antônia. A filha Da. Ana herdou a Fazenda do Brejo.

O estaleiro, a melhor esperança do Governo Farroupilha na época, estava sendo construído a um quilômetro da sede do Brejo. No momento em que começa esta história o promissor estabelecimento consistia apenas em um galpão enorme, abrigando longas serras manuais do melhor aço inglês, mais de cinqüenta toras de madeira por serrar e algumas dúzias de tábuas grossas e finas empilhadas de um lado; do outro, a despensa com a barrica de erva-mate, mantas de charque, caixas com gordura de rês, sal, sacos

de feijão e arroz. Encostados à despensa, os catres onde dormiam carpinteiros, serradores, auxiliares e peões. Vinte pessoas. Nos fundos a cozinha, um puxado meia-água, também coberto com telhas de barro. Ardendo lá, dia e noite um grosso tronco de angico garantia água quente para o mate a qualquer hora. Era encher a chaleirinha de ferro e esperar que a água aquecesse.

Domingo. Ninguém trabalha. Ao redor do fogo baixo, que de longe enxugava a carne, mateando um grupo de homens esperava a hora do churrasco. O assador avisou:

— Hoje demora porque é no capricho. Esta picanha merece!

Hidalgo, carpinteiro, impaciente com a espera, convidou o companheiro:

— Belmiro, vamos dar um pulo até à fazenda?

— Fazer o quê?

— O quê? Saber das novidades, ora!

Procuraram com os olhos o sargento Adão, comandante do Destacamento, para avisar que iam se afastar do rancho. Não estava por perto.

— Vamos assim mesmo, sugeriu Hidalgo, depois ele ficará sabendo!

Seguiram os artífices em direção à figueira de sombra acolhedora. De lá se via bem a casa de Da. Ana. Encontraram, com a cabeça apoiada em uma raiz grossa da árvore, cochilando, Mestre João Grande, ao lado da inseparável borduna.

— Este cuera tem uma braça de altura. Não tem? Perguntou Hidalgo.

— Nove palmos, respondeu Belmiro com convicção!

— Tu o mediste?

— Olha, ele, o bordão e a porta dos fundos do estaleiro são da mesma altura. Já o vi encostado ao marco da porta e conferi.

João Grande não percebeu a aproximação dos carpinteiros, passando calados. Hidalgo bateu palmas na porta da cozinha. Veio a

mucama Zilda, negra, cria da casa, ver quem chamava. Vendo os homens conhecidos, perguntou com manifesta má vontade.

— E daí?

— Queremos falar com Da. Ana, retrucou Hidalgo!

— Querem mesmo? Belmiro corrigiu:

— Pretendemos.

A negra sumiu. Momentos depois aparecia uma senhora de aproximadamente cinqüenta anos, grisalha, gorda, baixa, mas com um sorriso bondoso iluminando-lhe o rosto.

— Bom dia! Sejam bem-vindos! Que desejam? Hidalgo maneiroso:

— Vimos saber se precisa de nossos préstimos. Hoje não estamos fazendo nada.

— O sargento Adão sabe que vocês estão aqui?

— Claro! Mentiu o carpinteiro.

Da. Ana lembrou-se da porta emperrada do armário no quarto das moças, mas não queria transgredir o regulamento aceito: "qualquer ordem a soldado, ou operário, sempre por intermédio do comandante, ou do mestre".

— São muito gentis! Por enquanto não estou precisando. Vocês já almoçaram?

— Não se preocupe, minha senhora! Nosso churrasco está quase pronto, explicou Belmiro.

Da. Ana sorriu, pois não iria convidá-los para o almoço. Quem gozava desse privilégio, uma vez por semana, era o Mestre João Grande, mas disse: "Esperem um pouquinho e levarão sobremesa para vocês e para os companheiros, Zilda entrega já, já. E... se virem o Mestre. avisem-no que dentro de meia hora esteja aqui para o almoço.

A fazendeira achava que era preciso agradar esses homens no que lhe fosse possível, pois o dinheiro da República era pouco e o dela também. Entretanto eles estavam fazendo um trabalho fundamental para a guerra. Raramente o mano Bento, ou o Ministro

Domingos de Almeida mandavam algum dinheiro para os operários do estaleiro, que viviam de esperanças. Mas viviam e trabalhavam.

Zilda entregou aos carpinteiros um prato grande de barro vidrado com cinco quilos de marmelada, coberta com pano branco de algodão.

O Mestre continuava dormindo à sombra da figueira.

— Seu João, seu João Grande! Gritou Hidalgo.

— Hummm!

— Da. Ana manda dizer que está na hora do almoço.

— Sim. Obrigado! O Mestre era de pouca conversa.

John Griggs encolheu as longas pernas e apoiado no bordão, levantou-se. Ia ao almoço dominical com a família. Eram três moças e um rapaz, Bentinho. Das moças a mais bonita era Manoela, sobrinha da fazendeira. Todas, porém, muito submissas à Da. Ana e ao rapaz, talvez por ser por ser homem da casa, apesar de mais moço do que elas. O interesse do mestre era por Maria, que lhe inspirava forte e estranha ternura, desde que vira e falara com a moça de olhos castanhos escuros e rosto oval nobre lembrando de longe as madonas de Murilo.

O relógio-armário da Fazenda bateu doze badaladas e depois as repetiu enchendo a sala com os acordes.

- Já é meio-dia, disse alto Da. Ana! Bentinho, meu filho, vá ver se o seu João Grande vem aí!

Vinha. Passos lentos, espaçados. Desengonçado. Apoiado no bordão, relembrava a terra em que moravam seus pais. Lá os domingos eram bem diferentes dos domingos da Fazenda do Brejo. Em Rosedale, Mississippi, as moças e senhoras se enfeitavam e os homens vestiam as melhores roupas para ir à igreja. A missa era um acontecimento social na aldeia. Antes e depois da cerimônia na porta do templo, comentava-se a vida alheia. Davam-se curso aos boatos. Comentavam-se as novidades. Difundiam-se os mexericos. Depois dos hinos e do sermão do padre, ou do pastor quacker, voltavam todos para casa purificados, de alma leve, quase santos. Principalmente sentiam-se satisfeitos consigo mesmos.

— Patifes! Disse João Grande em voz alta e ele mesmo se admirou, pois já estava pensando em português.

— Dá licença? Gritou o Mestre ao se aproximar da porta da casa grande.

Bentinho e a mãe vieram recebê-lo. As moças só apareceriam depois. Não eram "se mostradeiras", defeito grave numa família de respeito. Com um gesto, Da. Ana indicou uma cadeira. Sentaram-se.

— Como vão as obras? Indaga a senhora.

— Precisamos de mais serras, limas para afiá-las, cordas, correntes, tornos, ferramenta...

— É preciso ir a Porto Alegre, ou a Pelotas para comprar essa tralha! Se o mano Bento já estivesse de volta... Vamos dar um jeito. Quando ele chegar encontrará dois barcos prontos.

- Dois?

- Sim, dois. Acho que não existe esquadra de um barco só, existe?

Griggs achou melhor levar o assunto para outro lado.

- Por onde anda agora o General Bento Gonçalves?

- Mano Bento deve estar na Bahia, mas por pouco tempo. Ah, meu Deus! Se o Pedro Boticário não fosse tão gordo, os dois poderiam ter fugido da Fortaleza de São João no Rio de Janeiro, e estariam no Rio Grande a salvo. Pedro Botelho, entalado, não passava entre as grades da prisão. Por isso Bento, que já estava do lado de fora, tornou a voltar para a cadeia. Não quis deixar o amigo sozinho!

Da. Ana examinando a fisionomia de João Grande, aflita continuou:

— E a falta que ele faz! Depois disso os imperiais levaram o mano para o forte do mar, na Bahia, mais longe ainda. Pedro ficou no Rio, ao menos não atrapalha!

— Com este gesto o general mostrou que é um homem de caráter!

— Caráter? Ele tem, sim! Mas de que adianta ter caráter se está preso? Não penso que se deva trocar cinco minutos de covardia por anos de vida. Mas tudo tem limites, a lealdade com os amigos também. Que acha Mestre?

João Grande não esperava a interpelação e arriscou:

— Por princípio eu não contradigo uma senhora.

A crioula Zilda, da porta do corredor, olhando para a patroa levantou o queixo interrogativamente. Da. Ana com movimento de cabeça assentiu. O almoço ia para a mesa.

Aí se apresentaram as moças. Primeiro veio Maria, a mais velha, depois Marta e enfim Manoela, a sobrinha, cujos pais viviam em Pelotas. Vestiam-se com simplicidade. Saias compridas rodadas, com fitas escuras, paralelas, pregadas na horizontal. Elas usavam tranças, presas com cadarços, caídas para frente. Da. Ana usava um coque no alto da cabeça e na hora do almoço envergava túnica xadrez larga, com cinto preto para ajustá-la à grossa cintura.

— Sente-se na cabeceira da mesa, disse Da. Ana a João Grande!

Este, que estava ao lado de Bentinho, obedeceu. Por um instante juntou as mãos na borda da mesa coberta com toalha e inclinou de leve a cabeça. Quando percebeu que era o único acomodado, levantou-se rapidamente e ajudou Maria a sentar-se, empurrando-lhe a cadeira. As moças riram, vendo o embaraço do Mestre, que ficou ainda mais corado.

Para cortar o constrangimento a fazendeira observou:

— Olhe, seu João, seu pire de batatas com leite e manteiga!

— Meu pire?

— Sim, seu. Foi feito especialmente para o senhor. Não é disto que gosta?

— Bem, gosto de qualquer coisa...

Pensou o Mestre no feijão preto e na repugnância que inicialmente lhe provocava semelhante prato. Agora já se acostumara e o tolerava.

Da. Ana falou o tempo todo. Os demais escutavam. Depois da sobremesa, doce de abóbora em calda, ela lembrou:

— Seu João, venha aqui amanhã de tarde. Vamos resolver como e quem irá buscar as ferragens e outras coisas mais. Faça uma lista delas!

As moças ficaram olhando João Grande afastar-se em direção ao chalé à direita da casa grande, que servia de habitação aos hóspedes não muito chegados à família.

— Titia, de onde é o seu João?

— Pelo que me disse o compadre Domingos de Almeida ele aportou na cidade de Rio Grande como oficial de um barco inglês, mas ele é da Norte América.

— É longe essa terra?

— Muito além da Bahia, longe barbaridade!

— Mãe, a senhora viu quando ele se sentou e juntou as mãos? Eu pensei que ele ia rezar, disse Maria.

— Ê. Antigamente se usava rezar antes das refeições. Foi Marta quem deu o palpite:

— Então ele é um homem religioso? Não parece! Pelo que se fala por aí...

Da. Ana protestou:

— Ninguém tem nada com a vida, de seu João. Ê um homem instruído, trabalhador e vai levando as obras a bom termo. Não incomoda ninguém! Acho melhor não dar ouvidos a certas conversas. E que conversas...

Marta quis perguntar se o nome dele era João Grande mesmo, ou era apelido por lembrar ele a ave pernalta. Em vista da reprime nada, não teve coragem.

Marchou João Grande para o chalé, que era a casa dele. Uma sala, cozinha, três quartos. Ele ocupava o da frente. Ao entrar, sem querer, comparou-o com o que repartia com Jimmy na casa dos pais em Rosedale. Pobre também, mas rescendendo à limpeza. À mãe tomava conta de casa com muito carinho. Havia travesseiros de penas de ganso, lençóis e cobertores. Aqui, muitos pelegos sobre um catre de madeira com tiras de couro, cheirando a ovelha. De vez em quando uma das crioulas por ordem de Da. Ana varria a casa. Só.

"Provisoriamente", pensava Griggs, "estou muito bem aqui. Tenho ocupação. Não passo frio, nem fome e principalmente estou bem

longe de Rosedale, de Los Angeles e de todo o vale do Mississipi. Quero distância daquela gente, o resto não importa!”.

Da. Ana pedira voltasse no dia seguinte para dar-lhe solução dos problemas. Ela cuidaria dos detalhes. A fazendeira era pessoa boa, inteligente, mas uma dona de casa, incapaz de comandar vinte homens chucros, que tentavam construir a frota. Concordara com o irmão General Bento Gonçalves da Silva, chefe da Revolução Farroupilha, que na Fazenda do Brejo fossem construídos os Estaleiros Oficiais da República Riograndense. Bento estava temporariamente preso no Forte de São Marcelo. Enquanto isso, João Grande assumira a Chefia Geral do Estaleiro com o título de Mestre, subordinado diretamente ao Ministro Domingos José de Almeida, em Piratini, a capital, distante trinta léguas.

John Griggs, quase morto pela Imperial Polícia do porto do Rio Grande, mas recolhido por um hortelão e entregue aos cuidados da gente farroupilha, passou a gostar do povo e do Governo da jovem República. Muito o ajudou no começo a entender o português do sul do Brasil, o castelhano que aprendera e usara em Los Angeles primeiro e depois com os tripulantes hispano-americanos. Descobriu agora com alegria que pensava e até dialogava em sonhos no idioma lusitano. O que mais admirava nos riograndenses era a desenvoltura e a galhardia com que andavam a cavalo. Ele se sabia sem jeito, quase um saco de batatas no lombo de um pangaré. Sabia também que o único meio de aprender a montar, é montando. Iria, portanto, a Pelotas a cavalo fazer as compras.

Fechou o Mestre, a janela aberta e seguiu para o estaleiro. De longe ouvia as vozes dos operários cantando e a primeira pessoa que encontrou foi o sargento Adão, dormindo na sombra sobre pelegos. Chamou:

— Sargento!

Este sentou-se logo e respondeu:

— Pronto, Mestre!

— Temos que fazer compras em Pelotas, ou Deus sabe onde..

— Passamos por Piratini?

— É possível. Por quê?

— Estou pensando, seu João, que se os imperiais descobrirem o que estamos fazendo aqui e mandarem um esquadrão de cavalaria-

a, como vamos nos defender? Na semana passada éramos dez, agora somos vinte homens, válidos, corajosos mas e as armas? Quantos homens ainda virão?

— Não sei quantos. Cinquenta, cem, talvez mais. Quero falar com os carpinteiros.

— É para já!

De pé Adão gritou a um operário que passava por perto:

— Antero, dize aos carpinteiros que venham cá! Aos poucos foram chegando Belmiro, Hidalgo. Pedro e Machadinho. E o Mestre Ihes disse:

— Daqui a pouco começaremos a construção de dois barcos grandes. Quero que me dêem por escrito a relação das ferramentas que vão precisar. Na hora de fazer as compras levaremos o carpinteiro que os senhores indicarem.

Os homens se olharam surpresos e começaram a falar todos ao mesmo tempo em serras, grosas, plainas de diversos tipos, martelos, mais gente e por fim indagaram onde seriam feitas as compras.

Explicou Griggs achar perigoso adquirir o material em Porto Alegre ocupada pelos imperiais. Tentariam Pelotas. Montevidéu em último caso.

— Senhor Hidalgo, rematou o Mestre, amanhã ao meio-dia o senhor me entregará o rol das necessidades da ilustre e honrada classe dos carpinteiros! De acordo?

Os artífices continuaram reunidos, enquanto João Grande se afastava.

— Sabem porque o Mestre João tem receio de fazer compras em Porto Alegre? Porque acha que alguém iria dizer àqueles reiúnos, que estamos construindo barcos para combatê-los! Falou Pedro indignado.

Machadinho, rindo, contestou:

— Pois eu sei de alguém, que desprezado por uma chinoca do

Caminho Novo, tomaria uma bebedeira e diria bem alto, "amanhã, ou depois, virei aqui de barco e rebentarei esta porcaria! Pensam

que é fanfarronada? Pois não é! Há meses estamos construindo barcos de guerra no estaleiro de Camaquã! Vocês vão ver!”.

Era um arremedo razoável da voz do sargento. Todos se divertiram, inclusive Adão que observou:

— Virgem! Vira a boca para outro lado, rapaz!

Segunda-feira, com as listas no bolso João Grande foi à sede da Fazenda. As moças na janela observavam de longe a figura do homem apoiado no bastão, gingando em direção a elas. Marta foi a primeira a falar:

— Como o caminhar dele é engraçado.. Parece mesmo um João-grande, desses que pousam no banhado. E como é alto!

— É alto, mas não demais! Contestou Maria com vivacidade. Manoela continuou a crítica iniciada pela prima:

— A voz dele parece fanha e a entonação esquisita! Maria não se conteve:

— Para um estrangeiro, que veio adulto para cá, fala muito bem português, melhor do que qualquer castelhano dos que andam por aí! Seu João é um homem bom e competente. Seu Domingos de Almeida gosta dele e mamãe também gosta! Se não fosse ele não haveria estaleiro, nem aqui, nem em parte alguma!

A moça ia se entusiasmando a medida que falava em Griggs. Marta caçoou:

— Olaia! O Mestre tem uma grande advogada aqui na Fazenda! O Mestre cumprimentou as moças e Marta convidou:

— Entre seu João! Vou chamar mamãe.

Vieram Bentinho e Da. Ana, esta de cuia de mate e chaleira na mão. As jovens foram se retirando discretamente da sala. A fazendeira divagou sobre o tempo, notícias da guerra, poucas, sobre o preço do couro e do gado. Por fim perguntou:

— Já sabe, seu. João, de tudo o que vai precisar?

— Tenho quatro listas, senhora, a dos carpinteiros, a dos cozinheiros, a do sargento Adão e a minha.

— Pois tem mais uma aqui da casa.

Bentinho apanhou os papéis, leu por alto e indagou:

— E tudo isso a quanto monta?

João Grande encolheu os ombros e arregalou os olhos.

— Só Deus sabe, filho, explicou Da. Ana. Hoje em dia não se sabe mais do preço das coisas que vão ser compradas na semana que vem, vivem subindo.

A fazendeira suspirou:

— Vamos vender os couros. Quantos tens, Bentinho?

— Uma porção deles. Creio que encham duas carroças.

Os dois homens tomaram muitos mates antes de acertarem os planos. O rapaz ficaria na Fazenda. João iria com as carroças e uma escolta a Pelotas vender os couros salgados e fazer as compras, recorrendo aos préstimos do Doutor Francisco de Paula Ferreira, cunhado de Da. Ana e pai de Manuela. Se o dinheiro apurado não fosse suficiente, poderia lançar mão de certa quantia que o doutor guardava para a família da cunhada. Em último recurso apelaria para o Governo de Piratini. Tudo acertado, marcou-se a viagem para o dia seguinte.

Era uma noite clara de verão, dezembro, quente. Lua. Depois do jantar as carretas foram carregadas, duas, com pouco mais de meia carga. Três juntas de bois em cada viatura. De madrugada atravessaram o Camaquã de barca. Ao clarear o dia a caravana partiu. Na frente, a cavalo, o vaqueano, o soldado que conhecia o caminho. Não havia estrada. Dentro de cada carreta, acomodados sobre os couros, ou enganchados no timão, dois guardas armados. Os carreteiros iam a pé, retinindo a aguilhada e dirigindo os bois, ora ao lado das rodas do carro, ora na frente, quase conversando com os animais:

— Barroooooo. boi! Eeeeeuta malhado! E para fazer parar as juntas:

— ôooooo!

João Grande e o sargento deixaram-se ficar no estaleiro. Escalararam seus respectivos substitutos. Fizeram as últimas recomendações e depois do almoço partiram juntamente com Jucá e Belmiro. O 'Mestre montava um baio alto, de trote macio, o cavalo de esti-

mação de Bentinho. Esbelto, firme nos estribos, procurava acompanhar a postura dos cavaleiros do pampa, era uma figura impressionante. Levava a borduna como uma lança.

O sargento Adão viajava num tordilho escuro, ferro, como ele dizia, companheiro de muitas léguas. O soldado Iuca e o carpinteiro Belmiro, bem montados, iam cerca de dez braças na frente dos respectivos chefes. O soldado conhecia aqueles campos a palmo, desde que fora tropeiro. Seguiu o grupo para o sul, acompanhando o rasto das carretas. Esperavam encontrá-las no primeiro pouso, a cinco léguas da Fazenda do Brejo.

Achou João Grande que a marcha era muito lenta. Adão explicou que era assim mesmo. Primeiro iam no chouto, para esquentar os cavalos, até que suassem, depois no trote, pois longa era a viagem.

Belmiro lembrou-se de perguntar ao companheiro se havia notícia de salteadores na região e se já enfrentara alguns.

— Salteadores, sempre os há, mas são raros para estes lados. São mais freqüentes na fronteira, devido à facilidade de fuga para o Uruguai, ou Argentina. Em geral só atacam com "superioridade numérica", como dizia o tenente, isto é, quando há mais assaltantes do que assaltados. Nós somos quatro e estamos armados. Falam que seu João Grande é bom no cacete. Além disso temos coragem.

Adão estava interessado em saber da vida do Mestre. Falava-se tanta coisa dele. Fizera diversas tentativas, sem resultado. Tornaria a tentar:

— Sua terra se parece com esta?

— Muito. É planície também!

— Tem rio lá?

— Sim. O Mississipi.

Não falou mais nada e Adão se convenceu, que não adiantava insistir, pois nem sobre rio que é coisa tão bonita, não dizia palavra.

O soldado Jucá parou o cavalo de repente. Belmiro o acompanhou, sem saber porque.

— Sargento, gritou o soldado, temos companhia! Vieram de lá. Apontou para a direita, na perpendicular da trilha das carroças.

— Quantos?

— Parece que três. Vou ali e volto já!

Seguiu para oeste cerca de cinqüenta braças. Apeou do cavalo e veio acompanhando as pegadas na grama por alguns minutos. Depois montou satisfeito, alegre porque "a coisa" ia esquentar. Ainda cansado da monotonia de guarda de estaleiro, onde nada acontecia.

— São três, sim! Um dos cavalos está mancando. É possível que o cavaleiro queira deixar nosso vaqueano das carretas a pé.

— Provavelmente são amigos nossos, observou João Grande. Por que esperar sempre o pior?

— Quando eles viram o trilho das carroças, mudaram de rumo, ensinuou Jucá. Estão duas horas em nossa frente.

Belmiro começou a ficar inquieto. Sempre fora um pacífico carpinteiro agora envolvido em cavalarias fora de seu gosto.

— Como é que sabes que são três? Indagou.

— Ora essa, retorquiu o soldado, porque as patas dos cavalos são diferentes. Basta olhar que se vê!

— Mas eu não vejo diferença!

— Examina com cuidado! Está aí bem claro! Cessou a conversa. Os olhos dos cavaleiros varriam os horizontes.

— Sargento, avisou Jucá, convém parar. Os homens estão muito perto. Um deles está puxando o cavalo pelo' cabresto.

Apearam. Afrouxaram os arreios. Tiraram os freios dos cavalos para que os animais pastassem livremente e se estiraram pelo chão. Uma leve e invisível aragem vinda da Lagoa dos Patos amenizava o calor.

— Lá no pouso disse Jucá, há um galpão coberto de capim e uma fonte.

Adão mostrou ao Mestre o rastro dos cavalos.

— Veja, este é o manco. Três marcas fortes e uma leve.

— Sim, sim! Assentia João Grande sem perceber nada. O que para os militares nativos era uma escrita clara, para ele, hieróglifos indecifráveis.

Assim que o suor dos cavalos secou, prosseguiram a viagem. Andaram mais de légua. Viram então a fumaça do fogo aceso no rancho, depois as carretas e as figuras dos carreiros indo e vindo, mas os cavaleiros haviam desaparecido.

— Jucá, mandou o sargento, vá ver onde eles se meteram! Nós te esperamos aqui nessas moitas!

Meia-hora depois voltava o soldado.

— Os homens estão carregando os arcabuzes a duzentas braças daqui, perto do rancho. Dois são do meu tamanho, o outro é baixinho. Vamos atacá-los, enquanto há tempo?

— De maneira nenhuma! Protestou João Grande.

— A guerra é comigo. Mestre! Retrucou Adão com energia. No estaleiro manda o senhor, aqui, eu!

Griggs concordou e calou-se. O grupo ouviu o primeiro tiro e depois outro.

— Ê para espantar os carreiros, avisou o sargento. Vão saquear as carretas... Têm outras armas, o último tiro não foi de arcabuz!

Minutos de tensão. Jucá examina a arma. João Grande afaga o bordão, pois tem certeza que o cacete vai trabalhar. Mais um tiro. Dois homens saíram correndo a cavalo e gritando de dentro das macegas que costeavam o caminho. O outro corria a pé.

Adão gritou:

— Agora!

Montam por sua vez os quatro e saem à disparada para socorrer os carreiros. João Grande vai na frente, o cavalo dele corria mais. O sujeitinho a pé viu que o alcançariam e parou. Voltou-se, encostou a arma no rosto e levantou o gatilho, esperando que se aproximassem. Griggs viu o cano da arma apontado para seu peito, mas não se assustou. Inclinou bem o corpo para frente e gritou, "ainda não chegou minha hora, seu nanico!".

O bandido bateu o gatilho e a arma negou fogo. Reengatilha rapidamente e atira. Adão, que vinha logo atrás do Mestre, deu um berro. Antes de se dissipar a fumaça João Grande já dera tal cacetada no arcabuz, que o desmontara, arrancando-o da mão do atirador. O marginal, um homem baixo, forte não titubeou. Sacou da garrucha de dois canos e apontou-a para a cabeça do Mestre, que voltava para agarrá-lo.

— Desta vez estou muito próximo e ele não erra, disse João Grande.

Talvez um décimo de segundo antes do malfeitor disparar a arma, a cacetada mortífera alcançou-lhe o alto da cabeça, afundando o chapéu. O tiro, que devia atingir o Mestre, perdeu-se no ar.

João Grande saltou do cavalo e correu para junto do sujeito. Sacudiu-o. Estava morrendo. Passou-lhe o braço pelas costas e tentou sentá-lo, dizendo bem alto:

— Diga, meu Deus misericórdia! Perdoa meus pecados! Meu Deus, misericórdia!

Traçou então no ar uma cruz com a mão direita murmurando baixinho, "si capax es, Dominus Noster Jesus Christus te absolvat et ego auctoritate ipsius te absolvo in nomine Patris..." Depositou o corpo no chão e bem alto rezou, "Accipe illum, Domine, in misericordiam tuam". Recebei, Senhor, mais este em Vossa Misericórdia.

Emocionado, perguntou Griggs:

— Feridos, Adão?

— Dos nossos nenhum, graças a Deus!

— Então porque você gritou?

— Porque pensei que o bandido o houvesse acertado.

— E os outros dois salteadores?

— Um morreu de tiro. O outro se entregou!

Capítulo II

Rosedale — Mississipi

29 de setembro de 1817. Sábado. A pedido dos paroquianos de origem germânica o Vigário de Rosedale resolveu fazer comemora-

ção especial de São Miguel Arcanjo às cinco horas da tarde na Igreja Paroquial. Os sinos começaram a tocar às quatro e meia e os católicos irlandeses, alemães da Renânia e da Baviera, austríacos e alguns eslavos residentes na pequena cidade da margem esquerda do rio Mississippi, foram se encaminhando para o templo.

O movimento inusitado alertou os quackers, que vieram à praça saber o que estava acontecendo em dia não especialmente consagrado ao Senhor.

Patrick Griggs, ou simplesmente Big Pat, conhecido por sua altura e respeitado pela força incomum, não estava com vontade de ir à cerimônia religiosa.

— Chega de tanta estória, disse! Estou cansado, puxa... Mary, sua mulher, insistiu:

— Pat, pensa! Moramos em lugar selvagem e inseguro. Qualquer

Proteção angélica, ou divina só pode ser útil a nós e a nossos filhos!

Big Pat tomou o último gole de whisky do copo e respondeu:

— Bem, sendo assim... Mas que é que os alemães têm a ver com o Arcanjo?

— Não sei. Mas o Padre Paul vai explicar!

Minutos depois partia endomingada a família Griggs para a solenidade. Na frente, sozinho, ia John, de treze anos, alto para a idade, magro, de cabelos castanhos como a mãe. Atrás dele James, de onze, de mãos dadas com Anne, de sete. Esta, um anjinho de olhos azuis e cabelos encaracolados. Por fim, lado a lado, o casal conversando. John observava atentamente a fisionomia dos quackers, maioria em Rosedale, admirados com a antecipação do domingo, que os católicos pareciam fazer.

Dentro da igreja as crianças ocupavam os primeiros bancos. Os meninos e os homens à direita e as meninas e senhoras à esquerda. Os Griggs se acomodaram. Ao bater da campainha o Pé. Paul e dois coroinhas foram se ajoelhar no primeiro degrau do altar. O sacerdote sem virar-se para os fiéis, disse em voz bem alta:

— Rezaremos este terço do Rosário em honra de São Miguel para que proteja os habitantes desta cidade, do Estado do Mississippi e de toda a Nação Americana!

A reza era em inglês. Acontecia que os alemães, principalmente os mais velhos não sabiam rezar nessa língua e respondiam em alemão. Enquanto alguns “rezavam” Give us this day our daily bread...”, outros oravam” Unser taegliches Brod gibt uns heute,...”O pão, nosso de cada dia nos dai hoje. Todos com muito fervor em voz bem alta. Quem de fora não soubesse do que se tratava, continuaria não sabendo. Só Deus entendia!”.

O que chamou logo a atenção das crianças foi a figura com duas velas acesas ao lado do altar-mor. Era a imagem de São Miguel, a única da região, esculpida em madeira por um dos alemães presentes, com um mínimo de arte e o máximo de boa vontade. Figura exótica, escura, falquejada a canivete, com verniz brilhante por cima. Com um pouco de imaginação percebia-se um anjo de asas curtas, gorducho, apontando um espeto para a barriga de um monstro deitado a seus pés. James achou graça e ria-se da imagem. John cutucou o irmão para advertir que a hora era de oração e não de brincadeira.

Terminada a reza o Vigário subiu ao púlpito. Começou explicando que assim como a Irlanda venera São Patrício e a Inglaterra, São Jorge, a Alemanha considera São Miguel seu padroeiro e protetor. É devoção antiga e os católicos de língua alemã pediram que a paróquia celebrasse a data. Agradecia a presença de todos.

— Quem é São Miguel? Perguntou retoricamente o padre e ele mesmo respondeu: “É o Arcanjo destemido, de espada flamejante, que em tremenda batalha, enfrentou e venceu Lúcifer, chefe dos anjos rebeldes!”.

John Griggs era todo ouvidos. Tratava-se de luta e isso era importante. Acompanhou interessadíssimo nos lances da terrível batalha, descritos viva e enfaticamente pelo sacerdote, que misturava com muito jeito a tradição cristã, o Apocalipse com leituras das batalhas travadas por Alexandre e Aníbal. “As hordas satânicas em ondas sucessivas e desesperadas se lançavam contra as forças do Bem”. São Miguel enfrentava com coragem e galhardia as tropas inimigas, bradando seu aterrador grito de guerra “Quem como Deus?” Tremia o solo no atropelo do bando do Mal, investindo furioso contra o grupo inocente e fiel. O ataque furibundo dos demônios parecia levar tudo de roldão, não fora a heróica resistência de São Miguel e da falange de anjos bons, que o cercava.

A cada três, ou quatro minutos ressoavam pelas naves da igreja, sonoro e vibrante o grito de guerra do Arcanjo, face aos batalhões adversos “Quem como Deus?” A voz do Padre Paul O'Connor era

cheia e possante. As janelas tremiam. Os corações batiam com força e o de John Griggs parecia que ia sair-lhe pela boca. O menino sentia ódio de Satanás, do pecado e de tudo que era mau.

"Em determinado momento" continuou o Vigário, "Deus interveio. Uma voz mais forte que mil trovões bradou" BASTA "!" Um relâmpago rasgou o céu de alto a baixo e os anjos rebeldes foram precipitados todos, como um raio nos abismos do inferno, criado por Deus, para eles, naquele instante. De anjos que eram, tornaram-se diabos e Lúcifer, Satanás. Foi o fim da luta!"

Desapontou um pouco John a afirmação do sacerdote, que a luta épica narrada em quarenta minutos, fora "obra de um átimo, um segundo, ou dois, na medida de tempo usada na Terra!" O rapaz desejava uma guerra longa de alguns meses, ou semanas ao menos, para se avaliar bem os méritos de cada um. E como desejava ter tomado parte na luta ao lado de S. Miguel! "Se algum dia houver guerra santa", concluiu, "por certo estarei nela!"

Depois do sermão cantaram hinos, o "Tantum ergo" em latim e foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento encerrando a solenidade.

Mary e Pat saíram logo. Detestavam conversas na porta da igreja. A menina Anne juntou-se logo aos pais. John e James ao sair depararam com um grupo de rapazes quackers, atrás da casuarina à esquerda da porta da igreja, fazendo-lhes caretas. Outros rapaziños católicos juntaram-se aos irmãos, observando os provocadores. Do lado da árvore veio a primeira pedrada. Não acertou em ninguém. Alguns companheiros, inquietos, prepararam-se para o revide. John fez-lhes sinal para esperar. Veio então o desaforo maior. Os meninos quackers gritaram:

— Papistas! Idólatras! Adoradores do diabo! Está aí a prova... provada!

Apontavam para a igreja, dando a entender que tinham visto a de-sastrada imagem de São Miguel. Por um instante John não acreditou no que ouvia. Mas a turma continuou:

— Adoradores do di-a-bo! Diabo!

Era demais. Na mente do garoto começara a guerra santa. A figura impávida de São Miguel iluminou-lhe a imaginação, despertando-lhe os brios. Ouviu o grito de guerra que O'Connor repetira tantas vezes e de voz embargada pela emoção, conseguiu gritar com força:

— Quem como Deus? Vamos!

Os pequenos quackers eram demônios que deviam ser desbaratados. Dúzia e meia de rapazinhos católicos de onze a catorze anos, a maioria de origem irlandesa, precipitou-se e sobre outros tantos quackers da mesma idade.

Foi tanta a fúria inicial dos "soldados" do Arcanjo, que os adversários correram praça à fora. Começou a perseguição. Foram alcançados. Trocaram socos. Caíam. Levantavam-se. Tornavam a cair e a correr. Guerra de movimento. John deu uma bofetada no rosto do pequeno Richard, que lhe fazia um gesto convencionalmente indecente e o derrubou. Vencido este, foi pegar outro maior. Richard recuperado veio por trás e bateu-lhe nas costas. Enquanto tentava se desvencilhar do pequeno, levou violento bofetão. Revoltou. Surgiu o terceiro adversário. Atracou-se com este e caíram os dois. Ergueu-se. A "sagrada fúria" de S. Miguel o dominava. Não sentia dor. Dava e recebia murros sem parar. Segurou dois quackers menores pelo pescoço e batia com a cabeça de um na cabeça do outro. Levou então dois fortíssimos socos, um no peito e o outro na testa. Ficou tonto. Conseguiu, porém, equilibrar-se nas pernas e abriu bem os olhos. Viu nesse momento Satanás em pessoa diante dele. Reconheceu-o pelos chifres pequenos e recurvos, mas com a fisionomia idêntica a de um conhecido menino quacker. John fechou as duas mãos, entrelaçando os dedos, como se tivesse entre elas os copos da espada flamejante do Arcanjo e bateu com toda a força entre os dois chifres. Sentiu um prazer intenso ao ver o tinto desmoronar. Ao inclinar-se para esganá-lo recebeu violenta pancada no peito. Perdeu o fôlego. As pernas amoleceram. Caiu de bruços. Não viu mais nada. Depois sentiu duas mãos virarem-lhe o corpo. Esperou mais pancada. Não bateram. Quando pôde abrir os olhos viu alguém e James a seu lado. Com a ajuda do irmão voltou para casa. A briga acabara. Ouviu de longe o grito de vitória dos quackers":

— Aleluia, aleluia, aleluia! Perguntou a James:

— Perdemos?

— Não! Os bons não perdem nunca! Foi a resposta. Anne veio correndo» ao encontro dos irmãos, chorando. Mary, a mãe, os esperava aflita. Entretanto Big Pat dizia à mulher:

— Isso não é nada. Quando eu tinha a idade dele apanhei tanto, ou mais. Faz parte da vida. É preciso que lhe curtam o couro enquanto é jovem!

Em casa John lavou-se e a mãe passou-lhe arnica pelas contusões. Com jeito perguntou ao irmão:

— Que foi que aconteceu comigo?

— Uma bordoadada que o Bob Church te deu no peito com um cacete.

Nos dias seguintes o rapaz pensou mais vezes no cacete como arma e concluiu que era excelente.

— Como era o porrete? Indagou.

— Do tamanho do Bob e com duas, ou três polegadas de grossura.

Com o peito ainda dolorido foi de machadinha procurar nas matas dos arredores de Rosedale uma vara reta que fosse de seu tamanho. Cortou três, verdes, pesadas. Era preciso acostumar-se com elas e por isso passou a fazer exercícios diariamente.

Certo dia viu Bob Church caminhando com um bastão. Os dois rapazes tinham a mesma idade mas o quacker era mais baixo e corpulento. John não tinha nada na mão. Disfarçou e resmungou, "foi este o cacete; um dia ajustaremos as contas!".

Na semana seguinte, ao voltar da escola encontrou Padre Paul. O vigário estava com pressa e perguntou com bondade:

— Como se sente o jovem amigo John Griggs?

— Menos mal. Obrigado.

— Olhe, amanhã, não, depois de amanhã vá à Casa Paroquial a esta hora. Preciso falar com você!

John ficou imaginando o que teria o Vigário a dizer-lhe. "Seja lá o que for", pensou, "eu também tenho algumas perguntas a fazer-lhe!".

No dia e hora marcados o rapaz estava na porta da casa do padre que o mandou entrar, não para a sala, mas para o gabinete, dando a entender que não seria uma conversa formal. Fechou a porta e começou:

— Dê-me sua versão sobre o ocorrido outro dia na porta da igreja!

O pequeno Griggs não entendeu.

— Eu... eu

— Conte o que aconteceu no dia de São Miguel. A briga com os quackers.

— Eles nos provocaram. Jogaram pedras. Reagimos. Levei uma cacetada e Jimmy me ajudou a voltar para casa.

— Está muito resumido! Você sabe que sou irlandês de Londonberry, onde moram muitos protestantes anglicanos, com quem também brigamos com frequência? Lá bati e apanhei muito até entrar no Seminário e aprender que problemas de religião não se resolvem nem com bofetadas, nem com desaforos. De que foi que os quackers chamaram vocês?

— Adoradores do diabo! Filhos da... Papistas!

— É ignorância. Somos todos cristãos. Ninguém aprende apanhando. Se fosse assim, não precisaríamos de professores, apenas de carrascos...

John não entendeu as considerações pedagógicas do Vigário, pois as palavras professor e carrasco o distraíram. Pensou, "meu professor não é, mas poderia ser um carrasco de bastante sucesso. O modo de bater nas orelhas e na cabeça da gente com a mão em concha é espetacular. Faz barulho, dói e não deixa marca".

— De acordo? Perguntou Padre Paul.

— Sim, sim!

— Quando os garotos chamaram vocês de papistas, que fez você?

— Eu? Nada. Mandei que os companheiros esperassem. "Hum", pensou O'Connor, "aqui temos um líder natural".

— E daí?

— Quando jogaram a pedra eu disse: "Vamos"! E nós os atacamos. Bem, os de origem alemã não foram porque são covardes.

John estava quase chorando. A voz do padre, no entanto, era suave e macia:

— Você está sendo injusto com os alemães. Eles são católicos e valentes como você e outros de origem irlandesa. Acontece que a maior parte dos filhos deles têm de cinco a nove anos. Além disso, não entenderam bem do que se tratava, porque não compreendem inglês direito. Os maiorezinhos lutaram ombro a ombro com vocês. E lembre-se, o primeiro que o acudiu e chamou Jimmy foi um deles. Seu irmão não contou? Chama-se Ernst Heidegger. Vá à casa dele agradecer-lhe a atenção. É um bom rapaz, pode ser seu amigo!

John concordou, movendo a cabeça.

— Pois bem, concluiu o padre, vá à igreja agora e reze agradeça a Deus e S. Miguel terem desviado a cacetada de sua cabeça. Se tal tivesse acontecido, certamente você não estaria aqui agora! Tem algo a me dizer?

— Tenho, mas hoje não!

— Apareça então na próxima semana e vá pensando no que vai ser. Eu disse ser, não disse ter! Compreendeu?

John Griggs não costumava ir à igreja àquela hora, mas seguiu o conselho. Ajoelhado no templo deserto fez o sinal da cruz e procurou a chama tremula da lamparina depois a estatua ou imagem de S. Miguel. Esta havia sido retirada. Rezou três Padre-Nossos e

três Ave-Marias, como introdução e começou a orar "Obrigado, meu Deus, obrigado São Miguel por eu estar vivo. Puxa, como doeu! Jimmy disse que foi o Bob quem me bateu. Eu já quis cobrar, mas sei que vingança não é o de Vosso agrado. Eu o perdão e espero, por isso, que quando eu me meter em outra encrenca estejais do meu lado! São Miguel, se eu fosse anjo teria lutado do seu lado e seria um herói! E teria aprendido muito com o senhor. O vigário disse que eu pensasse no que vou ser. Pensei em ser padre. Será que eu tenho vocação? Ou será uma bobagem que me passou pela cabeça? Mamãe deve estar aflita e papai impaciente com minha demora!".

Fez o sinal da cruz. ameaçou uma genuflexão e saiu quase correndo da igreja. Antes de chegar em casa ocorreu-lhe a resposta da pergunta que fizera, assim, "se não for vocação eu esqueço isso logo!".

— Porque demoraste, indagou a mãe. Teu pai já perguntou por ti.

— Foi o Padre Paul que ficou falando comigo.

Big Pat entrou nessa hora na cozinha e entrou na conversa:

— Falando de que?

— Da briga na frente da igreja. Ele sabia de tudo! O pai ficou indignado:

— Isso é o que sempre digo. O pessoal daqui tem língua de trapo. Que foi que ele disse?

O filho repassou rapidamente a conversa, procurando o que poderia interessar o pai. Achou:

— Ele disse que briga com protestantes não resolve problemas, nem aqui, nem na Irlanda.

Pat abriu um largo sorriso de satisfação. Engoliu um trago de whisky do copo que tinha na mão e entrou no assunto de seu gosto:

— As brigas são necessárias. Precisamos bater nos protestantes sejam quackers, ou não, para não ficarem muito importantes e pretensiosos, quando crescerem! Eu tinha meus quinze anos quando fui visitar meu tio Joseph e meus primos que moravam perto de Londonberry, donde é o Padre O'Connor. E que brigas boas tivemos com os protestantes lá! Eu tinha que me esforçar para acompanhar a fúria e o ritmo de meus primos, grandes brigadores. A gente apanhava e batia com gosto. Em Sligo, onde eu morava, havia poucos protestantes e eles não provocavam a gente.

Big Pat tomou mais uma talagada de whisky e estalou a língua.

— Aqui no Mississippi briga-se muito com arma de fogo. Matam. Briga boa é no braço. Quando se cansa, pára e continua em outro dia.

Mary interrompeu as divagações do marido sobre um assunto que ela detestava, rixas, e que os garotos ouviam com prazer, principalmente John. Avisou:

— O jantar está servido!

Sentaram-se ao redor da mesa e Pat de mãos postas, inclinando a cabeça, pôs-se a rezar a oração que aprendera com o pai e este, provavelmente com o avô "Abençoaí Senhor, este alimento que Vossa liberalidade nos concede..." A comida era frugal, batatas, ensopado de carne e verduras do quintal.

Antes de dormir, John perguntou ao irmão:

— Jimmy. Você já pensou no que vai fazer mais tarde, quando crescer?

— Não sei. Mas certamente não ficarei em Rosedale serrando tábuas! Vou ser minerador, garimpeiro, ou coisa assim para ganhar bastante dinheiro. Talvez vá aos Montes Rochosos, Utah, Colorado, ou à Califórnia. Com um pouco de sorte faço logo fortuna.

— Não queres estudar?

— Não gosto de estudo e é bobagem... E você?

— Acho que vou estudar, não me decidi ainda!

Os dois rapazinhos, quando não estavam na escola serravam tábuas na "Carpintaria Griggs", a oficina do pai.

Na semana seguinte John voltou à Casa Paroquial. Fechada a porta do gabinete John, hesitando, começou:

— O senhor disse para pensar no que vou ser. Pensei. Quero ser padre, como o senhor é! Mas tenho vocação? Esta é minha dúvida!

— Quando lhe ocorreu esta idéia?

— Faz tempo. Na aula de catecismo o senhor disse que alguns homens trabalham na indústria, ou no comércio, outros para o Governo e uns poucos dedicam o tempo todo para servir a Nosso Senhor Jesus Cristo; Eu quero ser destes!

Padre Paul surpreso, interrompeu o interrogatório e consultou mentalmente os compêndios que estudara. A razão alegada era sobrenatural. Se alegasse apenas que desejava ser reverenciado e estimado pela população católica, ou porque queria fazer sermões aos domingos, podia haver dúvida. Precisava saber algo mais.

— E se você trabalhar bem para Nosso Senhor, que acontece?

— Acho que fácil, fácil irei para o céu ao morrer!

Era evidente que o rapaz se constrangia em tocar no assunto tão íntimo. O Padre O'Connor mudou o tom da voz. Era como se falasse a um filho.

— Agora a coisa muda de figura, caro Johnny! Para sei padre você precisa freqüentar um Seminário. Você já falou nisso a seu pai?

— Não!

— E a sua mãe?

— Então Pat sabe. Mary não iria esconder a notícia ao marido. Que foi que ela disse?

— Mandou que rezasse para saber a vontade de Deus! E eu tenho vocação? O senhor acha que eu tenho vocação para padre?

— Creio que terá. Se você no Seminário aprender o que for preciso e sua conduta estiver de acordo com o modo de vida de um padre, certamente seus professores e os Conselheiros da Mitra Diocesana o aprovarão para o sacerdócio. Então o Bispo o chamará. Isto é vocação! Há dois Seminários aqui perto. Um é aqui no Mississipi mesmo, em Jackson, o outro em Memphis, no Tennessee. Pode escolher o que quiser.

Depois do jantar, ajudando a mãe a enxugar os pratos, John perguntou:

— já falou com meu pai sobre aquilo?

— Já. Ele disse que fales com ele!

Anne estava com sono e James não demorou em ir para a cama, como a irmã. Ficaram os três na cozinha. Chegara a hora.

— Pai, sabe? Quero ser padre.

Pat achou que whisky foi feito justamente para essas horas sérias na vida de uma pessoa. Levantou-se, apanhou uma garrafa no armário. Arrancou a rolha com os dentes. Bebeu dois, três goles dos grandes.

— Espero que não te arrependas, filho! Como ninguém disse nada, ele continuou:

— Não sou a favor, nem contra. Tu decides sozinho a tua vida! Quero apenas que meus filhos sejam homens honestos, como foi teu avô e eu penso que sou. Podes ser carpinteiro e como eu, terás logo uma oficina. Podes ser pedreiro, ferreiro, padre, bispo, até presidente dos Estados Unidos... Isso depende de ti. Filho a gente ajuda. É só!

Tomou mais dois tragos de whisky. A mãe e o filho se olharam sorrindo. O pai não era contra a idéia. O discurso ia continuar.

— Escuta bem, Johnny! Ser padre é muito perigoso. Não podes voltar atrás. Não é a mesma coisa que ser padeiro. A padaria não te agrada mais? Vende-a. Vais ser ferreiro como o Heidegger. o alemão, "boa praça". Padre tem que continuar padre. É feio. é horrível deixar a batina!

A bebida tinha um sabor especial. Big Pat por isso tomou mais um gole.

— Conta, filho. De certo já falaste ao Padre Paul que querias ser padre. Que foi que ele te disse?

— Mandou que ouvisse sua opinião.

— Este Vigário é um bom sujeito e seria melhor padre se houvesse nascido em Sligo e não em Londonberry, que já é muito para o norte da Irlanda. Ele te deu um bom conselho. Onde vais estudar?

— No Seminário de Memphis, ou no de Jackson.

— Para mim irias para Memphis, que fica na beira do rio e mais fácil de alcançar. Pergunta a ele quanto deverei pagar por mês, ou por ano, para que te ensinem e te sustentem no Seminário.

— E a carpintaria, pai?

— Não te preocupes com ela. Podes ir deitar-te. Boa noite e que Deus te abençoe!

Estava encerrada a audiência. O casal ficou só. Pat pediu mais whisky.

— Só se for um pouco no copo!

— Está bem.

Bebeu, apertou a mulher contra o peito e disse baixinho:

— Não vai demorar e o nosso Jimmy também bate asas. Não querem ser carpinteiros. Uma pena! Mas, não posso me queixar, Deus me deu força e saúde e uma mulher melhor do que eu merecia. Deu-me também três filhos, ajudou-me a sair da Irlanda e não ter mais saudades de lá!

— E te deu um anjo da guarda muito cuidadoso, que te protege quando bebes demais!

— Tens razão! Tu tens sempre razão! E hoje estás contente porque pensas que terás um filho padre. É, ou não é? Se Johny se ordenar será uma graça que Deus deu por tua causa!

— Tu esqueceste, meu bem, que Deus dá a graça sem olhar os méritos da pessoa?

Capítulo III

A caminho de Pelotas

A tarde estava no fim. Sentado no chão com as costas apoiadas no esteio do barracão John Griggs olhava o sol sumindo por trás das suaves ondulações do terreno. Planície imensa. O campo parecia um mar verde de repente solidificado. Mar! Quando voltaria a ele? Voltaria? Depois de cavalgar seis horas, como é bom recostar-se! Naquele momento nem a beleza da paisagem, nem a lembrança de Rosedale, do Mississipi, ou de Anne e Jimmy conseguiam afastar-lhe da mente a morte do bandido. Não era o primeiro que matava. Sentia, depois do fato, um gosto amargo na boca e câimbras no estômago. O que fizera não tinha mais remédio, estava feito e acabado. Fazia poucos anos dedicava-se à cura de almas e agora mandava-as ao Diabo! Dera ao agonizante a absolvição "sub conditione". Se estiveres arrependido de teus pecados que Deus te perdoe! Encomendara-lhe a alma com a prece "Accipe, Domine, adhuc illum in misericordiam tuam". João Grande não se esquecera que era um sacerdote e que devia estar ao serviço de Deus. O sargento se aproximava.

— Queira sentar-se, Adão. Preciso falar com você! Olhou ao redor para ver se havia alguém ouvindo. Não havia. Começou:

— Compreendo que você e Jucá se sintam frustrados por estarem destacados em um estaleiro à margem da guerra. Mas isto não justifica o que vocês fizeram aos três malandros.

— Mestre, o senhor não pode estar falando sério...

— Você sabe que não brinco. Esses homens precisavam apenas de um cavalo. Mas você e Jucá imaginaram que eram bandidos e que deviam acabar com eles. Não havia outra opção?

— Fique tranqüilo, Mestre! O senhor é novo aqui e não sabe como são as coisas. O Jucá e eu conhecemos essa gente não é de hoje... Que o senhor acha que devemos fazer com este patife que prendemos, diga!

— Ora, vamos entregá-lo à justiça! Respondeu João Grande com naturalidade.

— À Justiça? Onde? O sargento ficou pasmo com a inocência do Mestre.

— Na vila mais próxima nós o entregaremos ao "Sheriff"! Como é mesmo o nome da autoridade?

— Delegado de Polícia. E vamos alimentar e transportar esta serpente para que o guardem por alguns dias e depois o soltem para continuar roubando e matando?

Evidentemente Adão era pela justiça rápida e sumária. Griggs con-temporizou:

— Mande-o aqui!

Veio o homem olhando para o chão, barbado, moreno, com as mãos atadas às costas, vestindo camisa e calças rasgadas. Tinha os pés enrolados em tiras de couro cru. João Grande teve pena dele. Era um trapo humano!

— Como te chamas? Perguntou.

— Donde vens?

— Amarrado, eu não falo! Não sou bicho!

O prisioneiro encostou o queixo no peito e apertou os lábios. Adão ameaçou-o com o punho. João Grande fez sinal, que não batesse. Voltou então o sujeito para o interior do rancho, onde tornaram a amarrar-lhe as pernas. Nisso, chegaram Belmiro, um soldado e o carreteiro informando:

— Estão enterrados, sargento, os dois em covas de sete palmos!

Na hora do jantar João Grande não tinha apetite. Tinha vontade de vomitar. Cortou duas tiras finas de couro e com elas amarrou galhos de árvore, fazendo uma cruz. Plantou uma em cada sepultura. Rezou algum tempo por alma dos dois e foi ver o prisioneiro. Deram-lhe comida, sem desatar-lhe as mãos. Comera com a boca no prato. João limpou-lhe a barba e o rosto. Não falaram.

Entretanto Adão distribuía o serviço de guarda da noite entre os soldados. E disse ao Jucá:

— Você de meia-noite às quatro! Ao largar o serviço acorde o cozinheiro. Entendido?

Começaram os preparativos para o pernoite. Foram amarrados os cavalos pelo bucal a um laço preso em duas árvores. Deitaram-se os homens debaixo das carretas, ou dentro do barracão. João Grande ficou com estes, fazendo do lombilho travesseiro e dos pelegos, colchão. Exausto, dormiu logo e não percebeu de madrugada o Jucá acordar o sargento e levarem os dois o prisioneiro até onde estavam os cavalos. Obrigaram o sujeito a montar, amarrando-lhe logo os pés por baixo da barriga do animal. Soltaram então o matungo, dando-lhe uma lambada de chicote com tanta força, que o bicho saiu a galope campo afora.

Afinal clareou o dia. O cozinheiro bateu com a colher na panela de ferro. A refeição era a mesma do jantar, arroz de carreteiro, arroz com guisado de charque. João Grande comeu bem. Lembrou-se do assaltante. Procurou-o. Não o encontrando, indaga:

— Sargento Adão, onde está o prisioneiro?

— Quem? O bandido? Ah, ele fugiu! Quando o Jucá notou, ele corria a galope. Aí o praça aflito me acordou. Deixei que o malandro se fosse. Foi melhor assim!

— Por acaso ele não teria se suicidado?

— Que é isso, seu João? Tudo bem! Fique tranqüilo!

Encilharam os cavalos. Os bois foram ajoujados e a caravana seguiu para o sul. Griggs começava a sentir o desconforto da marcha e ficara impaciente. Adão aproximou-se e ele o chamou:

— Adão, eu posso ter cara de bobo. Mas não se engane, é só a cara. O prisioneiro fugiu levando o pior cavalo e não soltou os outros para que não pudesse ser perseguido, ou ao menos para vingar-se. Deixou a cela e o freio no barracão na hora em que mais ia

precisar deles. Você não puniu, nem sequer repreendeu Jucá. Ao contrário, parece que se tornou mais amigo dele. "That's all!" É só!

Adão não gostou da observação. Ele era o comandante da tropa e não devia satisfações a um artífice da Marinha, seu amigo, é verdade e bem relacionado com o Ministro e com a família do Presidente... Era melhor não retrucar! Sentia, que as noções de Justiça e de Direito que aprendera, eram bem mais simples, do que as incutidas na cabeça de João Grande. Quem estaria com a razão?

Entretanto, com a dor da pancada do relho o cavalo do prisioneiro galopou uma centena de metros. Depois seguiu a passo, sem pressa em direção ao oeste. Voltava à querência. No momento em que o sargento e o companheiro desamarraram-lhe os pés e o fizeram andar no escuro o malfeitor pensou que ia ser degolado. Suou. Ao ouvir, porém, as injurias ditas baixinho, quase um cochicho, animou-se. Não iriam matá-lo.

"Ontem", pensou o marginal, "não tive sorte, mas hoje deve aparecer alguém que me tire desta aflição. Estou com medo de rolar para baixo da barriga do cavalo! E, que direi a quem me encontrar? Não posso contar que eu e meus dois companheiros viemos para cá fugidos de Caçapava, onde matamos um viajante e tiramos-lhe o dinheiro, perto da fazenda do seu Teixeira, onde se trabalhava. Vou escolher um nome novo. Manoel Cardim não serve mais. Serrei José dos Santos não, José Silva".

O sol estava no meio do céu. Meio-dia. De repente o cavalo parou e bufou. No alto da colina surgiram cavaleiros armados de lança. Soldados. Viram o cavaleiro solitário e foram á seu encontro. Na frente um homem alto de chapéu preto com barbicacho e de ar sobranceiro, devia ser o chefe, interpelou:

— Que foi que lhe aconteceu, patrício?

Riram os soldados vendo-o em pelo, sem freio e de mãos e pés atados.

— Pura malvadez! Disse o novo José Silva com voz embargada pela "indignação".

— Desamarrem o pobre homem! Foi a ordem.

Num instante cortaram-lhe a corda dos pés. O fugitivo apeou do cavalo. Ao soltarem-lhe as mãos o chefe perguntou:

— Como se chama, patrício?

— José Silva, para servi-lo!

— Qual deles? Conheço bem uma dúzia de pessoas que atendem por este nome. De onde veio?

— Pois, com sua licença, viajamos do Alegrete eu e mais quatro companheiros, crentes que íamos nos alistar no Exército da República...

— Onde estão os outros?

— Mortos, sim senhor, por uma quadrilha de vinte bandidos, que andam de carreta para carregar os roubos. Nós trazíamos numerário da Coletoria para o Tesouro de Piratini...

— E por quê não o mataram?

— Porque eu me afastara no momento do grupo para satisfazer uma necessidade. Foi ontem ao escurecer. Quando os ladrões me viram, tiraram tudo o que eu tinha e me deixaram assim, como o senhor está vendo.

— É verdade o que diz?

— Juro por Deus e pela Virgem Maria! Quero ver minha mãe morta, se não estou falando a verdade!

O chefe achou graça no juramento infantil e ordenou:

— Monte, seu artista! Você acaba de fazer acusações graves a pessoas que provavelmente vamos encontrar. Se estiver mentindo. Deus tenha piedade de sua alma!

Confiado, o malandro tratou logo de sugerir:

— O senhor desculpe, mas o pessoal aí da frente é perigoso. É melhor atacá-los de noite para recuperar o dinheiro do Governo!

— Conselhos, só quando pedidos! Compreendeu? Foi a resposta áspera.

"Com este homem não se brinca", deduziu José Silva. "Será melhor eu confessar alguma coisa, antes que ele descubra a verdade!".

Duas horas depois o malandro avizinhou-se do major.

— Dá licença?

— Fale!

— Eu e meus dois companheiros... Vou contar como foi...

— Por quê não falou antes?

— Cabeça fraca. Deus que me perdoe! As coisas andam difíceis. Nosso patrão, seu Bernardino, da Fazenda Estrela em Formigueiro, há mais de ano que não nos pagava ordenado. Resolvemos então assentar praça, íamos para Piratini, quando o cavalo de Manuel começou a mancar. Encontramos trilha de carretas que iam para o sul, com gente a cavalo também. Resolvemos negociar o cavalo e conseguir alguma comida. Carreteiro não precisa de montaria. Mas o Manuel, coitado, apressou-se e atirou. Os carreteiros não se assustaram e responderam o fogo. Acudiram outros companheiros deles, que não tínhamos visto. Morreu Manuel e morreu Eusébio. A mim eles prenderam e esta madrugada, quando pensei que iriam me sangrar, soltaram-me amarrado ao cavalo.

— Então os assaltantes eram vocês?

O marginal fingiu humildade. Baixou a cabeça e disse baixo:

— Pois é, Coronel, o senhor é uma pessoa inteligente e compreendeu logo tudo!

Pelo meio da tarde apareceram no capim as marcas das rodas das carretas.

— Estão a menos de hora em nossa frente, disse o primeiro vaqueano que observou o rastro!

Daí a pouco no topo da coxilha apareceu um carro depois o outro e alguns homens a cavalo. Alguém que só ouvira a primeira versão de José Silva caçoou:

— Puxa, serão aqueles "vinte" cavaleiros valentes, que atacaram a escolta do Coletor?

O sargento Adão ao virar-se para trás viu um magote de gente que vinha em direção a seu grupo. Encostou o cavalo no de João Grande e sugeriu:

— É melhor esperá-los... Fez um gesto com o polegar para o norte. Aqui em cima da coxilha.

Em poucos minutos as cangas foram tiradas dos bois, que ficaram à sogá longe. Os soldados deitaram-se embaixo dos carros. Todos

de armas em punho, prontos para o combate, se fosse o caso. Adão e Griggs montados, aguardavam os acontecimentos.

Os adventícios espalharam-se em larga frente. Um senhor de chapéu preto, de abas largas, aproximou-se montado e sozinho. Adão o reconheceu imediatamente e gritou alegre:

— Major Adolfo! Meus respeitos! Sou o sargento Adão da Silveira, do Quarto Esquadrão!

Num instante apeou do cavalo e foi prestar continência a seu superior hierárquico.

"Se a cavalaria levasse uma bandeira, ou um estandarte desfraldado, facilitaria as coisas". Pensou João Grande.

— Por aqui, sargento?

— Fui destacado, major, para guarnecer a Fazenda do Brejo, de Da. Ana, da irmã do General. Agora estamos indo a Pelotas para vender couros.

— Soube que ontem à tarde houve uma escaramuça. É verdade?

— Puxa, como correm as notícias! Apareceram três assaltantes. Dois morreram e o terceiro fugiu.

— Fugiu? Que é isso? O homem atado por você ao cavalo está aqui comigo! Por quê não o liquidou? — O major desceu do cavalo.

— Pois é, Mestre João achou que a gente não devia matá-lo, porque se entregou sem resistência. Terminei concordando. Com licença, vou apresentá-lo ao Mestre.

A um gesto de Adão Griggs apeou e veio em direção aos militares. O major estendeu-lhe a mão, apresentando-se:

— Adolfo Rezende. Muito prazer!

João Grande distraíra-se, examinando a fisionomia dos homens. Parecia-lhe conhecer um deles. Um pouco sem jeito apertou a mão do oficial e disse:

— John Griggs. Como vai o senhor?

— Griggs? O senhor é riograndense?

— Ainda não. Mas gosto desta terra como se fosse daqui!

Desanuviou-se a fisionomia de Rezende e com um largo sorriso respondeu:

— Espero que se dê sempre bem entre nós!

Percebeu Griggs que lidava com um homem educado, pela articulação das sílabas e pelo tom da voz. Quase disse "Amém", mas a tempo murmurou:

— Assim seja!

De pé ao lado dos cavalos os soldados prestaram continência ao superior e ouviram dele breves palavras de estímulo. O major estava com pressa de chegar à Capital, pois vinha com os soldados desde Rio Pardo com ordem de apresentar-se o quanto antes ao Alto Comando em Piratini. Ia partir na frente. Não podia sujeitar-se ao ritmo lento das carretas no trecho de caminho comum. Adão aproveitou a oportunidade para dizer que estava precisando equipamento para a guarnição.

— Talvez seja possível atendê-lo, sargento, quando as coisas melhorarem. Não temos ainda fábricas, nem de tecidos e o que compramos em Montevideú é caríssimo. Não é à-toa que nos chamam de farropilhas, farrapos e esfarrapados. Primeiro o essencial. A República tem que fazer a opção!

Conversaram os militares em voz baixa durante algum tempo. João Grande não ouviu o que diziam.

— Boa viagem e felicidades! Gritou Rezende ao partir a galope.

Lembrou-se o Mestre de outra despedida feita há pouco na Fazenda do Brejo. Bastava fechar os olhos para "ver" a casa branca com duas portas e cinco janelas na fachada, cercada de cinamomos no alto da colina-, a figueira enorme e antiga, o estaleiro na beira do rio, espelhando-se nas águas plácidas do Camaquã. Sozinho andando atrás da carreta, ao passo do baio do Bentinho ele podia pensar.

"Porque permaneço no Rio Grande? Porque é um lugar distante do Mississipi, pois tenho vergonha de voltar a Rosedale, onde o caso envolvendo meu nome deve ter corrido, ou estar correndo na boca do "povo". Meu filho, "dissera Big Pat", quando quiser fazer qualquer besteira, vá para bem longe daqui, para não envergonhar sua família. E eu cometi as asneiras antes de partir, ali mesmo no nariz

do velho. Depois, estou aqui porque prefiro terra firme. A vida no mar é enjoativa. Tive sorte na marinha. Estava fazendo carreira rápida. A estas alturas poderia estar assumindo comando de navio. A monotonia de bordo é um castigo, trabalhando às mesmas horas, com as mesmas pessoas e durante semanas e semanas vendo apenas céu e água. Na República Riograndense arranjei um serviço interessante e variado. Sinto-me bem no meio desta gente. Prometi ao Ministro construir um barco e não irei embora antes da escuna estar navegando. E há mais uma razão para estar aqui, Maria, filha de Da. Ana. Tem o nome da minha mãe, Mary. Se eu casasse com ela, ambas seriam Mrs. Griggs. Casar? Como? Já pensei muito no assunto e não encontro solução. Maria me encanta! Vinte e três primaveras. O rosto oval das Madonas de Murilo. Cabelos castanhos claros e muito finos, presos em duas tranças pendentes sobre o peito. Olhos pequenos escuros e buliçosos, alegres, parecem sempre brincar. Às vezes eu fico desconsertado com o modo dela me encarar. Da. Ana por isso me viu mais de uma vez encabulado. Maria se diverte com meu embaraço. Eu a amo? Não tenho certeza! Nutro pela moça um sentimento apenas de carinho e respeito. Algo muito suave e profundo sem a pressa e a sofreguidão das aventuras... Puxa, como Pelotas fica longe!”.

— A que distância estamos da cidade?

— Temos ainda dez, ou doze horas de marcha, seu João!

Griggs voltou ao curso de suas preocupações. "O que me tirou da paróquia, não foi propriamente o amor. Não que eu não gostasse de Lucila, mas não me casaria com ela. Com Maria, sim! Se o Papa deixasse eu marcaria o casamento na Fazenda do Brejo para amanhã de manhã! Licença do Papa? As últimas permissões para casamento dos padres remontam a Pio VII e foram dadas só aos que serviram compulsoriamente aos exércitos que combatiam contra, ou a favor de Napoleão. Não há esperança...”.

O baio de João Grande, com o cavaleiro distraído, diminuiu o ritmo da marcha. Sentindo porém o cotucão do salto da bota na barriga, acelerou o passo.

"Não posso tentar enganar-me, amo Maria! Contudo, tenho que tirá-la o quanto antes de meus pensamentos, para evitar maiores tropeços. Ela está distante de mim como a lua e as estrelas. Só um casamento existe aqui, o religioso, justamente o que me é vedado. A família dela é católica e não vai consentir viva a moça amancebada com um padre estrangeiro!”.

O Mestre estava perto das carretas. "Se eu pudesse casar-me, deveria alimentar esse sentimento de carinho e ternura por Maria, rompendo essas ligações fortuitas e clandestinas de fundos de galpão. Mas, como correm as coisas, não vejo motivo para manter-me jejuo. Meu problema sempre foi sexo, palavra ainda com conotação pouco recomendável, sempre substituída por concupiscência e incontinência. Será, meu Deus, que daqui a cem anos vão chamar as coisas pelo nome?"

O grupo inteiro parou, inclusive o cavalo de João Grande. Este, estonteado, perguntou:

— Afinal, quando chegaremos a Pelotas, sargento Adão?

— Amanhã de tarde, com a graça de Deus! E o militar tocou com os dedos a aba do chapéu em respeito ao Nome Sagrado que pronunciara.

Mais uma noite ao relento. Griggs antes de dormir rezou "Senhor, aceito o castigo! Não mereço Maria. Não permitais, eu Vos peço, que ela sofra por minha causa!".

De manhã João Grande perguntou a Adão:

— Diga o que você fez com o prisioneiro! Tive a impressão de lê-lo visto entre os soldados do major.

— Viu? Era ele mesmo! Amarrei aquela peste no cavalo e soltei-o no campo. O major Rezende o achou. A esta hora José Silva, de cabelo e barba raspados deve estar se preparando para trabalhar na faxina.

— José Silva?

— Foi o nome que ele deu. Não faz cerimônia para mentir. Contou horrores a nosso respeito. No entanto o major acha que o sujeito é um mentiroso inofensivo, capaz até de divertir a tropa. Ao meio-dia de uma elevação viram o rio São Gonçalo e o casario de Pelotas no horizonte. À tardinha chegaram aos subúrbios da cidade, Três Vendas. Havia local para estacionar com galpão, ramada, pasto para os bois, fonte de água cristalina e mais abaixo uma sanga, onde se podia tomar banho.

João Grande lavou-se, fez a barba e foi a um boteco. Não havia whisky, só cachaça. Ele achava a bebida adocicada, mas já se acostumara a ela. Foi lá que ouviu falar no baile daquela noite. De

volta ao pouso deu a notícia ao sargento e este aos homens. Adão convidou:

— Vamos ao baile, seu João?

— Eu não sei dançar!

— Bem, a gente fica no sereno! A gente olha os pares da janela. É divertido! O senhor vai ver! Foram.

O salão resplandecia iluminado com lanternas de carbureto e lâmpões enfeitados de bandeirinhas e correntes de papel de seda. Sobre a porta dos fundos colocaram um jirau de tábuas rústicas para aboletar os músicos, dois tocadores de viola, um bombo e um pistoneiro que por ter pouca prática do instrumento, só tocava os estribilhos. As moças vestiam saias rodadas compridas, enfeitadas com fitas, bem ao gosto de Da. Ana e das filhas. Usavam blusas brancas, quase sem decote e com mangas pelo cotovelo. Dançavam lundus, valsas e marchas com cavalheiros de botas, esporas e lenço no pescoço. O chapelão de abas largas, nessa hora, caído nas costas e seguro pelo barbicacho indicava o respeito pela casa e pelas damas.

Na janela ocupada com outros curiosos Adão ficou na frente, João, por sua grande estatura, dá segunda fila via perfeitamente o baile por cima da cabeça dos primeiros. Numa hora em que os músicos pararam para descansar, aproximou-se do jirau um rapaz e pediu alto:

— Ôô, do violão, Dê um sol maior, por favor!

Ouviu-se um acorde repetido diversas vezes. O cantor limpou um pigarro e entoou:

"Eu, quando inda pequeno

Cantava e retinia.

Eu cantava em Dom Pedrito

E em Porto Alegre se ouvia!

Sou valente como as armas

Sou guapo como um leão,

Índio velho sem governo,

Minha lei é o coração!"

Foi muito aplaudido. Principalmente as moças acharam graça da "modéstia" do rapaz. Animado pelos aplausos, o cantor arriscou mais uma estrofe, alterando a melodia:

"O tatu foi encontrado

Para as bandas de São Sepé

Muito aflito, muito pobre,

De freio na mão e a pé!"

Surgiu logo outro jovem com quatro, ou cinco facões e os colocou no meio do salão. Bateu palmas e começou o sapateado. Com os tacos das botas e as esporas chilenas batia um ritmo rápido e agradável, pulando sempre de um lado e do outro dos facões, sem tocá-los.

Griggs gostou muito do sapateado e divertiu-se com os versos. Depois disso o baile recomeçou mais animado. Houve outras interrupções e outros cantores. Por fim, todos entoavam em coro o estribilho da música popular:

"Tirana, tira, tirana,

Tirana, feliz tirana!"

Estava ficando tarde, na última olhada para os bailantes o Mestre viu Jucá, Belmiro e os soldados dançando com entusiasmo.

De manhã Adão mandou lavar o baio e lustrar o lombilho e foi assim, bem vestido e bem montado, que chegou João Grande ao centro de Pelotas. Na calçada paravam as crianças para ver o homem alto, montado num cavalo grande e de varapau debaixo do braço. Na praça defronte a uma igreja amarela de dimensões respeitáveis, parou o cavaleiro e perguntou onde era a casa do Dr. Francisco de Paula Ferreira.

— É ali, indicaram uma residência baixa com portão de ferro e na parede a placa de metal amarelo com o nome do médico!

Capítulo IV

Vocação Sacerdotal

No caminho da escola John Griggs encontrou Ernst Heidegger que o acudira no dia da briga, conforme a versão do Padre O'Connor e chamara seu irmão Jimmy. O alemãozinho freqüentava classe mais atrasada, pois tropeçava ainda no inglês. Entendia, mas na hora de escrever a coisa se complicava. John chamou-o:

— Ei, Ernst! Agora é que eu soube da ajuda que você me deu no dia de São Miguel! Obrigado!

— Ora, você teria feito isso. ou mais por mim! Você é maior e mais forte do que eu!

John não esperava esta resposta. Era verdade. Sempre, mesmo durante as rixas violentas em que tomara parte, procurara ser bom companheiro. O tom espontâneo do colega tocou-lhe a sensibilidade.

Conseguiu dizer:

— Porque você não aparece lá em casa?

— Porque você nunca me convidou! Porque você não vai nos visitar? Todos lá gostariam de conhecê-lo. Eles viram a briga de longe e acharam que você lutou como um leão!

O rapaz não estava acostumado com elogios, pois nem Pat e Mary, nem o professor usavam este tipo de estimulante. Foi uma delícia ouvir o reconhecimento de sua coragem. "Lutou como um leão... lutou como um leão". A frase dita com ênfase martelou-lhe os ouvidos. Sentiu o peito dilatar-se. Respirou fundo e prometeu:

— No sábado à tarde irei...

Os Heidegger moravam no outro lado da praça de Rosedale, em casa de madeira. Ernst viu o amigo chegando e foi correndo recebê-lo. Dentro de casa foi cumprimentado pelo pai. Ferdinand, de vastos bigodes, com um sorriso simpático e violento aperto de mão. desses de quebrar dedo. Tudo para demonstrar a satisfação que lhe dava a presença do rapaz. Frau Heidegger estava na cozi-

nha. Enxugou as mãos no avental escuro e já comovida foi ao encontro de Johny com os braços para o alto, dizendo:

— Ach, Gott! Du mein Kind!

Dona Bárbara era alta e corpulenta. Passou os braços por cima dos ombros do rapaz e apertou-o ternamente contra o próprio corpo. John sentiu o cheiro que ela exalava, diferente do odor de quantas matronas inglesas e irlandesas o haviam abraçado até aquela data. Sentiu também a ternura e o carinho da alemã. Em seguida ela o afastou com energia e segurando-o com força pelos ombros, disparou-lhe em pleno rosto uma série de frases em alemão. John não entendeu palavra. Ernst traduzia à meia voz:

— Ela pensou que haviam matado você com a cacetada! Foi ela quem me mandou socorrê-lo. Gretchen também ficou muito nervosa e chorou bastante.

Olhou o rapaz para Gretchen, que baixou os olhos e corou. Livre da senhora passou a cumprimentar os demais.

Primeiro a mocinha. Doze anos: Achou-a linda. Olhos azuis escuros. Duas tranças douradas, com laços de fitas da cor dos olhos caíam-lhe pelas costas. John na hora de falar gaguejou:

— Como vai você?

Era a primeira vez que isso lhe acontecia. Os dois menores, um menino e a menina não quiseram apertar-lhe a mão. Fugiram e ficaram observando-o de longe. O mais novo Heidegger, de colo, foi posto nos braços de John e o pai disse com orgulho:

— Este, chama-se Joseph, é americano como você! Nasceu aqui em Rosedale!

Depois, sentado, o rapaz ouviu contadas pela senhora Bárbara, um pouco em inglês e muito em alemão, que Gretchen traduzia, as impressões da família durante a luta na saída da Igreja e a conclusão, "Você é um rapaz corajoso!" A frase esperada. "Lutou como um leão!", não foi dita. Assim mesmo John constrangido, afundou o queixo no peito. Não sabia o que dizer.

A um convite de Ferdinand passaram todos para a copa-cozinha onde estava posta a mesa com dois bules de café e leite. Havia "Kuchen", espécie de pão-doce com farofa açucarada por cima. "Keesschmier" com bastante nata de leite e biscoitos. Observou

John com prazer que os olhos azuis de Gretchen acompanhavam cada gesto que ele fazia.

Na despedida disse o rapaz algumas frases que havia preparado. Respirou fundo e começou:

— Agradeço a acolhida que me deram hoje e também o socorro prestado na hora em que precisei!

Ferdinand apertou-lhe a mão com a mesma força, sem notar o embaraço de Gretchen ao se despedir do rapaz. Frau Bárbara viu tudo.

Ernst acompanhou o amigo até a praça. No caminho, como quem não quer nada John perguntou:

— Quem foi mesmo que disse que eu lutei como um leão?

— Foi minha irmã!

Voltou o rapaz contente para casa. Caminhava depressa e distribuía pontapés a torto e a direito em quantas pedras soltas encontrasse no caminho. Mary viu a fisionomia corada do filho e perguntou:

— Que foi que bebeste na casa dos Heidegger?

— Café com leite, porque?

— Porque alemão gosta tanto de cerveja, que pensei tivesse você tomado alguma!

Ao deitar-se John estava preocupado, "como acontecem as coisas, "pensava", foi só em dizer a meu pai e ao padre o que pretendia ser, e já me aparece uma namorada a me tentar. E não é uma qualquer, é a menina mais bonita que vi em Rosedale!"

Patrick Griggs foi procurar o Padre O'Connor. Este o levou diretamente à sala de jantar, onde dois copos limpos e uma garrafa de whisky os esperavam. Depois de alguns brindes a conversa caiu sobre a Irlanda e sobre os compatriotas que em número cada vez maior emigravam para a América, fugindo das duras condições de vida na ilha, que ambos atribuíam, não à pobreza da terra, mas à incompetência da administração inglesa.

Depois de alguns tragos a conversa derivou sobre o crescimento de Rosedale, importante parada de navios de passageiros no Mississipi. Afinal tocaram em John:

— Que acha você da idéia de seu filho tornar-se padre?

— Uma idéia boa, se ele gostar disso! Se Mary não houvesse me falado, eu jamais teria suspeitado dos desejos dele.

— Porque?

— Eu não sou nenhum exemplo de bom comportamento! E pensando bem, nem cara de pai de Vigário eu tenho!

Depois de alguns goles Padre Paul consolou o amigo:

— Não se preocupe, essa cara lhe virá aos poucos! Diga, que faz Johny nas horas de folga, pesca, lê, procura meninas para conversar, anda de canoa?

— Olhe. ele é caladão. Não sei o que pensa, nem me diz o que faz. Desde que o senhor o mandou procurar o filho do ferreiro, o tal Honest.

— Ernst Heidegger.

— I untam-se os dois com outros e vão pescar. Mary tem frito bons peixinhos trazidos por eles. Meu filho tem gênio forte, poderia ser soldado!

O'Connor sorriu. Ele também, adolescente, pensara em alistar-se. Mas a dura realidade o inclinou para outro lado. A Irlanda não tinha Forças Armadas próprias. Ele só poderia fazer carreira militar na Inglaterra e eram muitas as limitações para quem não pertencesse à aristocracia britânica. Na tropa colonial, com um pouco de sorte, chegaria a coronel. Mas nunca um irlandês comandaria um exército inglês numa guerra séria! Aníbal, César, Ricardo Coração de Leão o empolgavam mais do que qualquer figura de beato, ou santo da Igreja, mas...

Pat percebeu pelo olhar vago, que o reverendo andava longe e interrompeu:

— Está se sentindo bem. Padre?

— Sim, sim. Claro! (Custou um pouco a voltar ao presente, mas continuou). É bem possível que Johny tenha outras aptidões também, para padre, militar, político. Pelo que me consta ninguém nasce com uma única aptidão. Mas se ele quiser ser padre, deverá entrar no Seminário em fevereiro.

— E quanto o pai dele deverá pagar pela matrícula?

— Barato! De cem a cento e vinte dólares.

— Que! Por mês! Caríssimo!

— Não. Por semestre!

— Para pagar adiantado terei que me desfazer de parte de meu estoque de madeira.

— Não será preciso. Você paga um mês adiantado e eu me responsabilizo pelo restante. Bom?

Big Pat ficara preocupado com as despesas. O'Connor iria animá-lo!

— Bebamos à saúde de seu filho padre, bispo, Cardeal Griggs. futuro Papa americano, o primeiro, eleito em 1860, com o nome de Pedro Celestino III!

— Para a glória de Deus. se até lá eu existir! Pat exultava. Bebamos também à saúde do futuro Arcebispo de Washington, D.C., Dom Paul O'Connor. que é atualmente o melhor padre da América, meu amigo, meu conterrâneo e Vigário de Rosedale!

Percebeu Padre Paul que em breve o amigo estaria muito tonto. Era preciso que voltasse logo para casa.

— Olha Big Pat, agora que já acertamos a minha promoção a arcebispo e a de Johny a Cardeal e ao trono de S. Pedro, não falta mais nada. Deixe-me rezar o breviário!

Griggs saiu cantarolando satisfeito, o filho estava encaminhado na vida, provavelmente chegaria a Papa, matando de inveja aquela turma da Irlanda, porque o filho "daquele malandro de Sligo, o Pat Griggs, é o Papa!") já que as paredes da casa e o próprio solo pareciam estar em equilíbrio instável, Big Pat deitou-se. Antes de dormir, porém, falou:

— Mary. Padre Paul disse que Johny pode ser o futuro Papa!

Dormiu e sonhou que estava tudo pronto para o filho ser o chefe da Igreja, mas não podia assumir o cargo, por causa da pouca idade. Aí ele chegou e resolveu o problema:

— John, deixa a barba crescer, que parecerás mais velho e eles te aceitam!

Na hora do café avisou o filho:

— As aulas no Seminário de Memphis começam em fevereiro. Vê com tua mãe as roupas que vais precisar durante seis meses. O Vigário escreverá hoje mesmo ao Reitor, se fores aceito, viajaremos nos últimos dias de janeiro. E, vamos agora para a carpintaria serrar tábuas!

Decorridos quinze dias John encontrou Padre O'Connor na praça.

— Vamos à Casa Paroquial apanhar alguns papéis. Foste aceito no Seminário. Tens um número para marcar a roupa, 161, se não me engano!

O rapaz acompanhou os passos do Vigário sem dizer palavra. Passou-lhe um calafrio pela espinha. O que fora um plano, tomava consistência. Os fatos se sucediam depressa. Recebeu um envelope grande, grosso, amarrado com fita vermelha, agradeceu e ia sair correndo quando ouviu a recomendação:

— Não vá perder os papéis. São muitos e estão soltos!

John entregou o envelope à mãe. Havia uma folha a ser preenchida com o nome, data do nascimento, do batismo, da crisma e da primeira comunhão do candidato; nome dos pais, religião professada por eles e data do casamento religioso, com indicação da paróquia e da igreja. Em outra folha o endereço do "Seminário São José. Instituição destinada exclusivamente a rapazes que queiram dedicar-se ao sacerdócio católico". O primeiro semestre começava em 1 de fevereiro e ia até 30 de junho. O segundo, de 1 de agosto a 23 de dezembro.

Mary começou a sentir saudades do filho que não havia ainda saído de casa. Coração de mãe está sempre sentindo saudades!

Mais tarde chegaram James e o pai. Vinham da carpintaria. Aquele quando soube do teor da carta, censurou:

— Ah, malandro! Você me perguntou outro dia, que eu queria ser e não me disse que ia para o Seminário.

— Bem, eu não havia ainda decidido. Depois do papai e da mamãe você é o primeiro que sabe. Está bem?

Gretchen soube da notícia na escola. Não acreditou. Era brincadeira, Johny, padre? Como? Ela não poderia casar-se com ele? Não! Era mentira de gente sem nada a fazer. Tão bonito, tão querido! Falou do caso a sua mãe.

— Porque não? A família Griggs é católica. Dá-se bem com o Padre Paul. Não vejo obstáculo.

— Mas eu não acredito!

— Pergunte a ele!

Dois dias mais tarde Frau Heidegger mandou a filha comprar linhas na loja e lá estava John e a mãe fazendo compras. Gretchen olhou o rapaz de longe, mas de modo mais expressivo que conseguiu. Ele percebeu, ficou corado e baixou os olhos. Aproximou-se a mocinha, cumprimentando a senhora e o filho. Ao olhar interrogativo de Mary, explicou:

— É miss Gretchen irmã do Ernst, meu amigo!

— Como vai? E seus pais, como têm passado?

Depois de algumas frases formais, Mary continuou escolhendo tecidos, meias e lenços para o filho, mas atenta ao que se passava.

Gretchen perguntou baixo:

— É verdade que você vai ser padre?

— Sim, é verdade!

A mocinha levou um choque. Não havia dúvida! Girou sobre os calcanhares e saiu depressa sem se despedir.

— Big Pat achou que 29 de janeiro era uma data boa para ir a Memphis com o filho. A mala era pequena e ficou estufada com tanta roupa. John conseguiu fechá-la com a ajuda de Jimmy. Eram oito horas da manhã quando partiram. A pior parte do inverno passara, mas ainda fazia frio. Mary reteve as lágrimas enquanto pôde. Ao se afastarem o marido e o filho em direção ao trapiche, ela chorou copiosamente. Quem chorava mais ainda era Anne, principalmente porque via a mãe chorar. De repente a menina interrompeu o pranto e sugeriu:

— Não chore! Vamos junto com eles. Se corrermos ainda os alcançaremos!

Meia hora depois o "Cape Cod" apitou na última curva do rio antes de Rosedale para quem sobe o Mississippi. Era um barco a vapor, de sessenta toneladas, branco e verde, com caldeira aquecida a lenha e duas rodas laterais cheias de pás. Vinha carregado. Pat pegou a mala dele e a do filho e acomodou-as em um canto do tombadilho, onde encontrou alguns conhecidos e ficou ali. John subiu para a coberta. Firmou os cotovelos no corrimão, junto aos camarotes e olhava para os que haviam permanecido em terra. "Cape Cod" apitou forte e zarpou. O rapaz abanou para Jimmy e outros conhecidos, sem saber se a tristeza que lhe invadia o peito vinha do rio, dos amigos, ou da cidade. Se pudesse ver através dos arbustos da margem, a jusante do trapiche, veria Gretchen despenteada, de olhos vermelhos, em pranto. Se aproximasse ouviria a menina dizer:

— Que azar o meu! Logo o primeiro homem de quem eu gosto foge e vai embora... Nunca mais irei gostar de rapaz algum! So helf mich Gott! Que Deus me ajude!

A proa do vapor abria um sulco no Mississippi e a esteira prendeu a atenção de John por algum tempo. Depois passou a observar as casas das margens do rio, as canoas dos pescadores e os peixes que pulavam fora d'água. De hora em hora o "Cape Cod" atracava ora de um lado, ora de outro, recebendo ou desembarcando passageiros. A tripulação nessas ocasiões apanhava achas de lenha em grandes pilhas na barranca e trazia-as para perto da fornalha.

Ao meio-dia o rapaz procurou o pai. Alguns homens já almoçavam. Pat e o filho sentaram-se à mesa também.

Durante a tarde repetiram-se as paradas do barco com a mesma frequência e ao entardecer chegaram à cidade de Helena, fim do primeiro dia de viagem. Procuraram uma pensão, onde ambos se hospedaram no mesmo quarto. Na hora de deitar Patrick ajoelhou-se junto à cama e rezou. O filho fez o mesmo. Apagando o lampião, disse PO filho:

— John, se quiseres voltar para casa, voltamos amanhã no mesmo vapor. Se não gostares do Seminário, ou não quiseres mais ser padre, não precisas nem avisar, volta logo para casa. Teu pai é teu amigo! Quem perde o pai, como eu perdi, sabe como a vida é difícil sem ele. Reza para que eu dure, não por mim, mas por ti!

Antes de dormir o rapaz pensou no que lhe dissera o pai e lembrou-se da mãe e dos irmãos. A imagem de Gretchen não lhe ocorreu.

De manhã viram a partida do "Cape Cod" rio abaixo. Eles embarcariam, mais tarde no "Job" e subiriam até Memphis. Este era um vapor maior e mais confortável. Helena, no Estado de Arkansas, era menor que Rosedale, mas semelhante a ela. Duas igrejas de torres afiladas, a praça com bancos do mesmo tipo e as casas de madeira idênticas às da outra cidade.

O vapor partiu às dez horas e a viagem prosseguiu nos moldes da do dia anterior. À tarde chegaram a Memphis, cidade importante, com casas bonitas com pórticos e colunas jônicas. Havia riqueza. Ao primeiro transeunte perguntaram onde era o Seminário. A resposta foi outra pergunta:

— Católico, ou evangélico?

— Católico.

— É ali! Mostraram um edifício amarelo de três andares.

Foram até lá. O porteiro foi chamar o Padre Reitor, um homem velho, de óculos sem aro, calvo e corado. John achou que ele tinha a fala fina, para um corpo tão grande. O velho apresentou-se:

— Sou o Padre Júlio Peters, o Reitor.

Pat entregou-lhe o envelope com a carta do Vigário, recomendando matricular o candidato em um curso adiantado, pois tratava-se de um "um rapaz inteligente, estudioso e com bom preparo intelectual".

— Menino, sabe latim?

John levou um susto, como se estivesse sendo acusado de alguma falta, mas respondeu claramente:

— Não, senhor!

— Amanhã fará um exame e vamos ver o que sabe. Conhece algum aluno deste Seminário?

— Não. Não conheço nenhum!

— Se não me engano há um seminarista de sua cidade, o Artur. Ele irá lhe mostrar a casa e onde guardar seus pertences. Bem, senhor Patrick Griggs, seu filho está entregue. O senhor volta hoje para Rosedale? Queira recomendar-me ao Padre Paul O'Connor, quando o encontrar, por favor!

Estava encerrada a audiência. Levantou-se o Reitor. Big Pat engoliu em seco, mas conseguiu dizer:

— Deus o abençoe, Johny!

O porteiro encaminhou o senhor Griggs ao guichet da Procuradoria, para pagar a primeira prestação. Depois levou o novo aluno ao pátio e o entregou ao cicerone recomendado pelo Reitor.

— Eu me chamo Artur Feuerbach, apresentou-se o conterrâneo! Sou natural do Mississippi, de Rosedale, mas há seis anos nossa família mudou-se para Arkansas. Como se chama seu pai?

— Patrick Griggs, é carpinteiro. Eu me chamo John!

— Ele tem oficina em Main Street? Oh, Big Pat? Ótimo! Lembrome bem dele! E o Padre O'Connor?

John deu notícia dos conhecidos e amigos comuns. Depois Artur informou que o Seminário Menor, onde estavam, tinha um currículo de cinco anos de latim. Terminado este, o candidato ao sacerdócio ia para o Seminário Maior estudar filosofia durante dois anos e mais quatro anos de teologia.

— Que vem a ser teologia? Indagou Griggs.

— É o estudo da Sagrada Escritura, das definições da Igreja nos Concílios. Enfim, como Deus se revelou aos homens. Para você ter uma idéia, um livro de teologia é um catecismo com muitas explicações!

"Quatorze e cinco, dezenove! Mais seis anos de Seminário Maior," calculava John, "com um pouco de sorte serei padre aos vinte e cinco anos. Puxa, como está longe isso!"

No exame de suficiência foi bem sucedido tanto na redação, quanto nos problemas de matemática, por isso foi classificado no primeiro ano de latim. Os alunos eram organizados em três divisões, de pequenos, médios e grandes, com pátio, salas de estudo e dormitórios separados. John foi para os médios e adorou disputar corridas com os companheiros nos jogos de "bandeira" e "barra".

Decorrida a primeira semana interromperam-se as aulas para começar o Retiro Espiritual, repetido anualmente. Durava três dias de rigoroso silêncio. Os seminaristas ouviam quatro conferências diárias sobre os Novíssimos, isto é. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

Nos intervalos os retirantes deviam meditar sobre as verdades ouvidas. Como ninguém ensinara John a meditar o rapaz pensou na família, nos amigos, em Gretchen e desejou ardentemente chegassem as férias para voltar a pescar e andar de canoa no rio. Do retiro propriamente dito não esqueceria jamais o que ouviu sobre o grande relógio do Inferno, que não faz tic... tac, como os da Terra, mas é falante. Diz em inglês "ever... never!" Ou em alemão "immer... nimmer". (Sempre... nunca. Entenda-se sempre dura, nunca acaba, pois é eterno).

Capítulo V

Viagem a Piratini

Griggs bateu palmas. Um menino atendeu.

— O Doutor Ferreira, por favor!

— Ele está indo para o consultório, na outra porta...

— Então diga a ele e à Dona Maria Manoela que estou chegando da Fazenda do Brejo com notícias de Da. Ana e da família. Lá de dentro de casa disse uma voz feminina:

— Pedrinho, manda o homem entrar!

João Grande depois de alguns passos no corredor penetrou em sala finamente mobiliada, onde se sentava uma senhora parecidíssima com Da. Ana.

Maria Manoela ao ver em sua frente um homem daquela estatura, de botas e de chapéu de abas largas enterrado na cabeça, assustou-se e gaguejou:

— O... o senhor?

John achou graça e sorrindo entregou-lhe volumosa sobrecarta azul. A dona da casa levantou-se para cumprimentá-lo e mais tranqüila, disse:

— Ana de vez em quando manda um conhecido, um peão da fazenda, ou guasca das redondezas trazer notícias. No momento que vi o senhor, estranho, me assustei. Queira desculpar-me!

— Meu nome é John Griggs. Chamam-me João, João Grande. Como vai a senhora?

"Vê-se que é educado" pensou a mulher, "mas não é daqui". O chapelão dentro de casa e o "como vai" não são destas bandas.

— Com sua licença, senhor João, vou ler agora mesmo a carta de Manoela, estou morrendo de saudades de minha filha! Francisco, notícias de Camaquã!

O médico custou a responder e mais ainda a aparecer de cara feia para o estranho desinibido, sentado na sala, de chapéu na cabeça, com o tacão da bota apoiado em outra cadeira. À medida, porém, que conversavam a face do doutor ia se desanuviando e depois de quinze minutos de palestra perguntou:

— Trouxe charque?

— Para vender só trouxemos couros salgados!

— Ainda bem. Estão baixíssimos os preços, tanto para o charque, como para o couro. Ana vai receber quase nada pelo que mandou. Agora o equipamento de que me fala, esse sim, custa os olhos da cara!

— Qual a sugestão?

— Deve ir a Piratini e explicar o caso ao Domingos de Almeida. O Ministro pode requisitar a mercadoria pelo custo, por necessidade de guerra. Mesmo as peles salgadas o Governo sabe onde vender por melhor preço.

— E, eu poderei fazer algo aqui em Pelotas?

— Sim, percorrer o comércio e saber onde há e quanto vale a mercadoria. Entretanto é meu hóspede. Há um quarto para o amigo e um lugar, para seu cavalo. Partirá daqui o dia que quiser. Esteja à vontade. Devo ir ao consultório há doentes que me esperam, com licença!

De papel e lápis no bolso e borduna na mão partiu John em busca das lojas de ferragens. Havia duas dúzias delas. Em dois dias viu o material existente, anotou os valores e os endereços com cuidado. Vendedor algum quis garantir-lhe os preços por mais uma semana.

— Hoje custa tantos mil réis! Amanhã provavelmente custará mais! Tudo está subindo de preço.... Não há dinheiro que chegue!

O passadio em casa do médico era muito bom. Além dele e da mulher viviam ali três filhos, meninos bem educados. Mas era preciso ir o quanto antes a Piratini. Uma consulta ao sargento Adão resolveu o problema. Seguiriam os dois para a Capital. Os soldados foram aquartelados e o Coronel Comandante do Regimento indicou lugar seguro para o estacionamento de carretas e carreteiros nas proximidades da caserna.

O caminho de Pelotas a Piratini era bem trilhado. Havia diligências para quem não quisesse viajar a cavalo. Griggs preferia a carruagem, mas Adão se opôs.

— Sou de Cavalaria, seu João! Tenho vergonha de chegar de carroça à Capital! O senhor é da Marinha e poderá viajar como quiser. Lá nos encontraremos pois a cidade é pequena.

John concordou em montar. Na hora da partida surgiu um cavaleiro com o mesmo destino e pediu licença para acompanhá-los. Dizia chamar-se Antero Freitas, residir em Caçapava, onde era fazendeiro. João Grande não gostou do sujeito, mas Adão encantou-se com o companheiro desembaraçado e falante.

— Vou sugerir a meu amigo Almeida, dizia o caçapavano, que transfira a Capital para nossa cidade. Caçapava é mais importante, mais central e mais adequada para o Governo, já imaginaram o progresso que a transferência do Tesouro trará para todo esse interior do Rio Grande?

Na maior parte do tempo Antero discorria sobre suas proezas, conquista de mulheres difíceis, caçadas impossíveis e dramáticas brigas de galo.

Ao meio-dia os três viajantes amarram os cavalos num palanque defronte à Hospedaria da Laje para almoçar.

— Você não percebeu, Adão. que seu amigo é um grande mentiroso?

— Percebi, seu João, mas ele é divertido!

Não demorou a chegar a diligência e os passageiros foram ocupando as mesas do restaurante. Entre eles viu Griggs uma garota de olhos azuis e tranças douradas, iguais às da Gretchen de outros tempos. "Onde andarás a alemãzinha. Casada, com certeza. Até Anne casara com McKinley do estaleiro de Rosedale. Solteiros só Jimmy e eu. Se não tivesse entrado no Seminário talvez tivesse

casado com Gretchen e não estaria hoje aqui, no Rio Grande do Sul, envolvido em uma guerra de que não sei o porque,, nem o para que."

Depois do almoço cada um dos três cavaleiros procurou uma árvore, esperando deitados abrandasse o calor, para continuar a cavalgada. John escolheu a sombra de uma figueira e continuou pensando. "Que farei agora? Volto ao Mississipi e enfrento os maledicentes? Para que? Para aborrecer de novo Big Pat e envergonhar Mary? É cedo. Há tempo para tudo! Agora tenho bastantes tábuas e preciso apenas de material para construir escunas e ajudar esta gente boa, que me amparou na hora da aflição, a começar pelo verdureiro Jucá Soares e pelo Tenente Souza até o Ministro Domingos de Almeida, isso sem falar nos meus amigos e companheiros de trabalho, na família de Da. Ana e... na Margarida. Esta mulher não sabe me dizer não. Só pensa em me ser agradável. Fica olhando para minha cará em silêncio, não faz perguntas, não me interrompe quando falo. Talvez não entenda. Não me ama. Ela me adora! Fico constrangido, porque não sei, não posso retribuir tamanha afeição! Já a Isabel é safadinha, descarada, divertida e interesseira.

— Seu João, está dormindo?

— Fale, sargento!

— O baio perdeu uma ferradura dianteira e está mancando. Vou procurar um ferrador. Vai ter que esperar, Mestre!

Mal o sargento virou as costas surgiu, montado num vistoso tordilho com arreio ajaezados de prata, um sujeito de finíssimo chapéu de feltro, botas amarelas, culotes de casimira, com garrucha de dois canos a enfeitar-lhe a cinta cheia de ilhoses. Atou o cavalo e entrou ligeiro na estalagem. Barbeado, de cabelo curto, Griggs não reconheceu de imediato José Silva, o atacante das carretas.

Deitado longe, na sombra da figueira, com o chapéu no rosto João Grande sentiu que algo de grave estava para acontecer.

Adão não demorou.

— Mestre, a ferraria está fechada. Há outras no caminho, mas nenhuma por perto. O senhor não deve montar com o animal mancando, para não estropiá-lo de vez. O senhor continua a viagem de diligência! Eu levarei o baio do Bentinho a cabresto e mando ferrá-lo. Se era verdade João não sabia, mas ao ouvir o nome do rapaz,

sempre tão gentil concordou com a proposta. Era um alívio viajar numa carruagem até sem molas.

Partiu então o sargento com o amigo Freitas e outros conhecidos. Griggs juntou os “pessuêlos que Adão retirara do serigote e arranhou um quarto no sobrado da Hospedaria da Laje. Seguiria na primeira diligência do dia imediato”.

Por volta de oito horas da noite desceu João Grande para a sala de jantar. Era fraca a iluminação. No centro, um lampião grande e nos quatro cantos, velas de sebo. Sentado em mesa junto à parede, pediu ao garçom uma garrafa de vinho, carne assada e arroz.

Sob o lampião alguns homens jogavam dados. Ouvia-se a voz estridente do banqueiro, um castelhano, repetir: — Dôs... dôs mil réis el tiro!

Pareceu a Griggs que o conhecido marginal estava entre os apostadores. Não demorou a armar-se uma gritaria em que predominavam os “fuê no fuê, foi, não foi. Usted es un ladrón! Ladrão é você!” Estalaram tapas, bofetadas e gritados palavrões, José Silva enxugando o rosto com a manga, passou correndo em direção à porta da rua.

Enchia o garçom o copo de João Grande, quando este viu aproximar-se furtivamente o malfeitor empunhando a garrucha. Parou às costas do castelhano e apontou a arma lentamente para o lampião. Eram evidentes as intenções dele. O primeiro tiro seria na luminária e o segundo, à queima roupa no rosto, ou no peito do jogador, que iria voltar-se para trás. Griggs em rápidos passos colocou-se à direita e um pouco à retaguarda do marginal.

Disparado o tiro, antes do lampião se apagar, ouviu-se uma pancada seca, violenta, um berro de dor e logo o barulho de dois pedaços de garrucha, que caíam no assoalho do restaurante.

João Grande foi reconhecido imediatamente pelo sujeito com a mão direita quebrada e sangrando bastante, que ao fugir gritou:

— Esta tu me pagas, turco desgraçado!

John riu. Riu com gosto. Era a primeira vez que o chamavam assim. Já fora adorador do diabo, papista, idiota, renegado. Ouvira referências à conduta de D. Mary, feitas por pessoas que nem sabiam quem ele era. Passara por irlandês, alemão, inglês e escandinavo. Agora era turco!

No salão cheio de gente o rebuliço foi grande. Apagaram logo as labaredas, abafando-as com ponchos e toalhas. Acenderam mais velas.

— Que foi que houve? Tiro, a troco de quê? Perguntavam os distraídos.

Griggs voltou à mesa, conservando a borduna sobre os joelhos. Com espanto viu o castelhano de casaco vermelho e calças verdes, com mais dois companheiros, dirigirem-se a ele. A quase vítima era um ator nato. Abriu os braços num gesto dramático, exclamando:

— Mi salvador!

Apanhou a mão direita do Mestre e beijou-a com unção! Começaram os três a falar ao mesmo tempo. John constrangido pediu que sentassem e jantassem. Depois de muitas recusas concordaram em tomar "un vino de honor". Terminaram jantando juntos e os jogadores não consentiram que "el salvador" pagasse a despesa.

No dia seguinte, por volta das dez horas, na hospedaria ouviu-se um longínquo badalar de cincerro.

— Aí vem a diligência! Disseram.

Parou a carruagem defronte ao prédio e foram trocados os cavalos. O compartimento reservado aos passageiros era pequeno e baixo. João Grande teve dificuldade em acomodar-se e ajeitar a borduna por baixo do banco. Das dez vagas, oito estavam ocupadas por um velho em mau estado, duas crianças e cinco matronas "patriotas e abundantes", como já ouvira chamar senhoras de nádegas e peitos avantajados cujos maridos, soube pela conversa, já estavam na Capital.

Ao lusco-fusco chegaram a Piratini. John não pôde fazer idéia dos melhoramentos na cidade, mas isso não era importante. Ao entrarem na rua principal ele grilou ao cocheiro, abrindo a portinhola da diligência:

— Quero ficar no Hotel Estrela!

Poucos minutos depois, parou a carruagem no local certo. Na portaria Griggs avisou:

— Deve chegar a qualquer momento alguém trazendo um cavalo a cabresto e dizendo que o mesmo é do Sr. John Griggs, ou do Mestre João Grande, sou eu! Queiram colocar o cavalo nas baias.

Assinou no livro de hóspedes e recebeu a chave do quarto número doze. Ao voltar-se, foi abordado por uma senhora morena, alta e bem vestida.

— Permite, señor? O sotaque era espanhol.

A entonação era de brasileira tentando falar espanhol. João Grande achou-a bonita, mas com algo de estranho na fisionomia, por isso respondeu com a palavra que mais ouvira dizer em castelhano:

— Pues!

Por mais atenção que prestasse àquela voz rouca falando uma mistura de duas línguas não conseguiu entender tudo o que dizia. O assanhamento, porém, era evidente. A mulher acariciava constantemente os braços grossos na altura dos ombros e o olhar significativo dos grandes olhos negros, tiravam qualquer dúvida. Falava qualquer coisa parecida com "neste país as mulheres de bem não costumam dirigir-se diretamente a homens desconhecidos, mas eu não sou daqui e por isso tomo essa liberdade".

— Pites, pues!

— E o senhor nem me pergunta de onde sou?

— Claro! Se não tiver muita pressa, dê licença que vou lavar o rosto e as mãos e venho saber do que a senhora precisa!

— Então, vá!

João não gostou da entonação desdenhosa da última frase. Talvez a dona fosse desequilibrada, ou louca varrida, fugida do hospício. O quarto dele era o último do corredor, bem defronte ao banheiro e ele foi tomar banho e demorou. Ao voltar à portaria não viu mais a mulher.

Sentou para jantar na mesa de dois lugares, indicada pelo garçom. Daí a pouco veio um rapaz, pediu licença e sentou-se ao lado dele. Chamava-se José e ocupava o quarto número onze.

— Ao lado do banheiro! Disse John.

— Exatamente.

Não demorou a aparecer a tal senhora com um homem alto, forte, louro. Ela sentou-se de frente para Griggs, ficando o acompanhante de perfil. Os olhares da dama eram insistentes e desconcertantes. Fez então o Mestre um sinal com o dedo, indicando a janela aberta e sempre falando com o companheiro pediu para trocar de lugar com ele. Este concordou, mas a conversa entre os dois esmaeceu quando José passou a dar mais atenção aos olhos da senhora do que à voz de Griggs.

Depois do jantar João Grande deu uma volta pela pracinha da igreja, voltou e deitou-se. Acordou de madrugada, porque batiam na porta do quarto. Tonto de sono, custou a responder. As pancadas se repetiam fortes. Afinal, impaciente, gritou:

— Já vai!

Acendeu a vela e retirou a tranca. A porta foi empurrada com violência, batendo em seu braço. Ao clarão da chama trêmula viu o cano de um revólver apontado para seu peito a menos de um palmo. Era preciso conversar!

— Que houve, senhor?

O sujeito, era o acompanhante da dama, puxou um pigarro antes de falar:

— Minha mulher está aí dentro? Ande! Responda! Abra o armário! Arrede a cama! Levante a colcha! Mais!

"Está muito emocionado, ou bêbado", pensou John, "tenho que agir com cautela!" Não encontrando a mulher, retirou-se o homem de costas com o revólver apontado para o outro. Em determinado momento soprou a vela e saiu à disparada pelo corredor.

Griggs de borduna na mão bateu de leve na porta do quarto 11. José custou a abrir uma fresta e indagou:

— Que está querendo?

— Avisar você que o marido daquela senhora veio agora mesmo de revólver na mão, procurá-la em meu quarto!

— Ela está aqui! Que faço? Diga alguma coisa, por favor! O rapaz estava apavorado, não conseguia raciocinar.

— Diga a ela que vá para o banheiro!

Ao clarear do dia, quando Griggs se levantou, a porta do 11 estava escancarada. José partira. No refeitório teve uma surpresa. Encontrou muito bem fardado o Major Adolfo Rezende, o oficial que encontrara no caminho de Pelotas. Adolfo o reconheceu e foi cumprimentá-lo.

— Creio que só de tarde o senhor conseguirá falar com o Ministro, explicou o major. Na ausência do Presidente Bento Gonçalves ele praticamente assumiu o comando geral dos negócios da República. Vá logo ao Palácio e diga a que veio. Vão marcar-lhe a hora da audiência.

— Grato major! Diga, tem notícias de José Silva, o homem que o senhor encontrou no campo montado e amarrado ao cavalo... Lembra-se?

— Ah, sim! Um pobre diabo! Está se educando no Exército! Foi destacado para... Canguçu! Quer vê-lo?

João Grande sorriu e pensou "esse malandro conseguiu enganar um homem experimentado como o major", mas disse:

— Não! Não desejo ver Silva tão cedo. Anteontem, quando ele se preparava para malar um jogador uruguaio, quebrei-lhe a mão com uma cacetada.

— Silva estava fardado?

— Não. À paisana, muito bem vestido e montando um cavalo de raça!

— Então é desertor! Bem. tive prazer em reencontrá-lo, senhor John Griggs! Viu? Não esqueci seu nome! No Ministério da Guerra me esperam. Devo ir trabalhar. Se precisar de algo a meu alcance, não faça cerimônia, procure-me!

Antes de ir ao Palácio João Grande foi rever a cidade. Estava mais bonita. Os edifícios públicos bem pintados, as ruas e calçadas limpas e pareceu-lhe que a perspectiva do retorno do Presidente Bento Gonçalves deixara o povo mais esperançado. Ouvira comentários no hotel que o Chefe da Revolução deixara o Forte de São Marcelo, na Bahia e se encaminhava para a Capital da República Riograndense.

Quando o contínuo abriu a porta da repartição. Griggs foi dos primeiros a entrar e dizer:

_ Desejo falar com o senhor Ministro Domingos de Almeida!

— Tem pressa? Perguntou o funcionário.

— Relativa.

— Eu preciso saber se tem pressa!

— Escreva o que eu lhe disse!

— Volte logo mais às duas da tarde e eu lhe direi quando será recebido!

João subiu a rua e dobrou à direita para chegar até a Câmara dos Deputados. Queria ouvir debates políticos e avaliar o nível dos representantes do povo. Na primeira vez que estivera na cidade não conhecia a situação, nem português suficiente para entender um discurso. Agora não havia problema. Sentado num cantinho via e ouvia o orador na tribuna. Era um romântico, um literato. Inicialmente declarou-se o mais humilde e apagado membro da assembléia, depois rasgou elogios ao Presidente da Mesa e iniciou a apóstrofe "Deus te salve, valoroso Rio Grande, que de braços bíblicamente abertos, contemplas na vastidão do espaço a liturgia apocalíptica do Universo!".

— Humm! Fez João.

Meia hora o homem gastou nesse estilo. O orador seguinte falava de outro modo e Griggs guardou na memória frases assim, "A preservação da vida, liberdade e patrimônio de cada indivíduo foi o motivo principal que fez os homens se unirem em comunidades e nações como nossa florescente República, e aceitarem a idéia de ter governos. Sabiam que todos os cidadãos deveriam contribuir eqüitativamente a um fundo financeiro comum, administrado pelo Governo. Seria como se todos fossem condôminos, ou inquilinos e pagassem as despesas comuns de uma grande propriedade."

— Muito bem! Disse alto João Grande e bateu palmas.

O gesto chamou atenção sobre ele. Ninguém mais aplaudira. Aproximou-se então um guarda para pedir-lhe que tirasse o chapéu, pois no recinto, durante as sessões, não era permitido permanecer coberto. Griggs ouviu e desculpou-se.

"No entanto o que se vê", continuava o deputado, "não deverá ser problema exclusivamente nosso, é que certas autoridades procuram descobrir quem pode pagar mais. a quem convém isentar, onde taxar mais, ou menos! Essas pessoas vêem o Governo como

um fim em si mesmo e não como um meio para preservar a vida, a liberdade e a propriedade dos cidadãos!”.

João Grande depois do almoço foi saber quando seria a audiência.

— O senhor Ministro recebe-o hoje às cinco e meia!

Para passar o tempo voltou à Câmara. Ouviu outro orador dizer:

— Diante dos atentados à propriedade particular e outras infrações à Lei, nossos homens públicos comentam indulgentes, "isso é normal numa democracia!" É lamentável engano imaginar que liberdade é irresponsabilidade. De indulgência em indulgência o que se pode construir e o caminho para a desgraça, para o absolutismo, ou para forçar nossa reintegração no Império, que nos despreza, chamando-nos Farrapos, Esfarrapados e Farropilhas!”.

Griggs gostou do discurso. Não entendeu as medidas legais, pois não dominava o vocabulário jurídico, mas ficou orgulhoso de colaborar com uma República que tinha legisladores de tal porte.

Às cinco e meia o Mestre do Estaleiro foi encaminhado diretamente ao Gabinete do Ministro, que alegre veio a seu encontro, dizendo:

— Que prazer em vê-lo, senhor John Griggs! How are you? A alegria era tão espontânea e tão manifesta, que o visitante participou logo dela:

— Muito bem, obrigado! E rindo continuou, agora sou Mestre João Grande do Camaquã!

Depois de pedir e receber notícias pessoais, inclusive de Da. Ana e da Fazenda, Domingos de Almeida explicou:

— Eu também não sou daqui, Mestre, vim fazer compras e terminei me radicando no Rio Grande. Fui apresentado à Da. Ana pelo irmão, o General Bento e descobrimos, minha senhora e eu, tal afinidade de gostos e identidade de idéias e sentimentos, que parecíamos amigos dela de muitos anos. Por isso passamos a nos chamar de compadres.

Sentaram-se os dois homens e enquanto João falava o Ministro tomava notas. Por fim entregou-lhe o Mestre uma relação das feragens com preço e endereço, onde podiam ser compradas em Pelotas e também das que não existiam na Praça.

Almeida coçou a cabeça.

— Da. Ana, informou Griggs, mandou vender certa quantidade de peles para diminuir as despesas do Tesouro.

— Não se trata só de verba, meu amigo! O problema maior são os artífices. Diga, o sargento do Destacamento é inteligente!

— Sim! E muito capaz. Ele deve estar na cidade.

— Então o sargento vai descobrir os torneiros mecânicos! Tenho boas notícias para dar. Nós fazemos parte de uma sociedade, uma associação, a quem apelamos em última instância para suprir nossas deficiências. Ela acaba de nos responder e vai ajudar breve.

Fez o Ministro diversos sinais, dando a entender de que associação se tratava, mas Griggs, não iniciado, não soube interpretá-los.

— Associação?

— Vou ser explícito. Vamos receber da Itália alguns peritos em construção naval e navegação de longo curso. Não posso garantir que sejam os melhores da Europa, mas nos darão um grande auxílio!

João Grande respirou fundo, dando graças a Deus. Sozinho levaria muito tempo construindo barcos. Com ajuda eficiente a missão seria bem mais fácil.

— Só uma pergunta, senhor Ministro. São verdadeiras as notícias sobre a breve chegada do General Bento Gonçalves?

— Acredito, que para alegria de todos nós, dentro de poucas semanas o senhor Presidente da República assumirá o cargo aqui em Piratini. Mais uma informação. Na próxima segunda-feira parte um "chasque", um estafeta, para Montevideu levando nossa correspondência para o Exterior. Se quiser escrever para seus parentes e amigos da América do Norte, não faça cerimônia, entregue as cartas na portaria deste edifício. Bem, o senhor vai permanecer algum tempo na cidade. Aguarde no Hotel um emissário meu amanhã!

Ao chegar ao Hotel Estrela viu João Grande uma carruagem com cavalos ajaezados recebendo dois passageiros, o homem que o acordara de madrugada para vasculhar-lhe o quarto e a respectiva mulher linda, de vasto chapéu, que o encarou maliciosamente e

piscou o olho esquerdo. Estavam de partida. Havia também, amarrados ao palanque, dois cavalos. Um deles era o seu baio.

O sargento Adão veio ao encontro do Mestre.

Capítulo VI

Seminário Menor

O Seminário São José se espelha nas águas plácidas do rio Mississippi, que se amarram naquela planície sem pressa de chegar ao Golfo do México.

John estava ainda se adaptando à vida do internato, quando ao passar num corredor pelo Padre Hermann Middel, Prefeito Geral, chefe de disciplina, ouviu:

— Rapaz, vá agora mesmo a meu escritório!

O seminarista levou um susto e tratou de obedecer à ordem. De pé, no terceiro andar, esperou a chegada do superior, que subia lentamente as escadas. Entraram. Não havia cadeiras, mas encostada à parede numa estante bem alta o padre apoiava os cotovelos. O interlocutor ficava de pé, de lado. Hermann apanhou a ficha e leu:

— John Griggs, filho de Patrick e Mary... Rosedale... Mississipi... Humm... Hummm... Boas notas até agora! Onde estudou?

— Em Rosedale mesmo.

— Colégio católico?

— Bem, era um colégio público.

— Como eram seus colegas? Bons, todos?

— Nem todos eram ruins! A pergunta irritara o rapaz.

— Muito boa resposta! Muito inteligente!

Não soaram bem os elogios aos ouvidos do seminarista. Pareciam moeda falsa. Como nada mais lhe foi perguntado, arriscou um discreto:

— Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo! E caiu fora do escritório.

Anos John iria conviver com o Padre Middel, o Prefeito Geral e também professor, que falava muito, redigia pessimamente e sofria de desequilíbrio neuro-vegetativo. Alemão, alto, um pouco curvo, de pele morena e olhos azuis, Hermann andava na época pelos seus cinquenta anos. com os cabelos completamente brancos, conservando a aparência de pessoa respeitável. Entre os alunos discretamente era chamado de "o Velho", "Urso Branco" e "Burro Branco". Em outro colégio onde, moço. lecionara tinha o apelido de "Caturra". Aos sábados entre cinco e sete horas da tarde ele exercia em plenitude o cargo que lhe fora confiado. Entrava sem avisar na sala onde os seminaristas estudavam. Levantavam-se todos, guardando livros e cadernos. Encarapitava-se então "o Velho" num estrado alto e dali, sentado, tecia considerações inócuas sobre regulamento, obediência e disciplina por dez longos minutos. Apanhava em seguida um caderno, onde estavam anotadas as queixas da semana, ou da quinzena, feitas pelos professores e inspetores de alunos, chamados prefeitos, a respeito do comportamento, ou da aplicação dos seminaristas. Corria o dedo na linha e chamava:

— Fulano de Tal!

O interpelado ouvia de pé e sem piar a reprimenda. Certa ocasião Middel não leu direito o nome do acusado e começou:

— Senhor William Custer! O senhor sempre me pareceu um rapaz educado, mas não c! Vem enganando a mim e aos outros! Respondeu mal ao professor de latim, quando advertido e retrucou!

Custer, com a acusação inesperada e injusta, ficou roxo de vergonha, ou de indignação. Entretanto no fundo da sala o prefeito Tube agitava o braço avisando o padre que havia erro de pessoa. Hermann advertido, verificou a falha e corrigiu:

— Não é William Custer, mas William Carter! Não vale o que eu disse! Levante-se Cárter!

Confusões semelhantes não eram raras. Um dos seminaristas, de que o Prefeito Geral não gostava, era o Mark, rapaz antipático, cara de moleque e dono de uma risada estridente e debochada. Quase sempre o nome de Mark constava na lista dos admoestados. De repente houve um período em que cessaram as reprimendas. Griggs comentou com os colegas:

— Que terá acontecido? Padre Hermann esqueceu Mark? Não demorou voltar o rapaz à cena.

— O senhor Mark já fez algum progresso! Não muito! Seus cadernos todavia ainda estão cheios de borrões. Uma vergonha! Mas, se continuar se esforçando, poderá ser um bom padre... longe daqui... além de Oklahoma!

Havia empregados e serventes no Seminário, mas os alunos deviam prestar serviços. Um destes era lavar e enxugar pratos e talheres na copa, em silêncio. Certo dia o seminarista Barth estava positivamente de língua solta e contou coisas e loisas a Griggs e a outros colegas sem dar a menor atenção aos avisos de Rohr, "chefe da copa". Este deu queixa a Middel. No sábado seguinte o faltoso foi repreendido:

— Senhor Arn Barth! Conversou na copa!

Foi tamanha-a ênfase que John estremeceu. Não parecia uma falta qualquer, mas pura libidinagem, que o "Velho" iria extirpar pela raiz.

— O regulamento ordena, disse o Prefeito Geral, que o trabalho na copa seja em silêncio. O senhor sabe disso! Foi advertido e não obedeceu! Se eu estivesse presente, ou Reverendo Padre Reitor por perto, o senhor Barth não teria dito uma palavra, sequer. Mas como somente Nosso Senhor Jesus Cristo via sua falta, Barth não ligou e talvez até tenha dito "que Nosso Senhor me veja não tem a mínima importância. Ele não me diz nada! A língua é minha e eu falo quando quiser!" Isso é gravvve. meu amigo.

Middel valorizava o "v".

John viu a fisionomia abatida de Barth. Bom amigo, sempre pronto a servir os outros, incapaz de qualquer maldade e sentiu raiva do Prefeito Geral. Nas férias contou o fato ao Pe. O'Connor, que achou graça, mas não fez comentários. Anos mais tarde Barth não se lembrava do ocorrido.

Chegou afinal a vez e a hora de Griggs ser repreendido. Aconteceu no quinto ano de Seminário Menor. Depois de alguns avisos de somenos importância no sábado, Padre Hermann Middel, olhando por cima dos óculos e com os dedos entrelaçados sobre o peito, chamou claramente:

— Senhor John Griggs!

O aluno ficou de pé. Aguardando a tempestade, que veio mais forte do que ele esperava.

— É inadmissível o espírito de crítica num Seminário! A maçã podre corrompe todas as outras...

Foi este o começo. Griggs não acreditou no que ouvia. Era a pior reprimenda de todas as que ouvira até então. Nem Mark fora jamais admoestado com tanta veemência. Devia haver engano. A qualquer momento o "urso branco" diria:

— Não vale nada o que eu disse! Sente-se!

Mas tal não aconteceu. Voltava Middel com a imagem:

— A maçã podre põe as outras a perder!

"Afinal", pensava o rapaz, "que foi que eu fiz? O velho não conta! Vai me expulsar? Estou frito! Direi a meu pai, à minha mãe e ao Padre O'Connor que fui expulso do Seminário sem saber porque?"

— A maçã podre contamina as outras...

"Quando prenderam Jesus Cristo", lembrava-se John, "foi para matá-lo. A sentença tinha sido prolatada antes da prisão e do inquérito. Vão me expulsar e depois dirão, ou não, porque!"

—... contamina as outras!

"Maçã não apodrece de um dia para outro. Ia tudo tão bem até agora..."

John olhou para o prefeito Tube, que vigiava a sala de estudos e fez-lhe um gesto interrogativo. A resposta foi um balanço de cabeça, era! A descompostura durou quinze minutos e Middel foi embora sem dizer qual o crime de Griggs.

O rapaz procurou imediatamente Tube, parente do chefe da copa, mas de pior qualidade.

— O senhor tem certeza que foi para mim que o Prefeito Geral disse aquilo tudo?

— Foi para o senhor mesmo!

— E sabe o que eu fiz?

— Não!

Tube sabia. Fora ele quem enchera os ouvidos do Padre Middel, que morreria louco alguns anos depois. Griggs perdoou Tube di-

versas vezes, mas nunca esqueceu esta intriga, nem a informação prestada a um colega muito estimado "Griggs não é de confiança!"

Com permissão do prefeito o seminarista foi procurar o Padre Hermann no escritório,. "Perdido, por perdido, vamos à toca do tigre!" Pensou.

— Que deseja agora? Perguntou o padre.

— Saber o que fiz!

— Ponha a mão na consciência e saberá!

— Não me recordo de nada!

— O senhor disse ao Professor Young que o prefeito Tube era impertinente! Nega?

— Só isso?

— Acha pouco? Pois é muito! É demais!

"É agora que ele me expulsa", pensou o rapaz! "Fale, fale agora, alemão desgraçado. Você e o Tube ignoram o peso das palavras em nossa língua! Fale, não foi por acaso que já o chamaram de caterra!"

Middel tornou a, repetir as mesmas asneiras ditas no auditório, mas Griggs desligara os ouvidos e contava com máxima atenção os livros da estante. Quando o "Velho" cessou de falar, o seminarista sem encará-lo conseguiu dizer sem ênfase:

— Obrigado pela advertência! Louvado Jesus Cristo!

Sentiu vergonha da frase e já no corredor murmurou. "Puxa, como sou cínico!"

Cinco anos mais tarde Griggs contou o acontecido ao professor Young, que de nada soubera. Este, bom amigo, bateu com a mão na própria boca dizendo:

— A minha língua... a minha língua! Peço que me perdoe, John!

— Perdoado. Não se fala mais nisso! Só queria saber o porque da reprimenda.

— Middel provavelmente estava querendo o apoio de Tube para algo que tinha em vista. O que agora é difícil saber!

Poucas semanas depois da sarabanda começaram as férias. A bordo do navio uma senhora depois de observá-lo algum tempo, perguntou:

— Você é filho de Mary e do Big Pat Griggs?

— Sou, sim senhora!

— Como está crescendo! Você está estudando no Seminário de Memphis? Quem me dera ter um filho no Seminário!

— Ê, minha senhora, o lugar é um encanto! É quase um paraíso! Felizmente a ironia do adolescente não foi notada.

No Seminário Menor a grande preocupação dos professores era o ensino do latim;. Quem não acertasse pelo menos cinquenta por cento idas provas, ou testes, repetia tranqüilamente o ano. O mais conceituado professor da matéria era o Padre João Batista, que tinha fama de santo. Depois da morte dele muitos devotos atribuíam graças e favores divinos à sua intercessão. Na época de Griggs o padre lecionava o quinto ano e mandava os alunos traduzirem e decorarem diariamente quatro, ou cinco linhas da Segunda Catilinária, aquela do "Quousque tandem, Catilina, abutere patientia nostra". No fim do período os alunos deviam saber o discurso de cor. Na prova, porém, entrava apenas sessenta por cento do texto.

Ao sentarem na sala de aula para o exame final John e seu amigo e conterrâneo Artur viram, escritas em bom vernáculo, frases longas e difíceis que Cristo poderia ter dito a Judas, parafraseando Cícero. Artur já por duas vezes repetente em outros anos e com pouca memória, lia a letrinha vertical do professor e ia ficando com os olhos marejados de lágrimas. Griggs sentiu pena do colega, que precisava de nota alta na prova.

— Como se traduz "estiveste em conluio"? Perguntou baixinho Artur suando e gaguejando.

— In conciliabulo fuisti, ajudou John.

Griggs reconheceu algumas frases, outras não. Fora invertida a ordem. As últimas orações da prova ocorriam no começo da Catilinária. "Sai da cidade! Anda!" Egredere ex urbe! Profiscicere!'

— Não sei o que vai ser de mim! Minha cabeça está oca! Vão me desligar do Seminário! Lamentava-se Artur.

Ninguém podia falar durante a prova, sob pena de perdê-la. No momento em que o professor disse:

— Se alguém tiver pergunta a fazer que a faça agora! Griggs aproveitou para animar Artur:

— Sei tudo de cor! Vai escrevendo qualquer coisa que te passo minha prova depois!

Padre João Batista passeava no corredor rezando o terço e tomando conta dos alunos. Era preciso aguardar o momento exato para trocar de prova com o colega sem ser notado. Artur e John suavam e não era por causa do calor do verão. Quando houve oportunidade os rapazes trocaram de prova. Artur copiou a de Griggs de ponta a ponta. Era preciso destrocar. Passava o tempo e o padre não saía de perto deles. Por fim andou, para alívio dos dois amigos.

No dia da entrega dos atestados. Artur, promovido, agradeceu o colega:

— Você salvou minha pele, Griggs!

— Bobagem, se fosse o inverso você faria o mesmo por mim!

No Seminário Maior as aulas de Filosofia eram dadas em latim. Felizmente o professor articulava bem as sílabas finais das palavras. Não fora isso, seria impossível entender o que dizia. O latim tem, como outras línguas, uma linguagem coloquial e outra literária. A coloquial é a da Vulgata, tradução da Bíblia, e também a dos livros escolares. A literária é a de Cícero, de Virgílio e a das odes de Horácio, muito mais difícil. A fala coloquial do Padre Leo era inteligível depois de cinco anos de aprendizado. John nos primeiros minutos assustou-se, olhou espantado para os colegas e sentiu que as dificuldades não eram apenas dele. Depois acostumou o ouvido e não teve mais dificuldades em compreender o que diziam os professores.

— A filosofia, ensinava o Padre Leo, não é apenas o amor ao conhecimento, ou à sabedoria; é também a ciência geral dos princípios e causas. Há diversas definições e cada um dos senhores poderá adotar a definição que desejar, contanto que saiba defendê-la!

Como ninguém podia ser obrigado a raciocinar, Griggs e outros colegas acharam mais prático decorar a definição do professor "Philosophia est scientia rerum per causas ultimas, naturali lumine

comparata". Não se ficava em oposição ao mestre e não havia necessidade de justificá-la!

Afinal John terminara o estágio no Seminário Menor, que agora lhe parecia uma espécie de presídio, onde voluntariamente se internara para começar o caminho que o levaria ao sacerdócio. Lá a vigília era exercida sete dias na semana, vinte e quatro horas por dia. Não havia folga além das férias em Rosedale com os pais e irmãos. Deixara já saturado aquele túnel escuro de que não guardava boas lembranças.

Griggs vivia satisfeito no Seminário Maior, longe da morrinha de Tube e de Middel e com um regulamento bem mais liberal em companhia de novos colegas procedentes de outros Seminários Menores. O estudo era também mais interessante e outros os professores. O próprio Padre Leo tinha um cacoete. Nas pausas entre a explanação de um conceito e outro, sem poder fazer sinal gráfico, uma alínea por exemplo, ele sugava as frestas dos dentes com um "tsi, tsi", arremedado com perfeição por alguns alunos.

Quando começou o "estudo da Ontologia, ou Metafísica, o primeiro assunto abordado foi o "ens ut sic", ser despojado de todas as características não essenciais. Griggs o imaginava uma espécie de sombra, sem cor, nem consistência e sem tamanho definidos. Certo dia perguntou o professor a um aluno distraído:

— Como é mesmo o "ens ut sic?"

— É... como direi... assim mesmo

— Magro e pequeno como o Nelson! Disse alto um colega mais afoito.

Risada geral. Padre Leo também achou graça. Nelson ergueu-se, juntou as mãos e em sua magreza e pequena estatura agradeceu a lembrança e o título.

Além de divertido, o professor era sistemático. Garantiam alguns que à margem do livro de texto ele escrevia, "aqui se conta a estória do aprendiz" e mais além "aqui o capitâneum". O primeiro no tópico Dilema e o segundo no Silogismo.

O conto do aprendiz de advogado teria acontecido na Grécia antiga, onde o aluno deveria pagar o professor, em cuja casa comeria e dormiria alguns anos, só depois de ter ganho a primeira causa no foro. Formado, o rapaz arranhou um emprego público e não se pre-

ocupou com o débito. Foi então acionado peio Mestre Advogado, que exigia o pagamento. No julgamento surgiu o dilema.

— Senhor Juiz, diz o Mestre, o senhor dará razão a mim, ou a meu aluno. Se o senhor me der razão ele me paga agora. Se der razão a ele, ele me pagará imediatamente, pois conforme o contrato, ganhou a primeira causa!

Aproveitara o aluno muito bem as lições e retorquiui:

— Senhor Juiz, o senhor dará razão a mim, ou a meu antigo Mestre. Se der razão a ele, eu perdi a primeira causa e por isso não preciso pagar agora. Se der razão a mim, não pagarei porque a Justiça diz que não está ainda na hora de pagar.

O "capitâneum" deve ter ocorrido em alguma das penínsulas do sul da Europa. O Comandante Militar da Praça escalou dois oficiais para representá-lo nas Solenes Disputas Públicas da Faculdade de Filosofia. As discussões eram em latim, língua desconhecida pelos militares e na forma clássica do silogismo, que tem três frases. A primeira, a maior, "major" em latim, a segunda a menor, "minor" e a conclusão. Quando o contestador da tese, ou objiciente não concorda integralmente com a primeira frase do defensor diz "Distinguo Majorem". Ao ocorrer o evento, o oficial mais graduado, o Major, levantava-se, duro, e batia uma continência agradecendo emocionado à distinção. Repetiu-se o fato tantas vezes, que o oficial mais moderno acreditou estivessem fazendo pouco caso dele por ser apenas capitão. Notou-lhe o Presidente da Mesa o desagrado e ordenou que daquele momento em diante, no recinto, não se dissesse mais "Distinguo Minorem", mas "Distinguo Capitâneum". Ouviu-se de repente um estalar de calcanhares. Era o capitão agradecendo a lembrança com continência mais bem batida e mais rápida que a de seu superior hierárquico.

Terminado o curso de Filosofia Griggs estava preparado para cursar a Teologia estudando a doutrina da Igreja, o Dogma, a Moral e o Direito Canônico. Para sorte do seminarista neste mesmo ano o Padre Anthony assumiu a direção do Seminário. O novo Reitor,

homem inclinado à abertura, menos temeroso do mundo e de suas tentações, fez circular no amplo casarão à margem do Mississipi outros ares, sacudindo o mofo de beatice acumulado em anos de conservadorismo.

Com o decorrer do tempo John tornara-se adulto, mais seguro de si. começando por dever de ofício a assistir e dar aulas de catecismo às crianças de Memphis. A primeira vez que saiu nessa mis-

são foi acompanhando o colega veterano John Cárter, domingo de tarde, a uma escola de subúrbio. Uma única sala, com amplas janelas baixas. As crianças esperavam o catequista brincando no pátio e receberam Cárter e Griggs com alegria. A aula decorreu sem maiores novidades, cantos, orações e a explanação sobre o Sacramento da Eucaristia, até que o catequista perguntou:

— Está na hora?

A reação da criançada foi instantânea:

— Estaaaaaaaaá!

Perguntas como esta foram repetidas inúmeras vezes em meio a uma gritaria infernal. As janelas iam se enchendo de curiosos. Griggs pensou que os pais dos alunos acudiam para saber a razão do rebuliço. Enganou-se. Os adultos gritavam junto com as crianças:

— Estaaaaá! Eeeeeé!

Carter ergueu os braços, pedindo silêncio. E começou:

— Deixamos José, filho de Jacó, dentro do poço, onde os irmãos invejosos o haviam jogado. Como foi que José conseguiu sair de lá? É isso que querem' saber?

— Eeeeeé!

Dramatizava o catequista os episódios bíblicos com vivacidade e abundância de detalhes. Ora ele falava pela vítima e se escabelava de verdade pedindo misericórdia, correndo dentro de um poço imaginário, ora era o avaro mercador, regateando preço que devia pagar pelo escravo...

Mais tarde John tentou o gênero, sem jamais conseguir o êxito de Cárter. Como este havia outros colegas com notáveis dotes pedagógicos naturais, ou. não. Entre muitos se distinguia Boulanger, talvez por isso mesmo escolhido para chefe da catequese. Certo dia ele chamou Griggs:

— Vamos à Capela do Rosário. Quero ouvir sua opinião sobre algo que está acontecendo por lá!

Ao chegarem ao local à aula de catecismo já havia começado. O seminarista Marx falava com muito jeito às crianças. Griggs gostou mais do modo dele ensinar, do que o do próprio Boulanger. Marx

tinha bossa excepcional. Griggs ficou encantado, não disse nada, mas notou que era observado pelo chefe com muita atenção. Na hora de ir embora ouviu:

— John, diga com franqueza de que criança o catequista gosta mais!

— Daquela lourinha de vestido azul!

— Então, é evidente!

Boulangier estava excitado. Deu uma pancada na própria perna e continuou:

— Isso fica entre nós! Diversas mães foram queixar-se ao Padre Vigário que Marx só ensina e só se interessa pela Nancy. Não dá a mínima importância às demais crianças! Vou retirá-lo daqui e você. Griggs, irá substituí-lo!

John ficou surpreso com a notícia e mais ainda por ver confirmada a suspeita, já enunciada por outros seminaristas, que o Catequista Chefe não suportava a idéia de ser suplantado por qualquer de seus auxiliares.

Capítulo VII

A noite no cassino

— Seu João Grande, o baio está firme nas quatro patas. Tão cedo não incomoda. O trabalho do terreiro foi perfeito. Se precisar de algo mais, diga!

Griggs olhou com simpatia para Adão da porta do Hotel Estrela em Piratini.

— Estou precisando' de um companheiro para alguns tragos, sargento! Você chegou na hora!

Na mesa do bar John contou que aguardaria na Capital, ordens do Ministro Almeida. E entre um gole e outro o assunto caiu em José Silva e a tentativa dele de matar o jogador uruguaio na hospedaria.

— Para mim, dizia Adão, a prosperidade daquele malandro não provém de sorte no jogo, mas de assalto. Se a notícia do latrocínio ainda não chegou aqui, não vai demorar!

— Bem. e seu amigo caçapavano?

— Antero? Um desastre! Disse que esqueceu o dinheiro em casa. Paguei nossas despesas de Pelotas até aqui.

— Ele não divertia você? Quando a gente se diverte, paga. Você já assistiu circo de graça?

O sargento riu da piada do Mestre.

Sozinho no quarto do hotel Griggs dispôs-se a escrever à família. "Que bom seria se houvesse", pensou, "sociedade, ou cooperativa internacional de correios encarregada de distribuir a correspondência de um país para outro, sem necessidade de se contratar estafetas, ou os préstimos de funcionários do governo para enviar uma carta". Deitou-se e dormiu. Ao clarear do dia sentou-se e escreveu quatro folhas de papel com notícias e considerações diversas. Endereçou a carta à Anne. agora Mrs. McKinley, Main Street. Rosedale, Mississippi. Estados Unidos da América. Era a segunda vez que escrevia do Rio Grande. A mana filtraria as notícias e prepararia o espírito do pai e da mãe para recebê-las. Que pensaria neste momento Big Pat dos episódios que envolveram o filho. Vigário de Los Angeles, Mi.? Mary, com certeza, compreendera e perdoara-lhe a fraqueza, mas aquele velho irlandês, tão querido, quão teimoso e cabeçudo, concordaria com a mãe? E Jimmy, onde andaria? Provavelmente ainda faiscando ouro e prata no Utah e no Colorado.

Do café da manhã, seguiu João Grande para a portaria do Palácio, onde entregou o grosso sobrescrito. No caminho, porém encontrou Adão.

— Puxa Mestre, o senhor poderia ter dito que precisava de torneiros mecânicos. O Coronel mandou-me procurar e contratar dez deles!

— E se você já os tivesse achado, quem os contrataria?

A passos rápidos, evidentemente preocupado, vinha o Major Rezende, que vendo os dois conhecidos, aproximou-se.

— Foi bom encontrá-lo aqui. Senhor Griggs. Fui chamado ao Palácio do Governo pelo Ministro da Guerra, Coronel Mattos. Consta que vou receber instruções para acompanhar o senhor a Pelotas. Que está acontecendo por lá? Quais os fatos?

— Que eu saiba, dois! Vender peles salgadas e comprar ferragens para as escunas.

— Escunas?

— Barcos!

— Ainda bem. Pensei se tratasse de política pura e fiquei preocupado. Já me avisaram que amanhã de manhã estará uma viatura do Ministério da Guerra à nossa disposição.

— E o meu cavalo?

— O Exército cuidará dele. Preciso ir. Até logo!

Ao amanhecer do dia seguinte o soldado condutor trouxe o carro com o major para a porta do hotel, onde João Grande o esperava. Defronte ao Palácio do Governo dobraram à direita e seguiram peio vale do Arroio Piratini, que desemboca no canal, ou Rio São Gonçalo, nas imediações de Pelotas.

Griggs tinha diversas perguntas a fazer sobre causas da chamada Guerra dos Farrapos e o major Rezende devia saber das coisas. Desde os primeiros contatos com as autoridades republicanas vislumbrara alguns motivos da revolta mas na época não se interessara, talvez porque não entendesse muito bem o que lhe diziam.

— Poderia me dizer, major, resumidamente algumas razões que levaram o Rio Grande a sublevar-se contra o poder central, da Regência, do Rio de Janeiro, enfim, não sei como me expressar!

— Deixe que antes lhe faça uma pergunta. O senhor fez algum curso superior, senhor Griggs?

— Sim, fiz, de filosofia em Memphis no Tennessee!

— Filosofia? Ótimo! Quem dera pudesse eu freqüentar um curso desses! Sabe Deus quando teremos uma faculdade de filosofia no Rio Grande! Bem, os motivos que levaram o povo e a guarnição da Província à revolta, ou contra as [untas Governativas do Rio, que com o nome de Regência, guiavam nossos destinos, nada tem de transcendentais. São simples. Mandavam da Capital para cá homens da “copa e da cozinha” deles, assim como Roma mandava procônsules para a Gália e Lusitânia. A exploração econômica e as injustiças desses prepostos iam se acumulando e chegaram a um ponto insuportável. Começou então a guerra! Antigamente o Governo Português tratava os brasileiros, como seus ancestrais ti-

nham sido tratados pelos romanos, por isso o Brasil proclamou a independência em 1822. Mas nosso território chamado Continente de São Pedro do Rio Grande não chegou a notar diferença na administração pública. Nossos governantes ineptos não vinham mais de Portugal, mas do Rio de Janeiro, completamente despreparados para o cargo. Preocupavam-se alguns apenas em desfrutar as mordomias, outros em aumentar a arrecadação de impostos, para agradar os poderosos, que os haviam nomeado. Não se faziam melhoramentos. Nem moeda existia por aqui. Se o senhor for comigo a um cartório agora e compulsar o livro de escrituras de compra e venda de terras verá que os pagamentos foram feitos em pesos bolivianos de prata, em moedas de ouro do Chile, em pesos argentinos e uruguaios, mais alguns mil réis e tantas cabeças de gado vacum, ou ovino].

— É incrível!

— Mas dura realidade! Além do mais, tudo o que se vendia para a Corte, ao norte, era barato. Couro, lã, charque eram entregues a preços inferiores aos vigentes em Buenos Aires e Montevideu.

— Então foram motivos econômicos? Perguntou João Grande.

— Econômicos e políticos. Os Decretos do Regente Padre Diogo Feijó...

— Padre metido nisso?

— Padre e com fortes tendências para ditador. Descontentou outras Províncias que estão prontas para rebelar-se também. Griggs ficou triste. Disse:

— Lamento a subdivisão do Brasil em pequenas repúblicas inexpressivas, assumindo atitudes definitivas contra um mau governo transitório!

Aí foi o major quem se exaltou:

— Não, não! Calma! Não queremos republiquetas independentes. Queremos Estados Federados, administrações regionais, com uma constituição central, uma moeda, um exército, uma Lei que mantenha a unidade do país e nos represente no concerto das nações!

— Então os riograndenses se consideram brasileiros?

— Naturalmente que somos e morreremos brasileiros. Nossa luta é contra as autoridades mantidas aqui pelas tropas, que nós cha-

mamos de imperiais e que por sua vez nos qualificam de esfarrapados, ou farrapos. Fazemos de nossa pobreza nossa glória. Somos farropilhas! Venceremos os imperiais, nem que seja pelo cansaço!

— Diga, major, nossa gente tem ligação com...

— Ora, ora! Gostei de ouvir "nossa gente"! O senhor está ficando riograndense?"

— E farropilha!

— Se não estivéssemos sentados lado a lado, certamente me levantaria para dar-lhe um abraço, senhor Griggs. Sua solidariedade me comove!

Recomposto, Rezende prosseguiu:

— Particularmente posso dizer-lhe que mantemos correspondência ativa com grupos de outras províncias, São Paulo, Minas, Bahia que esperam nosso auxílio. Mas nós estamos encurralados nos fundos desta lagoa, sem saída para o mar. Não temos no momento condições de ajudar nossos amigos a formar uma República Federativa.

Assumiu o major um ar solene para dizer:

— Tenha certeza, senhor John Griggs, que o Governo da República Riograndense deposita as melhores esperanças em seu trabalho de construção da frota, para sairmos deste fundo de saco e alcançarmos o Oceano!

"Como está longe o dia" pensava João Grande, "em que o primeiro barco irá flutuar no Camaquã! Que pensar de uma frota?"

— Ontem à noite o Ministro da Guerra, Coronel Mariano de Mattos, recomendou-me encarecidamente não medisse esforços, nem despesas para que o senhor chegue a bom termo!

A carruagem sacudia bastante os dois homens. A estrada pela meia encosta do vale do arroio Piratini era ruim, mas como os cavalos eram melhores e a viatura mais leve, viajavam mais depressa que a diligência. Chegaram a Pelotas antes do escurecer. Ao passarem pelo subúrbio de Fragata ouviram o espocar de foguetes no centro da cidade.

— Como sabem os comerciantes que viemos fazer compras? Perguntou João Grande?

O major continuou no mesmo tom de brincadeira:

— São muito vivos! Farejam as coisas de longe!

Mas a explicação do regozijo ocorreu logo, gritada aos quatro ventos:

— Chegou o General Bento Gonçalves! Chegou nosso comandante! Vivaaa!

De fato, ao brilharem as primeiras estrelas no céu, terminava vasta concentração popular na Praça da Matriz. Pelotas viera ver e saudar o Presidente da República Riograndense.

Hospedaram-se os dois amigos num hotel da rua Sete de Setembro. Depois do jantar, em uma volta na praça, Rezende apresentou Griggs aos conhecidos. Ficaram sabendo então das novidades. Bento Gonçalves, há dois meses fugido da Fortaleza da Bahia, chegara de madrugada à cidade. No coreto da Praça recebeu as boas vindas e foi saudado pelas autoridades locais.

— E o discurso do General? Perguntou o major?

— Com o otimismo e a simpatia de sempre! Apressou-se a responder um conhecido advogado, acrescentando, um sucesso! Um monumento! Bento contou um episódio comovedor, ocorrido há poucos dias. (*)

(*) Trecho literalmente transcrito do discurso do Senador Alfred Simch (R.G.S.) pronunciado no Senado Federal em 20 de setembro de 1951

“Conseguindo a evasão do presídio onde estava recolhido, o Forte Marítimo de São Marcelo, na província da Bahia, chegou à Laguna e daí por terra, entrou no torrão natal. Ao chegar a Viamão, incógnito, cansado e mal montado encontrou agasalho em uma fazenda próxima à ilha, onde morava só a proprietária, senhora já idosa, não lhe importando o desconhecimento desse viajor, confirmando as tradições de hospitalidade. Pede-lhe, seguindo o costume gaúcho, um cavalo por empréstimo, para continuar sua viagem. Com a franqueza característica da terra, a bondosa agasalhadora deste andante não identificado responde”:

— Meu patrício, fui rica, estou pobre! Dei tudo para a revolução e tenho um só cavalo; está bem amilhado. Mas este animal eu o tenho reservado para uma só pessoa; é para dar, à sua volta aos pagos, ao grande gaúcho Bento Gonçalves; só ele montará este pingo”!

Neste ponto embargou-se a voz do advogado. Todos, inclusive João Grande, continuaram em silêncio. Por fim Rezende insistiu:

— E nesta altura o General... ?

— "Quebrou o incógnito e, cavalgando o ginete, atirou-se de rédea frouxa rumo à querência, a seus guerreiros farrapos”.

— O senhor sabe onde se encontra Sua Excelência, o Presidente?

— Dizem, que se hospedou na casa do cunhado, Dr. Ferreira e que segue amanhã cedo para Piratini. Não sei se isso é verdade.

No dia seguinte Griggs foi procurar os carpinteiros e carreteiros.

— Onde estão os soldados?

— Estão no quartel. Arrancharam por lá! O senhor não trouxe o sargento?

— Adão deve chegar a qualquer momento de Piratini.

Mais tarde em casa do Dr. Ferreira D. Maria Manoela estava contentíssima.

— Foi pena, seu João, o senhor não ter vindo ontem para conhecer o Bento. Ele está bem, nem parece ter estado na cadeia tanto tempo...

A dona da casa mal podia respirar, queria contar tudo de uma vez só.

— O mano seguiu para a Capital. Amanhã assume a Presidência da República. Vai haver festa. Bem que eu gostaria de estar lá. Mas Francisco tem clientes passando mal. Não pode abandoná-los!

Cessada a agitação, explicou Griggs, viera com um major, encarregado pelo Governo de fazer as compras.

— Convide-o em meu nome para jantar conosco hoje! Sugeriu o médico. E o senhor, seu João, vai continuar hospedado aqui!

Depois da janta Rezende, Griggs e o dono da casa examinaram as listas, os preços e discutiram as possibilidades de compra até tarde da noite.

A semelhança de D. Maria Manoela com a irmã, reavivava em João Grande a lembrança de Da. Ana e dos filhos, principalmente de Maria. Sentia saudade imensa da moça. Quisera tê-la perto, quanto mais não fosse, para olhá-la. Sentia um vazio no peito, semelhante ao advindo pela perda de Lucila, em Los Angeles. Infelizmente estava amando de novo. Lá vinha mais sofrimento! "Porque, meu Deus?" Perguntava.

Normalmente, quando John andava por perto, Maria ocupava uma das três janelas laterais da casa com vista para o estaleiro e para o rio Camaquã. Era fácil e gostoso para ela identificar de longe o rapaz pela estatura e pelo andar. Quando ele viajou, ela trocou de janela, foi para a frente do prédio, donde se enxergava a estrada real.

Provavelmente ele atravessaria o rio na barca particular da Fazenda e não no Passo do Mendonça. Mas a moça se distraía olhando os cavaleiros, que passavam a trote, levantando poeira no caminho. Enquanto estavam longe, cada um deles poderia ser o bem amado. Quando se aproximavam ela punha logo defeito.

— Este é baixinho... O cavalo daquele é muito feio... Esse não monta com a elegância do João... Se fosse ele, este teria me visto, riscaria de espora a barriga do pingo e viria à disparada ao meu encontro!

Arrepiou-se toda, como galinha depenada. Alisou os braços e continuou:

— João passaria o braço na minha cintura. Dava-me um beijo e me levaria na garupa do cavalo lá para a terra dele. Aí me apresentaria aos parentes e diria, "esta é a mulher que eu amo, por isso casei-me com ela! Maria é brasileira, gaúcha e riograndense!".

Espantadas, as pessoas perguntariam:

— Tudo isso?

Nós riríamos da ignorância deles e diríamos que tudo isso é a mesma coisa.

Sentia então algo gostoso por dentro como se tudo fosse verdade e ela estivesse casada com João Grande. De manhã Maria ficava nas janelas da fachada porque de tarde dava sol e talvez ele não gostasse dela queimada. Duvidava às vezes sobre o gosto dele, pois Isabel, morena, não, mulata clara insinuava coisas... lá ouvira a rapariga dizer às companheiras na cozinha:

— Não adianta ficarem se mostrando... seu João Grande gosta de uma só! E já escolheu a dele!

— Como é que você sabe? Indagavam as outras.

Isabel ria e não falava mais nada. "Ou a mulata inventa", pensava Maria, "ou, não sei como, descobriu que ele gosta de mim! Não acredito que tenha intimidades com uma criada!".

A filha de Da. Ana tinha consciência que impressionava Griggs. Notara que em certos momentos perto dela a voz dele se alterava. Tremiam-lhe as mãos. Rubores repentinos invadiam-lhe o rosto de pele fina. No entanto, nas oportunidades penosamente arranjadas de ficarem sós por alguns instantes, o rapaz se fechava sempre num mutismo atroz. Não lhe dirigia um olhar, não fazia um gesto, não dizia palavra que insinuasse amor, carinho, afeto. Algo fechava-lhe a boca. Não era timidez. Seria casado? Ele dizia que era católico e solteiro!

Nas horas de maior aflição refugiava-se a moça no oratório do quarto da mãe e rezava. Primeiro invocou Sto. Antônio Depois, convencida que o santo não tinha poderes suficientes para resolver grandes problemas, agarrou-se com São José, decidida a insistir com o Santo Carpinteiro. Mesmo tendo os ouvidos acostumados com a bateção de martelo, ele terminaria por atendê-la, quanto menos, para se ver livre de suas súplicas incessantes.

A irmã e a prima mexiam com ela a propósito das longas preces:

— Você nunca foi de muita reza! Que está acontecendo? Ela se justificava:

— Tenho vontade de falar com os santos, ué! É proibido?

Entretanto João Grande voltava a percorrer o comércio de Pelotas, desta vez com o Major Rezende. Casas houve, e muitas, que não quiseram sustentar o preço dado.

— É engano do moço, diziam. Não poderíamos vender a mercadoria abaixo do que ela nos custa!

Griggs sentia ganas de agredir o mentiroso. Rezende, porém, com jeito contornava o problema e aos poucos as carretas se enchiam de ferragens.

Com a notícia da posse de Bento Gonçalves na Presidência da República, Pelotas passou a viver em clima de festa. Renovaram-se as esperanças de dias melhores. E de repente apareceu o sargento Adão com dois companheiros.

— São dois torneiros mecânicos, Mestre! Está vendo?

— Claro! Parabéns! Mas para dez artífices, faltam oito!

— Este é Felipe Costa, de Santa Maria da Boca do Monte. O outro é uruguaio, chama-se Ambrósio. Ótimos profissionais! Verdad, hombre?

O castelhano não tugiou, nem mugiu. Mas Adão estava excitadíssimo para notar o silêncio do artífice. O bolo de notas dos soldos atrasados recebidos em Piratini, faziam-lhe cócegas no bolso e ele sentia necessidade urgente de se desfazer ao menos de parte do dinheiro ganho em alguma casa de diversões bem freqüentada. Queria convidar João Grande a acompanhá-lo.

— Vamos aos “Caçadores”, seu João? Hoje à noite? É uma casa decente!

— Aceito, mas você não vai pagar a despesa!

— Estou com bastante dinheiro, mas o senhor é quem manda!

Griggs depois do jantar preveniu que teria uma longa palestra com o sargento Adão e que talvez não dormisse em casa. D. Maria Manoela esteve nas duas e nas três para dizer que o hóspede poderia trazer o sargento e conversar o tempo que quisesse ali mesmo. Olhou, felizmente, a tempo para o marido que fez levíssimo movimento com os olhos e a senhora se conteve.

Na hora aprazada João Grande encontrou o amigo sob a figueira da Praça da Matriz. E logo a coruja piou.

— Mau agouro, disse, o sargento!

— Bobagem! Contestou o Mestre.

Adão à paisana estava muito elegante com um chapéu de feltro cinza quebrado na frente e para baixo, fatiota de casimira da mesma cor, camisa branca engomada e gravata azul. Era um cavalheiro barbeado e cheiroso. Não se podia dizer que Griggs estivesse mal vestido, mas sem o apuro do companheiro.

— Vai de borduna, seu João?

— Claro. Você vai desarmado?

— Não. Levo uma pistola.

— Você acha que uma arma tão pequena serve para defender nós dois?

Tomaram um tálburi estacionado por ali. Depois de extensa volta pararam em frente "Aos Caçadores", prédio abundantemente iluminado com lanternas de acetileno. João Grande achou a casa semelhante a outras que conhecera em Nova Orleans com jogo, restaurante e mulheres. O "maitre" levou solícito os dois a um amplo salão, onde vinte homens e três moças, evidentemente da casa, bebiam. Adão pediu, conhaque, Griggs whisky e depois água porque a bebida era intragável. Beberam duas doses e passaram à sala de jogos. Roleta. Chemin-de-fer. E o infalível Sete Baiano. João apostou três vezes na roleta e perdeu. Parou de jogar para ver Adão que se fixara no Sete. Ora o sargento ganhava e sorria satisfeito, ora perdia e amarrava a cara. Ao tilintar a campainha em outra sala, John desviou-se da moça baixinha e gorda, que vinha sorridente a seu encontro e foi ver o que estava acontecendo. Era a sessão artística da meia-noite. Adão não quis deixar o jogo.

Sentou-se o Mestre junto à parede para não impedir a visão de outros de menor estatura. O primeiro artista que se apresentou falava português com sotaque castelhano. Declamou com graça um velho poema espanhol de autor desconhecido. Na ocasião sobre o palco havia sobre a mesa um vistoso tinteiro de prata. O homem tossiu fez uma vênica e começou:

"La Escribania.

Con propósitos severos

En bien de la Religión

Hallábanse en reunión

Distinguidos caballeros.

Uno era un contribuyente,
Otro dueño de una tienda,
Otro ex-ministro de la Hacienda
E así. sucesivamente.

Hay que tener la cosa
Con toda severidad,
Porque impone la impiedad
De una manera asombrosa!

Esto dice el más anciano
Que «rã un sastre. (Alfaiate)
Viva el Clero! Vivaa! Responde el casero.
Que vivaa, reponde el Escribano!

Y en cuanto ia gente pia
Se entusiasma y se arrebatã.
Falta un tintero de plata,
que estaba en la escribania."

A sincronização era perfeita. João Grande observou que o tinteiro sumira de cima da mesa. Mas o poema não terminara.

"Senores, dice altanero
Uno de los más piadosos,
Todos son muy religiosos
Pêro acá falta un tintero!

Y como a nâdie convenga decir
Quien el ladrón fué,
Yo la luz apagaré.
Y devolvalo quien lo tenga!

Sopló. Por la sacristia
Se extendió negro capuz...

(Fecharam e abriram rapidamente a cortina)

Y quando volvió la luz?
Faltaba la ESCRIBANIA!".

Choveram aplausos e estouraram risadas. Praticamente toda a assistência entendia espanhol. Houve números de dança, de sapateado, de mágicas e humorismo. Quando todos riam, João Grande geralmente não achava graça. Em outros momentos estando todos sérios ele ria sozinho, com cuidado para não chamar atenção. O que é engraçado para um americano do norte, nem sempre o é para um do sul e vice-versa. Findo o espetáculo, voltou Griggs à sala dos jogos, onde Adão ainda lutava com a sorte.

— Vamos tomar um copo de vinho, rapaz! Descanse um pouco!

O sargento suava, dando a impressão que boa parte do soldo se escoara por aquela banca. Aceitou o convite.

Imediatamente a moça baixinha, que tentara abordar Griggs, veio desta vez sorridente trazendo pela mão uma companheira, atacou os dois:

— Permitam-nos, cavalheiros, acompanhá-los ao bar?

O Mestre, vendo de perto as duas moças, gostou delas e adiantou-se:

— Sim. Temos muita honra em...

Faltou-lhe o verbo. Era uma palavra abstrata. Em inglês saberia dizer. Por isso continuou repetindo:

— Em... em...

— Enfrentar, ajudou Adão piscando para as moças.

— Enfrentar tão agradável companhia!

As jovens eram sem dúvida da casa e não bebiam vinho, mas cálices de certo licor trazidos especialmente para elas pelo garçom, que debitava por cada dose um patacão na conta do acompanhante. Pela quantidade de líquido bebido por elas sem sinal de embriaguez devia ser chá da Índia com, ou sem açúcar. A pequena gorducha foi logo abraçando João Grande.

— Quando te vi, me apaixonei! Tu és o homem da minha vida! Não há outro igual a ti. Não foi o que eu disse Cecy?

— Foi, Pepita!

As sílabas foram pronunciadas claramente para sublinhar o nome da companheira. John entendeu e repetiu:

—, Pepita, já sei! Você quer dizer que sou o sujeito mais alto desta sala!

— Sujeito? Não. Cavalheiro!

Cecy sentou-se ao lado do sargento, que entusiasmado pela força do vinho e excitado pela companhia das moças, as mais bonitas das que por ali andavam, falou o tempo todo. De repente Adão in-

terrompeu a arenga e olhou espantado para alguém que passava por trás da cadeira de Griggs. Esfregou os olhos e tomou um largo trago.

— Que foi? Perguntou João Grande.

— Nada! Acho que vi uma assombração! Só pode ser assombração!

Voltou o militar a discorrer sobre fatos antigos e recentes de sua tumultuada carreira no Exército da República. Pepita não tinha bom hálito e Griggs evitava respirar-lhe o bafo. Lá pelas tantas a mulherzinha resolveu esclarecer a situação interpelando Griggs.

— Tu jogas, querido?

— Às vezes jogo, meu bem!

— Tu vais jogar, ou vais dormir comigo esta noite?

— Receio ter que ir embora daqui a pouco, Pepita, pois sou como o bode!

— Que tem a ver o bode contigo?

— Pois é um caso muito importante, disse com ênfase o Mestre. Estou admirado que você, moça instruída, não o conheça!

— Pois então conta, seu Jerivá!

Capítulo VIII

Seminário Maior

Griggs nas novas responsabilidades de catequista-chefe da Capela do Rosário, com quatro auxiliares, sendo que dois deles eram mais velhos e um mais adiantado que ele, tratou de adquirir livros. Queria saber como melhor se ensina religião às crianças. Por mais esforços que fizesse, sentia que suas aulas não se igualavam às de Boulanger, nem às de Marx. Tentou certo dia divertir os ouvintes com uma viagem imaginária ao Céu. Não falou em rezas, nem outras chatices, apenas aventuras. Subia nas montanhas do Céu para apreciar panoramas incríveis. Nadava nas águas mornas dos lagos divinos e escurregava de canoa pelas corredeiras dos rios do Paraíso. Divertia-se a valer, sem suspeitar que o gosto dele não

era o mesmo dos seus minúsculos discípulos. Em determinado momento desconfiou que a criançada não estava se interessando pela narrativa e perguntou!

— Mike, você iria passear no Céu?

— Eu não! Tenho medo de andar de caíque!

Parece que os meninos não acreditaram na afirmação categórica de Griggs, que nessa viagem ao Paraíso ninguém se machucaria, nem correria perigo, mesmo que "caísse de ponta cabeça dentro de um poço!".

— Kate, prosseguiu, você é ajuizada, viajaria ao Céu?

— Se a mamãe der licença eu vou com o senhor até lá! Tem doce?

— Eu não quero ir, informou Beth! Meu irmãozinho foi para o Céu, mas teve que morrer antes de ir! Isso dói muito!

John concluiu que a aula tinha sido um fracasso. Outra surpresa o aguardava na premiação de fim de ano. Daria os melhores presentes a quem? Aos assíduos, aos aplicados? Faria um sorteio! Entre os prêmios que Boulanger lhe entregou para distribuir às crianças, o melhor era a medalha folheada a ouro com pequeno diamante engastado, aparentando estrela. Dois minutos de afastamento do catequista foram suficientes para a jóia desaparecer de cima do altar. Griggs ficou confuso. Aí se lembrou de Sto. Antônio, tido e havido como perito em encontrar coisas perdidas. Rezou ao Santo, pedindo urgência. Veio logo a inspiração: "Desvaloriza o objeto!".

— Meus amigos, começou, quem achou a medalha amarela com um caquinho incrustado? Quem foi? Quem foi?

A mãe de um dos garotos mais traquinas do grupo, uma senhora gorda e morena, encarou o catequista. John olhou firme para ela. A mulher meteu a mão no bolso do avental, retirando a medalha e perguntou:

— Será esta? Estava rolando no tapete! Era.

Griggs então mostrou outros presentes às crianças, elogiando-os para valorizá-los. Depois, examinando detidamente a medalha "descobriu" que era mesmo de ouro e a pedra, legítima.

Não foi só Griggs que reconheceu suas limitações no ensino de religião às crianças. No ano seguinte Padre Saint'Inny, certamente

informado por Boulanger, encerrou-lhe as atividades na Capela do Rosário.

Vieram as férias. Os seminaristas iam para casa. John não esperou por ninguém. Pegou a mala e seguiu para o cais de Memphis. Ali perguntou ao despachante:

— Qual o primeiro barco a descer o rio?

— O "Cygnus", novo em folha!

O seminarista entendeu Signus, mas não contestou. A palavra latina correta seria "Signem", sinal. Mas ele não era o armador, não tinha nada com isto. Esperou o navio lendo, sentado. Quando ouviu as exclamações dos que o cercavam, ergueu os olhos. Era o barco, branco, três mastros a todo o pano. Noventa toneladas deslizando silenciosamente sobre as águas do Mississipi. Maravilha! Na proa em letras douradas o nome "Cygnus", cisne! Já ouvira falar no "flipper", mas não o imaginara tão lindo. Se o vento não mudasse, em quinze, ou vinte horas estaria em Rosedale!

Quem viajaria de agora em diante num barco pequeno, a vapor, que subia a correnteza resfolegando soltando fumaça e cuspidando faíscas? John começava a entender de navios. Há cinco anos nas férias trabalhava nos Estaleiros McKinley.

Big Pat comprara da Inglaterra uma máquina a vapor para serrar troncos e agora vendia tábua. O pai precisava apenas de um foguista e de um auxiliar. Jimmy não aceitou nenhum dos dois empregos. Liberado, o rapaz conseguiu trabalho 'tia maior indústria da cidade, o Estaleiro, com excelente salário.

Nas primeiras férias depois da instalação da máquina John acompanhou o pai à serraria, onde se sentiu inútil. Os fregueses preferiram ser atendidos por Pat.

Jimmy ouvindo as queixas do irmão, nada falou, mas alguns dias depois avisou o irmão:

— Wright, o contra-mestre do estaleiro, quer falar contigo, Johny!

— Ele tem alguma dúvida na fé?

— Isso não sei. Parece que ele está precisando de gente para trabalhar e tu ficas por aí sem fazer nada/ E o que é pior, sem ganhar dinheiro!

John foi, gostou e engajou-se na construção de navios nessas e nas férias subseqüentes. Lá fez boa camaradagem com o pessoal e como era inteligente e com certa aptidão para o ofício, operou em diversas seções.

Alguns meses antes de ordenar-se padre, Mary perguntou:

— Johny, você seria capaz de fazer um navio?

— Se me derem uma planta, creio que faria um barco bem grande para trazer o Papa para a América!

A bordo do "Cygnus" tomaram-lhe a mala e deram-lhe um cartãozinho numerado com dizeres "Bagagem gratuita até Rosedale." Sentou-se no salão e continuou a leitura. "A Revolução Francesa não foi uma competição entre monarquistas e republicanos, nem entre ateísmo e religião, nem entre pobreza e propriedade". O resto ele não compreendeu porque ora um joelho, ora um cotovelo tocavam em seu corpo. Um arrepio gostoso aflorava-lhe a pele e o livro tremia... Os toques eram da moça nova e bonita, que embarcava em Memphis com um senhor de mais de sessenta anos, gordo, calvo, muito bem vestido e com três anéis de ouro nos dedos grossos e curtos. "Exibicionista", concluiu John. "e velho namora para ser notado!".

— Com licença, disse a moça!

Griggs fechou o livro e ficou aguardando.

— Pode me dizer porque usa essa cruzinha de prata na gola do casaco?

— Porque sou seminarista. Vou ser padre!

— Ainda não é? Que pena!

John não entendeu a razão da pena. Seria piada? Ou porque ele ainda deveria estudar, coisa de que talvez ela não gostasse? Continuaría o diálogo? A mulher o excitara. Precisava justificar-se. Jesus Cristo não conversara com a samaritana pecadora na beira do poço? Havia mal nisso?

— Porque é pena, senhora?

A moça fez careta. Forçou um olhar apaixonado e respondeu descendente:

— Depois eu conto!

O cavalheiro, porém, não gostou de ouvir a conversa e disse em voz baixa, mas no rosto da companheira:

— Quando você precisar de mulher, ó rapaz, vá ao bairro Soho em Memphis e apanhe lá uma qualquer. Compreendeu?

O seminarista fez que sim com a cabeça ao velho que falava mal o inglês e tratou de ler. Não demorou vagarem dois banquinhos na mesa do centro e para lá correu o casal. A moça foi obrigada a sentar-se de costas para John, mas sempre que podia virava-se para trás.

Afinal Griggs encontrou o trecho procurado. "A Espanha possuía territórios a oeste do Mississipi com o porto de Nova Orleans perto da foz. Napoleão forçou o governo da Espanha a devolver à França a região chamada Louisiana. Como sabia que iria perdê-la para a velha inimiga Inglaterra, vendeu-a aos Estados Unidos por quinze milhões de dólares. Foi assim que no governo de Jefferson o território dos Estados Unidos obteve um acréscimo de meio milhão de milhas quadradas." (*) Constatou o estudante que nada havia de novo ali. Esquecera apenas o preço da transação, quinze milhões de dólares. Mas isso não era importante. Quando a luminosidade diminuiu, dificultando a leitura, subiu para o tombadilho. Ficaria livre dos olhares insistentes da moça. Diminuíra o vento, mas "Cygnus" estava fazendo mais de dez nós, água abaixo.

(*) Transcrição da "Sinopse da História dos Estados Unidos", editado pelo S. I. da Secretaria de Estado, Washington, D.C.

Ele gostaria de ter colaborado na construção deste navio. Pensava às vezes de juntar duas vocações, padre e construtor naval! Faria uma frota para os Estados Pontifícios. É o Papa ia querer concorrer com as grandes companhias navais? Era preciso primeiro convencer Sua Santidade. Ainda iria tratar disso.

Surgiam as primeiras estrelas no céu. Sentiu então saudade e pena da mãe e da irmã. Sobre elas recaíam as restrições nos gastos que Big Pat fazia para mantê-lo no Seminário. Anne era mocinha. Gostava de se enfeitar. Mas, como? Se o pai gastava o dinheiro que obtinha, pagando os estudos dele? A mãe devia também economizar na cozinha... Bem, felizmente o tempo pior já havia passado. A serraria rendia mais que a oficina. Pat não bebia tanto e mudara de humor, para melhor, graças a Deus!

A imagem da rapariga do salão, companhia do velho, o estava perseguindo. Ela possuía um visgo qualquer suficiente para prendê-lo, se não reagisse. No tombadilho o vento se tornava cada vez mais forte e ameaçou levar-lhe o chapéu. Quando John foi segurá-lo, sentiu algo macio acariciar-lhe a nuca. Virou-se. Era a moça.

— Meu nome é Margot, sussurrou ela, Margot Hunter! Vai esquecer?

O seminarista sentiu no rosto o bafo quente da mulher e sentiu ganas de abraçá-la, apertar, beijar, morder.... mas recuou a tempo.

— Está com medo de mim, ou do caquético? Ele já está dormindo!

— Não estou com medo. Quero só avisá-la que não gosto de intimidades não solicitadas. Com licença!

Voltou para o salão. Ao dobrar à esquerda viu um cavalheiro sorridente oferecer o braço à Margot naquela noite linda. Sentiu raiva. No interior do navio Griggs dirigiu-se ao bar e pediu cerveja e sanduíche. Com a cabeça sobre a mesa dormia e roncava o velho, o "caquético" da moça.

— Há possibilidade de se conseguir um beliche, onde esticar os ossos? Perguntou John ao caixeiro do bar.

— Na cidade de Helena, aqui perto, sempre desembarca muita gente. Veja aquele senhor!

Notou então o seminarista que o homem começava a calçar as botinas e indagou:

— Vai ficar em Helena?

— Moro nesta cidade. Se quiser ocupar o beliche, não faça cerimônia!

Griggs deitou e dormiu. Às oito horas chegou a Rosedale. Não viu, ao sair, nem Margot, nem o velho dela, tampouco havia alguém a esperá-lo no porto. Os horários do "Cygnus" eram diferentes. Ao entrar em casa pelos fundos Mary foi a primeira a vê-lo. Abraçou-o com efusão.

— Meu filho!

Achou a mãe e o pai envelhecidos. Mary mais do que Big Pat. Libby, mocinha das vizinhanças, fora contratada para ajudar a dona nas fainas caseiras. Pat recebeu o filho com satisfação e orgulho. Brilhavam-lhe os olhos por baixo das sobranceiras espessas e grisalhas. Seu Johny, o traquinas, era um homem, quase padre.

Anne pulou ao pescoço do irmão e beijou-lhe o rosto.

— Gostaria de estar sempre perto de ti, Johny! Reparou ele que a mana era agora moça feita, muito bonita, com traços do pai e da mãe escolhidos com rara felicidade. Jimmy foi logo avisando o irmão:

— O Wright, do estaleiro, a toda hora pergunta por você. Diz que está precisando de mais gente para trabalhar.

— E de você mesmo, Jimmy, que me conta?

Quando não havia ninguém por perto James contou:

— Estou com muita vontade de garimpar nos Montes Rochosos. Falei com o pai. Ele acha que devo esperar tua ordenação. Sei que ele protela a licença porque me acha jovem demais. Não é por causa das finanças. Agora o velho está bem. Não precisa, nem aceita minha ajuda nas despesas, da casa. Quando você será padre?

— Levo mais dois anos para me ordenar sacerdote. Queres que fale com papai para ele te deixar partir?

— Nada disso! Big Pat inventa outra razão, que eu espere, por exemplo o casamento de Anne. Eu, se quisesse mesmo, teria saído com Jim, Bill e Pat Phihey que foram faiscar no Colorado. Não quero contrariar o pai. Quero a bênção dele para ter sorte.

"O casamento de Anne". De repente John se deu conta que a irmã era casadoura. Não gostou. O lugar dela é ao lado da mãe! Encontrando Mary sozinha perguntou:

— Anne anda com idéias de casamento?

— Acho que sim, meu filho! Pensa em Tom McKinley. Ele costuma aparecer aqui aos domingos das quatro às seis horas da tarde. Foi o horário que teu pai estabeleceu para se conhecerem melhor.

O seminarista percebeu donde poderia provir o interesse do contra-mestre em revê-lo no estaleiro. Devia ser comentadíssimo o

namoro de Anne com o herdeiro de Joseph McKinley, dono do maior estabelecimento fabril da região.

— Anne vai se tornar pessoa importante, por isso não ajuda mais a senhora nos trabalhos de casa. Verdade?

— Não é bem assim, Johny! Ela borda e costura muitas horas por dia. Prepara o enxoval. Teu pai paga Libby, filha do Bender, para me ajudar. Estou ficando velha, notaste?

Na segunda-feira Wright sorridente recebeu John no estaleiro:

— Bem-vindo, Johny, tenho vaga na seção de calafates, onde você ainda não trabalhou. Thinnes, bom companheiro, vai te ensinar o ofício. Quer tentar?

— Aceito!

— Olhe, o salário é melhor que nos anos anteriores.

— Porque?

A interrogação saiu-lhe um pouco áspera. Se houvesse a menor alusão ao enlace das famílias Griggs e McKinley, ou qualquer ordem para remunerá-lo melhor, estariam feridos seus pandonores e ele não aceitaria o emprego. Quem pareceu nada perceber foi o contra-mestre, respondendo com tranqüilidade:

— Porque? Porque todo o mundo está ganhando mais agora do que antes. As coisas encareceram, inclusive os barcos!

Meia-hora depois o rapaz estava debaixo do casco de um navio, calafetando. Entre lições teóricas e práticas, ouviu comentários deste teor:

— Dize, Johny, aqui para nós, já marcaram o dia em que vão te capar? É verdade que os padres católicos são castrados no Seminário? Tu vais deixar que te castrem? Como deve doer, hein? Tens coragem?

As férias decorreram sem novidades. John conheceu de perto e gostou muito do futuro cunhado Tom. Para voltar ao Seminário, desta vez, reservou camarote no "Cygnus". Entre os passageiros vindos de Nova Orleans, havia diversas colegas de Margot, mas nenhuma tão bonita, nem tão atrevida, quanto ela. Foi o que John achou depois de observar disfarçada e cuidadosamente cada uma das moças.

Ao chegar ao Seminário soube logo que não voltaria à Capela do Rosário. Padre Saint'Inny avisou:

— Suas potencialidades catequéticas serão aproveitadas em outro setor!

"Será mesmo", perguntava-se Griggs, "que tenho potencialidades, ou qualidades catequéticas insuspeitas? Que significa isto?"

Conversando com um colega mais idoso e experimentado, ouviu a resposta:

— Lembre-se que Saint'Inny é latino, ou ladino, Por isso, quando lhe convém fala, fala... e não diz nada!

— Os latinos têm esse privilégio?

— Não é privilégio, é hábito deles!

Na véspera do Retiro Espiritual, de quatro dias, no Seminário Maior surgiu no local dos avisos, "o pelourinho", a lista dos cargos e encargos para o novo ano;

"Bedel, Kollet.

Redação da Revista "O Seminário", J. Backes.

Mestre Capela, Warmeling.

Catequista Chefe, Boulanger.

Questura (Cooperativa), Petró."

Momentos depois de ter lido a notícia John foi chamado ao gabinete do Padre Sub-regente, Saint'Inny, onde já encontrou Boulanger.

— Senhor Griggs, o senhor agora vai ter este ano grandes responsabilidades!

"Parece que ele foi encarregado por Deus de me investir no cargo de Governador do Tennessee, ou no de Presidente dos Estados Unidos!" Pensou o seminarista e sorrindo prestou atenção ao que lhe dizia o Superior:

— Vamos iniciar a catequese dos operários do Saneamento! Eles vivem em um barracão no fim da terceira travessa de Main Street,

a partir da margem do rio. Deus lhe dará a graça suficiente para se desincumbir da missão!

No local indicado, antiga fábrica desativada de móveis, viviam cerca de duzentos e cinqüenta homens. Griggs encontrou lá o chefe do alojamento, alguns cozinheiros e faxineiros. Os trabalhadores estavam nas ruas abrindo valas e colocando manilhas para escoar o esgoto da cidade de Memphis. Com quinze minutos de conversa soube que a maior parte dos operários era egressa da Penitenciária Estadual, onde alguns haviam cumprido a pena toda e outros ainda em liberdade condicional. Os restantes tinham sido recrutados, com a ajuda discreta da Polícia, entre os desocupados das praças públicas e do cais.

— Bagaço, seu padre, bagaço de gente! Não vão querer ouvi-lo, talvez nem vê-lo! Não perca seu tempo! Avisava o encarregado do alojamento.

A primeira conferência religiosa ficou marcada para o sábado depois do jantar ao redor de um velho forno que servira para derreter e aquecer cola. Na sexta-feira soube John de um acidente. Ruíra uma das valas profundas e dois operários do Saneamento estavam hospitalizados.

Comunicou o fato' a Saint'Inny

— Deixe que irei procurá-los no hospital. No sábado poderá dar notícias deles aos companheiros!

Ao escurecer do dia e hora aprazados o seminarista entrou no barracão e dirigiu-se para o centro dele, onde o encarregado e alguns operários o esperavam. Recomendou-se a Deus, porque a altura era grande e de um pulo colocou-se de pé em cima do forno. Do ponto estratégico bateu palmas e começou forte:

— Meus amigos, acabo de ter boas notícias de Mac e de White, que como sabemos se machucaram trabalhando no começo da semana. Eles estão se recuperando. A comunidade católica se interessou por eles. Dentro de quinze dias estarão de volta a este salão. Esperam a visita dos amigos amanhã, domingo, de duas às quatro horas no Hospital Municipal! Mas. não vim aqui só para dar notícia dos companheiros acidentados. Vim convidá-los para uma, festa extraordinária, que fará vibrar toda a cidade e todo o Estado, a Páscoa dos Operários de Memphis! Vamos nesse dia pedir a Deus perdão de nossos pecados. Ele vai nos perdoar, porque é bom. Deus é Pai.

Griggs falava com o entusiasmo de um político em comício por Deus e Seu Filho Jesus Cristo. Precisavam aqueles homens sentir que religião não é água com açúcar que se dá a crianças, mulheres e velhos.

As aulas de catecismo, chamadas Conferências Religiosas para Homens “se prolongaram por dez semanas, preparando o grupo para a confissão e comunhão da Páscoa dos Operários a realizar-se no Seminário São José.

Na última semana John, preocupado com o êxito da missão, ia diariamente à antiga fábrica. "Se eu fosse bom", pensava ele, "se fosse um homem de Deus mesmo, essa turma toda iria confessar-se e comungar. Infelizmente estou longe disso! Por mais que reze, volta e meia me lembro com saudade da Gretchen e lamento não ter dado trela à Margot no navio. Por onde andará essa garota? Tornarei a vê-la? Chega!”.

Nas vésperas da Páscoa Griggs foi abordado junto ao torno:

— Seu padre, eu assisto sempre suas conferências. Sou devoto católico. Quero confessar-me e comungar, mas não tenho camisa, nem suja, nem limpa para ir à igreja. Este casaco é emprestado e o dono o quer de volta!

O seminarista ficou feliz da vida e respondeu:

— Isso nós resolvemos já!

Pegou o operário pelo braço e o levou a um canto escuro. Normalmente ele usava uma só camisa de algodão, mas naquela manhã vestira duas, porque a temperatura estava baixa. Foi fácil despir a camisa azul, confeccionada por Mary e oferecê-la ao pedinte, dizendo:

— Vá e não o digas a ninguém!

Disse porque imaginou que, se outros soubessem do fato poderiam também querer camisas e ele não as tinha para dar. Depois John riu sozinho. Repetira textualmente as palavras de Cristo a um miraculado, que difundiu a notícia aos quatro ventos.

No sábado, dia das confissões no Seminário, Griggs foi buscar os operários que remanchavam e não se decidiam a sair. Arrebanhou então o seminarista um pequeno grupo deles, que gostava de cantar e iniciou hinos religiosos populares no meio do alojamento. Era

poucos minutos vieram mais homens juntar-se a eles. Quando havia um número razoável de cantores, veio o convite:

— Agora vamos cantar marchando, como os senhores faziam no exército! Coluna por três atrás de mim! Alinhamento e cobertura!

Obedecido sem dificuldade, Griggs partiu para o segundo passo.

— Vamos nos confessar! Hoje limparemos a alma de todos os pecados, para amanhã receber na Comunhão Nosso Senhor Jesus Cristo com dignidade! Iremos marchando e cantando na rua como soldados de Deus até o Seminário, onde os padres confessores estão à nossa espera!

A tropa marchou orgulhosa, empinando o peito, trôpega, de passo errado, mas nem por isso menos entusiasta, entoando o:

"Queremos Deus, que é nosso Re-ei! Queremos Deus, que é nosso Pa-ai!"

Paravam os transeuntes para ver o espetáculo. Julgaram alguns ser o lançamento de novo tipo de procissão. Mas a maioria dos pacatos cidadãos de Memphis, que temerosos, prudentemente evitavam contato com os maltrapilhos da "Turma do Esgoto", ao vê-la marchando com o espigado seminarista John Griggs à frente rumo ao Seminário, espantou-se! Algumas senhoras chegaram a chorar, comovidas. Outros profetizavam:

— Muitos podemos esperar desse jovem clero, que vem por aí!

Capítulo IX

Aventuras

João Grande não se fez de rogado. Simpatizara com Pepita e começou a contar:

— Pois faz muito tempo houve no céu uma festa diferente. O cordeirinho de Santa Inês, o leão de São Marcos, o cavalo de São Jorge e o cachorro de São Roque e mais outros parceiros de Santos importantes andavam nervosos. São Pedro, para distraí-los, organizou uma grande recepção e convidou os bichos da terra. Mas logo no começo, porém, houve uma bagunça por um dos cantos do céu e o Santo Porteiro expulsou logo os mal comportados, o

touro e o bode. Vinham os dois, cabisbaixos, descendo a serra quando o touro mugiu e uma novilha assanhada logo respondeu.

— Ué, touro, você também gosta disso?

— Não se meta, bode safado!

— Não é por nada! Desculpou-se este. (Aqui Griggs deu ênfase) Sou capado há muito anos. Do que eu gosto mesmo é da zoada!

Pepita, Cecy e Adão riram da piada. João Grande continuou, dirigindo-se à Pepita:

— Pois eu sou como o bode, castrado há muitos anos! Agora vamos saber a opinião de nosso companheiro! Adão, ficas aqui ou vais?

Este, de voz pastosa, respondeu:

— Não estou me sentindo bem. Prefiro voltar ao hotel!

— Eu o acompanharei.

Era visível a embriagues do militar. Griggs não iria abandonar o amigo nessa hora. Era preciso agir depressa antes que Adão piorasse.

—Esperem, eu sei uma do bode, exclamou Pepita! É assim "se barba impusesse respeito, bode não teria chifres."

Não era novidade o que dissera, mas para que a moça não desapontasse, João abraçou-a e deu-lhe um beijo na face, dizendo:

— Você é uma graça, meu bem!

Chamou o Mestre diversas vezes o garçom para pagar as despesas e este não via, ou não entendia. Por isso João Grande andou, não mais de dez passos, até à caixa para pedir a conta. Apenas tocara com a mão o balaústre que enfeitava o balcão sentiu no ombro a pancada da mão de alguém que lhe disse baixo:

— Vire-se de frente para morrer, seu turco safado!

A voz era irreconhecível, mas a palavra "turco" não deixava dúvida. A ameaça partia de José Silva, que encontrara uma oportunidade de vingar-se. Griggs ficou imóvel. Sabia que à menor reação o bandido ia atirar. Pistola? Garrucha? Adaga, não! Silva não usaria

faca. A coragem dele era com a vítima amarrada. Restava a John a esperança da arma negar fogo na primeira tentativa, como acontecia com frequência. Sem esperar mais, virou-se ligeiro o Mestre, ficando com as duas mãos agarradas ao balaústre para da; formidável ponta-pé na garrucha do bandido.

Ouviu-se então o rumor de uma pancada seca, de ossos que se partiam e José Silva caía a seus pés! Que acontecera? Que milagre fora esse na hora exata? Esfregou os olhos. Era a sua borduna que agira na mão do sargento, que sorria mostrando os dentes encardidos.

— Os amigos são para estas horas, seu João Grande!

Griggs fez leve movimento com a cabeça, concordando. Depois haveria tempo para agradecer a ajuda. Agora José Silva no chão com a cabeça sangrando. Gemia, não morrera. Teve ganas de passar um pito em Adão e dizer-lhe "deveria ter dado a pancada com as duas mãos e não com a argola da extremidade do porrete". Mas disse:

— Sargento, providencie uma padiola, ele está vivo!

A emoção fizera desaparecer o efeito do álcool. Adão estava lúcido de novo e respondeu:

— Padiola?

— Arranje outra vara e tire o casaco, ensinou Griggs! O garçom trouxe um pau de cortina, indagando:

— Isso serve?

— Serve! Mas, onde fica o hospital? Perguntou o Mestre.

— Dez quadras daqui.

— Então não precisamos de padiola. Sargento, arranje uma carruagem!

João Grande não precisava de ajuda para carregar o ferido, mas lembrado que se o caso fosse à Justiça, o amigo havia prestado socorro à vítima, ordenou:

— Adão, pegue o sujeito pelas pernas!

Tremenda confusão na sala. As mulheres, mesmo as mais curiosas recolheram-se antes de serem acusadas, ou arroladas como testemunhas. Pepita em meio ao rebuliço apanhou a arma de José Silva e levou-a para o quarto.

Sangrando muito o ferido foi de tílbury para o hospital. De vez em quando resmungava:

—r Quem foi? Não foi o turco!

O médico de plantão examinou o bandido e deu poucas esperanças de sobrevivência. Um policial anotou o nome dos três e o local de onde vinham, indagou u

— Há testemunhas?

— Um garçom e o caixa de "Aos Caçadores", disse Griggs.

Ao saírem da Santa Casa, João Grande agradeceu efusivamente ao amigo ter-lhe salvo a vida e concluiu:

— Não compreendo como, você Adão, tonto como estava, atinou em vir em meu auxílio!

— Com franqueza, não sei explicar! De um golpe sumiu a tonteira. E não precisa me agradecer. O senhor teria feito o mesmo por mim!

Griggs acompanhou o sargento à pensão. Havia gente na cozinha e os dois tomaram chimarrão até a hora do café. Pelas sete horas apareceu um rapazote entregando pão e contou a novidade:

— Brigaram esta noite nos "Caçadores". Tiros e pauladas!

— Quem? Perguntou a dona da casa.

— Gente de fora! O ferido foi para a Santa Casa. Dizem que se ele morrer, pouco se perde!

Os dois envolvidos no caso estavam atentos. Pelo jeito, a opinião pública se não sabia, desconfiava da péssima crônica de José Silva.

Adão fardado foi ao quartel e João à casa do Dr. Ferreira, onde o Major Rezende esperava para continuarem a fazer compras.

Griggs contou o ocorrido aos dois amigos e os três foram imediatamente ao hospital. José Silva ocupava na enfermaria um leito cercado de cortinas brancas. A cabeça envolvida em gaze deixava parte do rosto descoberto. Rezende logo o reconheceu. Dr. Ferreira pegou o braço do ferido e franziu o sobrolho. O sujeito em coma e com as pulsações irregulares e cada vez mais fracas. Uma enfermeira veio chamar o médico para outro enfermo. O major saiu de perto. Griggs sozinho disse de vagar e separando bem as sílabas ao ouvido de Silva:

— Meu Senhor e meu Deus, eu te peço perdão de meus pecados!

Repetiu duas, três vezes a mesma jaculatória. Traçou no ar uma cruz discreta e deu-lhe a absolvição sacramental. Depois recitou a prece tão de seu gosto e jamais esquecida por seus companheiros farropilhas, "Accipe adhuc illum, Domine, in Misericordiam Tuam!"

Da enfermaria da Santa Casa João Grande foi à Delegacia de Polícia com o major, onde este informou que a vítima era um desertor do Exército e quem a machucara fora um sargento em defesa de terceiro. Para poupar trabalho, poderiam logo encaminhar o inquérito à Justiça Militar!

Preocupado mesmo ficou Rezende, pois sem considerar o frustrado assalto às carroças da Fazenda do Brejo, mandou incorporar o malandro à tropa. Porque? Porque julgara Silva um pobre diabo, mentiroso inofensivo, vítima de um castigo exagerado, infligido pelo sargento soltando-o num campo deserto, amarrado ao cavalo. Acreditara o militar que algumas semanas de rígida disciplina recuperariam o malandro. E se José tivesse matado John Griggs? As conseqüências teriam sido catastróficas! A jovem República Rio-grandense teria perdido a única esperança, viva e atuante no momento, de possuir uma frota necessária à própria sobrevivência! O Ministro do Interior, Domingos de Almeida, o da Guerra, Lucas de Oliveira e o próprio Presidente certamente iriam interessar-se pelo caso e ao descobrirem que o Major Adolfo Rezende omitira informações e apadrinhara o ingresso do assassino nas fileiras do Exército... ah, como seria difícil arranjar desculpa satisfatória!

Era preciso agir com rapidez. Foi procurar o sargento Adão no quartel e soube lá, com alívio, do falecimento de José Silva.

— Sargento, começou Adolfo, nosso amigo John Griggs é pessoa de máxima importância para o Governo! Acredito que foi você quem o levou a um lugar perigoso, ao cabaré. Verdade?

— Sim. Eu o convidei.

— Você salvou-lhe a vida, parabéns! Se no inquérito aberto pela morte de José Silva você falar com a devida cautela, só o que for preciso, nada lhe sucederá. Sou seu amigo e quero ajudá-lo. Lembre-se disso! No primeiro encontro seu com Silva, você o amarrou a um cavalo. No segundo você o matou pelas costas! Para este evento, único meio de salvar a vida do amigo injustamente agredido, encontro justificativa. Para o outro, não! Pois você aquela noite teve tempo de pensar e não agiu sozinho, mas com um subordinado, a quem deu "ordem manifestamente ilegal". Esqueça o ataque às carroças e leve o senhor Griggs a fazer o mesmo!

Adão agradeceu o conselho e foi procurar o Mestre.

— Quem lhe fez esta sugestão?

— O Major Rezende.

— Humm! Das Arábias!

— Como?

— O major é um homem muito precavido! Fiquem tranqüilos. Meu depoimento vai começar na noite em que desatinei Silva na sala de jogo do hotel, onde pousei à beira da estrada Pelotas-Piratini.

Como não permitiram saísse Adão do quartel, ele pediu a João Grande que fosse "Aos Caçadores" saber com quem ficara a arma de José Silva. Griggs chegou ao cabaré às duas da tarde, hora em que as mulheres estavam se levantando. Foi difícil vencer a resistência dos porteiros e mais funcionários para chegar ao refeitório, onde vinte jovens, em trajes sumários, tomavam café. Pepita ao ver o homem, para ela altíssimo, na porta, hesitante, sem saber se entrava ou não gritou:

— Venha aqui; seu Jerivá!

Riram as mulheres da expressão galhofeira, John sorriu e aproximou-se da moça, que de pé, em cima do banco era da altura dele. Pepita o abraçou e beijou. Passou o braço pelo pescoço de Griggs e perguntou:

— Por acaso vocês já viram um par mais igual?

Novas risadas. João Grande agarrou-a no colo, como se fosse uma criança. Sentou-se com ela na cadeira mais próxima e perguntou baixinho:

— Pepita de ouro, onde... ?

— Diga de novo.

— Pepita de ouro, onde está a pistola do bandido?

— Só se você me chamar de Pepita de Ouro!

— Pepita de ouro, Pepita de ouro, de ouro puro! Diga onde está a arma, por favor!

— Você viu?

John olhou bem para dentro dos olhos dela e arriscou:

— Vi, Pepita de ouro, ela estava caída no chão!

— Pois eu guardei a pistola, porque tinha certeza que você viria procurá-la! Sabe que gostei muito de você e tive medo de nunca mais o encontrar? Com é mesmo seu nome?

— João! Você esqueceu?

— Você nunca me disse como se chamava. João de quê?

— João Grande!

— Não esqueço mais. A arma está debaixo de meu travesseiro. Vamos buscá-la?

A bailarina pegou com carinho a mão do rapaz e subiu a escada com ele. Uma hora e meia depois, cansado, mas satisfeito Griggs conseguiu que Pepita soltasse os braços, que matinha firmes ao redor de seu pescoço, cessasse de beijá-lo, destrancasse a porta do quarto e permitisse levar a arma para o quartel.

O inquérito correu a contento das partes. Certo fazendeiro de Caçapava informou ter conhecido José Silva, mas com o nome de Manuel Cardim, peão de seu vizinho João Teixeira, de cuja fazenda fugira com outros dois empregados, após ter sido descoberto o cadáver de um comprador de gado assassinado e saqueado nas imediações. O latrocínio era atribuído aos três fugitivos.

Adão foi liberado. As compras tinham sido feitas. Podiam, pois, os homens voltar para o Estaleiro de Camaquã. João Grande estava doido para ver de novo Maria!

Na Fazenda do Brejo Da. Ana não queria fosse o filho ao baile de sábado.

— A senhora repete, repete sempre as mesmas frases e não diz porque não devo ir ao baile de Pacheca!

— Porque a viagem é perigosa, porque o povoado é longe e é um baile de peões e raparigas!

Bentinho em plena crise de adolescência fustigava a mãe:

— A senhora parece muito bem informada. Ao seu João Grande a senhora nunca disse que os bailes de lá não prestavam!

— Não disse, porque ele não é meu filho!

— Não é filho, mas parece! Dentro desta casa só ouço que o seu João gosta disso, gosta daquilo, que é preciso fazer pirão de batata com leite e manteiga, porque ele gosta... E eu?

Bentinho terminou indo ao baile com Hidalgo, substituto de Griggs na chefia do estabelecimento, e mais dois carpinteiros. Domingo de tarde estavam de volta com muitas novidades.

— A borduna de Mestre João não é santa, mas faz milagres! Contava o castelhano aos amigos reunidos na roda de chimarrão. Na semana passada, imaginem, o sargento Adão matou com ela um homem em Pelotas!

— E onde estava o Mestre? Dormindo?

— Adão matou para salvar a vida do amigo! Um dos mais afoitos afirmou:

— Então tem mulher no meio disso, porque seu João por dinheiro não briga.

— Como foi que soubeste disto, Hidalgo?

— Veio um soldado do Regimento de Pelotas ver o pai doente e contou. Abriram inquérito e Adão está enrolado, não pode sair do quartel. Mas, há outra notícia. Margarida, a mulher de seu Mestre em Pacheca está esperando um filho dele. Dizem que vai ser homem e andar de porrete na mão igual ao pai!

A turma achou graça na piada! Estava feita a fofoca. Vinte e quatro horas depois na cozinha da Fazenda os boatos tinham tomado corpo. O sargento matara em Pelotas um antigo namorado de Margarida, grávida e amante de João Grande. Em outra versão o morto era marido de Margarida que agora poderia casar com o Mestre do Estaleiro. Havia ainda outras variantes.

— Isto é mentira! Dizia Isabel, moreninha de olhos verdes.

— É pura verdade! Retorquia a negra Zilda. Seu Hidalgo falou em Pacheca com gente vinda de Pelotas, onde o crime aconteceu!

Num instante a conversa chegou aos ouvidos de Maria, que procurou o irmão:

— Soubeste que o sargento Adão matou um homem em Pelotas?

— Sim! Dizem isso em Pacheca Não sei se isso é verdade.

— E porque não me contaste. Bentinho?

— Porque? Porque nada mais natural em uma guerra, que um militar mate um inimigo!

— E o inimigo era casado?

O rapazinho irritou-se com a insistência da irmã.

— Para que queres saber? Se o falecido tiver filhos, és tu quem vai cuidar deles?

Nervosa e aflita Maria foi correndo para o oratório do quarto da mãe chorar e rezar pelo João e pelo sargento também, "coitado"!

Griggs e Adão levaram dias recebendo e arrumando dentro das carretas as mercadorias enviadas sem pressa pelo comércio. Feitas as despedidas da família Ferreira, e do major, que regressava a Piratini, partiram os dois com a caravana de volta para o estaleiro. Desta vez a viagem, ao contrário da vinda, começou com chuva. O Arroio Pelotas, o primeiro a ser transposto, tinha ponte. Os demais deviam ser atravessados a vau. Caso estivessem transbordando, o 'único recurso era apelar para a paciência e esperar que as águas baixassem.

— Com o arroio muito cheio, explicava Adão, a gente acampa na margem. Quando ele voltar ao normal se prossegue a viagem. Não há outro recurso!

Apresentou-se o uruguaio a Griggs entregando-lhe a nova borduna, pois a antiga, que atingira José Silva, ficara no quartel com a garrucha do falecido. Avaliou o Mestre o peso, a espessura, o comprimento, o perfeito ajuste das argolas e sorriu satisfeito. — Obrigado, Dom Ambrósio! Um belo trabalho! A peça está melhor do que eu seria capaz de fazer. Diga, que madeira é esta?

— Angico, senhor, quebra mas não dobra!

— Mais uma vez obrigado! O senhor é de Montevideú?

— Não! Sou de Trinta y Três, o nome do "pueblito" onde nasci, presta homenagem aos Heróis da Independência de minha Pátria!

A um auditório interessado explicava Ambrósio que dos trinta e três na verdade só vinte e oito eram "orientales", isto é uruguaio. Dos cinco restantes um era brasileiro, um francês, um negro africano e dois paraguaio.

Prosseguiram as carretas pelo campo e os arroios seguintes, Passo das Pedras, Viúva Tereza e Evaristo não causaram transtornos. A chegada à margem do Camaquã foi observada pelo pessoal do estaleiro, que veio alegre com a volta dos companheiros ajudar a descarregar as carretas, transportar a mercadoria para a barca e principalmente saber das novidades.

O sargento Adão não podia ser interpelado diretamente, porque era autoridade, mas o carpinteiro Belmiro e o Jucá contariam tudo com pormenores e "um pouquinho de sal" para tornar os fatos mais saborosos ao paladar dos companheiros.

Depois de acomodada a carga nos lugares certos, Griggs foi à casa de Da. Ana entregar a correspondência enviada pela família do Dr. Ferreira. Foi recebido com alegria. Gostavam dele.

— Da. Ana, aqui está um envelope com todas as explicações, contas e o dinheiro que seu cunhado lacrou e me entregou. Não foi mexido!

— Credo! Nem pense que eu duvido do senhor! Agradecida!

Havia cartas de D. Maria Manoela Ferreira para a filha e para a irmã, mas a curiosidade das mulheres em ouvir o relato da viagem era grande. A dona da casa perguntou e os olhos das moças brilharam de interesse:

— Como foram de viagem?

— Relativamente bem! Compramos quase tudo o que precisamos para os barcos e voltamos com saúde, graças a Deus!

— É verdade que houve um incidente em Pelotas com o senhor?

— Sim. Já souberam? As notícias correm. Bem, ao sairmos daqui as carretas foram atacadas por três homens. Um deles fugiu e encontrou-se conosco em Pelotas. Tentou então me agredir, mas meu amigo Adão interveio a tempo. Foi só.

A fazendeira pareceu aceitar a explicação sumária.

— Pois é, seu João, não se pode dar mesmo crédito a essa gente! O senhor não imagina os horrores que contaram aqui a respeito de fatos tão simples! Pois as meninas e eu ficamos até nervosas com o que se ouvia...

— Tempo de guerra, mais notícia que terra! Não é assim que dizem? Os três assaltantes faleceram e o caso foi encerrado!

Maria só tinha olhos e ouvidos para Griggs, presa aos lábios dele ouviu até a última palavra do relato sucinto, acreditando que os fatos tinham sido muito bem contornados. Havia muitas perguntas a fazer. De que morreram os atacantes? De sarampo, ou catapora? Deveria esperar outra ocasião. Ele estava cansado.

João Grande emocionou-se ao ver Maria, com aquele rostinho de anjo e ainda pensava nela quando foi deitar-se na casa de hóspedes. Hesitou, deixaria a porta encostada, ou trancada? Se ela quisesse que viesse...

Por volta de meia-noite a porta do quarto dele rangeu, aberta devagarinho. Griggs acordou, pegou instintivamente a borduna e perguntou forte:

— Quem é?

— É a tua Isabel, meu bem! Quem mais poderia ser? Quem te adora? Quem sentiu mais saudade de ti do que eu? Por acaso te lembraste de mim?

João achou que não deveria mentir e nada disse. Simplesmente acolheu a moça.

Capítulo X

Enfim Padre

Na última noite antes da Páscoa dos Operários John Griggs custou muito a dormir, impressionado com o pouco rendimento de seu trabalho. Depois de tantas horas de conferências menos de trinta por cento viera confessar-se. E chegou à conclusão que "Padre deve ter fé profunda, intensa vida interior, trabalhar com os olhos em Deus, sem ligar para o sucesso. Pena eu, tão perto do sacerdócio, esteja tão longe do ideal".

Por intermédio do Padre Saint'Inny soube do êxito de seus colegas, com cinqüenta, oitenta por cento dos operários de suas fábricas no pátio do Seminário e do "milagre" de Luiz Fischer com cento e cinco por cento dos trabalhadores da olaria, onde nem todos eram católicos. Explica-se:

— Vieram três famílias completas acompanhando os pais empregados na cerâmica e elas superaram o número dos não católicos e dos ausentes.

Não podia o seminarista adivinhar naquela hora os comentários favoráveis que ouviria depois, nestes termos:

— Griggs é o campeão... da propaganda, entenda-se! Este ano ele conseguiu um coro de homens e um desfile. Para o ano ele arranja uma banda de música!

Saint'Inny, informado pelo beatério emocionado de Memphis ao ver o "pessoal do esgoto", de má fama e pior catadura marchando para o Seminário, disse:

— Griggs levou alegria ao Céu!

Ao olhar surpreso e irônico dos seminaristas o padre esclareceu:

— "Há mais alegria no Paraíso por um pecador que se converte, do que por cem justos que não precisam de penitência!" São palavras de Nosso Senhor! E o grupo de Saneamento, trazido por John, confessou aqui certamente mais de duas toneladas de pecados!

Griggs defendeu seus pupilos:

— Nada disso! Só o passado deles e a cara é que são ruins. Hoje são pessoas reabilitadas e sofridas, gente boa!

Antes de pegar no sono pediu o seminarista fervorosamente a Deus ocorresse um fato. não precisava ser milagre, mas que ajudasse a levar mais gente do barracão a confessar-se e comungar na Páscoa. Dormiu afinal e sonhou, agitado, estar em terra nunca vista, de pé sobre a ponte de comando de um navio, empunhando a borduna de Bob Church, a mesma que ele vira o quacker usando em Rosedale. Acordando, lembrou-se que tivera sonho idêntico na véspera de um exame, quando cursava a filosofia. O panorama lacustre era estranho, mas agora avistara outros navios. Parecia que ia haver uma batalha. Não deu importância ao fato.

No domingo cedo, após a missa comunitária, seguiu para o casarão do Saneamento. Ao passar pela cozinha ouviu um operário mexicano perguntar:

— Pêro que hoy no hay desaiuno? Um dos cozinheiros respondeu:

— O café de vocês hoje fica por conta do Padre Griggs. Quem quiser "desaiuno" que vá tomá-lo no Seminário! É perto.

Fazendo a volta por trás do barracão ouviu John por uma janela entreaberta os gritos de:

— Você é um monstro! Você é um patife! Alguém acrescentou:

— Então o homem tira a camisa do corpo para te dar e tu não vais a Páscoa? Vais! Eu te mostro...

Ouviu-se o estalo característico de um sarrafo quebrando, acompanhado de um grito de dor. Entretanto, mais forte foi outro berro:

—Deixa p'ra mim! Eu sangro este porco!

Griggs compreendeu que estava na hora de intervir. Entrou correndo pela porta mais próxima e postou-se atrás do grupo de cinco, ou seis operários dizendo com energia:

— Calma, meus amigos!

Um dos homens de olhar desvairado empunhava uma faca. O outro, que quebrara o sarrafo, soltou-o no chão. Deitada no soalho a vítima protegia a cabeça sangrando com o antebraço e ao ver o seminarista desandou num choro de criança, balbuciando entre rinho e lágrimas:

— Salve-me, padre, da sanha desses bandidos!

A cena era patética. O sujeito, agora ajoelhado, agarrava-se às suas canelas, pedindo proteção. Lembrou-se John que pedira uma ocorrência. Fora atendido. O evento estava aí. Era preciso tirar partido dele. Armou uma carranca, procurando aparentar ferocidade e de voz áspera interpelou o ferido:

— Você não quer assistir missa no pátio do Seminário?

— Quero, sim senhor! O homem tremia de medo.

— Então levante-se! Vista-se! E entre em forma no Batalhão Sagrado!

"Batalhão Sagrado" saiu sem pensar. Dirigiu-se Griggs ao desequilibrado pedindo que guardasse a faca. Envolveu com os braços, cordialmente, este e o outro, o do sarrafo e confidenciou baixinho:

— Com certas pessoas não convém usar muita energia. Vocês são rapazes inteligentes e sabem disso!

O doidinho, honrado com o qualificativo, escondeu a faca no cós da calça e contestou frouxo:

— De qualquer maneira este sujeito não presta! Qualquer dia...

Contente por ter dito as últimas palavras, afastou-se. O caso parou aí.

O que serviu para aumentar o contingente do Batalhão Sagrado foi a perspectiva do café na "casa dos padres". Só não entraram em forma para marchar e cantar os poucos da oposição sistemática. O desfile matinal não foi aplaudido porque na hora havia pouca gente na rua. Mas, os que ouviram a melodia vibrante do "Queremos Deus" cantado por duzentos homens, correram às janelas das casas e se impressionaram com o entusiasmo da Turma do Esgoto. Na frente da tropa, contente, marchava Griggs pensando o que diria o Padre O'Connor se visse' o grupo.

— Parece que o mundo está mudando, meu caro Johny! Observaria o velho Vigário de Rosedale.

E ele confirmaria:

— Mudando, e para melhor! A vida é movimento.

O pátio do Seminário, embandeirado festivamente, regurgitava de operários de diferentes fábricas e oficinas, gerentes de escritórios, feitores, supervisores, seminaristas e até sacerdotes atendendo a céu aberto confissões dos retardatários. Também entraram curiosos pejos portões abertos. Ao lado do altar, onde se rezava a Missa Campal, havia um estrado para as Autoridades do Estado e do Município. Do alto de um púlpito à vista de todos o Padre Saint'Inny. Criador e incentivador da Páscoa dos Operários, explicava a Missa, lia o evangelho, dirigia o canto e rezava com a assistência, de três mil pessoas. Os seminaristas diáconos também distribuíram a Comunhão.

Depois do café com sanduíches, confeccionados pelos seminaristas, aproximou-se de Griggs o sujeito por ele salvo, da surra, e talvez de ferimentos a faca.

— Até que o pão nosso, que vocês nos deram hoje, não é dos piores!

A atitude toda era provocadora. O seminarista controlou-se:

— Se quiser mais pão, volte e apanhe!

— Não é isso. Eu lhe devo uma explicação. Ao confessar-me ontem perguntou-me o padre se eu iria largar da mulher com quem vivo, pois ela é casada com outro. Eu respondi que não a deixaria. Ele me aconselhou a não comungar hoje.

— Certo.

— Não pergunta pela camisa? Pois saiba que a vendi barato. Fazenda ordinária, velha e poida. Não valia grande coisa. Na hora que você passou por mim eu estava "duro" e tive vontade de lhe pedir algum.... Pensei que você alegaria não ter dinheiro trocado e fim! Neste instante notei que envergava duas camisas e raciocinei, "eis a nossa grande oportunidade. Prego-lhe uma mentira, ela faz que acredita e me dá uma das duas. Eu ganho porque transformo logo a minha em moeda e ele ganha porque fica com fama de dar até a própria camisa aos pobres. Bom para nós dois!"

Parou de falar e riu-se contente pelo que havia feito. Prosseguiu:

— Meu nome é Oswald. Posso dizer com orgulho que sou muito inteligente e um extraordinário artista! Concorda, Padre?

Griggs respirou fundo. Era difícil aturar a prosa cínica daquele mandro. Uma coisa é ter pena dessa gente, de longe, outra, conviver com ela! Perguntou:

— Quanto tempo você esteve na cadeia?

— Ah, já contaram a você? Da última vez, quatro anos, por uma bobagem de poucos fardos de algodão. Eu ia indenizar o prejuízo, mas em vista do duro castigo que me deram, desisti da compensação. Diga padre, diga que sou um artista!

— Sim, é! Se lhe agrada...

— Diga com ênfase, com convicção, por favor! John destacou bem as sílabas:

— Você é um ar-tis-ta!

— É uma doçura ouvir isto da boca de pessoa com certa categoria. De fato eu sou um ar-tis-ta!

Os amigos do Saneamento descobriram Griggs e o cercaram interrompendo o diálogo com Oswald. Um dos trabalhadores, caolho, com muitas cicatrizes no rosto tentou começar um discurso:

— Em nome de meus companheiros e em meu próprio nome agradeço...

— Pare! Não agradeça a mim, interrompeu o seminarista!

— Então, queira transmitir a quem de direito a nossa gratidão. Seja deles o Reino dos Céus, pois como disse Jesus Cristo "Tropecei e me amparastes, caí e me erguestes, tive fome e me destes de comer..."

A citação bíblica era de memória e falha, mas a voz do orador era cheia e forte. Fez no improviso rasgados elogios aos "einentes sacerdotes, cuja figura mais representativa é o nosso jovem e simpático amigo Padre John Griggs..." Foi aplaudido pelos ouvintes. Queriam os operários saber, antes de sair, a data da nova Páscoa.

— Só para o ano! Explicou John.

— Conte comigo! Diziam ao se despedirem, pois os portões do Seminário estavam sendo fechados.

Griggs não teve coragem de dizer que provavelmente na Páscoa do ano próximo ele já seria sacerdote de fato e estaria trabalhando não mais em Memphis, mas em uma paróquia distante, em outra cidade, em outro Estado. Enfiou as mãos nos bolsos da batina e voltou do portão cantarolando triste, os versos que levava seus amigos a cantar com entusiasmo tantas vezes:

"Queremos Deus! Prontos, juramos ao Pai Divino obedecer. E de O servir nos ufanamos, Queremos Deus até morrer!"

Mais uma etapa da vida de John Griggs chegara ao fim. Era preciso estudar com afinco nos poucos meses que ainda ia durar o curso, preparando-se para os exames de Teologia e para a Ordenação Sacerdotal. Quando se lembrava que breve abandonaria o Seminário John sentia-se mal. Seria saudade antecipada, insegurança, receio do desconhecido, medo de deixar a rotina? Enquanto estivesse em Memphis a qualquer momento podia pegar o chapéu e dizer adeus a todos. Se por acaso alguém perguntasse porque saía, uma frase bastava:

— Descobri que não tenho vocação! Diriam então os professores, qualquer deles:

— Vai filho, enquanto é cedo! Deus de te acompanhe!

Depois de ordenado sacerdote não poderia mais fazer isso. "Sacerdos in aeternum". o assustava!

Contudo, passara no educandário períodos bem divertidos, principalmente nos últimos anos. Além do mais tinha bons amigos entre os companheiros, Francis, Kollet, Backes, Barth, Sponchiado, para enumerar apenas cinco. Um episódio no penúltimo ano ia marcar definitivamente sua atitude de respeito e estima para com o Padre Reitor. Certa ocasião foi uma senhora ao Seminário queixar-se:

— É o senhor o Reitor? Pois eu vim pedir uma providência sua urgente contra o seminarista John Griggs, que fez insinuações desabonadoras e insultuosas à minha pessoa. Sou casada, tenho marido, filhos e um bom nome a zelar! Não falei nada ainda ao Antonio para que ele não venha aqui quebrar a cara desse sujeito!

A mulher fingiu que ia chorar. Estupefato. Padre Anthony contou:

— Em primeiro lugar não acredito que o senhor Griggs tenha falado mal da senhora. Segundo, se alguém ouviu algo entendeu mal! Terceiro, tem mais alguma coisa a alegar?

Quem se espantou com a resposta do Reitor foi a mulher.

— Não! Disse ela.

— Então, com licença! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Passe bem!

Retirou-se o Reitor da sala. Estava presente o seminarista Wiczkowski, que ouviu e logo narrou o fato ao colega, mas o Padre Anthony jamais tocou no assunto a Griggs.

Antes da ordenação sacerdotal os candidatos se recolhiam por cinco dias em retiro espiritual no Noviciado dos Padres Jesuítas. Griggs levou o retiro a sério. Não dirigiu palavra a ninguém, concentrou-se, refletiu sobre as futuras responsabilidades e rezou o tempo todo.

Aproximava-se o fim do ano e o dia em que os seminaristas, concluindo o curso de teologia, receberiam as Ordens Sacras. Os colegas originários dos Estados mais distantes começaram a partir. Para uma turma de vinte e dois diáconos viria o Bispo de St. Mary ordenar quatro, entre eles John Griggs, em Memphis.

Na véspera chegaram à cidade Big Pat com a mulher e os filhos e mais Tom McKinley. O navio atrasou-se e Jimmy foi correndo ao Seminário avisar o irmão, mas o porteiro não permitiu a visita. John estava em recolhimento espiritual, o recado, porém, seria dado.

A Ordenação começou às oito da manhã. Os diáconos deitaram-se de bruços no tapete e ouviram durante vinte minutos a "Schola Cantorum" entoar a Ladainha de Todos os Santos. Eles morriam simbolicamente para o mundo e prometiam dedicar-se, daí em diante, exclusivamente ao serviço de Deus. O ritual em latim é emocionante. Os ordenandos engoliam as lágrimas para não serem vistas. Na hora em que o Bispo, D. Ras, perguntou formalmente ao Reitor:

— Sabes se eles são dignos?

O Padre Anthony respondeu com voz firme:

— Sei e enquanto a fragilidade humana pode saber, afirmo que eles são dignos da investidura!

"Eis um homem de coragem", pensou Griggs. "eu não me atreveria a afirmar isso, nem mesmo de mim! E... não sou nada modesto!"

Terminada a cerimônia pelas onze horas o primeiro a beijar as mãos ungidas dos neo-sacerdotes foi o padre Saint'Inny. "Ele está mais uma vez se exibindo", murmurou John. "se perguntado, responderia que beijou para demonstrar sua fé e edificar o próximo! Se de fato fosse tão grande sua crença na unção", concluiu, "viveria beijando a mão dos outros sacerdotes, ou lambendo suas próprias mãos:

Tom MacKinley deu um abraço forte em John e este sentiu que o amigo estava se integrando na família.

Durante o jantar oferecido pelo Seminário aos neo-sacerdotes e seus familiares, Anne contou:

— Sabe, Johny, vamos viajar daqui a pouco no "Eagle". que você ajudou a construir!

John olhou demoradamente para Tom sem dizer nada. Este riu e justificou-se:

— O "Eagle" não podia ser entregue aos armadores sem ser experimentado. Você sabe disso! Inicialmente o pessoal do estaleiro pensou em descer o rio. Eu apenas perguntei, se não se podia primeiro subir o Mississipi. Concordaram e estamos aqui! Você não reconheceu entre os que o felicitaram alguns rapazes vizinhos de Mr. Griggs? São parte da tripulação!

Muito confortáveis e luxuosas as acomodações a bordo. Com dois dias de percurso chegaram a Rosedale, onde o Vigário, Padre O'Connor e boa parte da população católica esperavam o Padre John. Espocaram foguetes. Meninas trouxeram flores e recitaram versos apropriados. Ainda no cais houve discurso de boas vindas ao neo-sacerdote recitado pelo Presidente dos Fabriqueiros, mas onde era visível o dedo do Padre Paul. Seguiram todos dali mesmo para a igreja, onde dadas breves explicações pelo Vigário, o Padre John Griggs estendeu pela primeira vez suas mãos para abençoar seus conterrâneos em nome de Deus.

Johny estava feliz e com ele toda a família. Talvez o mais contente de todos fosse o pai, Patrick, exultante. Mary tinha um novo brilho nos olhos cansados e um sorriso permanente iluminava-lhe o rosto. Amigas e vizinhas procuraram a mãe do novo padre para felicitá-la. Notava Mary, que bem no fundo dos olhos delas havia uma pontinha de inveja.

Com James brincavam os amigos:

— Irmão de Padre, não pode fazer certas coisas!

Big Pat depois da viagem no "Eagle" não tinha mais condições de protelar o casamento de Anne e Tom. Os jovens ficaram oficialmente noivos e Tom pediu:

— Padre Johny, você poderia nos casar?

— Creio que sim, com muito gosto. Mas falem com o Padre Paul! Ele é quem manda aqui!

Pat à noite disse à mulher, entre dois goles de whisky:

— Depois que meus cobrezinhos guardados foram descobertos, querida, não tenho tido mais sossego. Despesas, sobre despesas! Domingo a primeira missa do Johny. Daqui a pouco outra festa com o casamento de Anne!

— Tu sempre trabalhaste para ajudar nossos filhos, meu bem! Não vais agora ficar mais pobre. Confia em Deus e reza para que eles sejam felizes, nós já somos!

Capítulo XI

Bento Gonçalves e Garibaldi

Mal Adão acabara de almoçar, entrou esbaforido na sala o soldado Jucá.

— Com licença, sargento! Vem aí uma tropa a cavalo!

— De que lado?

— Do sul... São cerca de vinte lanças faiscando ao sol!

"Daquelas bandas", raciocinava o militar, "devem ser soldados da República. A não ser que... Deus nos livre e guarde!" Deu, entretanto, ordem aos soldados de ocuparem imediatamente as trincheiras já cavadas na barranca do Camaquã, prontos para o combate. Depois foi procurar o Mestre ocupado no Estaleiro.

— Seu João. vem gente aí!

— De paz, muito bem! Há serviço para todos. Creio que com pequena ajuda teremos agora condições...

— E se não forem de paz?

O sargento levou o amigo a uma elevação na margem do rio. Do outro lado um soldado da República se adiantara e chamava o barqueiro.

— Gente importante, explicou Adão! Deve ser algum Coronel!

Era o General Bento Gonçalves. Vinha à paisana, de poncho e chapéu, mas de botas militares. Quando o Presidente pisou em terra o sargento gritou a plenos pulmões aos soldados em forma:

— Pelotão, sentido! Apresentar... armas!

Foi perfeito o desempenho dos soldados. O General gostou.

— Sargento Adão da Silveira, Comandante do Destacamento! Apresentou-se o militar, batendo os calcanhares e a continência com muita energia.

— À vontade! Respondeu Bento Gonçalves.

O General descobriu-se e passou a cumprimentar os presentes. O único a não tirar o chapéu, sem perceber que os outros o haviam feito, foi João Grande. Bento ao cumprimentá-lo, sorriu, vendo aquele tramanzola enorme, com o aba larga enterrado na cabeça a murmurar, quase, sem poder ser ouvido:

— John Griggs. Como vai o senhor?

O Presidente continuou apertando a mão dos que haviam acorrido para recebê-lo. Quando não viu mais ninguém a saudar, chamou o sargento e indagou:

— Onde está o encarregado do Estaleiro?

— Está aqui! É o seu João!

Fez meia volta e foi buscar o Mestre. Bento Gonçalves examinou Griggs de alto a baixo e pensou, "será possível ser este o homem que Domingos elogia com tanto entusiasmo? Bem, quem vê cara, não vê coração!"

Apertou-lhe a mão novamente, dizendo agora:

— A República Riograndense deposita as melhores esperanças em seu trabalho. Breve o senhor receberá mais auxiliares bem qualificados. Gosta daqui?

João Grande sacudiu os ombros para cima e para baixo como quem diz "podia ser melhor", mas respondeu educadamente:

— Sim. Gosto bastante, senhor!

— De que nacionalidade é mesmo o amigo?

— Americana. Sou do sul, do Mississipi. Nasci em Rosedale.

— Não haverá complicações para o senhor envolvido numa revolução ou guerra civil na América Latina?

— Creio que não. Ninguém, a não ser meus parentes mais próximos, sabe que estou aqui. Além disso, servi bastante tempo em navios mercantes ingleses e o comandante do último deve ter pensado que desertei, coisa freqüente nesse tipo de barco e nesses portos!

— Muito bem! Por volta de quatro horas da tarde queira procurar-me em casa da mana. Lá poderemos conversar melhor. Estou interessadíssimo em seu trabalho!

O ordenança trouxe o cavalo e o Presidente com a escolta seguiu a trote para a casa de Da. Ana, que o esperava na porta com os filhos e a sobrinha.

Às quatro em ponto João Grande, lavado, barbeado, de bigode aparado e roupa limpa batia na porta da Fazenda. A negra Zilda fê-lo entrar, sem anunciar. Estava acostumada com a presença dele na casa.

O Mestre ficou de pé na entrada escutando o General que dizia à irmã e aos sobrinhos:

— Eu sempre dizia ao Pedro Botelho "não comas tanto assim. rapaz", mas de nada adiantou. Mas nunca, nem ele, nem eu jamais imaginamos que por causa daquele corpanzil todo não pudéssemos fugir os dois da Fortaleza da Laje no Rio. Foi até engraçado, quando voltei ao xadrez e o bote foi embora, Pedro ficou muito desapontado. Deu-me então tamanho acesso de riso...

João deu leve tossidinha e esfregou os pés no chão. Da. Ana veio atender e indagou:

— Foi a crioula Zilda que deixou o senhor aqui? Essa mulher não tem jeito. Venha para a sala. O mano o está esperando.

A família estava toda reunida. Além das moças e de Bentinho, dois oficiais faziam companhia ao Presidente, que tomava chimarrão sozinho.

Depois dos cumprimentos as meninas pediram:

— Conta, tio, a fuga do forte de São Marcelo na Bahia!

— Em outra hora! Vou atender nosso prestimoso auxiliar senhor João Griggs. Agora vocês vão dar licença. Vamos sentar perto da mesa para que meus oficiais possam anotar nossa conversa!

A família se retirou e John conversou duas horas com o Presidente da República.

Depois da audiência voltou o Mestre para sua casinha sorrindo, contente. Ia, por fim, sair dessa toca enervante onde arranjava problemas sentimentais, que ameaçavam fixá-lo, andarilho que era. Voltaria a navegar. Todas as peças relacionadas na lista entregue ao Ministro, tinham sido adquiridas em Montevidéu e estavam a caminho do Estaleiro. Viriam além de um ferreiro extraordinariamente hábil, Ataliba, qualificado por Domingos de Almeida como um fenômeno, um engenheiro naval Luiz Campiglia e o comandante de navio José Garibaldi, estes dois italianos. Mais. Cinquenta marinheiros foram contratados no Prata para tripular duas escunas de guerra.

João Grande não quis jantar. Deitou-se, dormiu e sonhou com dois barcos de vela latina, descendo o rio Camaquã a todo o pano. Acordou por volta de meia-noite ao sentir que alguém carinhosamente lhe alisava os cabelos. Era Isabel, deitada a seu lado, completamente despida por causa do calor. Arrastando bem as sílabas perguntou a moça:

— João, se eu te desse um filho, tu casarias comigo?

— Nunca! Mesmo que tivesse certeza que o filho era meu! Repito isso desde o dia em que vieste aqui me tentar!

— Puxa! Fui eu que te tentei? Eu caí feito uma rã em tua boca de cobra!

Riu-se Griggs. Comparações como esta, completamente estranhas à linguagem costumeira o divertiam.

— João, me conta! Se Maria, a filha de Da. Ana gostasse de ti e tu dela, tu te casarias?

— Não! Nem com a Maria, nem com a irmã dela, nem com a prima, nem com a mãe, não casaria com ninguém. Podes ficar descansada!

— Se casasses com Da. Ana, ficarias rico!

— Tu sabes que eu não ligo para dinheiro!

— Pois eu ligo! Dinheiro, coisa boa!

Antes de clarear o dia a moreninha saiu pelos fundos, contornou o arvoredado e voltou ao quarto dela atrás da Casa Grande, onde dormiam as empregadas.

Depois que Isabel passara a dormir quase todas as noites com ele, nunca mais João Grande foi a Pacheca, onde tivera um caso, que procurava esquecer. Não precisava remar duas horas rio abaixo e três, rio acima todas as semanas, pois Isabel vinha procurá-lo na cama, era engraçadinha, sensual, jovem e interesseira. Queria casar para mudar de posição na sociedade. Não o amava, nem ele a ela. Ambos tinham consciência disso.

Bento Gonçalves ficou apenas dois dias em casa de Da. Ana, seguindo depois para a Fazenda do Cristal, que era dele, e de lá para a de D. Antônia, sua irmã, que também morava na margem do rio Camaquã. Depois disso chegou um estafeta do Governo com cartas vindas de Piratini para Da. Ana Gonçalves Meirelles e outra para o senhor John Griggs, DD. Mestre dos Estaleiros Oficiais da República Riograndense. O remetente era Domingos José de Almeida, Ministro do Interior e da Fazenda. Vinham lacradas.

João Grande foi para casa deitar-se para ler o documento que supunha importante. A primeira folha continha longo e pormenorizado elogio à pessoa de Griggs e ao trabalho dele nesses longos meses de atuação no Camaquã. Esperava que o amigo continuasse cooperando com a República sob as ordens do Capitão-tenente José Maria Garibaldi, Comandante Geral da Marinha.

Em breve chegariam ao Estaleiro além do capitão. Campiglia, engenheiro naval, mais quatro oficiais de marinha, Matru e Valerigini,

de origem italiana, João Henrique e Manoel Rodrigues, nacionais. Todos estes com o posto de tenente.

— Não precisam mais de mim! Suspirou João Grande!

Na folha seguinte desobrigavam Griggs de qualquer compromisso com a República, mesmo sentimental, porquanto o que ele fizera pela Marinha, compensava de sobejo qualquer ajuda especial que anteriormente lhe tivessem dado. Se desejasse permanecer no Rio Grande, ofereciam-lhe a cidadania e a patente de oficial, tenente, com todos os direitos e prerrogativas. Breve o Major Rezende lhe entregaria os papéis, que se assinados, voltariam a Piratini para a chancela do Senhor Presidente da República, "junto a quem", terminava, "goza V.S. da mais alta estima e respeito. Com os melhores votos por sua felicidade pessoal, subscreve-se seu amigo certo. Domingos José de Almeida."

Havia um terceiro papel assinado por Luiz Gonzaga da Costa, oficial de Gabinete, informando, por ordem do Senhor Ministro, que as comunicações com Montevidéu, "estão bastante regulares e fáceis. Portanto, se V.S. quiser embarcar ali com destino à Europa, ou aos Estados Unidos, temos condições de lhe informar com antecedência a data provável da partida dos navios". Continuava dizendo, que quanto ao custo e demais despesas de viagem não se preocupasse, pois "reservou o Governo certa quantia em libras esterlinas a ser entregue a V.S. na hora da partida, para compensá-lo, ainda que de maneira inadequada pelos relevantes serviços prestados à nossa causa".

João Grande não sabia o que fazer. Leu e releu a correspondência. Levantou-se da cama. Foi à janela. Respirou fundo diversas vezes. Andou pelo quarto, para afinal acomodar-se num banquinho com assento de tiras de couro. Colocou os cotovelos nos joelhos, o queixo nas mãos espalmadas e pôs-se a refletir. Comparou. Irritou-se. Achou graça. Rezou e não chegou a nenhuma conclusão.

Trabalhara com fervor e dedicação, dando o melhor de si na paróquia de Los Angeles, onde agora era considerado um devasso. Em Rosedale. não se lembrava de ter feito mal a ninguém ali, era a ovelha negra e a vergonha da família. No Rio Grande do Sul, porém, em troca de alguns meses de trabalho árduo, mas nem tão cansativo a gente o estimava, o Governo o elogiava e lhe oferecia o posto de oficial de Marinha. Que diferença! Voltaria ao Mississipi, ou ficaria no Rio Grande? Aí Griggs bateu com as palmas das duas mãos na lesta encharcada de suor e disse bem alto:

— A questão não pode ser posicionada desta maneira! Tenho outras alternativas!

Onde estava ele agora? No meio do mato, na margem de um rio desconhecido, que desemboca numa lagoa de água barrenta, chamada dos Patos. Fazendo o que? Envolvido numa guerra civil, começada em 1835 e cujo fim não se podia vislumbrar. Poderia durar oito, dez anos e exigir muito sacrifício e abnegação. Para que? Para nada, ou para algo que se poderia conseguir de outra maneira. Agora seus amigos farrapos não precisavam mais dele, pois tinham os italianos da tal associação. Seria a Maçonaria? Havia uma Loja Maçônica em Memphis, vira outra em Piratini. Eram fáceis de identificar pelo triângulo, símbolo também da Santíssima Trindade. Entre os recém-chegados havia até um engenheiro naval... Decididamente, iria a Piratini despedir-se dos amigos riograndenses. Guardaria deles sempre as melhores recordações. Não aceitaria compensações financeiras, apenas facilidades para alcançar Montevideú. No porto se engajaria logo em um navio. Voltaria a ouvir o marulho das ondas e dormiria ao embalo do balanço gostoso do mar. Seria de novo marinheiro, timoneiro, piloto, imediato e comandante de navio. Era só esperar, ia comprar, vender por conta própria, como outros faziam. Rico, iria viver em Londres, ou Nova Iorque, onde ninguém se interessaria em saber o passado de um velho lobo, outrora vigário de aldeia no Mississipi.

De olhos fechados Griggs imaginou-se sentado, olhando, pela janela da casa que compraria em Manhattan, os navios que entravam e saíam do porto e sentiu-se feliz. Não notou que escurecera há muito tempo e só percebeu a presença de Isabel, quando ela ajoelhada a seu lado acendeu o lampião.

— Que estás sentindo, João, meu bem?

— Eu? Nada!

— Nada? Depois que chegaram as cartas, duas vezes te espiei pela janela. Teu rosto se alterou e tu nem me viste! Quando vais embora?

— Embora? Porque?

— Tu vais partir, sem nem sequer conhecer teu filho.

— Filho? Que filho?

— Aquele que plantaste aqui! Isabel pegou a mão de Griggs e apertou a própria barriga. Não sentes uma bola, como se fosse uma

laranja? Ele está aqui há três meses. Um dia o rapaz vai saber que o pai é um grande homem, porque eu vou dizer-lhe isso e ele vai ter orgulho de ser teu filho!

John pensou a princípio que se tratasse de mais uma das brincadeiras da moça. Mas ela insistia e observando-a bem, notou que surgiam outros sinais de gravidez.

"Mais complicações", pensou ele, "e logo agora, Deus meu!".

— Afinal, querido, quando casar comigo?

— Nunca! Já te disse isso, Isabel, um milhão de vezes e repito, não caso. Não caso! Mas, temos que pensar no futuro da criança!

Isabel levantou-se chorando. Apoiada no marco da porta entre soluços gritou:

— Nosso filho não precisa de ti! Eu cuidarei dele sozinha!

A mulher retirou-se. Griggs não a chamou de volta. Deixou que se afastasse e apenas suspirou.

O dia imediato e os seguintes, passou-os, John triste e pensativo. Seu amigo Adão notou-lhe o estado de espírito.

— Mestre João, com muitas saudades de sua terra?

Ele sabia que para irritar João Grande bastava fazer perguntas sobre a terra dele. Acreditava o amigo, que Griggs irritado, sairia daquela tristeza profunda.

— Eu já disse a você que o Rio Grande é a minha terra! Esqueceu?

Ao anoitecer veio um soldado de Piratini avisar que o Major Rezende chegaria dentro de poucas horas ao estaleiro, trazendo gente, inclusive um grupo de italianos.

João Grande logo cedo mandou fazer uma faxina nos galpões e arredores. Da Ana escalou a negra Zilda e Isabel para prepararem o chalé de Griggs, a ser ocupado também pelos novos hóspedes. Afinal ao meio-dia a barca da Fazenda deixava o grupo de cavaleiros na margem esquerda do rio. O Mestre e Adão foram recebê-los. Na frente vinham o Major e um homem de trinta e cinco anos, de olhos azuis, barba e bigodes louros e longos cabelos castanhos, fugindo por baixo de um gorro preto bordado de amarelo, ca-

ido para o lado direito da cabeça. Gesticulava muito. Rezende apresentou:

— Senhor John Griggs, este é o Capitão-tenente Giuseppe Maria Garibaldi!

João Grande à primeira vista achou divertido o novo Capitão e apertou-lhe a dextra com simpatia. A conversa a princípio difícil, pois Garibaldi além de falar depressa, misturava espanhol, italiano e francês com algumas palavras portuguesas. Griggs tinha que esperar, traduzir mentalmente e refletir antes de dar resposta às perguntas do italiano.

O Capitão era agitado, ou dinâmico. Tinha grandes planos. Queria os barcos o quanto antes para dominar a navegação na Lagoa dos Patos, nos rios interiores e em alto mar.

— Siête certos, dizia Garibaldi em sua meia língua, questa güerra sara alôra decidida numa batalha navale. E nous, oui, nós vamo ganharla! Siempre aconteceu cosi! N'est, pas?

O entusiasmo do italiano era avassalador. Até o sargento Adão pensou seriamente em tornar-se marinheiro.

Reuniu John os operários mais graduados e apresentou o novo comandante do Estaleiro Oficial da República Riograndense. Garibaldi tomou a palavra:

— Companheiros! (a voz era de clarim) Lutadores, campeões da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade! É com alegria que me junto a vós na luta contra a tirania e opressão! Morte os Reis! Viva a República! Viva o Rio Grande!

Ninguém esperava aquela explosão. Os vivas e aplausos foram fracos. O Capitão mudou de tática:

— O Governo de Piratini, meus amigos, estabeleceu a Lei do Corso, que eu explico. Na presa de guerra que fizermos embarcados, a terça parte é dos marinheiros, dos dois terços restantes, um é do dono do navio e o outro do Tesouro da República. Dentro em breve as duas escunas que estão sendo construídas, estarão navegando. Com elas armadas de canhões sairemos a caçar barcos com a bandeira do Império. Atacaremos primeiro os navios na Lagoa dos Patos e nos rios Taquari, Caí e Jacuí. Depois os costeiros, até Desterro, Paranaguá e Santos. Meus amigos, lutando por uma causa justa e pela liberdade, cada um de nós conseguirá, o que é muito justo, uma apreciável fortuna, que nos sustentará quando ve-

lhos, cansados, ou estropiados não pudermos mais lutar. Com um pouco de dedicação poderemos tomar de seis a dez navios mercantes por mês, para alcançar isso, receberemos reforços de gente experimentada no ramo. São os chamados "Frères de la Cote", homens que trabalharam com os piratas do Mediterrâneo, ou com os ingleses de Tortuga e Jamaica no Caribe. São rapazes decididos e valentes, tanto quanto os senhores. Eles estão sendo contratados por amigos nossos em Montevidéu e Buenos Aires. Breve, estarão aqui conosco e prontos para a guerra!

Isso foi dito devagar e destacando bem as sílabas. Notou o Capitão que fora entendido e agradara o auditório.

A primeira refeição na Fazenda foi servida em casa de Da. Ana às duas da tarde. As moças se arrumaram e se enfeitaram para receber os visitantes. Maria não tirou os olhos de João Grande, observando-o com ansiedade. Ela ouvira algo e desejava que o rapaz negasse, ou confirmasse a notícia. Diretamente não podia perguntar:

— João, é possível que o filho de Isabel seja seu?

Não houve oportunidade de dizer-lhe uma frase. Na distribuição de lugares na mesa, ficaram longe um do outro. Garibaldi falou o tempo todo. Logo na apresentação elogiou a beleza das moças, a juventude de Da. Ana e o clima da região. Contou as viagens que fizera no Mediterrâneo, as idas à Constantinopla e ao Mar Negro. Contou também que estivera a serviço do Bei de Túnis, comandando por alguns meses uma fragata de quarenta canhões.

Era evidente a simpatia que o italiano despertara em Manoela. Garibaldi, atento, notou a impressão que causara à moça ingênua e engrossou por isso os perigos do mar tenebroso, que impávido vencera!

João Grande e os companheiros, inclusive o Major, limitavam-se a ouvir e sorrir dos lances mais divertidos das histórias do Capitão-tenente.

Depois da refeição Rezende entregou um pacote de correspondência a Griggs.

— Foi isso, senhor John, o que recebi no Ministério. Abra, que é todo seu! Mas, vai me dar recibo. Gosto das coisas claras!

— Quando volta, Major?

— Daqui a três dias volto a Piratini, espero que com uma resposta definitiva sua. Falam por lá que, se o amigo não estiver decidido a partir, o Governo vai fazer um apelo para que fique conosco!

João Grande levou os recém-chegados ao estaleiro. Garibaldi gostou da quantidade e da qualidade das tábuas e pranchões.

— Muita madeira boa! Disse o Capitão. Com algumas ferragens e instrumentos de navegação em breve teremos quatro navios prontos para receber os canhões de bronze que vem aí! Nossa esquadra vai ser um sucesso!

Griggs entregou o grupo a Hidalgo e a outros auxiliares graduados e partiu aflito para casa. Queria ler a correspondência. Ao romper o lacre, abriu-se o pacote e saltou fora a sobrecarta com a letrinha de Anne, dirigida a Mr. John Griggs. A/C de Luiz Campiglia. Calle Cuareim, 19 — Montevideu — República Oriental dei Uruguay. Sô-frego, abriu a carta e leu:

"Querido Johny, estamos todos vivos e com a graça de Deus passando relativamente bem".Respirou aliviado. "Tom e eu temos agora três filhos, todos homens. Dizem que o mais moço, Ben, se parece contigo, quando eras pequeno. Mamãe está melhor de saúde. Conseguimos duas moças para cuidar dela e de papai. Por mais que peçamos, os velhos insistem em permanecer em casa deles. Pat esteve mal e está com o lado direito paralisado. Vendeu, por isso, a serraria e colocou o dinheiro a juros na Cia. McKinley. Com o que recebem mensalmente vivem os velhos com todo o conforto. Jimmy esteve aqui de visita. Achei-o magro e febril. Diz ter descoberto mina de prata em Aspen, Colorado e já a registrou. Não tem ainda dinheiro, porque não começou a exploração. O sócio dele é Bob Chuch, o rapaz quacker que te deu a cacetada no dia de São Miguel. Em Rosedale e arredores ninguém mais fala de ti e o caso parece esquecido. Depois que partiste aconteceu muita coisa e os tempos mudaram. Acredito que papai e mamãe gostariam muito de te ver e nós também. Porque não dizes onde estás? Continuas embarcado? Porque este endereço em nome de pessoa de origem italiana? Eu teria muita coisa a te contar e muita pergunta a te fazer. Quero que saibas, vivo feliz com Tom e as crianças. Todos nós continuamos gostando muito de ti. Reza um pouco por nós! Com carinho, tua irmã, Anne."

João Grande releu a carta muitas vezes. Big Pat, aquele cedro, estava definhando. Mary cansada, talvez doente. Teria oportunidade de vê-los antes da morte? Morte de quem? Deles, ou da minha? Sentiu imensa saudade dos pais e ganas de sair voando para a-

braçar Mary e apertar a mão calosa de Big Pat, esquecer o que acontecera e voltar a ser criança.

— Como eu trataria bem meu pai e minha mãe! Disse baixinho.

Ainda com os olhos marejados de lágrimas começou a ler a carta do Ministro, anexa aos documentos, que assinaria no caso de aceitar a patente de Oficial da Marinha Republicana. Havia também o recibo correspondente ao pagamento dos ordenados atrasados e as gratificações, que de direito lhe cabiam até o último dia do mês passado. Avisava que Rezende lhe entregaria trezentos e vinte e cinco mil réis contra a entrega do papel devidamente firmado. Reiterava o Governo o oferecimento de encaminhar a correspondência que tivesse para o estrangeiro. Pedindo resposta da carta anteriormente enviada, insistia "na esperança de receber breves notícias de V.S., subscreve-se com estima e consideração seu amigo D. de Almeida". Só a assinatura era do Ministro.

A essa altura Griggs tinha resolvido manter o "status quo" até o término da construção dos navios. Na hora em que as escunas flutuassem, enfunando as velas, ele daria a resposta definitiva. Aguardassem, pois, mais um pouco!

Capítulo XII

Coadjutor de Marysburg

Nos dias precedentes à primeira Missa, John passou muitas horas no gabinete de seu velho amigo, o Vigário de Rosedale. O'Connor via nele um colega inexperiente e desejava infundir-lhe toda a prática adquirida em anos de vida clerical.

— O que te digo, avisava o velho, não encontrarás em livro algum. São verdades dolorosamente aprendidas à minha custa. Primeiro, faze tudo para que em tua ficha não conste adjetivos, como "grosso", ou "insubmisso". Com uma qualificação dessas não chegarás nem a cônego, se é que queres fazer carreira na igreja. Para evitar equívocos, presta atenção, por maiores que sejam os absurdos defendidos pelos colegas que trabalham na Cúria, nunca os contradigas. A maioria desses burocratas jamais trabalhou em paróquia, mas pensa entender de Pastoral! Qualquer palavrinha tua, não digo azeda, mas menos doce melindra e eles sujarão tua ficha para sempre. Segundo, as recomendações sérias te serão feitas pelo próprio Bispo e terás que segui-las à risca. Terceiro, quando receberes carta da Diocese, abre-a logo e lê! Não faças como certos colegas nossos que dizem:

— Geralmente me incomodam esses lembretes da Cúria! Abrirei esta sobrecarta em um dia em que estiver mais disposto, na semana que vem. Faz de conta que houve atraso do correio!

Quarto, pondera bem antes de tomar qualquer iniciativa, pois a Cúria será discreta, ou declaradamente contra ti. Se o que fizeres der certo ela esquece o que disse. Se fracassares, ela lembrará que foste avisado a tempo.

Longas e amargas eram as queixas do velho Vigário. Griggs achou-o pessimista

Foram muitos os preparativos para a Primeira Missa Solene do Padre John. Enfeitaram a igreja, foram convidados parentes, amigos, Autoridades e os operários do Estaleiro McKinley. No domingo de manhã a banda de música foi buscar o neo-sacerdote na Casa Paroquial, donde saiu de mãos postas, olhos baixos, paramentado para o templo. No adro havia grande aglomeração e ali o Secretário da Prefeitura fez o discurso felicitando o Padre Griggs pela "sublime vocação que abraçara para, através de renúncias e sacrifícios, difundir o Reino de Deus sobre a Terra". Desejava também, em nome da Municipalidade e de seus amigos presentes os maiores êxitos ao jovem sacerdote!

Para Johny, cheio de fé, a cerimônia foi emocionante desde que inclinado diante do Altar, assistido pelo Padre O'Connor, rezou o "introíbo ad altare Dei", até o último Evangelho. A hora da consagração foi o auge. Tremiam-lhe as mãos e de voz embargada pela emoção pronunciou pela primeira vez as palavras consagratórias.

Depois da missa os abraços e felicitações da família, dos amigos, dos conhecidos e de gente que ele nunca vira. Em casa de Big Pat os convidados não cabiam na sala. O banquete, um sucesso, foi servido no jardim. O tempo estava bom e não houve problemas. Diziam as más línguas, que por trás do brilhantismo das solenidades, estava o dedo rico do velho McKinley, futuro sogro de Anne.

Antes do fim da semana chegou a correspondência para o Vigário e para John também, mandando apresentar-se à Cúria Diocesana de Jackson, Mississippi, para saber a que paróquia seria vinculado.

No dia certo Johny apresentou-se à Autoridade Eclesiástica e Monsenhor Rudolf um velho e cansado Vigário Geral, foi logo dizendo:

— Dom William, nosso bispo, quer nomeá-lo coadjutor do Padre Franklin, em Marysburg. Franklin é um sacerdote muito piedoso e o senhor vai gostar dele. Agora Dom William quer vê-lo. Vamos onde Sua Excelência está!

Monsenhor Rudolf bateu na porta de um quarto e uma voz apagada ordenou:

— Pode entrar!

O bispo, com mais de oitenta anos, estava recostado numa poltrona. Griggs beijou-lhe o anel e esperou ordem de sentar-se. A ordem não veio. Sua Excelência falava baixo e o rapaz entendeu poucas palavras, "meu filho", duas ou três vezes "Deus", seu próprio nome e nada mais. Quando o velho terminou, o padre ajoelhou-se para receber a bênção e sentiu a mão do bispo tocar-lhe a cabeça num gesto paternal.

Mandou então o Vigário Geral John à Secretaria apanhar a provisão e embarcar logo para a paróquia onde era esperado.

Na Secretaria a conversa era outra. Padre Bird, o secretário, fora seu contemporâneo no Seminário de Memphis e o sub-secretário, Padre Leo, colega na Teologia. Foi alegre o encontro dos três. Rememoraram cenas e fatos. Falaram nos professores, nas esquisitices do Prefeito Geral Middel, nos erros de Saint'Inny e com todo o respeito do Reitor Padre Anthony.

De tarde Padre John Griggs voltou a Vicksburg de diligência e tomou o navio para subir o Mississippi até Marysburg. Ia eufórico. O Vigário, Franklin, "é um velho sistemático e de boa paz", disseram os colegas da Secretaria.

Na Casa Paroquial de Marysburg seu Superior o recebeu cordialmente:

— Seja bem-vindo, Padre John Griggs, meu novo coadjutor!

Uma garrafa de vinho espumante foi aberta no jantar para celebrar o evento. No dia seguinte recebeu John por escrito minucioso programa das atividades do mês com local e hora das missas, aulas de catecismo, horário das confissões a ouvir e assunto dos sermões a serem pronunciados. Em resumo, estaria ocupadíssimo o tempo todo. Quanto à remuneração, não se preocupasse. Padre Franklin informou:

— A paróquia não é das piores. Pagas as despesas, restam cerca de oitenta dólares, dos quais cabem a mim sessenta por cento e quarenta ao senhor. Terá trinta e dois dólares para comprar livros, vestir-se, calçar-se e comprar cigarros. Se fumar muito o dinheiro não chega, compreendeu?

Em uma das primeiras saídas exploratórias pela cidade foi ao porto e lá viu, surpreso, Margot. Não era mais a saltitante garota, companheira do velho. A vida desregrada e a bebida já lhe marcavam o rosto ainda bonito. A moça também o reconheceu e veio a seu encontro.

— Salve ele! Hoje é meu dia de sorte. Só me falta um gato preto! Puxa... Que é que você está fazendo aqui? Pó...

— Eu moro na cidade, respondeu Griggs!

— Então você já é padre católico e precisa me confessar! John desconversou:

— As confissões são feitas na Matriz, senhorita, aos sábados!

— Bobo! Para mim confissão não tem hora. Você sabe qual é minha profissão? Pó...

— Desconfio. Parece que você não faz mistério dela.

— Ouça! O que eu mais desejo é me enrabichar por alguém. O máximo de tempo que consegui me interessar por um homem foi uma semana. Conte isso à minha professora... Cara...mba!

— Professora? Interrompeu John.

— É. Podes chamá-la de cafetina... E ela me disse, "só padre católico cura isso! Cura mesmo! Dorme com um e verás! "Faz tempo que procuro padre, sem resultado, pois são poucos e os que encontro são estúpidos, só dão coices...

— Coices?

— Pois é! Quando tento me encostar eles vão logo dizendo. "vá criar vergonha, sua vagabunda!" e coisas assim. Você vai me dizer isso também?

— Não direi, mas quero saber porque quer se enrabichar?

— Deve ser gostoso. Ouço as colegas falarem em amores desesperados, amores impossíveis e fico com inveja. Nunca senti coisa igual! Satisfeito? De quanto tempo você dispõe para dar uma deitadinha comigo? A velhota daquela casa verde aluga quartos por hora! É ali!

John ficou atrapalhado. A mulher era atraente. Ele a desejava, mas havia um voto de castidade, que não poderia ser rompido na primeira investida séria. Ficou vermelho até a raiz dos cabelos e gaguejou:

— Lamento, Margot, mas isso não vai acontecer!

— Está bem! Peguei você de surpresa. Marque o local e a hora que irei procurá-lo! Pó...

— Adeus!

Griggs marchou apressado para a igreja, deixando a mulher pasmada com a negativa inexplicável do rapaz. Ela gritou bem alto:

— Juro por Deus, eu não desconfiava que você era brocha! Pó...

Ajoelhou-se o sacerdote no último banco da igreja vazia e pediu socorro: "Preciso de ajuda, meu Deus! Tenho receio de ter abraçado uma carreira acima de minhas forças. Preciso de muita graça para manter minhas promessas! A tentação hoje foi forte!"

Foi difícil prestar atenção aos salmos do breviário, onde leu duas ou três vezes a palavra rabicho, que não existe em latim. À noite colocou o travesseiro no assoalho e dormiu nas tábuas frias por penitência.

Decorridos alguns meses Griggs ouvia em confissão um grupo de meninas de colégio. Uma delas saiu com esta:

— Tenho um pecado muito grande, mas fico com vergonha de confessar! Eu... eu amo o senhor!

— Isso não tem a menor importância! Diga, mentiu, desobedeceu a sua mãe? A menina insistiu:

— Não, o que eu disse ao senhor é a pura verdade!

Se alguém em anos passados houvesse perguntado qual era dos mandamentos o mais infringido, John sem duvidar responderia, o sexto, "Não pecar contra a castidade"! Ouvindo, porém, semana

após semana as confissões conheceu o número de trapalhões e trapalhonas, descuidistas, compradores e autores de pequenos furtos. Não fez estatísticas, mas achou que se equivaliam em número os infratores do sexto e do sétimo mandamento. "Não furtar".

Certo sábado de tarde, quente e abafado. Padre Griggs suando confessava há mais de três horas no pequeno confessionário da igreja de St. Mary e começava a se impacientar. Veio então ajoelhar-se no móvel uma senhora peso-pesado. Rangeram as tábuas quando ela se apoiou no genuflexório. Pelos furos da grade passaram diversos odores desagradáveis, alho, cuminho e cárie dentária. Dentro daquele bafo grosso e pesado surgiu a lenga-lenga que o sacerdote detestava, "Eu me confesso a Deus Todo Poderoso e à Bem-aventurada Virgem Maria..."

Griggs interrompeu:

— Diga logo a quanto tempo não se confessa!

— À Bem-aventurada Virgem Maria, a São Miguel Arcanjo, a São João....

— Pelo que me consta nem a Virgem Maria, nem São Miguel! perdoam pecados!

A resposta veio irônica:

— Só o senhor, não é mesmo?

— Quem perdoa os pecados é Deus! Eu só dou a absolvição em nome Dele!

— Ainda bem que é assim!

A senhora tossiu, assoou o nariz ruidosamente e continuou:

— Há vinte anos sou casada. Minha vida é um martírio! Meu marido bebe demais, diz palavrões, é rico e miserável! Ele não dá esmolas! Sou eu quem ajuda a Santa Igreja e os Padres em todas as suas necessidades! Ele é católico, mas não reza, não vai à missa, não se confessa, nem comunga mas não é por falta de conselho. Diariamente eu o repreendo e o ameaço com o fogo do inferno. Ele ri e me chama de beata, hipócrita, maledicente e coisas piores! Até tapas ele me tem dado! Já o ameacei com a ira de Deus! Ele não se assusta!

— Tudo isso? Interrompeu o confessor.

— E o senhor acha pouco?

— Não! Mas, reze de penitência pelos pecados de seu marido um rosário hoje e outro amanhã! Pode começar a confessar os próprios pecados!

— Incrível sua má criação! Jamais padre algum me tratou assim! Vou me queixar do senhor ao Padre Vigário!

— Pois vá e o quanto antes! É um favor que me faz!

Na hora do jantar notou John que o Padre Franklin já estava diferente, sério, quase não falava. Desconfiou que a gorda fizera coisa dele. Não se enganara.

A partir daquela data o Vigário tratava-o à distância. John conseguiu identificar a matrona entre as que mais colaboravam financeiramente para a manutenção da paróquia e entendeu a conduta do colega.

Não demorou a chegar carta do Bispado chamando o Padre John a Jackson.

Lá, disse-lhe Monsenhor Rudolf:

— O senhor já sabe como dirigir uma paróquia. Seis meses de aprendizado com um mestre, como o Padre Franklin, bastam. Sua Exa. Dom William manda que assuma o Vicariato de Los Angeles. É uma cidade pequena com duas, ou três indústrias de tecelagem e fiação. Há muitos latinos. Precisa aprender espanhol! Vai gostar. Quase todos os habitantes são católicos e muito piedosos. O senhor tem, a partir de amanhã, quinze dias de férias. Esteja na cidade no dia dezenove, que o senhor Bispo pessoalmente, ou eu estarei lá para lhe dar posse. A paróquia está sem vigário. O sacristão mora ao lado da igreja, tem as chaves e receberá ordens da Cúria para entregar tudo ao senhor!

Griggs passou na Secretaria para rever os amigos.

— Parabéns, Griggs, você é dos bons! Você ficou seis meses em Marysburg. Franklin gosta de trocar de coadjutor. Os menos bons ficam só três meses!

— E só agora vocês me dizem isso?

— Avisamos que ele era sistemático. Um dia igual o outro. Você não acreditou e pisou nos calos de uma beata!

— Eu não sabia que a gordona cheirando a alho era amiga dele!

— Falta de observação, meu amigo, continuou sorrindo o Secretário Geral! Não há na Cúria a mínima restrição à sua conduta. Ao contrário, marcou pontos positivos, tanto que ganhou uma paróquia.

Griggs ficou contente com a informação e ao despedir-se perguntou:

— E a provisão de vigário?

— A pessoa que for a Los Angeles lhe dar posse a levará! Onde passaria os dias de folga? Em Rosedale certamente que não. Estivera há pouco lá por ocasião do casamento de Anne e Tom.

Que festa! Big Pat devia estar ganhando dinheiro, talvez, como diziam, fornecendo madeira serrada para o Estaleiro. Tudo em família. Em lugares pequenos é assim. Nova Orleans? Porque não? Não conhecia ainda o Estado, que fora território colonial francês. Louisiana. Boa oportunidade. A diligência o deixou em Vicksburg, onde embarcou num vapor que descia o rio.

John achou uma graça a entonação francesa dos que falavam inglês e o sotaque sincopado inconfundível da região. Hospedou-se em hotel modesto, mas muito asseado. No jantar tomou um litro de vinho francês saboroso e, descontraído, saiu a ver Nova Orleans. Andou um pouco e encostou-se à parede. Tonto? Não! Queria observar à luz do lampião a óleo do poste o rosto das duas moças que se aproximavam.

— Venham cá! Preciso de companhia! Disse Griggs com a voz um tanto pastosa.

Elas vieram logo.

— Um dólar a hora, disse a mais velha!

— Está bem! Eu pago, mas a uma só!

A mais moça, lourinha, agarrou-se ao braço de John e a outra seguiu em frente.

O rapaz caiu em si. Que estava fazendo? E se descobrissem que era padre? Aflito enfiou o dedo médio no colarinho eclesiástico e o retirou num gesto rápido, colocando-o amassado no bolso da calça. Não quero escândalo!

— Escuta aqui, ó madamisela! Não vamos para onde você está pensando. Quero um bar decente para tomar um drinque, como gente civilizada!

— Você já bebeu bastante, pela fala se nota. Vamos a uma confeitaria. Onde está sua gravata? Perdeu? Vamos a "La Bohème", fica aqui perto e não é de cerimônia.

Agarrada ao braço de Griggs andou duas quadras:

— Como se chama? Perguntou ele.

— Genviève Dubois. Ginette, para os amigos! E você?

— Jean!

A moça era conhecida do garçom que encaminhou o casal a um reservado, puxando logo a cortina. Levou em seguida dois pedaços de torta francesa e um bule de chá. A conversa era penosa. Ginette não entendia o parceiro, quando este falava depressa e vice-versa. A moça tomou a iniciativa:

— Pode começar!

— Por onde?

— Por onde todos começam, ora essa! Ou me bolinam para se excitarem, ou contam as magoas... Queixam-se das mulheres, da sogra, dos cunhados, dos filhos...

Enquanto a rapariga enumerava as queixas, Griggs pensava, "as beatas se dirigem aos padres e os maridos delas às mulheres da rua".

— E que você diz aos aflitos?

— Nada. Eles não querem conselhos, querem falar e querem que se lhes dê razão, principalmente quando estão alcoolizados...

Decididamente o rapaz não ficaria mais ali ao lado da moça. Chamou o garçom pagou a despesa e disse a ela:

— Minha querida, vamos embora. Quanto lhe devo?

— A taxa mínima é de três dólares. Se quiser dormir lá em casa são mais cinco.

— Não obrigado!

— Posso diminuir o preço se você estiver sem, ou com pouco dinheiro. Não posso é perder o freguês para uma possível volta!

No hotel Griggs custou a dormir. Doía-lhe a consciência. Ele estava rolando rapidamente por um plano inclinado. Precisava reagir, ou estaria perdido. A primeira providência era sair da cidade. Fugir da ocasião do pecado. Depois voltar a rezar diariamente o terço, fazer a meditação, exames de consciência duas vezes por dia e ler com atenção o breviário, que ultimamente era apenas uma leitura dinâmica!

Durante a viagem de três dias entre Nova Orleans e Rosedale. distantes mais de trezentas e oitenta milhas terrestres o padre rezou, meditou, jejuou e não tomou uma gota de álcool. Arrependeu-se das imprudências, tomou firmes propósitos e prometeu confessar-se com o Padre O'Connor logo que chegasse à cidade. Pensou também fazer surpresa à família, chegando de repente. Enganou-se. Alguém o viu desembarcar e deu notícia. Tom veio buscá-lo de carruagem e levá-lo à casa dos sogros.

Pat e Mary ficaram muito contentes com a visita do filho. Disse a mãe:

— Estás mais magro, meu filho, e mais bonito!

— Não diga! John riu. Creio que é somente a senhora em todo o mundo que me acha bonito.

James estava em vésperas de partir para o Colorado. Ia garimpar, levando Bob Church.

— Porque Bob? Indagou o irmão.

— Porque ele é forte como um touro, cozinha muito bem e não gosta de pensar. Eu pensarei por nós dois e assim os problemas da sociedade que fizemos serão sempre resolvidos por unanimidade. São três razões fortes, não achas?

— Que Deus te ajude mano!

Pat discretamente interrogou o filho:

— Que foi que tu andaste fazendo em Marysburg para te Tirarem de lá?

— Nada demais! O caminho normal é este. O padre passa algum tempo como coadjutor e depois entregam-lhe uma paróquia.

— Eu sabia que não contarias a teu pai nada do que ocorreu. Agora escuta. Los Angeles do Mississippi é um lugarejo sem importância, com algumas centenas de mexicanos e espanhóis morando ao redor de duas fabriquetas de segunda ordem. A igreja tem uma só torre de tijolo cru, preta de tão velha. Minha esperança era de que ficasses mais tempo como coadjutor e depois te dessem uma paróquia importante.

— O principal na vida do padre, meu pai, é trabalhar pelo Reino de Deus, onde, não importa!

— A mim tu não enrolas, Johny! Tu estás começando muito cedo no lugar errado. Onde há organização e hierarquia, há política também! Descobre quem influi no bispo e junta-te a ele!

Anne e Tom viviam numa linda casa, presente do velho McKinley, com esplêndida vista para o Rio Mississippi.

John preocupou-se com o estado de saúde do Padre O'Connor, cada vez mais magro e mais fraco, sem querer aceitar coadjutor oferecido pela Cúria.

— Prefiro estar só!

— Pois eu gostaria de trabalhar com o senhor! Disse John com humildade.

— Você me obriga, Johny, a contar coisas de que não gosto. Quando você se ordenou. Monsenhor Rudolf propôs que você ficasse aqui. Eu não quis e vou dizer porque. Eu sou um sujeito impaciente, implicante e autoritário. Sou um solteirão inveterado e empedernido. Gosto muito de você e de toda a família de Big Pat. Mas vocês lá e eu aqui!

John voltou à Marysburg para buscar roupas, livros e objetos de uso. Ao despedir-se do Padre Franklin, disse com certa malícia:

— Agradeço as boas referências que a meu respeito fez à Cúria!

O Vigário ficou um pouco embaraçado, mas respondeu com firmeza:

— O pessoal do Bispado é sempre muito gentil! Mas pode estar certo que em meu relatório não há uma palavra sequer que você não houvesse merecido.

Desta vez foi de novo o "Cygnus", onde pululavam mariposas bem menos interessantes que Margot, que o levou a Greenville. Desta cidade tomou uma diligência até a nova paróquia.

Los Angeles, Mississipi, era uma aldeia de aproximadamente quinhentas casas. A igreja velha, plantada no meio da praça tinha o campanário sem reboque, escurecido pelo tempo e dois sinos de bronze. Na rua atrás do templo uma casa de tijolos, modesta, recuada, ostentava no portão de ferro placa preta com letras de tinta branca, "Casa Paroquial".

Capítulo XIII

Ana Maria

Na hora da partida de Rezende para Piratini. Garibaldi ainda insistia:

— Diga ao Senhor Presidente que dentro de poucas semanas teremos dois barcos flutuando!

Na bagagem do major, além das cartas de João Grande à família em Rosedale e ao Ministro Almeida comunicando sua resolução, seguia extenso e entusiástico relatório do Capitão-tenente sobre o trabalho de John, "dono de moderna e apurada técnica de construção naval, pois apenas em um ano, usando inteligência, muita imaginação e esforço para suprir a absoluta falta de recursos, tornou possível a criação da esquadra farropilha!" Elogiava ainda a excelente índole e a imensa constância de Grigg(s) (*)

Garibaldi, sempre arrebatado em seus ideais e simpatias, afeiçoou-se a João Grande e por causa dele, Griggs deu-se muito bem com os outros italianos, Matru, velho companheiro do Capitão, Rossetti, político e financista, Valerigini, oficial de marinha, Campiglia, engenheiro naval. Foi este grupo o que de melhor conseguiu a Maçonaria na Itália para atenderas apelos dos irmãos de Piratini, transmitidos através de Zambecari, Professor da Universidade de Bologna, companheiro e amigo de Bento Gonçalves.

A casa de hóspedes, outrora ocupada somente por João, regurgitava de italianos extrovertidos, que de noite cantavam e riam-se às gargalhadas. Ao discutirem, porém, tornam-se agressivos a ponto de parecer que vão atracar-se. Uma hora depois a conversa continua amena, nem parece ter ocorrido tempestade!

Matru certa feita perguntou a John:

— Não há aqui por perto "cubarei", gafeira, ou como quer que se chame?

(*) (Cft. "Memorie Biografiche di G. Garibaldi". L'indole eccelente ed immensa constanza di Grigg.)

— O que você quer está a duas horas de remo rio abaixo!

Por isso, no sábado ao meio-dia viajaram todos de barco para Pacheca. Garibaldi hesitou, mas a troça dos companheiros levou-o a decidir-se:

— Questi ragazzi mi fanno pazzo! Ecco, andiamo! (Vocês me deixam louco!)

O bote construído no estaleiro era pesado, mas com quatro bons remadores se revezando na voga chegaram à vila, onde João Grande foi reconhecido e cumprimentado. Apresentou os companheiros e avisou que vinham todos divertir-se. Espocaram logo foguetes avisando a população feminina disponível dos arredores que haveria baile naquela noite. Não demorou a aparecer mais gente, inclusive o tocador de bandolim e foram indo para o bar, onde seria a dança. E lá foi um menino puxar a aba do casado de Griggs para dizer-lhe:

— Dona Margarida quer falar com o senhor!

— Diga a ela que venha cá!

John não gostou do recado. Margarida fora sua primeira mulher nessa região e deixara de procurá-la desde que passara a dormir em casa com Isabel, empregada da Fazenda. O guri insistiu:

— Ela precisa ver o senhor. Ela mudou-se. Eu levo o senhor lá!

Contrafeito, preveniu os companheiros, estivessem tranqüilos, ele voltaria logo. Foi levado então a um ranchinho pequeno e pobre.

Quase na porta, sentada sobre caixote a mulher amamentava a criança. Margarida de olhos e cabelos castanho claros, era bonita. Bem vestida chamaria a atenção por sua beleza exótica. Griggs num relance percebeu a miséria daquele cômodo de taipa, com um catre, mesa e algumas caixas servindo de móveis, inclusive berço. No centro, uma chaleira de ferro pendurada em trempe sobre brasas, que se apagavam. Doeu-lhe o coração.

— Margarida! A voz saiu aflita.

A mulher ergueu os olhos para o homem de pé na porta, imenso, e um sorriso de felicidade iluminou-lhe o rosto:

— Oh, meu Deus! Quanto rezei para que viesses! Olha tua filha!

— Minha filha? João Grande estremeceu. Nunca pensara em filhos e de repente tinha dois! Margarida falava sério, o que talvez não acontecesse com Isabel, safada!

— Vê só! Margarida entregou-lhe a criança, que no exato momento abriu os olhinhos azuis.

Griggs comoveu-se, ele conhecia aqueles olhos, eram os de Anne que pareciam observá-lo! Eram muito parecidos. Podia haver coincidência, mas a cor e principalmente certa dobrinha muito particular na pálpebra direita da menina, só vira nos olhos de Mary Griggs. Era a marca da família. Impossível negar! Ele não sabia o que dizer. Forte emoção o sacudia.

— Só quem tinha olhos azuis na minha família era minha falecida avó, explicava Margarida, mas eram de um azul claro, aguado. Escuros assim e azuis, nunca vi por essas bandas.

John com a filha no colo, engolindo as lágrimas, conseguiu dizer:

— Margarida, porque... porque vocês estão aqui?

— Meu pai quando me viu grávida, ficou com vergonha de mim e não me quis mais em casa. Meu irmão e um vizinho fizeram este rancho para mim!

O guri com duas moedinhas saiu correndo de volta ao bar.

— Já está batizada?

— Não, João! Esperei que viesses e escolhesses um nomezinho bem bonito para ela!

Griggs pensou logo na própria mãe e na irmã. Mariana? Não, havia outro mais bonito, Ana Maria! Levantou-se, ergueu a filha nos braços e com toda a devoção rezou, "Accipe, Domine, adhuc Annam Mariam In Misericordiam Tuam!"

— Ela vai se chamar Ana Maria, Margarida e nós vamos cuidar dela e de ti também!

Os olhos de Margarida brilharam de contentamento, João aceitara a filha! Cuidar como? Ele ia querer casar-se? Desde o primeiro encontro ele deixara bem claro:

— Não penses em casar comigo, querida! Se te ocorreu isso, tira logo da cabeça! Não caso contigo, nem com ninguém — Quem sabe diante da filha ele mudara de idéia? Havia tempo, poderia esperar que ele se manifestasse... Se ele quisesse tomar-lhe a menina? Passou-lhe um arpeio pelas costas e ela perguntou aflita:

— Vais querer me tomar Ana Maria?

— De jeito nenhum! Nem penses numa coisa dessas! Dize, de que mais precisas agora?

— De nada! 'Não preciso de coisa alguma. Eu trabalho em casas de família, lavo, passo, costuro e faço crochê. Nunca passamos necessidade. Graças a Deus nossa filha é fortezinha e nunca adoeceu gravemente até agora!

O tom não era de queixa, nem triste. Margarida era alegre e falava com naturalidade. Continuou:

— Agradeço a Deus ter te trazido aqui! Tanto que eu rezei a Santo Antônio e ao Menino Jesus...

Griggs, de novo sentado, não se cansava de olhar a filha adormecida no colo dele. Não podia falar, tal a comoção. De um lado estava contentíssimo com a menina e de outro recriminava-se por ter sido causa da expulsão de Margarida da casa do pai, do estado de pobreza das duas, da mulher e da filha. Conseguiu afinal dizer alto, como quem jura:

— Será por pouco tempo Margarida! Eu te garanto! E levantou-se.

— Que foi meu bem? Fica mais um pouquinho conosco!

— Não posso! Retirou o dinheiro que tinha no bolso. As notas amassadas com as moedas de prata e os vinténs foram postas num canto da mesa. Sentia vergonha de dar tão pouco, mas era o que tinha!

— Isso é para as despesas...

Apertou a mulher contra o peito. Beijou-a na testa, nos cabelos e no rosto. Beijou a filha e voltou ao bar trôpego e tonto como se estivesse embriagado.

Matru foi o primeiro a ver o companheiro e perguntar:

— Descobriu, Griggs algo melhor que este vinho ordinário?

As palavras do italiano enfureceram João Grande, que respondeu áspero:

— Ordinário é você, seu.

Não dava direito a quem quer que fosse menosprezar as coisas da terra de sua filha. Conseguiu conter a tempo, apertando com força sua inseparável borduna, os termos prontos a fluírem sonoros e chulos.

Matru, de sangue quente, dispôs-se a enfrentar o companheiro. Garibaldi, atento, chegou a assustar-se. Nunca vira tamanha fúria no rosto de Griggs e sabia que se o italiano retrucasse, morreria ali mesmo de cabeça quebrada. Por isso exclamou:

— Calma ragazzi! Matru, sent'un pò. Ascolta!

Enquanto o capitão abraçava o amigo, João Grande entrou no bar e pediu um copo de cachaça. Bebeu e pediu outro, sem lembrar-se que não tinha mais dinheiro. "Não me perdô", murmurava, de nem sequer ter desconfiado da grandeza de alma dessa mulher. Não

se queixou, não me censurou! Não pediu nada! Eu a troquei por Isabel, fútil, só porque era mais cômodo. Foi preciso que este anjinho, Ana Maria, nascesse e me abrisse os olhos! Meu Deus, me perdoa! Fui um egoísta muito grande! Prometo mitigar o sofrimento delas!"

Garibaldi veio procurar João Grande.

— Sacode os ossos, Grigg! Espanta as tristezas! Há tanta moça bonita aí. Dança um pouco, ecco!

— Capitão, tens, quatro patações para me emprestar até amanhã?

— A despesa é por minha conta, amigo! Mas aqui tens cinco patações, se precisares mais é só dizer!

— Grato, chega!

No domingo de manhã, na hora em que no Estaleiro se tomava café, chegou o grupo que fora a Pacheca.

Adão procurou logo Griggs para desabafar:

— Imagine o senhor, o Destacamento terá vinte e uma praças, sendo dezoito soldados!

— Ótimo!

— Puxa!

A fisionomia de Adão alterou-se e ele continuou indignado-

— Eu nunca esperei do senhor uma opinião dessas! O senhor não compreendeu que vem aí um tenente comandar o meu Destacamento? Que é que custava mandar com o reforço um sargento mais moderno do que eu?

— Sinto muito Adão! Eu não havia entendida.

Depois de um silêncio mais ou menos longo o militar prosseguiu:

— Pois eu acho que estava na hora de me promoverem! Isso eu conto para o senhor, que é meu amigo velho de guerra.

— Obrigado pela confiança! Jamais esquecerei que você me salvou a vida no "Aos Caçadores" de Pelotas. Mas, agora tenho um problema e preciso de sua ajuda!

Brilharam de curiosidade os olhos do sargento, João percebeu e continuou com habilidade:

— Além de amigo, você é profundamente discreto e melhor, não faz perguntas. Preciso com urgência comprar uma casa em Pacheca. Você acha que com um conto e quinhentos, ou um pouco mais compra-se casa decente na vila?

— Por este preço se compra até em Pelotas...

Adão estava ardendo de vontade de fazer perguntas, mas depois do que o outro dissera, não era possível interrogar.

— Pois eu peço a você que vá amanhã a Pacheca escolher casa e saber o preço dos móveis que a tornem habitável.

Na manhã de segunda-feira o sargento passou ordem ao cabo jucá, recém-promovido, montou a cavalo e partiu para a vila. Na mesma hora Isabel, de espreita, viu João Grande encaminhar-se sozinho para o estaleiro e chamou:

— João, preciso muito falar contigo hoje! Às dez da noite debaixo daquelas árvores nos fundos aí da tua casa... Bom?

— Sim. Estarei lá!

A construção dos barcos progredia rapidamente com o auxílio dos italianos. Havia gesso e óleo de boa qualidade, possibilitando a Griggs demonstrar seus talentos de calafate e ensinar os outros, que não haviam, como ele, aprendido a profissão nos estaleiros de McKinley. Campiglia, engenheiro, Matru, João Henriques e Manuel Rodrigues, oficiais de náutica, trabalhavam também como operários incansáveis. Achava Griggs que Garibaldi, com inegáveis aptidões para o comando, tinha habilidade manual bem reduzida. Conversava o tempo todo, até perturbando o trabalho com suas histórias sem fim.

Naquela noite, quando os companheiros se acomodaram, João Grande saiu discretamente e foi ao encontro de Isabel. Esta o esperava. Sentados na relva, a moça abraçou o companheiro, beijou-lhe insistentemente o rosto para diminuir-lhe as resistências e partiu para o golpe com toda a ternura de que era capaz de dar à voz:

— Eu estava com muitas saudades tuas!

— Humm!

— E quero fazer duas perguntinhas. Primeira, continuas decidido em não casares comigo?

— Desta tu sabes a resposta. Qual é a outra?

— Calma! Então eu tenho que arranjar um pai para esta criança que está aqui! Meu primeiro namorado gosta de mim e sempre

quis casar. É um rapaz-pobre, não tem nada, mas se quiser casar comigo, assim neste estado, eu caso com ele. Que é que tu achas?

— Não acho nada. Cada um resolve seus problemas como pode, ou como quer.

— Agora a segunda pergunta. Se eu precisar dinheiro para o casamento, posso contar contigo? Tu me ajudarás?

— Quanto queres?

— Ainda não sei. Talvez precisemos de uma carreta com três juntas de bois, uma casa, coisas assim...

— Conta comigo! Fica tranqüila! Ê só? Isabel entendeu a insinuação e retrucou:

— Por hoje é!

E saiu correndo. Griggs deitou-se e esperou que ela voltasse. Não voltou e ele foi dormir em casa.

Ao entardecer de terça-feira Adão apeou do cavalo defronte à casa dos hóspedes e vendo o engenheiro Caniglia, disse que desejava falar com seu João Grande. Dentro de casa havia muita gente, por isso Griggs convidou o sargento:

— Vamos sentar ali por aquelas árvores! Adão começou:

— Ao chegar em Pacheca de vereda fui à bodega do Arnildo. Ali se fala de tudo e da vida de todo o mundo. Conversa vai, conversa vem, soube que havia diversas casas à venda. Vi-as todas. A melhor é a de D. Zulmira, que vai de muda para São Sepé. para a casa da filha. Vende a casa com móveis, estábulo, duas vacas de leite, mais o terreno com laranjeiras, pessegueiros, bergamoteiras, galinheiro, chiqueiro com leitão na engorda e até gaiola com passarinhos. O prédio está em boas condições de conservação, pois é de material.

— De que?

— De tijolos! Há um galpão de madeira no fundo. Barato!

— Quanto?

João Grande estava nervoso, aguardando um preço fora de seu alcance.

— Um conto e oitocentos!

— Faço o negócio! Vou avisar o Capitão Garibaldi e amanhã vamos à Pacheca!

Durante a viagem rio abaixo, Griggs preferiu ir de canoa, Adão sentiu muita vontade de saber o porque da compra, mas conteve-se.

— Seu João, é dinheiro grande! São um milhão e oitocentos mil réis!

obteve resposta. Na vila examinaram a casa por fora. Era a casa mais bonita do povoado, recém-pintada de branco e verde. Precisava de consertos no portão e na cerca. Bateram palmas. D. Zulmira apareceu. Conversaram por mais de uma hora. O sargento e a dona da casa, apesar de apenas se terem conhecido na véspera, pareciam velhos amigos. Griggs pediu licença para chamar outra pessoa interessada no negócio.

Da entrada do ranchinho João Grande viu Margarida ajoelhada, mexendo com uma das mãos o mingau na panela de ferro e com a outra enxugando os olhos lacrimejantes pela fumaça da lenha. Ela notou imediatamente a presença do homem que tapava o vão. Largou a colher dentro da panela e pulou ao pescoço de Griggs, beijando-o com efusão.

— Não te esperava tão cedo, meu bem!

— Vim te buscar! D. Zulmira quer te ver!

— Qual? A viúva do falecido Vicente?

— Não conheci o falecido.

— A que mora numa casa bonita perto da bodega do Arnildo? Que é, que ela quer?

— Tu vais saber quando chegarmos lá!

Margarida deu um passo atrás e com as duas mãos na cintura perguntou:

— Assim?

— De qualquer jeito. Tu és linda e ela está com pressa!

— Toma conta de tua filha que eu vou me vestir!

Griggs brincou quase uma hora com a menina, que não estranhou o pai. Sorriu. Tentou morder o nariz e o dedo de João Grande com o único dentinho saliente da gengiva e babou-se ao ouvir em inglês dito com carinho:

— Do you understand your father, my dear? Yes, sua boca de sapo? Precisas de uma dentadura!

E o homenzarrão erguia no ar a alturas vertiginosas aquele pinguinho de gente, como se fosse uma boneca. Quando Margarida apareceu não parecia a mesma mulher, penteada, vestida e sobretudo alegre. Enrolou Ana Maria num chalé de lã e partiu para a rua feliz, com as duas pessoas de que mais gostava neste mundo, João e a filha. Não faltou na aldeia quem perguntasse:

— Quem será este homem alto, de porrete na mão? Talvez o pai da menina.

D. Zulmira só reconheceu Margarida depois de ouvir-lhe a voz.

— Você é a filha do seu Eleutério? Perguntou.

— Sou, sim senhora! Certificada, mudou logo o tom.

— Meu falecido Vicente gostava muito de ti. Saía às vezes de casa com pedaços de rapadura, ou de doce de leite para te dar! Quando te vi agora bonita desse jeito, não te conheci!

— Bondade sua! Porque a senhora mandou me chamar?

D. Zulmira não ouviu, ou não entendeu a pergunta da moça. João Grande e Adão se entreolharam. E aquele explicou:

— D. Zulmira vai mudar-se para a casa da filha em São Sepé e tu ficarás morando aqui com Ana Maria.

— Eu? E o aluguel?

Aí foi a velha senhora a manifestar-se.

— Seu João vai comprar a chácara com móveis e utensílios, o pomar com as frutas, o estábulo, as vacas e o pasto nos fundos!

Margarida pensou não ter ouvido bem. Olhou para Griggs que sacudia a cabeça e sorrindo confirmava as palavras da senhora. E completou:

— Para ti e Ana Maria!

— Então era isso?

Foi o que a moça conseguiu dizer. E mais não disse porque a emoção embargava-lhe a voz. Levantou-se entregou a menina ao pai e contornando a cadeira em que ele sentava, por trás, beijou-lhe os cabelos e a testa apertando-lhe a cabeça contra o peito.

— Este homem me mata!

Queria dizer que os últimos dias tinham sido os mais felizes de sua vida e que se a filha não fosse tão pequena e carente, desejaria morrer agora. Desandou a soluçar!

D. Zulmira comoveu-se também. Enxugando, porém, as lágrimas convidou todos para o almoço.

De tarde foram ao cartório, onde Margarida ficou sabendo que ela, Margarida de Freitas e a filha Ana Maria de Freitas Griggs eram as outorgadas compradoras e D. Zulmira, outorgante vendedora. Ao saírem da repartição disse a velha senhora:

— Espero, Margarida, que me suportes por quinze dias, ou um mês em tua casa, pois esse é o tempo que minha filha e meu genro levarão para vir me buscar!

Agora foi Margarida que não entendeu. Parecia não acreditar que a melhor e mais bonita casa de Pacheca era dela e que a antiga proprietária pedia licença para permanecer mais alguns dias ali. Não sabendo o que dizer, olhou para João Grande.

— Esteja tranqüila, D. Zulmira. Será muito útil à nova proprietária ter alguém que a instrua a viver na chácara.

Margarida desandou a rir de repente.

— João, tu conheces a história da Gata Borralheira?

— Conheço. Diz, quem está fazendo o papel da Gata, agora? Rindo de felicidade a moça respondeu:

— Não posso dizer!

A mudança do rancho para a casa nova foi facilíma. Adão trouxe a mala com roupas. O resto ficou lá mesmo, para quem quisesse.

Discretamente D. Zulmira inquiriu:

— Já marcaram o casamento, Margarida?

— Ele não casa, senhora! Acho que é a religião dele é contra o casamento.

— A religião, é? Com filha e tudo... sendo solteiros ambos... juro que não entendo mais nada. Devo estar mesmo muito velha!

Notando Margarida que os dois homens se preparavam para partir, perguntou:

— Ficas esta noite aqui comigo, João?

— Não. querida! Volto ao estaleiro já! E se eu ficasse, não terias medo de engravidar?

— Medo? Eu? Contigo eu teria dez. vinte filhos, quantos tu quiseses!

Griggs não disse palavra. Sentia-se mesquinho e envergonhado diante da grandeza de sentimentos da mulher, que o continuava amando, apesar de ter mil razões para o desprezar!

Capítulo XIV

Vigário de Los Angeles, Mi.

O dono da hospedaria, ponto de parada da diligência, não permitiu que o Padre John Griggs carregasse as malas. Avisaria o sacristão para vir buscar a bagagem. Em vista disso encaminhou-se o novo Vigário diretamente para a igreja aberta, limpa e sem lamparina. Não havia Santíssimo ali. No altar-mor a imagem de um anjo de gesso, pintada com mau gosto. Mais abaixo um crucifixo grande de madeira, este sim, bonito e antigo. Ajoelhado no primeiro degrau do altar, rezou com emoção:

— Senhor, sei que me ouves, estou chegando agora nesta Tua casa. Não posso dizer que estou calmo, Tu sabes porque. Eu queria

ser um padre melhor do que sou. Não fui muito bem em Marysburg. Depois, quase me machuquei com aquela rapariga em Nova Orleans. Miséria humana! Ajuda-me a difundir o Teu reino nesta paróquia, que outros por Ti me confiaram. Sei que Tu és a vida do mundo, faze, por favor, que este povo e eu mesmo encontremos em Ti alegria agora e sempre, por toda a eternidade!

Sentiu que alguém o olhava. Virou-se. Na porta do templo viu um sujeito baixo, gordo, de braços cruzados ao lado de suas malas. O padre encaminhou-se para ele e foi saudado solenemente com:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! O senhor é o novo vigário Griggs?

— E o senhor é o sacristão. Chama-se?

— Jones. Joseph David Jones.

— Inglês?

— Não. Sou galês, de Cardiff!

"Este camarada pinta o cabelo", pensou Griggs, "o jeito dele é de pederasta. Deus permita que eu me engane! Pessoas assim atrapalhadas são terríveis!".

— É casado?

— Sim. Moro naquela casa atrás da Casa Paroquial, depois daquele larguinho. Minha esposa chama-se Lucila!

Enquanto carregava as malas o sacristão soltou a língua. Era casado há quatro anos. Conhecera a mulher em Londres. Ela era de origem mexicana. Não tinham filhos. Morava há três anos na paróquia. Viera de Nova Iorque a convite do antigo Vigário, Padre Daniel Andrews, inglês, excelente pessoa, que Deus levara certamente para o Céu e...

— Monsenhor Rudolf vem aí, interrompeu John.

— Sei. Fui avisado em carta de Sua Reverendíssima. Eu e Lucila fazemos tudo na Casa Paroquial. Ela cozinha, lava a roupa e arruma a casa desde o tempo do falecido Padre Andrews. Se Vossa Reverência quiser, pode tratar os serviços e os preços com ela mesma!

A fala e a pronúncia rebuscada do ilhéu irritavam Griggs, que atalhou:

— Acabe com Vossa Reverência, pode me chamar de senhor!

Jones pediu licença polidamente e retirou-se da casa canônica. John examinou o prédio e escolheu o quarto do sul para dormir. Lá batia sol.

Monsenhor Rudolf chegou quase ao amanhecer de domingo. Um prolongado bater de sinos chamou os fiéis. A igreja ficou repleta. Griggs foi para o altar e Monsenhor para o púlpito onde leu a provisão e felicitou a comunidade por ter agora, "com a graça de Deus e escolha de nosso muito prezado Bispo Dom William um excelente e operoso Vigário, na pessoa do Padre John Griggs". Rudolf falava devagar e articulava sem exagero as sílabas, porque a língua materna da maior parte da assistência não era o inglês. Agradou. Apenas duas palavrinhas latinas, contidas na provisão, advertiram John que o conceito dele na Cúria Diocesana não era tão bom quanto seus amigos tinham dado a entender. Vigário "Ad Nutum". à ordem. Poderia parecer uma distinção. Não era. Tiravam-lhe qualquer estabilidade. Poderia ser removido a qualquer momento de Los Angeles.

Ao voltarem para casa a mulher do sacristão, Lucila, esperava-os com o café. Monsenhor já a conhecia. Ela apresentou-se ao novo Vigário. Era uma mulher alta, morena, magra, de olhos castanhos saltados das órbitas. Griggs não a achou bonita, nem feia e um pouco mais velha do que ele, pois os cabelos brancos já apontavam entre os outros, pretos. Tinha um jeito de falar decidido, deixando bem claro que não era fones quem mandava em casa.

— Disse meu marido que o senhor Vigário vai precisar de alguém que cozinhe, lave e tome conta da casa. Se Monsenhor permitir trato disso agora.

— Pode falar, disse Rudolf!

Lucila queria cem dólares por mês pelo serviço e pensão. John olhou para Monsenhor e este fez com a cabeça que sim.

— Aceito, disse Griggs!

Antes de ir embora o Vigário Geral perguntou:

— Tem algum dinheiro, Padre John?

Griggs sorriu satisfeito. Pela primeira vez ouvia da autoridade eclesiástica uma pergunta prática, revelando interesse pelo subordinado.

— Bem, meu pai me deu duzentos dólares e com alguns trocados que já tinha, posso esperar por melhores dias!

— Se precisar de dinheiro, não recorra a seu Pai, mas à Cúria Diocesana!

Os trabalhos na paróquia eram os mesmos que executara em Marysburg, missa, catecismo para as crianças, preparação da homilia dominical, visita aos doentes, balizados e o mais cansativos dos trabalhos, ouvir confissões. Agora não era mais o Padre Franklin quem marcava o horário, mas ele mesmo. Passaram semanas e com elas meses e mais meses no mesmo ritmo e a solidão começava a pesar sobre os ombros de Griggs. Mas ocorreu então um fato que ia tirá-lo da rotina.

Começou com o empregado da hospedaria entregando-lhe mala e pacote, dizendo:

— Isso é de sua irmã! Ela vem já aí!

— Anne?

— Ela não me disse o nome. É uma moça alta. de cabelos castanhos, parecida com o senhor!

Deu o Vigário vinte e cinco cents de gorjeta ao rapaz e ficou na porta de casa esperando a irmã de inesperados cabelos castanhos. Anne era louríssima de olhos azuis. Teria pintado o cabelo? A troco de que? Vinha sem Tom? Que teria acontecido em Rose-dale? Afinal tudo era possível! Nisso, vem saindo da igreja a mulher de alpargatas, corda de cânhamo de três nós na cintura, as mãos enfiadas nas mangas largas da túnica marrom e um pano branco enrolado na cabeça. O hábito, um pouco estranho, era evidentemente de freira. Diante do Vigário ela fez inclinação profunda. Levantou depois a cabeça e encarou Griggs com um sorriso encantador:

— John, querido, não me reconheces? Perguntou com efusão capaz de quebrar qualquer resistência.

Custou o padre a reconhecer a rapariga companheira do velho ciumento na viagem de navio no Mississipi e mais recentemente encontrada em Marysburg.

— Margot? Você por aqui, e nesses trajes? Está fantasiada?

— Vim te ver! Ora essa! Não me convidas a entrar? Pó...

John ficou pasmo, pregado no chão. A mulher empurrou-o para dentro de casa, pulou-lhe ao pescoço e o beijou na boca.

— Para onde? Gaguejou o Vigário.

— Para a cama... car...amba!

Surpreso o rapaz não conseguia raciocinar. De um golpe libertaram-se seus demônios interiores, vigiados e reprimidos durante anos. Pegou a mulher no colo e levou-a para o quarto. Tirou rapidamente a roupa sem se lembrar de promessas, juramentos, votos de castidade e pecados. Era apenas um lobo faminto.

Passou horas trancado com Margot. Precisamente às sete e meia da noite colocou Jones as travessas do jantar sobre a mesa e ia avisar o padre, quando ouviu voz feminina falando dentro de casa:

— Vocês homens não prestam. São todos mentirosos, do primeiro ao último e não têm vergonha na cara! Pó...

Quando à porta o sacristão viu um pano branco engomado. Juntou-o e o colocou dobrado sobre o espaldar da cadeira mais próxima. Excitadíssimo correu a contar:

— Lucila, o Padre John está fechado com uma madame no dormitório!

A resposta veio como uma chibatada:

— É mentira tua!

Lucila vigiara sempre de perto, discretamente, os passos de Griggs e jamais descobrira o mínimo deslize. O padre era jovem, alegre, forte e piedoso! Não podia estar agora de amores com uma mulher e logo... dentro de casa?

Quando voltaram a conversar, John um pouco arquejante perguntou:

— Porque te fantasiaste de freira?

— De madre! Mulher de padre é madre!

— Queres dizer feminino de padre, não é mesmo?

— Olha, na escola se ensina e eu aprendi, abade, abadessa; papa, papisa; frade, freira; padre, madre! Compreendeste, pó...?

No momento Margot não aceitaria outra explicação. Ela tinha certeza que papisa era mulher de papa e fim!

— Porque vieste aqui?

— Porque estou grávida e quero que sejas também pai de meu filho, aliás mais pai tu, do que os outros malandros, que me empenharam!

— Querida, se estás esperando um filho, ele já tem pai! Eu não posso interferir!

— É, mas ele não está pronto. Está se fazendo!

Pacientemente explicou e como foi difícil, que as crianças têm apenas um pai. Isso exasperou Margot, esperançosa de melhorar o filho com a co-paternidade e conseqüente herança das qualidades morais que vislumbrara em John. "Seria uma desgraça a criança se parecer com Tiger, o proxeneta, com o maluquinho do Tex, ou pior ainda com Crazi Bull", pensava a mulher. "Farei qualquer sacrifício por meu filho, mesmo acampar nessa vila mixuruca como Madre do Padre John. Mas o malandro tem uma, ou algumas Madres e não quer mais compromissos! Sempre fui teimosa. Vou encorajá-lo a me aceitar!" E começou:

— John, querido, acho que fizeste mau negócio em deixar Marysburg, um ponto bom. na margem do rio e vires para este cafundó! Esses caipiras tem grana?

— Não vim para Los Angeles para fazer negócios, mas porque o Bispo de Jackson me mandou para cá!

— Ah, tu és empregado dele?

Como poderia Griggs explicar o Serviço Religioso a uma mulher prática e ignorante desses assuntos? Optou pelo atalho:

— Sim, sou empregado dele!

— E quanto ele te paga?

— Ele não me paga!

isso encheu as medidas de Margot. O Bispo de Jackson, pessoa importante da Capital do Estado, com nome nos jornais, não pagava empregado? Mentira. John era mentiroso, igualzinho os outros e acreditava que ela era burra. Como macho o padre não servia, rápido e desajeitado, machucara-a toda na ânsia de satisfazer-se. Irritada gritou:

— Vocês homens não prestam! São mentirosos do primeiro ao último! Não têm vergonha na cara! Pó..>.

De bruços, com o rosto afundado no travesseiro, começou a moça a chorar de pena de si mesma. A cafetina nada sabia sobre padres. Inventara. Ela, boba acreditara na madame e em John! Mais uma desilusão. Precisava ir embora!

— Porque choras? Perguntou Griggs aflito.

— Por nada! Deixa-me dormir! Car...amba!

Não demorou bateram à porta. O Vigário sem abrir indagou:

— É o senhor Jones?

— Não! É Lucila, Padre John! Joseph está febril! O senhor ainda quer jantar, ou posso retirar os pratos?

— Por favor, deixe as coisas como estão! Pode voltar para casa!

A última frase foi dita em tom áspero. Lucila deu "Boa Noite" e retirou-se. Não ouvira voz de mulher, mas constatou que o pano branco, parecendo um véu de freira estava dobrado no encosto do móvel. O sacristão falara a verdade, infelizmente.

Às seis horas o sino da Matriz bateu o "Angelus".

— Que horas são? Foi a pergunta de Margot ao companheiro.

— Seis.

— A que horas parte a primeira diligência para Greenville?

— Daqui a meia hora!

— Quero minha maleta. Vou me vestir como gente. Fique com esses malditos trapos! Não quero mais ser madre. Car...amba! Car... Que raio de vida!

Lavou o rosto e vestiu-se sem dizer mais palavra. Griggs perguntou:

— Como estás de dinheiro, Margot?

— Bem melhor do que você a quem o bispo manda trabalhar e não paga! Não quero nada seu! Pó...

O Vigário colocou dentro da sacola da moça duas notas de dez dólares. Ela viu e não disse nada. Bateu a porta e saiu sem se despedir.

John ficou observando a silhueta da rapariga até ela sumir na bruma do dia que clareava. Juntou do chão o hábito de freira, as alpargatas e o véu usado na cabeça, que estava no espaldar da cadeira. Fez uma trouxa e a enrolou num papel, para queimá-la mais tarde, longe dali. Sentou-se, então, à mesa do escritório e pôs-se a refletir. "Margot saiu decepcionada comigo e eu, desiludido e confuso. Cometi um pecado à toa! Se eu morresse agora, para onde iria minha alma? Para o inferno a troco de uma porcaria que não dá prazer! Nada mais estúpido que o pecado! Acho que nasci para ser padre e ficar fora dessas jogadas. E agora a missa? Mandarei Jones avisar o beatério que o padre passou mal a noite e quebrou o jejum eucarístico. Vou de diligência a Greenville e me confesso no Convento dos Carmelitas. De noite estarei de volta!"

O sacristão serviu-lhe o café com um sorriso disfarçado no canto da boca.

— Já está melhor, Jones? Perguntou o padre.

— Sim! Graças a Deus e a um chá que a Lucila me fez. Obrigado!

Griggs foi à igreja e ajoelhando pediu perdão a Deus pelas besteiras que cometera. "Uma rapariga ordinária, que rola de mão em mão... Talvez até com doença venérea... Não sei onde andava minha cabeça. Perdão, meu Deus. duas vezes, pelo pecado que cometi e pelo juramento que quebrei!"

Em Greenville ouviu-lhe o frade com paciência a confissão e deu-lhe alguns conselhos. John se sentiu aliviado. "Agora tenho experiência", pensou, "ninguém mais me pegará desprevenido: nem Margot, nem outra vadia qualquer! Há males que vêm para bem. O

que passou, passou. De agora em diante serei um bom padre, casto e fiel! E que Deus me ajude!"

No sábado de tarde., obedecendo à rotina por ele mesmo estabelecida, foi ouvir confissões na igreja. Atendeu mais de vinte pessoas. Faltava uma. Olhou pela grade e reconheceu, pisando na ponta do pé, muito bem vestida e com um requebro nunca por ele antes observado, Lucila Jones, a mulher do sacristão, se aproximava.

— Padre, começou, profundamente constrangida... envergonhada... venho confessar os pecados que me pesam demais na consciência. Não posso viver com eles!

Suspirou fundo e esperou qualquer palavra de estímulo, que não veio.

— Durante muito tempo enganei a mim mesma e a meu marido com um homem chamado Alonso Lopez.

— É melhor não dizer o nome das pessoas. Está arrependida?

— Longe dele consigo refletir e reconheço meu erro. Acho que me arrependo!

— Precisa dizer o tempo de convivência e o número aproximado de conta tos!

— Dois anos, com encontros semanais!

— De que mais se acusa?

— De ter ido à comunhão sem me confessar cada vez que vinham aqui Monsenhor Rudolf, ou o senhor Bispo. Isso aconteceu umas cinco vezes... No mais me sinto muito só...

— Solidão não. é pecado, minha filha! A reza é o melhor remédio contra o tédio e a tentação. Não precisa recitar fórmulas,

Fale naturalmente com Deus que é seu Pai! Freqüente os sacramentos e vai melhorar!

Lucila saiu confortada com vinte Padre-Nossos e outras tantas Ave-Marias como penitência. Ela sentia profunda ternura pelo padre. Simpatizara com ele desde a primeira vez que o vira. Imaginava-se envolvida e apertada pelos braços compridos do Vigário e arrepiava-se toda com a perspectiva de ser carregada no colo dele. "Que sorte", pensou, "a da mulher do pano branco que dormiu na

casa dele outro dia! Puxa, acabo de me confessar e já estou pecando de novo!”.

Na semana seguinte Griggs sentiu fortes dores nas costas, entre o pescoço e o omoplata. Não dormiu. De manhã foi consultar o médico.

— É um abscesso em formação, Reverendo. Parece antraz. Repouse. Vou lhe receitar alguns remédios.

Ao sair do consultório John sentiu tonturas e tremor de frio. Não foi à farmácia. Voltou para casa e chamou o sacristão. Lucila atendeu.

— Joseph foi a Greenville e volta mais tarde. Se eu puder ajudar.

O padre deitou-se e a mulher foi levar a receita ao farmacêutico, voltando com a notícia que os remédios estariam prontos dentro de duas horas. Entretanto rasgou fronhas e lençóis velhos para com os pedaços fazer compressas de água quente. Viu que a mancha vermelha nas costas do Vigário, deitado de bruços, era enorme e feia.

— Meu receio é colocar compressa quente demais!

— Não se preocupe, Mrs. Jones faça como puder!

Griggs ardia em febre. A presença de Lucila dava-lhe tranqüilidade. Mulher tem jeito para cuidar de doente. Sentiu sede, ela lhe deu água e ele dormiu. Sonhou que estava no Seminário e sentiu intenso prazer quando a mão pequena e macia acariciava-lhe a parte inferior da barriga. Só poderia ser mão de anjo e de santa, pois ali não havia mulheres. Interessadíssimo perguntou em voz alta:

— Qual delas é... ?

— Só eu, estou aqui, senhor Vigário! Está melhor! Fui buscar seus remédios. Queira sentar-se para que eu lhe aplique a pomada!

Lucila esfregou carinhosamente a pomada nas costas do padre com uma emoção que há muito não sentia. O contato demorado com a pele do homem, a excitava.

Jones só chegou de noite. Durante uma semana ora ele, ora a mulher assistiram o Vigário. Afinal rompeu-se o antraz e o médico, chamado às pressas, espremeu, limpou e colocou mecha na cratera aberta nas costas de Griggs. Ensinou também a Lucila a fazer os curativos. Ao despedir-se brincou:

— Trate de recuperar-se, Padre John, suas fãs do "devoto feminino sexo" querem vê-lo de novo em atividade!

Nenhum dos presentes gostou da piada! Lucila aproveitava a oportunidade para, sempre que podia, estar perto de Griggs, de quem gostava cada vez mais. Sem que o padre pudesse esquivar-se, contou-lhe sua vida:

— Nasci no México. Meus pais, espanhóis, morreram em Guadalajara, quando eu era pequenina. Mãe. Lis, senhora americana de Boston, me tirou do orfanato. Era viúva, rica e viajava muito, pois só tinha filhos homens e não se dava bem com as noras. Corri Seca e Meca com ela. que afinal morreu em Londres, num hotel onde Jones era camareiro. Eu tinha vinte e um anos. Joseph foi incansável, providenciou enterro e sepultura de Mãe Lis, tomando todas as providências legais. Ele queria emigrar para a América. Com o dinheiro que eu tinha, casamos e viemos para Boston. Aí os filhos contestaram a validade do testamento da falecida em meu favor e ficamos sem nada. Seguimos para Nova Iorque, onde conhecemos o Padre Andrews, que de pura pena nos trouxe para cá, ensinando a Jones o ofício de sacristão.

John percebeu que ela diminuirá a idade ao contar que se casara. Desculpou e indagou:

— E o casamento?

— Apavorada com a morte de Mãe Lis no estrangeiro, agarrei a primeira tábuca. Jones, a quem eu achava bonitinho e de conversa agradável. Joseph entendia de modas, cores, flores e rendas. Com experiência de vida, a pessoa olha para ele vê o que ele é, mas eu era ingênua. Para consumir o casamento, não é assim que se diz? Levamos mais de mês! Volta e meia ele se lembra disso e faz novas tentativas, em geral frustradas. Faz dois anos e pouco, comecei um romance com o chefe do escritório da fábrica. Alonso Lopez, que depois disso deu desfalque, abandonou a% mulher, os filhos, a mim e fugiu. Está desaparecido. Correm boatos que se suicidou, que foi para o México, que foi morto por ordem dos donos da tecelagem. De certo, nada se sabe.

— Jones pelo menos desconfiava do romance?

— Em lugares pequenos é difícil apagar os indícios! Outros sabiam e com certeza ele também, mas continuou amigo de Alonso. Depois do sumiço deste, meu marido passou a ir com frequência a Greenville, ainda não descobri porque.

Observou o Vigário fielmente as prescrições do médico, ficando alguns dias de cama. Achava bons somente os momentos em que Lucila estava no quarto. Certo dia, sob o pretexto de verificar se o padre ainda estava com febre, alisou-lhe o cabelo e a testa por bastante tempo. John pegou-lhe a mão e a beijou. A mulher não opôs resistência. Ele então puxou-lhe o braço e a beijou no rosto. Lucila devia estar esperando por isso há muito tempo, pois retribuiu as carícias com ardor. Sem perda de tempo ela despiu-se e nuazinha deitou-se ao lado de Griggs.

Duas horas depois Lucila estava na cozinha cantarolando quando fones chegou. Admirado com a alegria da mulher perguntou:

— Satisfeita, porque? Com a morte de Dom William?

— Morreu o Bispo? Coitado!

— Eu soube da notícia em Greenville. Lamentável. Monsenhor Rudolf deve ficar no lugar dele. Ah, o correio trouxe carta para o Padre John. Vou entregá-la.

Capítulo XV

Combate da Charqueada Velha

— Sacramento! Porca miséria! Pensamos que você não viria mais!

Foi assim que os companheiros italianos receberam Griggs na volta de Pacheca.

— Vamos lançar os cascos no rio amanhã, disse Garibaldi. Precisamos de sua ajuda Grigg. Você comandará o "Independência" e vá tomando conta dele desde já! O "Rio Pardo" será o capitânia da jovem esquadra, que singrará os mares levando a bandeira de nossa bravíssima República Riograndense, ecco!

Arrebatado pela imaginação Garibaldi divagava longamente. "Ele não sabe de minha situação," pensava João Grande, "ainda não decidi se fico, ou se vou-me embora". Todavia lembrou:

— Precisamos armar os navios, Capitão!

— Canhões? Devem chegar alguns nos próximos dias!.Escute, vamos iniciar a construção de mais dois navios com a madeira que

você desdobrou. Arranje agora uma festinha em casa de Da. Ana, para celebrar a corrida dos barcos e convida-a para madrinha de um deles.

John foi à fazenda. Maria, surpresa de ver àquela hora o rapaz. foi quem o recebeu.

— Preciso falar com a senhora sua Mãe!

— Mesmo sem falar comigo antes?

Griggs ficou corado até a raiz dos cabelos e amassando o chapéu nas mãos, não sabia o que dizer. Da. Ana concordou e mais tarde ela, duas moças e mais Bentinho, sobraçando este duas garrafas de vinho espumante, chegaram ao estaleiro.

A irmã do Presidente da República quebrou a garrafa na quilha do "Independência" e foi muito aplaudida. A madrinha do "Rio Pardo" foi Manoela, a convite de Garibaldi.

Ao meio-dia enquanto os trabalhadores churrasqueavam uma novilha gorda no barracão, Valerigini, Rodrigues, Matru, Henriques e Coniglia com João Grande e Garibaldi, adequadamente vestidos, sentavam-se à mesa da fazendeira. Foram abertas muitas garrafas de vinho generoso, que os homens bebiam com prazer e as mulheres molhavam os lábios. Bentinho, industriado por Manoela, pediu:

— Seu Garibaldi. Conte porque veio ao Rio Grande!

— Isso é uma longa história, meu rapaz!

— É verdade que na Itália o senhor foi condenado à morte?

— É! É verdade! Em Gênova fui condenado ao fuzilamento pelas costas como ignomínia. Não por ter furtado galinhas, ou assassinado quem quer que fosse. Eram os políticos que queriam me matar. Resolvi então lutar por meus ideais de liberdade e justiça em outra parte do mundo e vim para o Rio Grande do Sul.

Era visível o interesse de Manoela e o Capitão se entusiasmou falando no pai, Domenico, proprietário de um pequeno navio, na mãe. Rosa (*), nos esforços dele e dos amigos para unificar a Itália. das aventuras do Mar Negro, em Constantinopla, na França, em cuja marinha de guerra serviu, e na Tunísia. Por fim comovido atribuía Garibaldi às preces de sua mãe a graça de continuar são e salvo em meio de tantas e tão perigosas peripécias. (**)

(*) "Mia madre. lo dichiaro con orgoglio. era il modelo delle madre e credo con questo avere detto tutto." Memorie di G. Garibaldi. Ed. Firenze 1888)

(**) "Ho sempre creduto nel efficacia delia preghiera!" Memorie' di Giuseppe Garibaldi.

Terminada a festa, ouviu-se toque inesperado de clarim na margem direita do Camaquã. A barca da Fazenda começou imediatamente a transportar para o estaleiro soldados, marinheiros, carretas com canhões, arcabuzes e munição em abundância.

Encaminharam-se os oficiais para a barranca do rio, onde o comandante que chegava apresentou-se:

— Tenente João Antônio Braga, Comandante do Pelotão de Guarda do Estaleiro, apresenta-se por ordem do Senhor Ministro ao Comando de Camaquã!

Garibaldi correspondeu à continência e disse:

— Considere-se apresentado. Tenente, esteja à vontade!

Os soldados tinham boa aparência, o que não acontecia com os marinheiros mercenários, cerca de cinqüenta, recrutados nas docas de Buenos Aires e Montevideú, pois ostentavam tatuagens nas mãos, braços e peito, como também cicatrizes, visíveis lembranças de outras guerras.

— ôiagale gente de pinta brava! Foi o comentário do sargento Adão.

— Grigg, disse Garibaldi, parece que estou vendo "Frères de la Côte", ou os marujos da Fragata que o Bei de Tunis me entregou. Temos que dar ocupação a essa gente, senão em breve teremos problemas sérios.

O Capitão-tenente não esperava o reforço antes que os barcos ficassem prontos.

— Duas razões apressaram a vinda deles, explicou Braga. O perigo de mantê-los em Piratini e a informação dos bombeiros...

— Incêndio?

— Não, Capitão! Chamamos bombeiros os observadores, ou informantes, como quiser, que nos avisaram da presença de tropas imperiais ao sul do Camaquã!

— Ecco, Grigg! Venha e ouça a informação!

— Há dez dias desembarcaram na foz do Arroio Grande setenta praças de infantaria e oitenta cavaleiros, comandados por Chico Pedro, o Coronel Moringue, o mais esperto dos oficiais inimigos daqui. Estão acantonados na fazenda do sogro do Coronel. São notícias confirmadas!

— Vamos ao encontro deles! Interrompeu Garibaldi.

Braga informou também que os "caramurus" sabiam do estabelecimento militar de Camaquã, mas não acreditavam que desse local pudessem sair navios.

A par do que estava acontecendo começou o Capitão a tomar providências que achou necessárias. Sob a proteção de Braga, Griggs continuaria o trabalho no estaleiro. Adão com alguns soldados, os marinheiros todos e os trabalhadores voluntários que John pudesse dispensar marchariam com Garibaldi "até o Arroio Grande se preciso for!"

Veio um operário procurar João Grande.

— Sou Sebastião Antônio Fagundes, dá licença Mestre? Pois eu vim do Faxinal do Tamanco (*) se consentir acompanharei o Capitão Garibaldi.

(*) Antigo nome de Venâncio Aires, cidade do Rio Grande do Sul.

João Grande admirou a coragem e a determinação do moço. Açou-o muito jovem, ponderou, mas terminou concordando e desejando-lhe boa sorte. Depois de Fagundes vieram outros com o mesmo pedido, que também foram liberados do trabalho no estaleiro, ouvindo a recomendação:

— Apresentem-se ao sargento! Na volta vão dedicar-se ainda mais à construção dos barcos. Está bem?

De manhã cedo partiram cem homens com Garibaldi, que à meia tarde acantonaram nos galpões de antiga charqueada, três léguas

ao sul do Camaquã. No dia seguinte a cerração matutina estava muito densa e se Moringue já estivesse por perto poderia aproveitar-se dela para atacar sem ser percebido. Por isso mandou o capitão observar os cavalos, que assinalam a aproximação de estranhos. Os animais estavam calmos. As sentinelas ocuparam os postos estratégicos e a tropa foi liberada até meio-dia para descansar.

Griggs da janela vira a tropa atravessar o rio e sentiu forte angústia por saber que marchavam contra o inimigo. De noite não pode dormir. Aflito, levantou-se alta madrugada e saiu no encalço dos expedicionários. Um leve caíque o transportou para a margem direita do Camaquã e quando a pé saiu da bruma que acompanha o rio encontrou facilmente à luz da lua o rastro fundo do grupo guerreiro que por ali transitara na véspera. Seguiu o trilho. Panorama de sonho. A campina banhada pela lua cheia, ele e Deus. Poesia pura. Tinha razão o Gênesis, "Tudo o que Ele fez era perfeito!" À esquerda, para o lado da Lagoa, o nevoeiro. Griggs em quatro horas calculou ter caminhado doze milhas, três léguas. Andara depressa e começara a cansar-se. Numa figueira baixa de longos ramos, com moitas de carqueja por perto descobriu ótimo local para repouso. Deitou-se para esperar o dia e dormiu. Acordou com o bufar de um cavalo e a voz alta de alguém dizer:

— Ouviste? O tordilho deu sinal. Eles estão por perto. Dali de cima se vê melhor!

João Grande, imóvel, viu dois homens fardados amarrarem os cavalos a menos de cinquenta metros dele, fixarem os arcabuzes na sela e seguirem a pé. Usavam pistolas e calçavam botas pretas de couro. Andavam ligeiro. Griggs, com cautela acompanhou-os de perto. Eram imperiais, seguros de não serem observados. Subiram uma elevação. Quando John pôde galgá-la, viu os galpões de antiga charqueada, homens e cavalos andando. Eram os soldados de Garibaldi. Antes de se chegar aos prédios, devia se passar por uni capão de mato. E foi para onde os imperiais se dirigiram. No meio do arvoredado foi fácil Griggs aproximar-se mais. Eis que eles param, de cócoras cochicham e sorrateiros, quase rentes ao chão. seguem um para cada lado. O da direita, baixo, forte, atlético, retirou do cano da bota um punhal. Ergueu-se e atirou a faca em alguém que estava de pé e de costas para ele. Acertou. Correu para a vítima. John correu também, vendo já sentado sobre a barriga do soldado farropilha o imperial e golpeando-lhe o peito. Incrível. O atacante então levanta o queixo do ferido e começa a degolar, João Grande não suportou a crueldade e gritou:

— Basta, desgraçado!

Virou-se o imperial para ver quem gritara. Naquele instante a mortífera borduna acionada pelas duas mãos de Griggs, fremente de indignação, atingiram-lhe a cabeça. Não se ouviu um gemido, apenas o rumor surdo de uma caixa de ossos que se quebrava.

Mas o grito de John foi ouvido pelo outro imperial de mãos, roupa e rosto cobertos de sangue, que brandindo uma adaga atacou João Grande. O golpe de cacete atingiu apenas a faca, que voou longe. O militar não se assustou. Atracou-se num corpo a corpo com Griggs. Lutaram. Rolaram de um lado para outro no chão. João Grande sentiu que o adversário era mais forte e tinha outra faca na bota, mas seu braço era mais longo. Conseguiu afastá-lo e apertar-lhe o pescoço. Com toda a força do desespero conservou-o à distância até ele parar de atingi-lo com o pé, afrouxar os braços, revirar os olhos e apresentar um círculo roxo ao redor da boca escancarada. O homem morria estrangulado. Griggs, fora de si, apertava com uma das mãos a goela do infeliz e com a outra dava-lhe socos violentos no rosto. Quando as pernas afrouxaram, encostou-o a uma árvore e continuou batendo. De repente soltou-o. O corpo caiu no chão como um trapo, morto!

Deitou-se John então de bruços ao lado do cadáver do soldado e com o nariz e boca na terra, chorou alto e forte durante muito tempo. Sentia-se um renegado, uma assassino. Por fim conseguiu dominar-se e murmurou:

— Já matei outras vezes com a borduna. É horrível, mas com as mãos é pior! Perdoa-me meu Deus, eu estou matando! Senti até prazer em massacrar! Perdão!

Levantou-se. Juntou os corpos do sentinela farrapo, quase degolado, com os dos dois imperiais e foi procurar a vítima do estrangulado. Estava perto. Com muito pesar reconheceu a cabeça decapada de Fagundes, o jovem e valente calafate de Faxinal do Tamanco! "Deus tenha piedade de tua alma!" De joelhos rezou pelos quatro mortos. "Accipe adhuc illos, Domine, in Misericórdiam tuam!" Recitou por eles os versículos que se lembrava do Salmo 50, o "Miserere" e do "De profundis". Orava ainda quando ouviu o tiro para o lado dos galpões.

— Meu lugar é no Estaleiro! Tenho que prevenir o Tenente Braga para preparar a defesa, ou vir em socorro do Capitão, se for o caso...

Lançou um último olhar para os corpos. Não havia tempo agora de dar-lhes sepultura. Achou que o imperial estrangulado se parecia

com Tube, o prefeito do Seminário de Memphis, talvez por isso sentira prazer em matá-lo. Andou ate a Figueira, onde os dois militares haviam deixado os arcabuzes e munição. Apanhou as armas, guardando-as num saco. Soltou um dos cavalos e montou no outro, um tordilho bonito e seguiu a trote para o Estaleiro.

O barqueiro da Fazenda, que veio buscá-lo à margem do Camaquã, elogiou o cavalo:

— Seu João, esse bagual é uma pintura!

— Acha? Pois fique com ele. É seu!

Ao Tenente Braga contou John que dera de madrugada uma volta pela margem direita do rio. Mais tarde ouvira tiroteio e ao voltar arrecadara as armas e balas. Acreditava que no momento o pessoal de Moringue não estava longe do Estaleiro.

— O senhor sabe o que fazer com os arcabuzes, concluiu João Grande. Peça seja discreto e não fale sobre minha saída extemporânea da Fazenda!

Voltou Garibaldi no dia imediato exultante com a vitória no combate de Charqueada Velha. Contou o Capitão que ia se recostar quando sentiu no chão o tropel de mais de cinqüenta cavaleiros se aproximando. Empurrou o cozinheiro para dentro do galpão e na hora de entrar teve seu barrete preto arrancado da cabeça. Não sabia se foi baia, ou ponta de lança de um dos que vinham na frente. Trancou a porta e começou a atirar. Os companheiros, dispersos nas imediações, acorreram. Começou o tiroteio, identificando o Coronel Francisco Pedro, o soldado Procópio capricha na pontaria. Erra a cabeça, mas acerta a artéria do braço do Comandante da tropa imperial, desarmando-o. Marianito Martins substitui Moringue ferido, mas sem a fibra do velho guerreiro e receoso de perder mais homens, ordena a retirada.

Com a ajuda de Griggs e principalmente do Tenente Braga redigiu Garibaldi um relatório em português correio ao Coronel Joaquim Ignácio, Chefe de Operações daquela região da República. Explicou que tivera seis mortos, sendo duas sentinelas degoladas e quatro dentre os nove feridos por tiros. Enterrara dezesseis imperiais e fizera dois prisioneiros. Acreditava, outrossim, que os inimigos em retirada houvessem levado feridos e mortos em combate. Elogiava por fim a coragem e o denodo de seus comandados, lembrando, entre outros o nome do sargento Adão. Pedia reforço para proteger o Estaleiro e concluía, "a luta demonstrou mais uma vez a

veracidade da assertiva, que um cidadão livre pode com vantagem enfrentar dez cativos".

João Grande procurou o sargento.

— O relatório de Garibaldi elogia você! Parabéns! Seu amigo Braga melhorou a adjetivação. Acredito que você será promovido por bravura! Agora me conte como se comportaram os que você chama de "Pinta Braba" e o Capitão de "Frères de la Cote".

— Grato pela informação! Tenho certeza que o senhor ajudou a enfeitar o meu nome, mesmo que não confesse! Quanto aos homens... Os marinheiros são lerdos no caminhar e salvo um, ou outro não sabem andar a cavalo. Mas, num corpo a corpo são terríveis. Brigam de faca e com destreza de espantar. São tigres! Os imperiais foram quase todos mortos por eles. Morreram três "Pinta". O alto, barrigudo, de uma orelha só. Lembra-se? Um mais baixo, moreno e outro com as mãos, os braços e o pescoço cheio de tatuagens. Seu amigo Fagundes, calafate, foi degolado!

— Sinto muito! Era um bom rapaz! De noite o Capitão procurou Griggs.

— Diga, você andou pelas imediações da Charqueada Velha antes do combate?

— Eu? Porque imagina o Capitão uma coisa destas?

— Porque num mato das proximidades mostraram-se quatro mortos, duas sentinelas nossas e dois imperiais. Um destes foi morto por cacetada, dessas que só você sabe dar. Tem mais. Os corpos estavam arrumados, compostos e com os dedos trançados sobre o peito. Esse pessoal chucro daqui não é disso...

— Só por isso ficou suspeitando de mim? Os indícios são fracos, Capitão!

John Griggs no fundo ainda era um padre, educado anos a fio no Seminário de Memphis para compreender, perdoar e servir o próximo e a Deus. Não podia, por isso, orgulhar-se, nem comprazer-se no que havia feito.

A indignação diante da crueldade do imperial o levava a matá-lo. Matara o outro em legítima defesa. Mas, matara. O falo doía-lhe na alma!

Capítulo XVI

O Vigário de Los Angeles foi ao escritório, onde abriu e leu as cartas com o selo da Cúria Diocesana de Jackson.

“Reverendo Padre”,

Comunicamos oficialmente a Vossa Reverência o falecimento de nosso estimado Bispo D. William Hubber, na paz de Deus, no dia dez do corrente mês de agosto. Lembro ao Digníssimo Pároco/Vigário da obrigação de celebrar pompas fúnebres por alma de S. Exa. Reverendíssima na forma determinada pelo "Corpus Juris Canônico".

Deus guarde Vossa Reverência! (ass) Cônego Alex Bird. Secretário Geral.

Ao Reverendo Padre John Griggs.

A Cúria Diocesana de Jackson. Mi."

Havia outra carta informal do Padre Leo contando que Monsenhor Rudolf estava internado no hospital, provavelmente com poucos dias de vida e que no último dia do mês ia reunir-se o Capítulo para a escolha de um substituto de Dom William, até a posse do novo Bispo. Terminava, "como amigo peço que esteja em Jackson no dia trinta e um, não só para dar prestígio ao Vigário Capitular eleito, mas também para alegrar-nos com sua irradiante simpatia. Seu amigo e irmão em X to.. Leo".

Lida a correspondência, John chamou o sacristão e mandou:

— Vá dobrar o sino, Jones! Morreu D. William. Às oito da noite haverá terço por alma do Bispo na igreja, com bênção do Santíssimo no fim! Dê os toques de sino, anunciando a cerimônia!

Mal Jones se retira, surge Lucila. Griggs informa:

— Morreu Dom William e Monsenhor Rudolf no hospital aguarda o momento de seguir o velho amigo na longa viagem sem retorno.

— E tu vais sair daqui?

— Que eu saiba, não! Porque?

— Porque depois daquela primeira sessão, que tivemos, não posso mais viver longe de ti! Eu morro...

John levantou-se e por cima da mesa, inclinado beijou os lábios da moça. Ela retribuiu e se foi, correndo como viera. Sentado, o padre pensou no que acabara de fazer e cobriu o rosto envergonhado. "Não vai ser fácil! Ela além de morar aqui, não é como Margot Hunter, que nem saudades me deixou!".

Durante dois dias o Vigário não olhou para a mulher, que também não se manifestou. No terceiro dia, quente, sol forte. Griggs resolveu tirar uma soneca depois do almoço. Na mesma hora o sacristão preparava-se para sair.

— Vai tomar a diligência para Greenville? Perguntou a esposa.

— Não é de sua conta! Não me pergunte nem porque, nem para onde vou! Compreendeu?

Isso foi dito em voz áspera e depois escarnecendo:

— Fique tomando conta de Griggs, por quem está assanhadíssima. desde que a tal freira veio dormir com ele!

— Cale-se! Você não entende nada disso!

— Entendo, Lucila, e muito! Estarei de volta na última diligência! Fim!

Preocupada, a mulher procura o espelho. Passa o pente no cabelo. Corre à janela e vê o marido embarcar na carruagem. Assustada, pensa, "se este gringo miserável for embora, não poderei ficar sozinha com John nesta casa! A gente desta aldeia suspeita de tudo e tem língua de trapo!" Maquinalmente encaminha-se ao quarto de Griggs. Mal toca o trinco, a porta se escancara. Ele dorme de costas, mal coberto pelo lençol, com a mão esquerda no rosto. Lucila parou, para adorar a figura. John só acordou na hora em que a mulher despida desabou sobre ele chorando, com receio de perdê-lo. Aperta-a contra o peito. Afaga-lhe a cabeça e a beija. A mulher soluça.

— Tua boca está fria! Diz Griggs. Conta o que aconteceu!

— Não liga! Tranca a porta, fecha a janela! No escuro é melhor! Depois eu conto!

"No escuro é melhor!" As mesmas palavras de Margot. Porque é melhor no escuro? Ia perguntar isso depois, mas esqueceu. Até o dia do embarque de Griggs para Jackson no fim do mês os encontros se multiplicaram. Assim que saía o marido, Lucila corria para o quarto de John!

— É a lua-de-mel que eu nunca tive, dizia a mulher!

— É a lua que eu nunca deveria ter gozado! Pensava Griggs.

No fim do mês no trapiche de Greenville soube o Vigário que naquele dia iam passar dois navios rio abaixo, com cerca de quatro horas de diferença. Poderia viajar no primeiro até Rosedale e prosseguir depois no segundo. Foi o que fez. Pensou que se o Padre O'Connor não houvesse ainda se deslocado, viajariam os dois juntos para Jackson.

— Não vou, meu filho! Não me envolvo em política de sucessão episcopal. Já aprovei o eleito! Estou preocupado e tenho rezado muito por você. vivendo entre latinos, gente de poucos escrúpulos, maliciosa, sensual, capaz de pô-lo a perder num abrir e fechar de olhos... Se é que não já o estão empurrando morro abaixo!

— Que é isso, Padre Paul? O senhor tem preconceito contra os latinos? Esqueceu-se que o Santo Padre é latino?

— Sei, sei! Há até santos entre eles. mas Já. na terra deles, não aqui! Aliás, como se chama seu sacristão?

— Joseph Jones. Galês.

Padre O'Connor pareceu mais aliviado. Os galeses são britânicos, gente honrada, não sabem temperar comida como os irlandeses, mas isso é irrelevante!

A família recebeu Johnny com efusão e foi incorporada ao porto, inclusive o pequeno Paul, filho de Anne e Tom. despedir-se do padre que embarcava para Jackson. Big Pat olhava demoradamente o filho e tinha algo a dizer-lhe, mas não disse com receio de ouvir resposta malcriada. O filho, contudo, adivinhou no brilho dos olhos do pai a frase muitas vezes repetida e que agora poderia ser assim:

— Sê esperto.' Junta-te aos bons, aos que vão ganhar a eleição e serás um deles! Começa a carreira com o novo Vigário Capitular' Quanto mais cedo. melhor!

A diligência de Vicksburg deixou Griggs em Jackson antes da votação.

— Quais as expectativas? Indagou o Vigário de Los Angeles ao padre Leo.

— As piores! Se eleito Stone ou mesmo Pick, são esses os mais cotados, é quase certo que Bird e eu perderemos o emprego na Cúria!

— Não acredito! Nem Pick nem Stone poderão livrar-se de vocês dois antes de começarem a governar. Entretanto procurem ser indispensáveis! Quem escreve as cartas em latim para Roma?

— Eu!

— Esteja tranqüilo, Leo. e acredite em minhas preces, eficazes em duas de cada três questões!

Ambos riram da piada. E às cinco da tarde os Reverendíssimos Eleitores reunidos a portas fechadas na sacristia da Catedral de Jackson chegaram a um acordo. Monsenhor Pick, de trinta e seis anos, pároco nos subúrbios da capital do Estado, foi eleito Vigário Capitular.

— Planejador e administrador eficiente! Líder nato!

— Dinâmico! O homem certo para depois da estagnação! Outras opiniões também foram sussurradas com cautela:

— Canastrão! Pretensioso e carreirista! Hipócrito!

— Homem de ferro, com coração de pedra! Seria um ótimo inquisitor na Península Ibérica do século XVI!

Monsenhor Gregory Pick há três anos Camareiro Secreto de Sua Santidade o Papa (por obra e graça de D. William e de Mons. Rudolf). de pequena estatura e grandes olhos castanhos olhando geralmente para baixo, não causava boa impressão à primeira vista, mas falando era aquele sucesso. Voz agradável e dicção perfeita!

Depois da eleição o Vigário Capitular chamou os presentes, um por um, ao gabinete.

— Padre John Griggs, tenho o maior respeito e admiração por sua pessoa. Na primeira oportunidade será pároco de uma comunidade

mais de acordo com os méritos de Vossa Reverência. Mas, preciso saber se deseja ir para cidade maior.

Bateu forte o coração do padre. Lembrou-se logo de Big Pat e das ambições dele, de ter um filho importante no clero e depois de Lucila, que "morreria" longe do novo amor. Respirou fundo e respondeu:

— Sou sacerdote para trabalhar pelo Reino de Deus. onde as Autoridades determinarem, lá me afeiçoei à paróquia de Los Angeles, mas Vossa Reverendíssima decide onde devo ficar!

— Não esperava outra resposta, Padre John! Lembrar-me-ei sempre do que acaba de me dizer! Parabéns! Deus o abençoe e o conserve nessas santas disposições. Oremus pró invicem! Passe muito bem!

Rio acima, no vapor. Griggs viajou com diversos colegas. Ouviu comentários:

— Afinal vamos sair da pasmaceira do William e do Rudolf!

— Nunca fui tratado com tanto respeito!

— O Pick pode enganar os "trouxas", a mim não!

O Vigário de Los Angeles, crente que em boca fechada não entra mosca, ouvia e, sorria. Em Rosedale disse ao Padre O'Connor o que pensava:

— Não tive boa impressão do Vigário Capitular. Pick é político e carreirista!

— A juventude é intolerante, impiedosa nos julgamentos e às vezes até maledicente!

— É? O senhor vai ver. É só esperar! O'Connor mudou de assunto.

— Quem entrou no Seminário foi o Ernst Heidegger, o filho do ferreiro, lembra-se? A família mudou-se daqui. O velho morreu e a moça, Gretchen, casou e vive em Memphis.

Tom e Anne aproveitaram a presença de John para festejá-lo todos os dias com almoços e jantares, ora na vivenda deles, ora na casa de amigos comuns, sempre com Mary e Pat acompanhando o filho. Na hora da partida Big Pat deu um violento tapa nas costas de Johny, dizendo com alegria:

— Apareça mais seguido, para distrair sua mãe. Depois da partida de Jimmy ela anda muito preocupada. Leve estes trezentos dólares que estão me pesando aqui no bolso. Compre alguma coisa de útil para você!

Griggs estava ardendo de desejo de ver Lucila. Em Jackson se arrependera do adultério. Escolhera um velho monsenhor para confessar-se. Mas, foi deixando para a última hora e não houve mais tempo de desabafar.

— Passei dias horríveis sem ti!

— Calma, calma! Onde está o...

— Varrendo a igreja! Deves estar cansado. Vou preparar-te um banho!

Na hora de servir o jantar o sacristão foi informado pelo Vigário que o Monsenhor Gregory Pick era o substituto provisório do Bispo e que Mons. Rudolf, em estado de coma no hospital, não recebia visitas.

— Tenho rezado muito para que S. Reverendíssima se recupere! Disse fones.

A voz não denotava a mínima emoção; mentia. Continuou:

— O senhor teve oportunidade de falar com a pessoa, ou pessoas que estabelecem o salário dos sacristães na Diocese?

Griggs fixou os olhos em fones, que esfregava os cotovelos nos quadris com requebros novos e asquerosos.

— Você está querendo o que? Aumento?

— Não é bem isso! Às vezes ocorrem despesas imprevistas...

A voz era melosa e arrastada. O sacristão estava pedindo dinheiro. Devia estar cobrando as supostas orações pelo restabelecimento de Rudolf, ou, o que era mais provável, os favores de Lucila.

— De quanto está precisando?

— Duzentos dólares!

— Posso dar cem, amanhã!

— Serve!

Recomeçaram os encontros de John e Lucila na hora da sesta.

— Tu sabes o que é paixão? Perguntou a mulher e ela mesma respondeu, é o que sinto por ti, John!

— Esta é a nossa segunda...

— Não! Interrompeu ela ligeiro. Esta é a nossa primeira lua-de-mel que não vai acabar nunca. Ela apenas foi interrompida.

Certo dia ele pediu:

— Diga algo sobre Jones.

— Joseph é de família muito pobre, de Galles. Queria emigrar para a América. A primeira etapa foi empregar-se em hotel em Londres.

— Isto eu sei. Quero que me digas o que pensas dele!

— Ele não se excita comigo. Cheguei a pensar que ele também fosse amante de Alonso Lopez... Mas isso não é possível!

— Você já não ouviu dizer que o impossível também acontece?

— Tenho a impressão, meu bem, que meu marido sabe de nossas relações íntimas. Tem sempre uma desculpa para não estar em casa na hora em que venho me encontrar contigo. Quando volta e não me encontra, nunca pergunta onde estive, ou o que fiz. Joseph é desesperado por dinheiro. Sonha com riquezas. Só se refere às grandes companhias como polvos, sugadores do suor do pobre...

Griggs não disse, mas não tinha mais dúvidas. O sacristão sabia e estava tirando, ou ia tirar partido da situação.

Desde que Monsenhor Rudolf o empossara na paróquia, Griggs desenvolvera intensa atividade. Começou com um abaixo-assinado e conseguiu que o governo do Estado estabelecesse cursos noturnos para adultos, marginalizados por não saberem se expressar na língua do país. Depois, insistindo com as duas fábricas, levou-as a construir creches para os filhos das operárias. Firmada a popularidade, iniciou as obras da igreja. Com festas, barracas, peditórios e rifas trocou o piso estragado, pintou o templo por dentro e por fora e rebocou a torre. Orgulhavam-se os paroquianos do operoso Vigário. John era estimado pela população de Los Angeles.

Certo sábado à tarde alguém bateu à porta e o Vigário atendeu.

— Padre Griggs, sua irmã mandou-lhe esta carta!

— Quem? Ele pensou logo em uma artimanha de Margot Hunter.

— A senhora McKinley! Eu sou Roy, filho de seu amigo Thinnnes, calafate com o' senhor no estaleiro de Rosedale. Lembra-se dele?

Anne contava da preocupação de todos com a saúde de Padre O'Connor, que voltara doente de Jackson. "Venha a Rosedale o quanto antes", era o pedido.

Ao tomar a diligência domingo de tarde tornou a encontrar o rapaz e perguntou:

— Por aqui ainda, Thinnnes Júnior?

— Sim. Venho seguido ver minha namorada, sua vizinha, filha do Wiggs. Eu o vejo sempre, o senhor é que não me reconheceu!

Em Rosedale o velho O'Connor interpelou o colega:

— Que deseja você? Abandona a paróquia para ver o que estou fazendo? Não confia em mim, ou mandaram você aqui?

Padre Paul estava alquebrado. As duas palavras "mandaram você" eram clara alusão ao Vigário Capitular de Jackson, a única pessoa que poderia dar ordens a John.

— Não se preocupe, Padre! Antes de sair de casa recomendei encarecidamente meus paroquianos aos Santos Anjos. Eles não vão se descuidar!

— Humm!

O'Connor, prudente como sempre, não se expandia. Para saber das coisas era preciso contornar as dificuldades. Foi o que fez o jovem Padre.

— Vim convidá-lo em nome de Tom e Anne para jantar em casa deles com Big Pat e Mary. Garanto que irlandês nenhum botaria defeito na comida!

— Não, não! Não saio mais de casa para festas. Velho não serve mais para nada!

— Muito pessimista, meu amigo! Reaja! Outro dia me alertou contra os latinos, depois contra os jovens intolerantes e maldosos, agora me diz que os velhos não têm utilidade! Diga-me, padre, o senhor considera o Vigário Capitular de Jackson jovem, velho, ou latino disfarçado?

— Você está me provocando, Johny. Isso não é pergunta que se faça aos mais velhos! Respeite!

John desculpou-se, pediu perdão e foi procurar a família.

— Acredito, disse, que a Cúria Diocesana quer retirar Padre Paul daqui, ou colocar outro Vigário no lugar dele!

Pat ficou vermelho de indignação e fechou os punhos. Mary com os olhos marejados de lágrimas disse:

— Rosedale sem o Padre O'Connor não seria mais a mesma!

Tom e Anne se olharam significativamente. Ninguém é eterno, nem o Padre Paul. A vida passa e o mundo continua, como se nada tivesse acontecido.

Alguns dias depois de ter voltado a Los Angeles John recebeu carta entregue de novo por Roy Thinnnes. Abriu e leu:

“Prezado Johny”,

Minha vida está no fim. Desejo apenas um lugar sossegado para morrer, com dignidade. Dentro de vinte dias entregarei a paróquia por ordem do Senhor Vigário Capitular. Peço que me aceite em sua casa. Não lhe serei pesado. Amealhei algumas moedas para uma ocasião dessas. Prometo não me queixar de ninguém, nem de nada. Responda logo se me aceita.

Deus o abençoe! Seu velho amigo

Padre Paul.”.

A letra do velho estava trêmula e foi difícil a Griggs decifrar o escrito. Foi então à casa de Wigg e avisou Roy:

— Antes de voltar a Rosedale fale comigo. Você levará a resposta da carta do Padre O'Connor!

Capítulo XVII

Os navios atacam

O Tenente Braga foi procurar João Grande para dizer-lhe:

— Amanhã, seu João, seguirá o estafeta levando a correspondência para Piratini. Lá me recomendaram avisar o senhor de enviar o quanto antes o tal requerimento que está faltando.

— Obrigado! Não o esqueci!

Griggs estremeceu. Chegara à hora da verdade. Tinha que decidir se entraria, ou não na Marinha Republicana e na Guerra dos Farraços. Há bastante tempo John refletia sobre o assunto. A Igreja Católica proíbe a seus padres inscreverem-se voluntariamente como combatentes das Forças Armadas. ' "Se eu voltar à vida clerical", pensava ele, "terei pachorra, ou humildade suficiente para suportar a constante condescendência dos colegas? Eu seria sempre a ovelha negra, mal e porcamente branqueada por absolvições e penitências! Deverei sempre conhecer meu lugar de padre de terceira categoria, uma espécie de "decaída", que as famílias, sem outro remédio, toleram. Fariam isso comigo principalmente para não estimular os inocentes vacilantes do clero a seguirem meu mau exemplo. Não, creio que não voltarei nunca mais ao exercício do sacerdócio. Não tenho coragem para tanto!"

Vindo do estaleiro para casa encontrou Isabel no caminho.

— Estão de pé. João, as promessas que fez a mim e a seu filho?

— Sim, continuam firmes, ou você tem alguma dúvida?

— Pois o Aristeu casa comigo na hora em que eu lhe entregue uma carreta com três juntas de bois e mais alguns cobres para os trastes de dentro do rancho. Veja, minha barriga está crescendo! Trate de arranjar logo o dinheiro!

John se afastou resmungando. "Mais esta agora! Os cobres que tinha gastei-os com Margarida e Ana Maria... Se me engajar, consigo ajuda de custo e talvez até um adiantamento do Ministro Almeida. Dou o dinheiro à rapariga e me livro dela! Nunca imaginei que essa aventura com Isabel me saísse tão cara! Devo me alistar. Já matei dois imperiais na Charqueada Velha! Porque fiz isso? Por-

que de fato, ainda que não de direito, pertenço à tropa republicana! Sou farropilha! Estou no fandango e não sairei dele! Seja o que Deus quiser. Ninguém morre na véspera!

Em casa sozinho, os italianos estavam fora, Griggs leu e releu palavra por palavra a carta do Ministro e a documentação anexa. Rezou fervorosamente alguns minutos, benzeu-se e assinou o requerimento pedindo incorporação à Marinha de Guerra, por um triênio, no posto de Tenente. Tornou a rezar e não pensou mais em Direito Canônico e outras limitações. O que tinha que fazer estava feito. O documento só precisava ser entregue ao Governo.

Depois do jantar Garibaldi estava de novo entusiasmado.

— Olhe Grigg, ajustei os canhões na proa do "Rio Pardo" e do "Independência". Vamos dar alguns tiros de experiência. Se tudo sair bem, partiremos amanhã para a primeira expedição de corso na Lagoa dos Patos. Que tal?

De manhã as escunas receberam a tripulação. O barco de João Grande, além do canhão, levava vinte e cinco homens e trinta fuzis. O capitânea, trinta homens e quarenta fuzis, mais a boca de fogo. Aos "Frères de la Cote" não foi preciso ensinar a manobrar. Acostumados à navegação oceânica, sentiam-se à vontade no Camaquã. Nos primeiros tiros verificou-se que o artilheiro do "Independência" era melhor que o do "Rio Pardo".

— Quer trocar? Perguntou Griggs na volta.

— Deixe como esta! Disse o Capitão. Se tivéssemos víveres a bordo, partiríamos já!

A aventura começou ao clarear do dia seguinte com tempo bom e vento favorável, com o exame minucioso da foz do rio. Antes de se lançar na Lagoa o Camaquã se bifurca, formando uma ilha. O canal do norte é largo e profundo, o do sul bastante raso, com uma figueira enorme sinalizando o lado direito. Nos extremos um canal dista do outro seiscentas braças, a largura da ilha, coberta como as margens de mata cerrada.

— Quem passar pela Lagoa à certa distância de terra não descobre o caminho do nosso estaleiro, comentou Griggs!

A ordem do Capitão foi de saírem os navios pelo canal norte e velejarem até o meio da Lagoa, de bandeiras desfraldadas. João Grande gostava de vê-las nos mastros dos barcos que ajudara a construir. Deu ainda mais valor a elas depois de ouvir o sargento

Adão explicar o significado dos desenhos e das cores aos soldados do contingente.

— Os triângulos verde e amarelo são figuras geométricas da perfeição, explicara o militar. O quadrilongo central em vermelho significa que a luta presente é a base do progresso. O dourado é o ideal moral e o verde, a esperança. As colunas de Hércules e o "Nec plus ultra" querem dizer que o Poder e a Sabedoria de Deus estão acima do julgamento dos homens!

Quatro dias navegaram as escunas, ora para o norte, ora para o sul, sem encontrar um veleiro, que fosse. Nada. No quinto, o vigia da gávea do capitânea gritou e o de Griggs repetiu:

— Dois barcos à vista a boreste! Rota sul-norte!

— Quinze graus a estibordo, ordenou João Grande! O "Independência" não tinha bússola, mas o timoneiro experiente guinou o necessário para aproximar os barcos. Perto, Garibaldi gritou:

— Grigg, corta a frente deles! Vou pegá-los por trás. E vou atirar!

Era incrível o assanhamento dos marinheiros. Os soldados ficaram preocupados, mas os marinheiros riam satisfeitos com a perspectiva do ataque e começaram a procurar bebida, que não havia a bordo, e a afiar facas. Os navios se aproximavam. O maior era a sumaca "Mineira" e o outro um patacho "Novo Accordo". Iam carregados e não deram importância à repentina mudança de curso do "Independência". Quando, porém, o "Rio Pardo" disparou o primeiro tiro de canhão, caindo a bala a poucas braças da proa, a sumaca arriou as velas, preparando-se para fundear. Deviam ter visto a bandeira farropilha e saber que se tratava de operação de guerra.

John ouviu uma conversa em inglês entre os marinheiros:

— Tomara que essas bandeiras sejam de John Buli e reajam! É hoje que vou à forra! Cobro com juro o que me fizeram em Tortuga!

— Mesmo que não queiram defender, o que é deles a gente os provoca! O italiano do outro barco é maroto, mas o nosso Big John é boboca de pai e mãe! Basta que se minta com ênfase para ele acreditar!

— Bobo? Perigoso! Mata de borduna!

— Conversa! É inofensivo, garanto!

Riu o comandante do "Independência", não só porque os "Frères de la Cote", como os chamava Garibaldi, pela semelhança deles com a súcia dos embarcações mercenários em navios de guerra do Mediterrâneo, não desconfiavam que ele os estava entendendo, mas também pelo sotaque engraçado com que falavam.

A sumaca praticamente parou. O "Rio Pardo" fez um arco, para abordar a "Mineira". Por sinais Garibaldi mandou Griggs pegar o patacho. O "Novo Accordo", entretanto, visto o ataque, fez meia volta e correu a todo o pano para o porto de Rio Grande, donde procedia. Inicialmente a distância que separava os dois navios era maior do que o alcance do canhão farropilha. Depois de meia hora de perseguição o espaço ficou ainda mais dilatado. O patacho navegava mais depressa. Com isso terminava definitivamente a surpresa. Daí em diante os barcos mercantes andariam pela Lagoa em comboios, protegidos por vasos de guerra imperiais.

Retornando o "Independência" encostou na "Mineira", cujo comandante, Antônio Martins Bastos, mais os nove outros tripulantes já tinham fugido num bote para a praia não muito distante com seus pertences e o dinheiro que havia a bordo. Os marinheiros, de muita experiência em esconderijos, vasculharam a sumaca de ponta a ponta e não encontraram um vintém. Na cozinha havia comida quente e água morna nas chaleiras.

Por ordem do capitão, Griggs assumiu o comando da "Mineira" e Valerigini, seu imediato, ficou no "Independência". As instalações do comandante da sumaca eram confortáveis, John gostou delas e encontrou nos livros de bordo o nome e qualificação dos marinheiros e o rol da carga, com remetentes e destinatários. Bastava conferir os volumes na hora do desembarque. Mas para onde iriam? O calado da sumaca, dez palmos, não poderia entrar nem na foz do Camaquã! Que fazer? Griggs limitou-se a acompanhar o "Rio Pardo".

Garibaldi recolheu os panos. João Grande chegou perto dele

e ouviu:

— Siga o Valerigini. Há um práctico a bordo. Encalhe a sumaca o mais próximo possível da praia. Salve a carga e os instrumentos

de navegação!

John já pensara nisso. Não seria possível aproveitar o navio todo, mas partes dele seriam de muita utilidade, principalmente o velame, para substituir o do "Independência", feito de sacos e que não agüentaria uma rajada mais forte.

— Foi uma pena, disse Griggs, ter nos escapado o patacho com tanto pano bom! Fora a carga, naturalmente!

A "Mineira" foi encalhada em lugar ideal entre o Pontal do Silva e o Pontal Antônio Garcia, próximo à casa de I saías Rodrigues, autoridade na região ocidental da Lagoa dos Patos.

O capitão requisitou cavalos e Griggs levou-os embarcados, com os respectivos cavaleiros para a outra margem da Lagoa, com ordem de irem a Piratini pedir instruções. Foi mandado também um homem a Mostardas avisar o Delegado de Polícia para prender os tripulantes da sumaca imperial. O mesmo mensageiro voltou com a informação de que o comandante, oficiais e marinheiros já estavam detidos na subdelegacia de Guarita à disposição das Autoridades Republicanas.

João Grande não fez críticas à designação de Matru, rapaz violento, para entrevistar os prisioneiros, por saber que o italiano era da confiança do capitão.

Passaram-se três dias até Matru trazer um conto e quinhentos mil réis num saco de couro. Era o dinheiro do cofre da "Mineira".

— Foi fácil? Perguntou Garibaldi.

— Nem tanto! O comandante Martins Bastos é um homem educado. Eu não poderia bater nele. Mas por sorte minha surgiu um gaiato que passou a rir de mim, ou de meu modo de falar. Dei-lhe então alguns bons tapas na cara, ostrega, e perguntei onde escondera o dinheiro da sumaca. Eu batia e ele chorava!

— Batia com que? Indagou o capitão aflito.

— Batia com as mãos, ora essa! Quem bate com porrete é seu amigo Griggs! Larguei o "pandorga" e já ia pegar outro para continuar a Operação, quando o comandante Martins adiantou-se e entregou-me esta sacola. Capito? "Só isso", perguntei eu. Aí ele me explicou que gastara alguns mil réis em comida para a tripulação, pois os carcereiros, se nada lhe haviam tirado, nada lhe haviam dado, a não ser água! Convidei os marinheiros a lutar pela República que, sicuro, ia vencer a guerra. Ninguém quis, porca miséria. Mandei, então, que fossem para casa!

O dinheiro foi entregue ao inspetor I saías para ser adjudicado ao acervo. Os "Frères de la Cote" ficaram desapontados. Esperavam receber sua parte imediatamente. Garibaldi explicou que agora combatiam do lado da Lei e da Ordem e deviam esperar o resultado do leilão.

— Muito complicado! Retrucou um deles.

A notícia da primeira façanha da Esquadra alvoroçou Piratini e foi devidamente comemorada. O escaler que João Grande deixara na margem direita da Lagoa dos Patos veio de volta com os homens e mais dois funcionários do Ministério da Fazenda para conferirem a carga e alienar a presa de guerra. Um decreto republicano recente modificou para melhor a divisão do botim. O Tesouro desistia do terço de armador em favor dos tripulantes vencedores.

Espalhou-se rapidamente a novidade da hasta pública em Guarita e a carga da "Mineira" começou a ser examinada pelos interessados nela. Um fazendeiro abastado fez proposta concreta para comprar os direitos dos oficiais sobre o montante. Pagamento imediato. Os italianos não quiseram nem ouvir a proposta. Griggs mostrou-se interessado. Conversaria mais tarde.

Consultado, Garibaldi informou ser legal a transação e ele, como comandante, referendaria o contrato. Depois, recomendou alegremente ao amigo:

— Cuidado, John, com esses caipiras! Quanto mais ingênuos parecerem, mais espertos são! Eles se parecem com os contadini (camponeses) da Itália. Não se deixe lograr!

À noitinha João Grande conversou com o comprador, Gervásio Cunha, homem de fala mansa e pausada.

— Pois é, seu moço, dizia Gervásio, isso em Porto Alegre deve valer entre ferragens, tecidos e açúcar quinhentos contos. No porto de Rio Grande teria o mesmo preço. Mas aqui não se apuram mais de trezentos e sessenta contos de réis. Pelas contas do Capitão Garibaldi desse total lhe caberiam dois contos e duzentos. Pago, seu João, um conto e oitocentos, para ganhar um pouco. Serve?

John achou ótima a importância oferecida, que tirava Isabel dos apuros e melhorava a situação de Ana Maria e Margarida, mas resolveu regatear.

— Sua fama é de homem sério, senhor Gervásio, e eu acredito nela. Mas há um engano. Com a guerra prolongada as mercadorias sobem de preço todos os meses. Por isso sua avaliação está por demais modesta! Isso tudo, por baixo, vale setecentos contos!

Griggs não fazia a menor idéia do valor da carga apreendida, mas arriscou.

— O senhor é muito otimista, seu João, mas eu só posso lhe dar agora dois contos. Se quiser, fechamos o negócio já!

João Grande concordou e foi com Cunha ao cartório de Guarita formalizar a transação.

Entretanto a sumaca foi desmontada e com o madeirame construiu-se um depósito para a carga apresada e uma casinha para o guarda do acervo, que iria a leilão.

Garibaldi cismou de ir a Mostardas, mas não entendeu a pergunta de Griggs:

— O Capitão quer ir de aranha?

— Acho que não ouvi bem... Como?

— Aranhas são as "Charretes" daqui. Tem rodas muito altas para atravessar pequenos cursos d'água. Gervásio nos empresta a dele.

As autoridades da vila receberam cordialmente os dois oficiais da Marinha Republicana. Garibaldi indagou dos conhecedores da região, se havia possibilidade de transferir um barco da Lagoa para o Oceano.

— Não é uma operação fácil, explicou o Intendente Municipal. Se eu tivesse que fazer isso, tentaria entrar pelo arroio Capivari até às nascentes dele em uma lagoa aí adiante. De lá passaria a outra lagoa e a mais outra até alcançar o Rio Tramandaí. Do rio ao mar é um tapa!

A pedido dos oficiais destacou o Intendente dois guardas para o depósito de Guarita. £ Garibaldi achou que estava na hora de voltar à base em Camaquã.

Foi festiva a recepção dos barcos de volta ao Estaleiro. Todos queriam felicitar os amigos pelo sucesso da viagem e dos lances da batalha. Assim que puderam, aproximar-se de Griggs, Braga e Adão perguntaram ao mesmo tempo:

— E como foi a briga?

O Comandante do "Independência" achou imensa graça nas notícias vindas oralmente de Piratini e circulando muitíssimo deturpadas.

— Foi um só tiro disparado... e na água! De borduna na mão, não pude dar uma cacetada sequer. Agora eu pergunto. Além dos boatos, que mais veio da Capital?

— Uma caixa de madeira endereçada ao Capitão, provavelmente cheia de papéis, informou Adão.

— Consta que o Governo vai transferir-se para Caçapava! Disse Braga.

— Eles sabem o que fazem, mas eu não gostei da idéia. Vão para longe do mar!

Isabel do alto à distância observava João Grande, que ao aproximar-se de casa ouviu:

— João, por favor, hoje no mesmo lugar e hora do último encontro!

Um aceno de cabeça foi a resposta positiva. Às dez da noite, no escuro, sob as árvores Griggs esperou a chegada da moça, sentado com a borduna e a sacola com o dinheiro ao lado. Isabel chegou, ajoelhou-se à esquerda e deu-lhe um beijo na face perguntando:

— Bem de viagem?

— Bem, obrigado. E você como vai?

A resposta custou a vir, mas chegou de roldão envolta em ciúme, inveja, raiva, lágrimas e ranho fungado.

— Eu não sei fingir! Sabe?

John sabia que era mentira, mas não contestou. A moça continuou:

— Estou revoltada porque me disseram que você deu uma tremenda casa a certa' Margarida em Pacheca! A mim, que estou esperando um filho seu, você só sabe prometer!

^ — Vou entregar o que você pediu, um começo de vida para você e seu futuro marido. Afinal, o rapaz casa ou não casa?

— Casamos quando você me der o dinheiro. Quando receberei?

— Calma!

— Esperar o que? Que continue me sujeitando a seus caprichos? Primeiro quero ver o dinheiro aqui na minha mão. Depois eu fico boazinha de novo.

O conceito de Isabel baixou mais alguns pontos, depois desta resposta.

— Calma! Fale sobre seu casamento!

— Eu disse a meu noivo que o pai da criança morreu e eu estou para receber uma herança. Na hora em que eu receber o dinheiro. Aristeu marca o dia do casamento. Ele já tem onde construir o rancho em Pacheca...

— Eu trouxe o dinheiro. Está aqui! E bateu com a mão na sacola.

— Quinhentos?

— Se eu soubesse que bastava a metade, com certeza não traria um conto de réis. Tome, é seu!

Griggs levantou-se e entregou a sacola. São dolorosas as despedidas. Esta não foi exceção. Isabel, se por um lado ficara contente com o dinheiro, a "herança", mais que suficiente para casar-se, pelo outro decepcionou-se. João Grande não a desejava como mulher, nem lhe tinha mais o menor carinho. Ela sabia que perdera para sempre o mais doce e amável dos amantes que possuía. Uma tristeza!

João Grande, andando para casa, sentia-se profundamente frustrado. A experiência de vida e de confessionário davam-lhe certo conhecimento da miséria humana, mas ainda se surpreendia ao detectar o interesse sórdido e a pouca vergonha! Lamentou que a criança por nascer, sua filha, ou não, provavelmente não, tivesse por mãe Isabel! Fora precipitado em assinar contrato sério e perigoso com a República Riograndense para honrar compromisso insignificante. Poderia estar agora a caminho de Montevideu e de lá para o mundo livre e aberto... Suspirou fundo e rezou:

— Meu Deus, se devo pagar aqui e agora pelos meus pecados, se é esta a Tua vontade, faze que eu a aceite de bom grado! Fiat voluntas tua!

Em casa Griggs perguntou pelo capitão.

— Na Fazenda! Chegaram o cunhado e a irmã. D. Antônia, o pessoal aí da Fazenda da Barra do Camaquã. Garibaldi deve estar lendo à luz dos lampiões de lá a correspondência vinda em caixote de Piratini.

"Ele foi ver Manoela". pensou Griggs, mas irritado disse:

— Fez muito bem!

Rossetti, que o estimava, aconselhou:

— Tome um gole de cachaça, Griggs. e vá dormir! Você está azedo!

Capítulo XVIII

Acusado e preso

Quando Roy Thinnes chegou de novo em Los Angeles foi logo dando o recado:

— Seu Vigário, o Padre O'Connor está muito mal. Dizem que vai morrer!

Ao escurecer de domingo Padre Griggs chegou a Rosedale e o sino batia fúnebre. Não foi preciso que alguém lhe dissesse quem falecera. Perguntou ao primeiro conhecido:

— De que ele morreu?

— O Padre O'Connor? Do coração!

John ficou indignado. "Foi a perda da paróquia que o matou. Aqui ele viveu trinta anos. Balizou, preparou para a Comunhão e casou mais da metade da população católica. Agora Pick ia tirá-lo e ele morreu sem sair de Rosedale!"

Na sacristia da igreja matriz encontrou o colega Richardson, que ainda não tomara posse da paróquia, cumprimentou-o secamente e indagou:

— A que horas faleceu o Padre?

— Faz uma hora, ou menos. Griggs dirigiu-se ao sacristão:

— Procure a casula branca mais bonita que houver, alva de linho bordada, estola, manipulo e cingulo. Vamos vestir o Padre Paul. O velório e a sepultura dele serão aqui na igreja que ele construiu!

Não era pedido, era ordem. Richardson não gostou, mas sentiu que não era hora de discutir. Marcharam os três para o hospital e ao chegarem lá, estava sendo entregue rico caixão de madeira lavrada com aplicações de bronze, presente dos McKinley. O velho e querido Pároco, paramentado, como se fosse celebrar missa, foi transportado para a igreja, aberta a noite inteira, com gente entrando e saindo sempre. O enterro foi uma consagração. Católicos e não-católicos acompanharam o velho sacerdote à última morada.

Àquela noite em casa dos pais com Big Pat e Mary ainda chorando a morte do amigo o Padre John Griggs escreveu a seguinte carta:

"Monsenhor Jack Pick,

DD. Vigário Capitular.

Lamento escrever ao senhor pela primeira vez e nestes termos. Fui amigo e venero compungido a memória do Padre Paul O'Connor. a quem o senhor indireta, mas positiva e cruelmente matou ontem! Infelizmente não há artigo do Código Penal, que o condene e o ponha no cárcere, onde deveria estar purgando seus pecados e refletindo nas conseqüências de suas arbitrariedades. A Lei Humana, onde não há evidência de dolo, imperícia, ignorância, ou negligência, deixa de punir. Dessa, portanto, o senhor está livre. Existe, contudo, outro Tribunal em que o Direito Romano e as seqüelas dele, como o Corpus Juris Canonici não funcionam. Não há promotores, nem advogados, nem jurados, nem testemunhas, nem assistência, apenas o réu: Monsenhor Pick e O Juiz Supremo, Deus. É bom, Monsenhor, ir se preparando desde já para enfrenta-Lo!

O senhor começou a matar O'Connor quando o chamou a Jackson e deu-lhe trinta dias para entregar a paróquia, que ele amou apaixonadamente durante mais de trinta anos. Paróquia de que ele tinha ciúmes e que fecundou com relevantes obras sociais, provocando a inveja e a cobiça dos arquitetos de obras feitas.

O senhor deu-lhe o golpe mortal no dia em que mandou o substituto, indivíduo grosseiro, agressivo e arrogante, que em reunião insultou o pobre velho diante de diversas testemunhas, faltando não só às regras de boa educação, mas também à caridade cristã, fundamental na religião que professamos. O senhor é culpado pela morte de O'Connor, porque, exorbitando, colocou de castigo num corredor escuro, como traste sem mais serventia, o homem que lutou até o último alento por essa mesma Igreja, que o castigava. Ele poderia trabalhar ainda na Vinha do Senhor e se ofereceu para fazê-lo em minha paróquia, mas deprimido, acreditou que melhor seria morrer. Foi o que fez! E do coração! Faça agora, Monsenhor, o que não se cansa de aconselhar o próximo, reze! Reze por alma do Padre Paul, a quem por incompetência e dês-preparo para o cargo que exerce, roubou alguns anos de vida.

Faça desta o uso que lhe convier, até usando-a como vingança contra o signatário: Padre John Griggs, Vigário "ad nutum" de Los Angeles, Mississipi."

Nas semanas subseqüentes ao falecimento do velho amigo andou Griggs desassossegado. Quis saber a opinião de Lucila sobre a carta ao Vigário Capitular.

— Violentíssima, querido! Monsenhor viu que tu não o respeitas. Vai te tirar daqui!

— Falas como se esta paróquia fosse um prêmio! Esqueceste o tempo que Los Angeles ficou sem padre? Porque? Porque a Cúria não achou quem quisesse vir para cá e te conhecer!

No sábado Lucila entrou rapidamente no escritório de Griggs e disse:

— Estou aflita desde hoje de manhã! Quando te vejo, melhora. Sei que vais agora à igreja ouvir confissões. Só vim te dar um beijo, meu bem!

Após o jantar padre John em trajes menores, devido ao calor, sentou-se para escrever a homilia de domingo, sobre a parábola das "Dez Virgens Prudentes". Apenas começara a ler os comentários evangélicos sobre o texto, quando ouviu o grito:

— Socorro... Socorro!

Voz de mulher. Seria Lucila! O coração de Griggs bateu com força. Vestiu ligeiro as calças e saiu porta a fora, pelos fundos da casa.

De lá vinham os gritos. Noite escura, sem lua. À luz das estrelas divisou um vulto branco na grama, à sessenta jardas dali, em direção à casa de Joseph Jones, onde havia luz acesa. Alguém passou depressa defronte a janela iluminada, parecia um homem, que sumiu na escuridão da rua.

Correu o padre até a mancha branca, que se agitava no capim. Era ela, Lucila, gemendo e de camisola de dormir ensangüentada. Tentou erguer a mulher. Ao passar-lhe o braço pelas costas o sangue quente escorreu pelo braço.

— Lucila, querida, que horror! Quem foi?

— A... lon... só!

— Bandido!

A mulher se esvaía em sangue. Griggs disse alto no ouvido dela:

— Diga. Lucila, meu Deus perdoa meus pecados! Meu Jesus, misericórdia!

Ainda foi possível ouvir as sílabas:

—...sus...órdia!

O Vigário recitou a fórmula sacramental "Dominus Noster Jesus Christus... nesta hora trágica não vigora a lei de não poder absolver o cúmplice dos mesmos pecados. A mulher cessara de respirar. John ergueu-a e a ia levando no colo para a casa do sacristão, quando este veio-lhe ao encontro, correndo e gritando:

— Porque você fez isso? Porque você matou minha mulher? Bandido! Assassino! Berrava o sujeitinho e com um pequeno castiçal de latão, que portava no momento, passou a bater na cabeça e no rosto do padre. Este, segurando o corpo de Lucila, não podia se defender. Apenas esquivou-se de alguns dos muitos golpes desfechados pelo alucinado.

Tendo colocado carinhosamente o corpo da moça sobre a mesa da sala, vibrou tremendo soco no queixo do sacristão que ainda o agredia, fazendo-o bater com a cabeça na parede e ficar desacordado.

O corpo de Lucila continuava sangrando. À luz do lampião John contou as punhaladas. Duas no peito, uma no pescoço, outra nas costas, mais um corte na cabeça.

— Que ódio! Exclamou o padre, limpando com a mão o próprio sangue que lhe corria da testa e do crânio, consequência dos golpes de Jones. Virou-se, então, e vendo alguém parado à porta da casa ordenou:

— Vá chamar a Polícia!

Acendeu uma vela no cilindro do lampião e foi procurar na cozinha uma bacia, onde pudesse lavar as mãos e o rosto ensangüentados. Ao voltar viu o sacristão debruçado sobre o corpo da mulher, chorando e soluçando. Nisso chega o auxiliar de Delegado, rapaz novo.

— Morta? Perguntou o policial.

— Está, sim! Foi este bandido que matou Lucila, gaguejava Jones! Foi o padre! Foi ele! Eu vi!

O rapaz não pestanejou. Apontou o revólver engatilhado para Griggs e ordenou:

— Mãos ao alto! Está preso e vai me acompanhar à Delegacia! Viu o Vigário o rapaz assustado com a cena de sangue e pronto para dar-lhe um tiro. Resolveu obedecer. O auxiliar, sem baixar a mira, apalpou com a mão esquerda a roupa do padre e nada encontrando de perigoso mandou:

— Ande!

Dez minutos depois o Padre John Griggs estava preso na cadeia pública de Los Angeles, Mississippi. Na paróquia pouca gente dormiu aquela noite. Os fatos aconteceram relativamente cedo e a notícia correu como um rastilho de pólvora. Muitos curiosos não puderam entrar na casa do sacristão para ver o cadáver. Ficaram nas imediações, na rua, em grupos comentando o crime. Jones era um espetáculo à parte. Chorava e soluçava alto para chamar a atenção. Depois cobriu o rosto com o lenço, suspirava fundo, sacudindo a cabeça de um lado para outro dizendo à meia voz:

— Não pode ser! Não acredito que tenhas morrido, meu amor! Eu sempre _te amei... Minha vida acabou... Mas vou te vingar... Quero ver esse maldito padre enforcado... É o que ele merece, a força!

Alguns rapazes, indignados contra Griggs, ameaçaram incendiar o "antro da fera de Los Angeles", mas o Auxiliar de Delegado fechou a Casa Paroquial e afastou os incendiários.

De manhã não bateram sino, nem houve missa, apenas os comentários:

— Padre John está na cadeia... Quem diria!

— Ele é inocente... Não foi ele quem matou a mulher de Jones!

A diligência levou a notícia a Greenville e de lá pelos barcos ela correu rio abaixo e acima. Tom McKinley soube da ocorrência ao meio-dia de domingo, mas não acreditou. De noite Roy o procurou, viera da casa da namorada em Los Angeles e confirmou. Padre John estava na cadeia!

— Mas... ele... sabe, pois eu ia saindo de casa...

Tom notou que o rapaz nervoso tinha algo para contar e convidou:

— Vamos ali para o escritório do Estaleiro. Preciso conversar com você!

Roy deixou-se levar. Estava amedrontado. Tom serviu-lhe uma dose de whisky, que bebeu de uma vez só.

— Agora conte, jovem Thinnes, que foi que aconteceu!

— Não foi ele quem matou a mulher, foi um índio... Estava escuro, mas deu para ver. Por isso, o seu Wigg, o pai da Kate, sabe, disse que eu saísse de lá imediatamente e avisasse o senhor, ou o pai dele!

— Pai de quem?

— Pai do Vigário... Seu sogro. Padre John está preso! Querem enforcá-lo!

Big Pat ouviu a notícia na rua. Quis logo ir para Los Angeles. Não havia mais barco àquela hora. Procurou o genro. Não o achou. Continuou procurando.

Uma vizinha foi correndo contar à Mary:

— Que horror! Estão dizendo que seu filho matou a mulher do sacristão!

— Jimmy? Onde está ele?

— O Jimmy, não! Quem matou foi o padre de Los Angeles, o Johny!

— Pat! Gritou a mulher aflita, chamando o marido.

Pat não estava em casa. Mary sentiu as pernas afrouxarem e pôs-se a rezar para não ser verdade nada do que ouvira, para que a mulher não tivesse morrido e pelas almas do purgatório.

Tom procurou Anne, grávida, esperando o segundo filho:

— Minha querida, teu irmão foi envolvido num incidente na paróquia dele. É inocente, mas está preso. Eu irei com teu pai a Los Angeles. Procura tua mãe e fica lá com ela, ou traze-a para cá. Ela vai sofrer muito quando souber, se já não sabe...

Na segunda-feira de tarde Big Pat e Tom assistiram o depoimento de Jones no cartório da Delegacia.

— Padre John Griggs é um monstro, um tarado sexual. Tentou reiteradas vezes forçar minha mulher a praticar atos contrários à moral e à santidade do matrimônio. Até a mim ele tentou violentar. Quando vi o tamanho da "ferramenta", fugi!

A assistência riu e o sacristão sentiu-se importante, sem notar que as risadas se prolongaram por causa do comentário de um assistente:

— Bobagem! Você é viciado e traça qualquer "ferramenta"! fones insistiu:

— Faça-o tirar as calças, senhor Delegado, para ver se estou mentindo!

O Delegado, apesar de bisonho no ofício, atalhou:

— Não estamos num circo. A testemunha deve ater-se aos fatos ocorridos no sábado! Viu Griggs matar Lucila?

— Vi, sim senhor! Eram nove horas da noite. Eu me recolhera ao quarto para dormir e minha mulher costurava na sala. Então chegou Griggs, pensando que eu não estivesse em casa, fez proposta indecorosa à Lucila que respondeu com muita energia, "Não, não e não! Prefiro morrer!" Aí eu me levantei porque ouvi a voz bem clara do padre gritando "Então morre, desgraçada!" Aí ele, sacando de um punhal que trazia para isso mesmo, saiu correndo em perseguição de Lucila que fugia para a rua. Quando eu o alcancei ele,

Griggs, já tinha apunhalado minha mulher e tentou me agredir. Afastei-me. Ele juntou o corpo da vítima e colocou sobre a mesa da sala. Como eu me aproximasse e o recriminasse da ação covarde que cometera, deu-me violento soco no rosto e me derrubou. Agora me acusa de ter matado minha querida Lucila!

Da cela onde estava, John não ouviu o depoimento mentiroso do sacristão. Chamado pela Autoridade informou que atendendo ao pedido de socorro, viu na semi-obscuridade alguém fugindo do local e que Lucila lhe havia dito chamar-se Alonso o agressor. Ao levar a mulher no colo para dentro de casa tinha sido ferido na cabeça e no rosto por Joseph com um castiçal.

— Depositei sobre a mesa o corpo de Lucila, morta, disse, e então pude afastar com um soco o marido dela que continuava a golpear-me. Com o sangue de minhas feridas correndo pelos olhos notei a presença de uma pessoa na porta da rua e mandei chamar a Polícia!

Griggs assinou o depoimento e voltou ao xadrez. Pat e Tom tiveram licença de falar com ele.

— Filho, acredito na tua inocência! E Tom acrescentou:

— Faremos tudo, Padre, para tirá-lo daqui! Agora me diga o que sabe sobre o safado do sacristão!

— Bem, Jones parece um pederasta passivo, é louco por dinheiro... Que mais? Ultimamente viajava até quatro vezes por semana a Greenville! Para quem ganha pouco e é miserável... ?

Mais tarde com o Delegado os dois interessados ouviram:

— O que é estranho no depoimento do Vigário é que ele atribui o assassinato da mulher a uma pessoa que já morreu, Alonso, presumo ser Alonso Lopez tido e havido como amante de Lucila, assassinado por sua vez no Texas, conforme documento em meu poder, firmado pelo Delegado de Tyler. A família Lopez, à moda latina usou luto fechado por ele, meses e meses!

— Como era o físico de Alonso, se é que o senhor o conheceu?

— Conheci. Durante anos foi o chefe de escritório da Fábrica de Tecidos Angel, onde deu um desfalque de cem mil dólares e fugiu. Era um homem de seus trinta anos, moreno, baixote, cabelo bem preto, cara de mexicano mestiço.

— Obrigado! O senhor me dá esperanças de descobrir o assassino!

No caminho da hospedaria disse Big Pat:

— Não acredito que a moça tenha mentido na hora da morte, nem que Johny tenha se enganado ao ouvir o nome de Alonso!

— De acordo! Alonso deve estar vivo. Mataram outro sujeito com cara de índio, ou de mexicano por causa de cem mil dólares e o Delegado fez confusão com o que estava sendo procurado. Tyler, aliás, é uma aldeia pequenina e a Autoridade não teria condições de identificar Lopez. Mas onde andar­á o assassino?

Ao vendedor de passagens Tom perguntou:

— Conhece o sacristão Jones?

— Sim!

— É verdade que ele viaja muito?

— Não me lembro!

O empregado fez uma cara de nojo ao responder. Tom entendeu e mostrou-lhe uma cédula de dez dólares.

— Pode fazer perguntas! Disse o vendedor apanhando o dinheiro com avidez.

— Para onde viaja Jones?

— Algumas vezes vai até Greenville, mas geralmente salta no meio do caminho, na 7a, 8a, ou 9a milha. Só isso?

Sogra e genro embarcaram na diligência. Nas milhas indicadas só viram pedras num terreno árido. Mas, na cidade ribeirinha do Mississippi Tom tinha um conhecido, Frank Hood, gerente do Banco.

— Boa a idéia de procurar Hood, disse Pat, em lugares pequenos o Vigário, o Delegado e o Banqueiro sabem da vida de todo o mundo!

Frank Hood conheceu logo um dos forasteiros e chamou os dois ao gabinete.

— Há muito tempo espero a abertura de uma conta dos McKinley!

— É possível, Frank, que isso aconteça, mas hoje ainda não! Quero apresentar-lhe meu sogro Patrick Griggs.

— Como vai? É parente do Padre John?

— Sou o pai dele!

— Eu soube do ocorrido com seu filho e presumo que o Vigário esteja precisando sacar algum dinheiro. Mas, nas condições que ele mesmo estabeleceu, sem a assinatura de Joseph Jones não poderei entregar-lhe quantia algum. Eu nem tenho a assinatura do Padre aqui. Os senhores trouxeram alguma procuração dele?

Os visitantes se olharam e Tom falou:

— Meu cunhado está preocupadíssimo, é claro e pede marque o senhor o prazo mais longo possível no caso de Jones vir. liquidar a conta. Ah, pede também o saldo de hoje, por favor!

Tirou o gerente da prateleira um livro grosso encadernado e leu:

— John Griggs, e, ou Joseph Jones, sessenta e dois mil, quinhentos e vinte e quatro dólares e trinta cents, contando o juro do último semestre!

— Um bocado 'de dinheiro! Exclamou Big Pat batendo no joelho. Voltando de barco para Rosedale, disse o velho Griggs ao genro:

— Você além de ter cara de pau, mente muito bem!

— Olhe, por sua filha e pela família dela eu faço qualquer negócio! Eu não podia perder a pista que o gerente do banco me oferecia para salvar Johny!

— Como Johny teria arranjado em pouco tempo mais de sessenta mil dólares?

— Garanto que seu filho não sabe da existência desse capital!

Tom chamou Roy Thinnes e os advogados do Estaleiro e discutiram o caso do Vigário de Los Angeles muito tempo. Depois procurou o velho McKinley e fez um relato completo dos fatos, das hipóteses possíveis, das providências tomadas e a tomar.

— Leve cinqüenta mil dólares em espécie para a fiança de Johny. Se o juiz exigir um depósito alto. não creio que Big Pat possa ter o dinheiro suficiente à mão.

Nó dia imediato partiu a caravana de Rosedale. Dois advogados ficaram em Greenville colhendo informações sobre Jones e seus conhecidos, o terceiro foi com Tom e Pat assistir a audiência em Los Angeles. Chegaram a tempo de ouvir o Juiz interrogar o Padre:

— Confirma o acusado ter ouvido da vítima que o agressor dela teria sido Alonso?

— Confirmo!

— O julgamento será daqui a quinze dias a contar de hoje. A fiança para o acusado aguardar a sentença em liberdade fica estabelecida em vinte e cinco mil dólares!

Tom olhou para Pat, que empalideceu.

— Quanto trouxe, Big Pat?

— Quinze mil "paus"!

— Por acaso tenho mais dez mil aqui. Tranqüilo!

Liberado o Vigário, seguiu com o pai e o cunhado para a Casa Paroquial. Pat achou exorbitante a fiança, mas havia outra questão que mais o afligia.

— Johny, você tem dinheiro no banco?

— Tenho, sim, oitenta dólares, ou por aí na minha conta e seiscentos na conta da Igreja. Porque?

— Em que banco? Aqui. ou em Greenville?

— Claro, que aqui! Perguntas estranhas! Que está acontecendo?

Contaram-lhe então o que o gerente Hood. de Greenville lhes dissera sobre a conta de Joseph fones, e, ou, John Griggs, sem a assinatura deste.

O Vigário ficou pensativo e terminou dizendo:

— Não sei onde esse maroto arranjou tanto dinheiro. Meu antecessor, Padre Andrews trouxe fones e a mulher para cá, porque

estavam passando fome em Nova Iorque. Ele ganhava pouco. Da paróquia até mil dólares talvez pudesse roubar, mas sessenta mil? Quase não estou acreditando...

— Vamos, insistiu o cunhado, você conhece algum Alonso pela redondeza?

— Nenhum! O sujeito com esse nome trabalhava na Fábrica.

— E foi amante de Lucila!

Griggs não gostou da frase e corado perguntou:

— Quem disse isso?

— Pelo que sei o fato era do conhecimento geral, mas foi o Delegado que falou a seu pai e a mim. Se tinham sociedade na mulher, porque não poderiam ter no furto também? Onde está Jones?

Big Pat interrompeu o diálogo:

— Há duas coisas que eu queria saber, porque o homem matou Lucila e que andava fazendo o sacristão pela pedreira?

phones estava sumido. Recebida a intimação para comparecer ao julgamento, desaparecera da cidade.

Numa conferência dos advogados de McKinley, Tom, Pat e o Delegado determinou-se dar uma batida na pedreira da 8ª milha. Saíram de madrugada e voltaram à noite. Descobriram sinais de que algumas cavernas haviam sido habitadas recentemente. Organizou-se então um grupo grande, incluindo operários e funcionários da fábrica para percorrer sistematicamente os recantos e tocas da 7- à 9ª milha.

Capítulo XIX

Comando do "SEIVAL"

João Grande acordou com as vozes dos companheiros imitando clarins dentro do quarto dele.

— É a Banda Marcial tocando em homenagem ao novo oficial da Marinha Republicana, disseram eles!

Griggs gostou da brincadeira e saltou da cama, como estava, batendo continência num quepe imaginário. Foi cumprimentado e abraçado pelos amigos, recebendo a carta patente das mãos de Garibaldi.

O correio de Piratini trouxera outras novidades. Enquanto tomavam chimarrão o capitão foi contando. Ocorrerá a segunda batalha de Rio Pardo, onde os farropilhas comandados por Bento Manuel e Antônio Neto venceram os imperiais do Coronel Guilherme Lisboa, morto num ataque à baioneta.

— Temos agora o caminho aberto para a serra e para a fronteira, rematou Garibaldi. Também Rossetti...

Rossetti, jornalista, explicou que viera, provisoriamente para trabalhar no estaleiro de Camaquã, para não ficar desocupado em Piratini, esperando a chegada das máquinas de impressão. Muito desapontado por ter de deixar os amigos disse:

— A culpa é do Napoleão Castellini, que desta vez cumpriu o que mandaram e comprou em Montevideu tipografia e papel para o jornal "O POVO", que em breve editaremos na Capital!

Neste momento chegam o Tenente Braga e o sargento Adão. Garibaldi deu a notícia:

— Peço uma salva de palmas para Adão da Silveira promovido, por ato de bravura em combate, a Oficial do Exército da República!

Palmas e abraços. Adão sentou-se na roda do mate e ouviu a última informação.

— Devem chegar por esses dias algumas bocas de fogo, arcabuzes e munições. Um esquadrão de cavalaria acantonará na Fazenda do Cristal para nos dar cobertura!

O bater do sino interrompeu a conversa e todos se encaminharam ao estaleiro. Dois novos barcos estavam sofrendo os arremates, o "Seival" com doze toneladas e o "Farroupilha" com dezoito..

Griggs, entusiasmado com o desempenho dos trabalhadores e artífices, sugeriu:

— Que tal, Capitão, um elogio público aos mais esforçados?

— Dê-me o nome deles! Eli gosto dessas coisas!

À tarde antes de encerrar o trabalho reuniu o Capitão os trabalhadores e a tropa. Diante deles improvisou um discurso inflamado. Elogiou, animou e entusiasmou os ouvintes. John achou-o orador de dotes notáveis. As comparações e hipérboles exageradas não eram ridículas, porque sinceras. Garibaldi, moço, acreditava no que dizia!

No sábado Griggs procurou o Chefe para dizer-lhe:

—Vou remar um pouco até Pacheca com Adão. Estaremos de volta amanhã!

Chegados à vila, Adão deu uma desculpa. Precisava falar com alguém e João Grande encaminhou-se sozinho para a casa de Ana Maria e Margarida. O prédio tinha nova pintura, o muro refeito e na frente da porta, canteiros cheios de flores.

— Que beleza! Griggs estufou o peito. Vê-se logo que a dona é caprichosa. Dá gosto!

Bateu. Margarida, na costura, não atendeu logo. Quando viu quem a procurava, a emoção não permitiu que falasse. Abraçou-se a ele e chorou. Comovido João perguntou:

— Conta, Margarida, qual foi o Santo que me trouxe?

— Desta vez não sei! Rezei a Santos antigos e modernos. Não posso adivinhar qual deles me atendeu!

— Ficarei vinte e quatro horas contigo e com nossa filha. E temos um convidado para o jantar. É o Adão. Tu o conheces. Ele foi promovido a tenente. Onde está Ana Maria?

A mãe foi buscá-la no quarto, onde dormia.

— No teu colo, João, ela fica melhor que o berço! Ana Maria foi batizada! Meu pai e minha mãe fizeram as pazes comigo e são os padrinhos dela. Nesta casa linda, que tu me deste. eles não sentem mais vergonha de mim!

A menina esfregou os olhos azuis, iguais aos da avó Mary e abriu bem a boca. Tinha quatro dentinhos, dois em cima e dois embaixo. Griggs encantado com a filha ergueu-a nos braços, quase ao teto da casa. Cueiros e fraldas desprenderam-se e voaram enquanto o pai jogava a menina para o ar e a aparava, com grande alegria dela e dele. Margarida de olhos fechados, suando frio, pedia a Deus com fervor não deixasse Ana Maria cair. Afinal ele cansou-se e a

mãe pôde dar banho na filha, para voltar limpa e cheirosa ao colo de John.

"Se eu pudesse romper os vínculos que me prendem à Igreja, por certo me sentiria feliz e tranqüilo no Rio Grande com uma esposa dedicada e humilde como a Margarida. Não tenho por ela o entusiasmo, que Maria me desperta. Maria é educada. Maria é instruída. Mas, o carinho intenso e admiração que Margarida tem por mim me envaidecem e me comovem. Creio que me daria bem com ela." Raciocinava João Grande.

Chegou Adão sorridente com quatro garrafas de vinho da melhor qualidade. Foi ótimo o jantar. A antiga empregada de D. Zulmira permanecera no prédio e cozinhava muito bem! Adão logo após a sobremesa despediu-se. Ia a uma festa. Foi-lhe indicado o quarto e entregue uma chave, para poder entrar em casa, mesmo de madrugada.

— Fala um pouco de ti, João, pediu a mulher! Eu tagarelo o tempo todo!

— Que queres saber?

— Onde arranjas tanto dinheiro?

John explicou -que trabalhando em navio inglês ganhara libras esterlinas e que estas trocadas em mil réis, rendiam bastante. O Governo pagava-lhe o trabalho no estaleiro, onde não tinha em que gastar.

— Agora dize, querida, se tivesses dinheiro, que farias com ele?

— Creio que acertaria um negócio com meu padrinho Jerônimo. Ele me julga rica e perguntou se eu tinha seiscentos mil réis para cercar um campo e colocar dentro dele algumas reses. Ele e o filho cuidariam dos bois e aceitariam como pagamento parte das crias novas.

— Então, vais fazer esse negócio e no cartório, para proteger Ana Maria e a ti também!

Eu trouxe oitocentos mil réis para isso e mais duzentos, para teres em casa por segurança.

O casal dormiu profundamente e nem ouviu o barulho de Adão ao entrar em casa de madrugada, tropeçando nas cadeiras.

Ainda na noite de domingo Garibaldi reuniu os oficiais e transmitiu-lhes as ordens do Governo. "Assim que puder leve os navios para dentro do Guaíba e comece a fustigar a capital da Província do Império, pois o General Bento Gonçalves está atacando Porto Alegre pelo lado de São Leopoldo, pelo norte, e o General Canabarro por Viamão, pelo leste!" Contou também que certo "bombeiro" vira o patacho imperial "Leopoldina" fundeado no canal norte do Camaquã e viera avisá-lo momentos antes. A embarcação inimiga tinha oito canhões e cinqüenta tripulantes.

— Não podem entrar e estão à nossa espera, disse Griggs! Garibaldi ria-se a valer e adiantou:

— Pois sairemos de velas recolhidas pelo canal sul!

Quatro dias de trabalho intenso foram necessários para deixar o "Seival" de João Grande e o "Farropilha" de Garibaldi aptos para a expedição. Os instrumentos de navegação, mais as velas, cabos e acessórios da "Mineira", do "Rio Pardo" e da "Independência" foram para as duas novas escunas. Era urgente sair antes de surgirem reforços ao patacho. Garibaldi cismou de despedir-se de Da Ana e levou junto Griggs à Fazenda. As moças custaram a aparecer. O capitão explicou:

— Com a ajuda de Deus sairemos do Camaquã com um nevoeiro mais forte do que o da madrugada passada! Rezem para que isso aconteça! Talvez amanhã de tarde, ou depois de amanhã possamos dar alguns tiros para assustar Porto Alegre!

Ao anoitecer partiram as escunas armadas e chegaram à ilha que divide as águas do Camaquã, antes de serem absorvidas pela Lagoa dos Patos, pelas nove horas. Recolheram-se as velas e seguiram todos no escuro e no maior silêncio pelo canal sul. O "Seival", de menor calado, com Griggs, ia na frente. Quase nula a correnteza. Pelo leito raso, os barcos eram impulsionados pelos marinheiros com varas. Onde a água era mais funda, eram puxados com cordas. À meia-noite surgiu a grande figueira da foz. Enfim a Lagoa!

Combinaram os comandantes que o "Seival" seguia duas milhas para o leste, depois descrevendo um arco de noventa graus a bombordo, aproaria para o Guaíba. A precaução procedia. A visibilidade não ia além de cem jardas e pediam perder-se. Não foi possível ver o patacho "Leopoldina".

Aproximaram-se então as escunas da margem esquerda da Lagoa e viram ao longe Mostardas. Na Ponta das Desertas, espécie de

cabo arenoso, próximo ao Guaíba mandou o capitão o imediato com dois marinheiros a Itapoã ver se o local estava ou não, fortificado. Vinte e quatro horas depois voltou Matru afirmando que no ponto indicado nada havia, mas onde o desaguadouro era mais estreito, na ilhota, que o mapa da esquadra identificava como sendo a do Junco, vira soldados e canhões. Medidas as distâncias, concordaram em não arriscar os navios apenas para assustar Porto Alegre. Aí o capitão teve uma idéia luminosa.

— Tenente John, esconda o "Seival" na Ponta da Formiga, ali adiante. Eu me eclipsarei por aqui. Vamos aguardar a caça que deve chegar sem a proteção do nevoeiro com que o Supremo Arquiteto ontem nos ajudou.

Foi longa a espera. O "Farroupilha" na margem esquerda e João Grande na outra. Eis que surge um comboio. Na frente o "Águia", navio a vapor de sessenta toneladas, com rodas laterais, soltando nuvens de fumaça negra.

— Ele vem queimando lenha molhada, comentou Griggs, parece até subindo o Mississippi!

Na esteira do vapor vinham mais cinco navios, três brigues e dois patachos. Ao chegarem ao alcance dos canhões do "Farroupilha", o capitão ordenou a primeira salva. Um dos projéteis acertou a roda de estibordo do "Águia", inutilizando-a. Abriu também um rombo no casco. O navio virou para bombordo impelido por uma só roda. O piloto manobrou com jeito e a fumaceira cresceu.

— Estão aumentando a pressão nas caldeiras para fugir, observou João Grande.

O barco republicano continuou com rapidez, aparentando ter uma bateria e não apenas dois canhões. Atônitos com o ataque, custaram os imperiais a localizar a escuna de Garibaldi escondida na vegetação da margem. Dois navios do comboio estavam armados, um patacho e um brigue, que responderam ao fogo com péssima pontaria. Este até tentou aproximar-se do "Farroupilha", notando, porém, que fora do canal iria encalhar, -desistiu. Fez contudo alguns disparos a esmo.

A grande surpresa do comboio foi, ao sair do alcance dos canhões de Garibaldi, encontrar-se na margem direita com Griggs que o esperava impaciente.

— Onde quer que eu acerte? Perguntou o melhor artilheiro do "Seival"

— No navio a vapor, ora essa!

Ouviu-se um estrondo e três segundos depois mais da metade da chaminé do "Águia" despencou na água da lagoa. Entusiasmou-se João Grande com a perícia, ou com a sorte do rapaz. Deu-lhe um abraço e batia com a borduna no convés, de contente que ficou.

— Continue acertando, ordenou!

Tanto Griggs como Garibaldi fizeram pequenos estragos nos navios adversários, sem serem atingidos por eles. Não podiam, porém, perseguir os imperiais Guaíba a dentro, pois seriam destroçados pela artilharia da ilha do Junco. Nem poderiam sequer aproximar-se do brigue, o "Cedro", armado com canhões curtos, de grosso calibre, muito mais eficientes que os da Esquadra Republicana. Mas o ataque surtiu efeito. O "Águia" foi obrigado a atracar na margem esquerda. Sem chaminé o comandante teve que reduzir o fogo da fornalha e com isso o barco ficava com pressão insuficiente nas caldeiras para manobrar com uma roda só. Foi arriado um bote e nele embarcou a pessoa mais importante que viajava a bordo, nem mais, nem menos do que o Ministro da Guerra do Império. Sebastião do Rego Barros! Acharam os imperiais que Sua Excelência devia ficar a salvo das incertezas de uma batalha naval.

Levado a remos, seguia o escaler bem junto à praia. Para dar-lhe maior proteção romperam os canhões da ilha em fogo violento para afugentar a que, daí por diante foi conhecida como, a "Esquadriha da Morte", originária do Estaleiro da República em Camaquã.

Na Rua da Praia em Porto Alegre, onde o bote o deixou, ouviu o Ministro os discursos laudatórios com que os oradores procuravam atraí-lo a determinadas influências, gabando-lhe a coragem de visitar uma província em guerra, onde "esses eternos insatisfeitos, covardes, criminosos sem ideal, flagelam nossa terra!" Sorria o Ministro ao ouvir os ataques verbais aos farropilhas. Achava que a façanha de dois barcos minúsculos, duas escunas, atacarem com sucesso um comboio armado, era um desperdício de audácia e coragem. Por isso disse ao Coronel Comandante da Praça:

— O desempenho da Maruja Republicana é digno de melhor causa. O Brasil jamais deixará de ser um Império para tornar-se república, muito menos federativa. Para que? Para dar autonomia aos insubmissos?

Griggs e o Capitão voltaram para p sul. De longe viram na barra do Camaquã o patacho "Leopoldina" ainda à espera da saída dos na-

vios do estaleiro. Havia outro barco junto dele, provavelmente armado também. Àquela distância não era possível examiná-los.

— Esses navios não vão ficar muito mais tempo por aí, John. Nós vamos atacarmos comboios de preferência à tardinha e eles virão nos procurar.

Algumas milhas à jusante entraram as escunas na foz do arroio São Lourenço, bastante funda, onde escondidos aguardavam a oportunidade de atacar. Com dois dias de espera viram passar seis pequenos cargueiros sob a proteção de uma corveta da Marinha Imperial. Meia hora depois Garibaldi procurou Griggs:

— Vamos ao encalço deles. Chegue bem perto, atire, afunde e fuja para os baixos de Cristóvam Pereira. Lá nos encontraremos.

Às seis e meia a Esquadilha da Morte estava a bombordo e bem próxima do comboio, carregado, navegando lentamente. João Grande fez sinal ao Capitão que ia atacar. Abriu o pano e mandou o artilheiro atirar na corveta. O primeiro tiro, ou por erro, ou desobediência furou o casco de uma garoupeira na linha d'água. O segundo tiro de "Seival" foi na corveta, pegada de surpresa, quebrou-lhe o mastro menor. O comboio ficava de flanco, não foi difícil acertar outros tiros. A corveta então assestou as bocas de fogo contra o agressor que voava na crista da onda aproveitando um sudoeste providencial e em ziguezague, dando-lhe apenas a ré.

Chegou a vez de Garibaldi, que a poucas braças da garoupeira deu-lhe dois tiros. O segundo foi de misericórdia, pois do primeiro as tábuas voaram em pedaços, fazendo a nau afundar rapidamente. Mal tiveram tempo os marinheiros de desamarrar os botes e salvarem-se neles. Passou então o "Farroupilha" á atacar a corveta, que com um só mastro se via entre dois fogos, pois Griggs voltou a atacá-la. Mudou o barco imperial de rumo e seguiu a todo pano para o norte, atirando sem parar, mantendo afastados os adversários.

Antes de chegar à Ponta de Cristóvão Pereira, Garibaldi aproximou-se e falou:

— Tenente, eles vão reforçar os comboios e o "Leopoldina" sai de lá.

— Acho que vão atacar o estaleiro por terra, capitão!

— Talvez. Agora vamos buscar víveres. Siga-me!

Entraram os dois barcos na foz do Arroio Grande. Garibaldi na frente. Andaram cem braças e fundearam numa clareira de mato que cobria as duas margens do ribeirão. Desembarcaram os dois comandantes e em terra foi esta a conversa.

— Grigg, aqui dentro, o capitão apontava o próprio peito com o indicador, bem aqui dentro qualquer coisa me diz que você não me acompanharia com gosto, se soubesse o que vou fazer!

João Grande achou o amigo muito enigmático, mas não fez perguntas. Fez com a cabeça que sim. O outro prosseguiu:

— Você com vinte homens ficará guarnecendo os navios e aguardando minha chegada. Atento! Saiba defender a Marinha Republicana e a si mesmo. Dentro de uma semana estarei de volta. Addio, caro mio!

Griggs observou que o Capitão não levava soldados, só "Frères de la Cote". Onde iriam? À alguma farra em meretrício! "Bem, esse chinaredo brabo não me atrai. Que estará urdindo esse italiano valente, simpático e aventureiro?" Resmungava o tenente.

João Grande fez a escala de serviço. Distribuiu as sentinelas e ficou esperando os companheiros. No quarto dia da expectativa viu descer o arroio pequena canoa de um só tronco escavado. Fez sinal para que o remador se aproximasse. O homem obedeceu evidentemente assustado com a presença dos navios e dos soldados.

— Quem é e para onde vai? Perguntou Griggs.

— Meu nome é Saul. Sou peão da Fazenda de seu Alves e vim procurar recursos contra uma chusma de bandidos que atacaram a estância!

— Acontece que gostei muito de você e por isso vai ficar aqui conosco!

— Essa não!

— Vai ficar! Insistiu João Grande sem se alterar.

Pensou o barqueiro que a fala calma do outro fosse fraqueza, ou indecisão e por isso gritou forte:

— Quem é você para me dar ordens?

— Você? Dobre a língua, malcriado! Senhor Tenente da Marinha da República!

— Farrapo, desgraçado! Vai ser agora...

Puxou da faca que levava na parte posterior da cinta de couro, com a desenvoltura de um charqueador, acostumado tirar em poucos minutos o couro de uma rês e avançou contra Griggs. Este pulou à retaguarda para esquivar-se da facada mortal. Quando baixou a borduna, porém, não conseguiu alcançar a mão do agressor que adiantou-se. A pancada fortíssima foi no antebraço do adversário que quebrou-se com o estalo de lenha verde.

Saul sentou-se no chão. Apertando com a mão esquerda o cotovelo do braço quebrado, fazia caretas com a dor que sentia. A faca caiu espetada, O Tenente juntou-a e examinou o corte, olhando para Saul. Este cobriu o rosto com o antebraço, porque pensou que chegara a hora de ser degolado e no auge do desespero gritou:

— Por amor de Deus, não!

John com toda a calma, passando o dedo no fio da faca. observou:

— Aço bom! Corta como navalha! Virando-se para um soldado ordenou:

— Amarre o braço bom deste moço no pescoço dele e ponha-o à sogá no mastro grande do "Seiva!". Vou arranjar tabuinhas.

Não havia tábuas. Cortou, então, seis meias canas de bambu grosso. Reduziu a fratura. Imobilizou o braço, colocando-o em uma tipóia. Deu depois ao ferido um copo de cachaça e mandou que bebesse de uma só vez, para aliviar a dor.

Saul não pudera entender como o homem estranho, alto, forte que por um triz escapara do golpe mortal de sua faca e depois de feri-lo com a borduna não o tratava mais como inimigo. Porque não se vingava? Porque era diferente dos outros?

No dia seguinte com calma João Grande interrogou o prisioneiro:

— Como se chama teu patrão?

— Sou empregado do Velho Ceroulas, da Barra do Ribeiro, o seu Alves!

— Quem?

— Meu patrão é sogro do Coronel Moringue! Vai me deixar ir embora?

— É cedo ainda! Griggs arrastava as palavras. Não podes sair de viagem sem primeiro tomar um chimarrão. Infelizmente hoje não temos erva, por isso vais ter que esperar. Não é assim que se fala?

— É sim, senhor!

— Gostei do "sim senhor"!

Compreendeu João Grande que Garibaldi prevendo novo ataque de Moringue ao estaleiro, fora destruir-lhe as bases na Fazenda do sogro, bastante próxima de Camaquã em termos de Rio Grande. O ataque se perpetrava com a turma da "Confraria", que não brinca em serviço. Evitara o Capitão que ele presenciasse o "trabalho" dos mercenários, conhecido apenas pela narrativa do sargento Adão no episódio da Charqueada Velha. "Quando não puder impedir, feche os olhos!" Não era assim que falava Saint'Inny em Memphis?

Dois dias mais tarde voltou a expedição com uma carroça abarrotada de charque, sal, arroz, feijão e erva-mate. Trouxeram os homens diversos cavalos, alguns arriados, outros carregando sacos com roupas e objetos de uso.

Na opinião de Griggs Garibaldi não voltara nada satisfeito, mas os marujos, sim, apesar de terem perdido dois confrades.

— Coloque alguns cavalos a bordo do "Seival" Griggs! Mandou o Capitão.

— Por sorte guardei lá um coxo, presente de Saul, empregado do sogro do Coronel Moringue! Portanto os cavalos terão onde comer.

— Onde está o homem?

— Guardado! Machucou o braço, mas vai ficar bom. Quer vê-lo?

— Não! Solte-o! É bom que sobre alguém para contar a história!

Saul apavorou-se quando reconheceu alguns dos marinheiros que vira no ataque à Fazenda. Em troca da canoa, recebeu o peão a carroça vazia com dois cavalos e partiu feliz, sem levar saudades.

A um dos confrades mais carrancudos João Grande perguntou pelos companheiros ausentes.

— Tua e Ramón? Eles ficaram na Fazenda. O capitão mandou que fossem enterrados lá mesmo!

Capítulo XX

O Júri

Chegou a Los Angeles, enviado pela Cúria, o Padre Leo e foi logo abraçando o Vigário.

— Padre John Griggs, meu amigo, vim trazer-lhe a solidariedade do Clero e dizer-lhe que acreditamos em sua inocência! Que desgraça!

— Obrigado! Os acidentes não acontecem só com os outros! Padre Leo, por favor, tome conta da paróquia. Mande e desmande. Não tenho condições de, em liberdade sob fiança, reassumir o cargo.

O subdelegado com um grupo de voluntários, recrutados entre os amigos do Padre, continuou as buscas na região inóspita das milhas 7, 8 e 9. De repente o jovem policial deparou lá com um índio de longas tranças e fez sinal para que se aproximasse. Com receio de não ser entendido pelo indígena, disparou tiros para o alto, chamando os companheiros. Estes acorreram e identificaram imediatamente Alonso Lopez de peruca, mocassins e roupa índia bastante sofisticada. Daí, para apanharem Jones, foi questão de minutos. Os homens estavam sem beber e sem comer há dois dias.

Levados à Delegacia, falou primeiro o sacristão, que na esperança de salvar-se, retirou a acusação de assassinato contra o "Padre Vigário, excelente pessoa, um verdadeiro santo. Não sei onde estava com a cabeça na hora em que o apontei como criminoso! Bem, eu estava desvairado com a morte de minha querida Lucila, razão de meu viver! Lembro-me vagamente de ter batido no patife com um castiçal para que fugisse de pressa e se salvasse da sanha assassina deste monstro, Lopez, que ameaçava voltar para matá-lo também!"

— Matar o Vigário, porque? Eles nem se conheciam! Joseph ficou só na tentativa:

— Alonso odiava o bom Padre Griggs!

Depois contou que o ex-chefe do escritório pedira-lhe guardasse certa importância, pois se soubessem os dirigentes da Fábrica que ele tinha economias, nunca iriam aumentar-lhe o ordenado. Posteriormente sugeriu que discretamente emprestasse o dinheiro a juros em Greenville. Repartiriam os lucros. Quando soube que o capital era surrupiado aos poucos da empresa tentou desmanchar a sociedade e dar conselhos a Alonso. Foi ameaçado de morte e com medo continuou operando. Concluiu:

— Fiquei apavorado, senhor! Eu sabia que ele era capaz de matar conforme ficou provado! Mas o pior estava para acontecer. Invejosamente, ele quis desfazer a felicidade de meu lar, tentando arrebatarme a esposa, que preferiu morrer a me ser infiel. Foi por isso que Lopez matou Lucila com cinco punhaladas!

As últimas palavras do depoimento de Jones foram entrecortadas por soluços convulsivos.

Bem diferente, o depoimento de Alonso Lopez. Dizia-se perseguido pelo Diretor Financeiro da Fábrica, por razões que desconhece, e acusado por ele do desvio de cem mil dólares da empresa. Para não ser preso teve que fugir de Los Angeles. Longe dali, trabalhando, conseguira amealhar pequena fortuna, que lhe permitiria viver no México com a paixão de sua vida, Lucila Jones, que reiteradas vezes prometera acompanhá-lo para onde fosse. Ciente do boato de sua própria morte no Texas, veio buscar a mulher disfarçado em índio comanche. Na hora da partida a traidora negou-se a segui-lo, insinuando até, que sem notícias dele, arranjava outro amante. Desesperado, ofendido, alucinado pela perfídia de Lucila, recorda-se de tê-la agredido, mas Sem saber com que. "Arrepentido do que fiz, submeto-me ao veredicto do Júri!"

Tinham tido tempo os comparsas para urdir suas estórias, que não resistiriam às perguntas do Promotor. Ficou claro que os criminosos mantinham sociedade, "societas sceleris", para furtar a Fábrica e a Igreja. Jones administrava o dinheiro depositado em conta conjunta em seu nome e no do Padre no Banco de Greenville. Descoberto repentinamente o crime na empresa, não houve tempo de Lopez levar qualquer quantia na fuga. Viera agora buscar sua parte e carregar a mulher do sócio. Ela negou-se a sair de casa e ele furioso a matou!

Pediram os advogados a impronúncia do Vigário, por ser-lhe patente a inocência. Alegou, porém, o Juiz que não excluiria ninguém

antes do julgamento do crime com vasta repercussão. Jornais das cidades vizinhas haviam dado notícias e publicado manchetes como, "Preso o Vigário de Los Angeles", "Morre a Sra. Jones. O marido acusa o Padre" e "Padre Griggs no xilindró".

Chegou enfim o dia do Júri. Com Big Pat e Mary vieram os McKinley, inclusive o velho e os amigos da família, mais os antigos companheiros de John no Estaleiro de Rosedale. De Greenville chegaram o Gerente do Banco e por solidariedade o Vigário. A Cúria Diocesana mandou um Cônego importante representando o Vigário Capitular. Jornalistas de perto e de longe e os paroquianos ocupavam os espaços disponíveis do Fórum.

Padre Griggs, chamado a depor como testemunha do crime, prestou o juramento de praxe. Depois de longa e repetitiva narração das ocorrências do sábado fatídico, chegou-se a um ponto crucial. Para a maior parte dos assistentes foi pura malvadez a pergunta do Promotor:

— É verdade que o Reverendo mantinha relações... sexuais... com Lucila, a vítima, esposa do réu Joseph Jones?

John olhou súplice para o Juiz impassível. Fez-se um silêncio sepulcral na sala repleta. Um dos advogados interveio:

— Protesto, Meritíssimo, contra a pergunta impertinente! Bateu o Magistrado com o martelo na mesa, dizendo:

— Protesto rejeitado! A testemunha deve responder! O Promotor insistiu:

— Sim, ou não?

Griggs baixou os olhos, ficou corado até a raiz dos cabelos e afirmou com segurança:

— Sim, é verdade! (*)

(*) Garibaldi e a Guerra dos Farrapos". de Lindolfo Collor. Ed. Civilização Brasileira e

MEC. Pág. 167 "Teria sido obrigado pelos desregramentos de sua vida a deixar o Serviço da Igreja!

Foi tremendo o impacto! Mary, Pat, Padre Leo e o Cônego olharam para o chão na certeza de que ele se abriria para escondê-los, tanta era a vergonha que sentiam. Mas a terra não tremeu. Lembrados do Juízo Final, rezaram os Padres a única jaculatória possível. "Montes et colles Domini desceant super nos" e o Cônego inadvertidamente acrescentou, "et maneant semper!".

Na mesma noite o Vigário, com pequena bagagem e os oitenta dólares retirados do banco, embarcou no "Cignus" com os pais e os amigos que retornavam a Rosedale. Mas, não quis desembarcar na cidade. Mais uma vez agradeceu a todos a solidariedade e a ajuda na hora de tribulação. Prosseguiria a viagem até Jackson, ou talvez até Nova Orleans para espairer.

No desembarcadouro ao clarear do dia, com um lencinho branco acenando ao filho no navio que se afastava lentamente, disse Mary ao marido:

— Pat, olha para ele! Meu coração me diz que não veremos mais o nosso Johny!

Lágrimas grossas e aos pares lhe borbulharam nos olhos azuis e doces de mulher sofrida!

— Bobagem, foi a resposta! Breve ele estará de volta! Não aceitou os dólares que eu lhe quis dar! Onde ele irá sem dinheiro?

Padre John não suportava mais a tensão. Vomitou o jantar. Durante a noite não pregou olho. Sentia-se fortemente ferido com a morte de Lucila e ao mesmo tempo envergonhadíssimo por ter vindo ao conhecimento público seu amor secreto. Dera escândalo! Com seu comportamento diminuía a credibilidade dos ensinamentos da Igreja. Sentia-se culpado, triste, derrotado! No instante em que, por respeito ao juramento proferido e à ordem do Juiz, confessou diante de todas aquelas pessoas, que piamente acreditavam em sua castidade, a ligação pecaminosa com a mulher do sacristão, pensou "vou sumir" Era isso que ele estava fazendo agora!

Em Nova Orleans entrou na maior igreja, a de São Luiz de França, ajoelhou-se e rezou: "Creio que estás presente Senhor, nesta igreja e me ouves! Vou abandonar hoje a vida de sacerdote que tanto me empolgou. O fardo é pesado demais. Vou arriá-lo. "Ad impossibilia nemo tenetur." Não é impossibilidade física, moral. Não posso aconselhar os outros a fazerem o que não tenho nem disposição para praticar. Não posso, cheio de pecados, agir em Teu nome. Perdoa meus pecados e o escândalo que dei. Aumenta a minha fé. Senhor! Ajuda-me também a encontrar logo um emprego!"

Recitou fervorosamente a Salve-Rainha, três ou quatro Padre-Nossos e outras tantas Ave-Marias e saiu em direção ao porto. Jogou no rio o colarinho, o casaco preto e todos os pertences que o identificavam como padre. Olhando ao redor de si, viu bem próximo um leiteiro enorme de cor azul onde se lia "Agência Marítima".

— Vai ser aqui. Disse John.

E entrou. Por vinte dólares fariam os papéis de embarque. Pagaria mais dez aos que o "conheciam" há mais de dez anos como pessoa de bem e o recomendavam para o trabalho. Griggs não discutiu, pagou! O funcionário admirado porque o cliente nem perguntou quanto ia ganhar, arriscou:

— A Dona Justa já anda a sua procura?

— Quem?

— A polícia, homem!

— Que eu saiba, não!

— Então passe os trinta dólares para cá e espere meia hora! Ah, como é mesmo seu nome?

Decorridos os minutos foram-lhe entregues os documentos com o recado:

— Apresente-se ao Capitão Knox do navio "Scott", atracado no cais do Armazém nº 4!

No barco grande, inglês, de quatro mastros o imediato o atendeu e o encaminhou à cozinha, onde o chinês Chin Sun dava ordens.

— Você já cozinhou alguma vez na vida?

— Cozinhei, sim senhor! Respeitosamente respondeu John.

— Vejo que é bem educado. Deve ter apanhado bastante quando pequeno. Diga, alguém teve coragem de comer seu cozido?

— Eu mesmo comi!

— Continua vivo... Creio que não cozinha mal! Mude de roupa. Troque estas, ou compre outras de segunda mão na casa "Céu

Aberto" ali em frente.. O estabelecimento é de um patrício meu e vende tudo barato e limpo. Diga que fui eu quem o recomendou!

Foi difícil encontrar roupas que servissem, pois o cliente era muito alto, e também não eram baratas, já que além do lucro do dono da casa, havia a comissão a pagar ao cozinheiro de bordo. Griggs entrava num mundo de hábitos e linguagem estranhos.

Na manhã seguinte Chin Sun esclareceu:

— Ajudante de cozinha trabalha na taifa!

— Sim, senhor! Que é isso?

— Entregue esta bandeja com o pequeno almoço no camarote do Senhor Comandante!

Antes do meio-dia tocaram um sino e ouviu-se um apito fino em dois tons. Foram todos os tripulantes imediatamente ao convés da proa, ouvir o Capitão que disse algumas palavras. O ajudante de cozinheiro só entendeu duas, "ilha" e "Jamaica"!

No camarote do cozinheiro havia um espelho grande e John teve oportunidade de admirar-se nele de corpo inteiro e riu-se. As calças, pela meia-canela. Mangas, pelo cotovelo. Por cima de tudo um avental ordinário e encardido. "Sou o Cavaleiro da Triste Figura", pensou. Chin que o observara sem nada entender perguntou:

— Você é homem, ou mulher.

— O senhor tem alguma dúvida?

— Eu me refiro a bordo, Nas grandes travessias eu sou mulher para ganhar dinheiro. Quando eu voltar para a China rico, serei mandarin de quinta classe e ninguém vai me perguntar como fiz fortuna no Ocidente!

Certo dia o Capitão Knox estava excepcionalmente disposto e puxou conversa com o taifeiro. Depois de poucas frases, o comandante admirado com a respostas do subordinado, perguntou:

— Você tem instrução?

— Alguma, senhor!

Quer fazer carreira na Marinha Mercante? Conhece instrumentos de navegação?

— Estudei geometria, apenas. Com algum vagar devo me lembrar de alguns teoremas, inclusive atribuídos a Ptolomeu. Fiz cálculos com logaritmos e operei uma vez só com teodolito. Só isso, senhor!

— Humm!

Os dias iam passando. Com a força do vento o barco de duzentas toneladas balançava e era difícil cozinhar. As tampas das panelas eram amarradas com arame e estas, rosqueadas no fogão a óleo de baleia, para não saírem com comida e tudo porta a fora nos dias de tempestade. Na calmaria após o estreito de Yucatan, o Comandante mandou chamar Griggs e mostrou-lhe o sextante.

— Agora o imediato, Meyer, vai ensinar-lhe a manobrá-lo!

Naquele dia John aprendeu muitas coisas, até medir a velocidade do navio com flutuadores, corda com nós e relógio.

O primeiro porto da viagem do "Scott" foi West'Bay na ilha de Grand Caiman, mas só para abastecer de água, carne e verduras. Griggs nas poucas horas em que esteve em terra não gostou do rum servido, nem da cara daquela gente. A próxima cidade seria Kingston. Contornada a Ponta Portland da ilha de Jamaica, viu-se logo o porto. Havia muitos navios grandes para carregar açúcar e o cais era pequeno. O navio ficou ao largo esperando a vez e a tripulação, por escala, podia passar horas em terra.

O chinês perguntou ao auxiliar:

— Você leva faca, ou pistola para ir a Kingston? Isto aqui não é Nova Orleans!

Pelas dúvidas Griggs carregou a machadinha de cortar ossos, com o cabo por dentro da calça. Ao saltar do escaler no cais viu uma briga a bofetões. Formou-se logo roda com estivadores de folga e outros desocupados e começaram as apostas.

— Seis shillings no preto!

— Fechado! Aposto mais uma libra no mulato!

John achou aquilo uma indignidade. Seguiu pela primeira rua perpendicular ao porto até chegar ao mato. Cortou uma vara de boa madeira pesada, com uma braça de comprimento. Lembrando com saudade dos bons tempos de adolescente em Rosedale exercitou-

se com a borduna por mais de uma hora. Na volta viu Meyer abraçado a uma crioula de vestido vermelho berrante, bebendo no bar "Cielito Lindo". Dois dias depois estava Griggs nesse mesmo bar, quando entrou o imediato, trôpego, agarrando-se ao braço da crioula, que até não era feia. Não demorou a surgir na porta do estabelecimento um negro possante, que sobranceiro examinou as mesas, uma por uma e fixou-se na do imediato. Ignorando a presença do oficial dirigiu-se à mulher em língua estranha, em tom de quem tirava satisfações.

Meyer de voz pastosa interveio:

— Espera aí, meu... A moça está acompanhada!

Os olhos do homem fuzilaram de raiva. John atento, ao vê-lo desembainhar um facão que da cintura chegava ao joelho, pressentiu o perigo e postou-se atrás da cadeira do imediato. A arma foi brandida no ar e quando veio, violentíssima e com um berro feroz para decepar a cabeça do inglês, o cacete do taifeiro interpôs-se entre a lâmina afiada da adaga e o pescoço do companheiro. Aparou a pancada e perdeu uma lasca. O agressor vacilou um instante, surpreso com a intervenção. Antes, porém, de recuperar o equilíbrio e tentar repetir o golpe, a borduna de Griggs manobrada com as duas mãos, desceu assobiando sobre a cabeça do negro envolta em pano escarlate. O parietal esquerdo do crânio quebrou-se com um ruído abafado e afundou. O homem estatelou-se no chão. Não gemeu. Como caiu, ficou. Preto, enorme, lustroso.

Alguém gritou:

— Caramba! Um raio!

Outro sujeito que não gostava do crioulo aprovou:

— Hurre tasca!

Griggs teve pena do homem. Apertou a borduna com as mãos contra o peito e rezou com fervor em latim, "Accipe adhuc illum, Domine, in misericordiam tuam!" Recebe, Senhor, mais este em Tua misericórdia.

A bebedeira do Meyer sumiu como por encanto. Foi ele mesmo a explicar ao oficial da Polícia Colonial Inglesa o ocorrido. Os policiais inquiriram algumas testemunhas, entre elas o dono do bar, tomaram notas e identificaram a vítima.

Dirigindo-se a John e ao imediato o oficial aconselhou:

— Tratem de recolher-se logo ao navio. O morto é desordeiro notório nesta colônia. Os indígenas ficam excitados com a morte violenta do companheiro e podem querer vingá-lo!

Admirou-se Griggs do poder da polícia inglesa e do desfecho rápido do caso.

— Isso, meu caro, só acontece nas colônias, explicou o Capitão Knox. O oficial verificou que vocês eram pessoas pacíficas e qualificadas, o agressor um rufião, desordeiro contumaz. Porque perder tempo com formalidades legais, que não levariam a nada? Se isso tivesse acontecido em nossa velha Inglaterra, você iria enfrentar um tribunal!

John sentiu-se mal depois da ocorrência. Só alguns e sempre repetidos goles de whisky fizeram cessar-lhe, a tremedeira nas mãos e nas pernas. Sentado e com terrível dor de cabeça imaginava controlar os músculos faciais e a voz, portando-se com naturalidade. De pé a situação piorava. Apesar do "Cielito" estar próximo do cais, tomou um tilbury até o ponto onde o escaler esperava os embarcadiços do "Scott". Horrível, porém, foi a noite no beliche, depois que passaram os eflúvios alcoólicos. Tinha consciência de ter salvo a vida de Meyer. Mas precisava ter usado toda a força para bater na cabeça do agressor? Sentira medo? Cedera a um ímpeto assassino? Ou ele não se conhecia ainda, ou degradava-se rapidamente! Surgiu-lhe então uma dor no peito, como se alguém, ou algo lhe verrumasse as vísceras por baixo das costelas. Isso é remorso? "Há pouco tempo", murmurou, "eu unia, abençoava e perdoava, agora estou matando! Noite como esta, só aquela depois do júri em Los Angeles!".

Descarregado o algodão e carregado de açúcar seguiu o "Scott" para a Inglaterra. Destino, Liverpool. O episódio sangrento de Kingston, largamente comentado a bordo, fez subir o conceito do ajudante de cozinheiro entre a tripulação. Chin Sun, o mestre-cuca, que já respeitava, passou a temer o auxiliar. Meyer, grato, ensinou-lhe nas longas travessias do Atlântico, ida e volta da Europa, a arte da navegação, desde como se deve distribuir a carga nos porões, à manobra do leme, dos panos de vela, até o uso dos instrumentos, bússola e sextante.

Depois de alguns meses de trabalho duro e de muito exercícios disse o Comandante a Griggs:

— Você está apto a exercer qualquer função dentro de um navio mercante. Em Nova Orleans recomendarei você ao Armador!

Nesse porto da foz do Mississipi, alguns dias depois, o velho amigo de Knox, o Comandante Matew Barry, esperava um imediato para zarpar com o navio "Andes" para o Mar das Caraíbas. Encontraram-se os colegas e o resultado da conversa, com a anuência da Companhia, foi a promoção de John Griggs a imediato de Barry e a partida de ambos para Port of Spain, na ilha de Trinidad.

As despedidas dos companheiros do "Scott" foram cordiais e rápidas.

— Breve nos tornaremos a ver, disseram os amigos a Griggs! Este mundo é redondo e até as pedras se encontram!

De Port of Spain o "Andes" partiu para o Atlântico Sul. Ia a Buenos Aires levar enorme partida de rum.

Capítulo XXI

O baile na fazenda

A novidade chegou à casa de Da. Ana pela cozinha e aos poucos. Os corações de Maria e da prima Manoela começaram a bater em ritmo acelerado.

— Houve combate feio na Fazenda do seu Alves. Morreram diversos dos nossos!

Maria pediu à negra Zilda:

— Pergunte o nome dos mortos para a gente rezar por eles!

Acreditava Manoela que o boato chegara por intermédio de Zilda e por isso prometeu:

— São quinhentos réis que te darei, se me disseres os nomes dos que morreram em Arroio Grande!

Desconfiava a crioula que o interesse das moças era pelos corpos dos homens e não pelas almas deles. Mas fez-se de ingênua e perguntou:

— A senhora Dona Manoela quer rezar também pelas almas dos coitadinhos, não é mesmo?

Na manhã seguinte, depois do café, correu Manoela para o quarto, jogou-se de bruços sobre a cama chorando e soluçando durante dez minutos antes que a tia aflita fosse saber a causa de tanto sofrimento. A sobrinha não disse nada. Maria, fungando e os olhos vermelhos, contou à mãe:

— Conversa da Zilda, mamãe! A fazendeira interpelou a crioula:

— Que foi que você disse?

— Eu? Eu não sei... não tenho certeza!

— Fale! Diga assim mesmo!

— Contam por aí que mataram o Capitão Garibaldi na Fazenda de seu Alves!

Da. Ana preocupou-se. O choro desconsolado dirimiu as dúvidas. Manoela estava apaixonada pelo aventureiro italiano, bom sim, para a Marinha e para a República, nunca para marido dela! Homem que não se sabe de onde veio, nem para onde vai, sem paradeiro certo, sem bens de raiz... E se ele resolver já casado sair por aí, campo afora, com ela, ou sem ela, sem dar notícia...

Assustada ergueu as mãos para o céu, exclamando:

— Deus nos livre e guarde! Virgem Santa! Deus permita que seja verdade...

Arrependida do que estava dizendo completou:

— Deus, que me perdoe!

Maria assistira a cena e deduziu que não seria fácil o casamento da prima com o Capitão, nem o seu com João Grande, se fosse o caso. A família ia se opor ao matrimônio fora da tribo, sem bens de raiz..

A mãe apelou para o filho:

— Bentinho, vá ao estaleiro saber que conversas são essas da morte do raio do italiano!

O rapaz de má vontade foi e na volta informou:

— Houve um combate na Fazenda do sogro do Moringue. Um peão do seu Alves escapou do tiroteio e contou em Pacheca, no domingo, que um dos atacantes, branco, barbudo, usando pano, ou barrete preto, morreu. Mas, deduzir daí que o defunto se chama José Garibaldi é no mínimo uma temeridade!

Alguns dias depois Garibaldi chegou ao estaleiro ansioso para ver Manoela e sem mesmo passar os olhos pela correspondência vinda de Piratini, convidou Griggs para ir à Fazenda. Da. Ana recebeu os homens educadamente, mas com distância.

— Soubemos do combate em Arroio Grande!

— Foi apenas uma escaramuça, Da. Ana. O inimigo sem previsão não mantinha sentinelas e foi pego de surpresa. Foi fraca a reação dos imperiais. Encontramos, porém, víveres que iam se estragar e os trouxemos conosco! Ecco!

"Garibaldi sabe contar as coisas!" Pensou Griggs.

Chegaram as moças. Maria, de olhos brilhantes de felicidade. Manoela, com um sorriso só, de orelha a orelha. E se não tosse o olhar contundente da tia por certo teria dado um abraço no Capitão vivo e palpitante em sua frente.

— Souberam que atacamos um comboio naval do Império? As escunas construídas por meu amigo Griggs. aqui no Brejo, demonstraram qualidades excepcionais!

— Seu João nunca me enganou, disse a fazendeira. Acreditei na competência dele, desde a primeira vez que o vi!

Enquanto João Grande se afastou para tomar um copo d'água no fundo da sala, Garibaldi comentou:

— A meu ver foi uma sorte ter a República Riograndense ter conseguido um colaborador do gabarito de John!

Daquele momento em diante Maria passou a simpatizar com o Capitão, porque era um amigo sincero de seu bem amado e pensou "quem dera fosse freqüente uma amizade assim entre minhas conhecidas!".

Da. Ana dissera e as cartas confirmavam a próxima visita do Presidente da República à Fazenda do Brejo. Ao chegar um cavalaria-no do piquete da Fazenda Cristal avisando que o General Bento

Gonçalves estaria ali no dia seguinte, Garibaldi reuniu os oficiais para discutir um plano a ser apresentado escrito ao Primeiro Magistrado.

— Peço a opinião sincera de vocês, de acordo, ou não. com o que eu propuser. Grigg(s) anotarás as resoluções e os motivos delas. Depois Braga e Henriques, que são da terra, junto com ele, passarão tudo a limpo em bom português. Na hora certa faremos entrega do documento ao Presidente.

João Grande começou a escrever:

"É urgente conseguir um porto de mar para nossa República. Somente através dele poderemos nos comunicar com o mundo, vendendo, comprando mercadorias, inclusive armas de que tanto precisamos. Para esse local levaremos também os navios apresados. Atualmente a República Riograndense é como uma casa sem porta da rua. só se pode entrar e sair dela pelos fundos, pelo terreno dos vizinhos".

Essa imagem lembrada por Braga divertiu a assistência e Griggs ficou sem saber se a escrevia, ou não. Mas os companheiros insistiram e ele a transcreveu. Continuou:

"Com meia dúzia de navios bem armados podem os imperiais frustrar nossos ataques aos comboios que viajam entre Rio Grande e Porto Alegre. Ficou bem claro isso nas duas últimas escaramuças, quando Garibaldi e Griggs apenas afundaram um patacho e imobilizaram um navio a vapor.

O jantar suspendeu a sessão. Depois dele Jucá procurou João Grande principalmente para mostrar-lhe as novas divisas de sargento. Griggs felicitou-o.

— Devo minha promoção aos Tenentes Braga e Adão.

— Mas, porque você mereceu. Eles seriam incapazes de premiar a incompetência. Escute, por esses dias houve alguma festa, por aqui?

— Festa grande vai haver na chegada do General Bento Gonçalves, num dia destes...

João Grande queria saber notícias de Isabel, que não vira e insistiu:

— Digo, festa de casamento, por exemplo!

— Uma crioula da cozinha da Fazenda andou contando lá pelo estaleiro, que uma empregada ia casar-se e fariam uma festinha. Mas depois gorou tudo porque Da. Ana descobriu que a noiva, uma tal Isabel, de véu e grinalda, estava grávida.

— Casou com quem?

— Com um coitado, antigo namorado dela, antes do Hidalgo e do Trinta y Três...

— De quantos?

— Trinta y Três é o apelido daquele torneiro uruguaio 'que trouxemos de Pelotas.

"Essa rapariga gosta mesmo é de artigo importado", pensou Griggs. Jucá continuou:

— Pois a moca arranjou, não se sabe como bons cobres. Dizem que os entregou ao marido para comprar carreta de três juntas, móveis e até vaca leiteira... Está morando em Pacheca. Os companheiros já a viram por lá!

Matru veio chamar João Grande, a reunião ia continuar. E John recomeçou a escrever:

"O porto que nos parece mais acessível é o de Laguna. Numa ação conjunta com o Exército nossa Marinha tem fortes possibilidades de conquistá-lo. Naturalmente não pretendemos alcançar Laguna passando pela barra do Rio Grande j pois dada a potência de fogo de nossos adversários naquele local seria o fim da que eles "chamam" Esquadilha da Morte ". Pretendemos entrar pelo Arroio Capivari, até as nascentes dele na Lagoa dos Barros, ou até onde pudermos navegar. De lá, colocando os dois barcos em carretas, puxadas a boi, prosseguiríamos até o Rio Tramandaí, donde não seria difícil alcançar o Oceano". Neste ponto Garibaldi fez uma digressão:

— Infelizmente não seremos os primeiros do mundo a transportar navios por terra. Maomé II fez deslizar navios da esquadra turca para dentro da baía de Constantinopla, quando morei lá eu soube, pois a entrada do porto estava fechada com correntes. Que me diz Griggs?

— Não conheço História Militar a este ponto, mas pelo que me consta de outras fontes, não foi este o expediente que resultou na tomada da cidade pelos turcos...

Quando na manhã seguinte Henriques, Braga e Griggs passavam a limpo a minuta do memorial, soou o clarim.

Braga avisou:

— Toque de oficiais! Aí vem o General com a comitiva! Vamos!

Desta vez o Presidente reconheceu logo Griggs e com largo sorriso de simpatia deu-lhe um abraço. Bento era um homem alto, elegante, educado e de muito boa presença. (*)

(*) Bento Gonçalves, guerriero brillante. sobrio, magnanimo, vicino ai sessant'anni. quand'io lo conobbi. Alto. svelto. con la destrezza d'un giovane conterraneo suo. e si sà chè i Rio grandensi sono trà priml cavalieri del mondo. "Memorie di C. M. Garibaldi."

Próximo dos sessenta anos, conservava a desenvoltura dos rapazes de sua terra. Sua Exa. marcou a reunião para a tarde em casa de Da. Ana. Compareceram todos os oficiais, inclusive os que trouxera o Presidente para incorporá-los à força estacionada em Camaquã.

Bento Gonçalves tivera tempo de examinar a proposta de Garibaldi, por isso entrou logo no assunto, apontando para o documento:

— Aprovamos a idéia! As melhores oportunidades para nossa Esquadra são em mar aberto! A Marinha Imperial não tem condições de comboiar todos os navios mercantes de sua bandeira pelas costas do imenso arquipélago chamado Brasil. O General Canabarro é o homem indicado para a expedição... De mais a mais, temos em Laguna correligionários e amigos republicanos. Lembro-me agora do nome do Capitão Antônio Ignácio de Oliveira Filho, um verdadeiro líder! Levarão os senhores também um manifesto do Governo da República ao Povo de Santa Catarina!

Por fim distribuíram-se as tarefas. Garibaldi e Griggs, no comando e sub-comando do Corpo Expedicionário. Zeferino Dutra, com os navios da Lagoa e do Camaquã. Ferreira, o novo Mestre do estaleiro. O Tenente Braga no comando da Guarda, sempre em contato com o esquadrão acantonado na Fazenda Cristal.

A novidade contada pelo General foi a mudança do Comando Sul da Marinha Imperial. Fora afastado infelizmente o Almirante Marialva, o homem de planos fantásticos e assumiria Grinfell, cavalheiro frio, realista e de atitudes drásticas.

Terminada a reunião, viu Griggs chegarem os músicos de Pacheca. Da. Ana. chamada pelo irmão, convidou os presentes para o baile que daria logo mais, à noite.

— É uma brincadeira, até a meia-noite, pois as moças costumam dormir cedo, inclusive as que vão chegar daqui a pouco com a mana Antônia e Pedro, meu cunhado, que vem da Fazenda da Barra!

Durante o jantar na casa de hóspedes Griggs manifestou suas preocupações:

— Meus amigos, não sei o que irá acontecer no baile daqui a pouco, comigo, naturalmente. Nunca arrastei os pés ao som da música em lugares respeitáveis...

Matru interrompeu:

— Diga logo, você até hoje só dançou em gafeira! Garibaldi ajudou:

— Se você, John, tem alguma noção de ritmo, tudo bem! Fique perto de mim e de Valerigini e imite nossos gestos, aliás, sempre repetidos, ecco!

O baile começou com valsa tocada por dois violinos, flauta e harmônio portátil. Dançaram Bento Gonçalves com Da. Ana. D. Antônia com o marido, Pedro. Bentinho e Marta. Assanhou-se Garibaldi para tirar Manoela, mas consultou Griggs com um erguer de uma sobancelha. Este mexeu a ponta do nariz para um lado e para outro. O Capitão aquietou-se.

João Grande achou que a valsa não acabava mais. Aí levou um cotucão da negra Zilda com uma bandeja de pasteizinhos fumegantes. Atrás dela vinha outra crioula com cálices de licor de butiá. Depois de um descanso começou a quadrilha. O General bateu palma e pediu formassem os cordões. Griggs encabulado e temeroso introduziu-se entre Valerigini e o Capitão. No casamento de Anne ele assistira a dança da quadrilha, mas como sacerdote celibatário não tomara parte. Quando viu o par que lhe tocara, ficou surpreso, Maria. Coincidência? Não! Deviam ser artes da moça.

Bento Gonçalves comandava os passos. Garibaldi gostou do francês e disse a Griggs:

— Ele fala francês com sotaque genovês! Que graça! Na primeira oportunidade Maria disse a João Grande:

— Soube que vai à Santa Catarina. É verdade?

— Sim, se Deus nos ajudar!

Dançava o capitão com Manoela. Maria e Griggs, deslizando por perto, mesmo sem querer ouviam palavras esparsas, mas significativas ditas pelo italiano:

— Perfume das flores... A cor do céu... Alegria da primavera...

Maria provocou:

— Não me diz nada, João?

Vermelhíssimo e constrangido, conseguiu dizer:

— Maria, eu te quero bem! Igual a ti não há ninguém! Agradecida a moça apertou a mão dele, tossiu e disse:

— Vou falar claro. Deus sabe com que esforço! Tiveste dezenas de oportunidades e é esta a primeira vez que me diriges um galanteio. Já pensaste em casar comigo?

— Sim. já imaginei isso muitas vezes! Pode-se imaginar até o impossível!

— Impossível? Porque?

João Grande ficou sem graça e custou a responder laconicamente:

— Seria uma tristeza ver-te infeliz a meu lado!

Griggs achou não dever declarar-se padre, que o seu casamento religioso, o único naquela região, seria inválido, acarretando a excomunhão da Igreja sobre os noivos. Teve vontade de sumir chão a dentro e o soalho não se abria. Alguns cálices de licor tomados às pressas ajudaram-no a contornar o problema. Dançou com Marta e com as meninas da Barra.

Maria não insistiu. Fungou. Disfarçou com um lençinho. Deu uma volta pela casa para beber água...

À meia-noite o baile acabou. O General agradeceu a presença de todos e despediu-se de cada um. As moças ficaram de longe e algumas torceram o nariz por não poderem dar um adeus mais efusivo aos cavalheiros.

No trajeto para a casa de hóspedes Garibaldi disse ao amigo:

— John. estou apaixonado como nunca estive em toda a minha vida! (*)

(*) "Manoela sgnoreggiava assolutamente l'anima mia". Memorie, de Giuseppe Garibaldi.

Capítulo XXII

O "Aniles" chega ao Rio Grande

No Rio de Janeiro dizia o imediato Griggs ao Comandante Barry, já amigo:

— Capitão, foi a melhor viagem que fiz! Gostei de Fortaleza, Recife, Salvador, gostei da terra, da gente e até da cor do mar! Se tivesse que me radicar fora de minha terra, certamente escolheria o Brasil!

Deslumbrado com a baía de Guanabara John acrescentava:

— Duvido que no mundo haja cenário mais bonito do que este!

Divertia-se o imediato em ouvir a língua portuguesa, até então desconhecida, mas com o latim aprendido no Seminário de Memphis e o castelhano praticado na paróquia de Los Angeles, não tinha dificuldade de entendê-la, desde que os brasileiros falassem devagar.

No Rio teve notícia de uma Guerra Civil desenrolada no sul do país, mas já no fim. diziam, pois o principal chefe e cabeça, Bento Gonçalves, derrotado em batalha campal, estava preso em fortaleza desta cidade. Nem Barry, nem Griggs se preocuparam com a conversa, visto que o porto, onde atracariam, estava em posse pacífica do Governo imperial. •

Arribando o "Andes" à cidade de Rio Grande, plantada na areia, gostou o Barry do clima, da praia, da carne, da água, das frutas ba-

ratas e resolveu fazer ali mesmo os reparos de que o navio precisava. Contratou três carpinteiros navais, que não pareciam querer mais sair de bordo.

Enquanto esperava, Griggs foi diversas vezes à terra conversar e bebericar nos bares do porto. Certo dia, andando pelas ruas da cidade, ouviu gritos e palavrões em inglês. Correu ao local donde partiram as imprecações, o "Bar Serrano". Entrou, marinheiros do "Andes" altercavam com tripulantes de outro barco, o "Cape Cod", americano. Gritou, chamando seus marujos pelo nome e mandando-os embora. Alguns obedeceram. Outros, engalfinhados com os adversários, não conseguiram desvencilhar-se e continuaram brigando.

Não iria o imediato usar a borduna, limitava-se pois a dar empurrões em uns e outros, procurando afastá-los, quando entraram soldados da polícia e de espada começaram a bater indiscriminadamente em quem estivesse por perto. Griggs, na periferia do grupo, levou inicialmente nas costas duas fortes lambadas, que ardiam como brasas. Na terceira, ou quarta vergastada, instintivamente passou o bordão da mão esquerda para a direita e vibrou uma cacetada nos copos da espada do soldado mais próximo, que o agredira. Foi tão violento o golpe que o policial soltou a arma no chão com um berro de dor. A patrulha inteira, então, atirou-se sobre John. Enquanto alguns o seguravam por trás, outros batiam-lhe no rosto. Mesmo agarrado, Griggs distribuía pontapés, verdadeiros coices de mula com os grossos sapatos ferrados e com a força do desespero. Machucou diversos, mas foi dominado. Seis homens fortes contra um só, não podem ser vencidos.

Fugiram os marinheiros, mas os soldados continuaram batendo em Griggs, mesmo depois de desacordado. Por fim jogaram a vítima no meio da rua e se foram. Passava pelo local um verdureiro com sua carroça e vendo a truculência dos esbirros parou. Examinou o ferido. O coração batia. Estava vivo! Com a ajuda do proprietário do "Serrano", colocou-o na viatura. Cobriu-lhe o corpo com sacos vazios e pés de alface não vendidos e seguiu para casa em vila Povo Novo.

Duas horas depois do massacre Griggs acordou-se dentro do carro, mas eram tão fortes as dores, que tornou a desfalecer. Alta noite, ao abrir os olhos, viu o rosto de uma senhora desconhecida à luz da lamparina limpar-lhe o rosto e cabeça, tirando os coágulos de sangue. O pano usado para isso cheirava a vinagre.

— Adonde estoy? Perguntou John.

— Em Povo Novo, entre amigos, Foi a polícia imperial que machucou o senhor. Mas vai ficar bom já, já! A voz era macia e confortadora.

Deram-lhe um copo de vinho. O ferido quis levantar-se. Não conseguiu. As pernas doíam-lhe demais. Dormiu. De manhã a senhora explicou:

— Esta é a casa do Jucá Soares. Eu sou a mulher dele. Esta é minha sogra. Tenho dois filhos brincando aí fora. Jucá foi vender verduras no porto. Logo mais ele volta!

Griggs moveu a cabeça para significar que entendia. Depois procurou reproduzir mentalmente todas as frases que ouvira em português.

Na volta Jucá avisou a mulher:

— Temos que tirar o homem daqui. Brigou com a patrulha inteira. Deu uma porretada na mão do cabo Elísio e o aleijou para o resto da vida. Quebrou a perna do Antônio, filho do Manoel Gordo, com um pontapé. Para encurtar a estória, todos os seis estão bem lastimados!

— Virgem Santa! Quem olha não diz! A mulher estava admirada com a força e os estragos feitos pelo ferido.

Jucá foi até o leito e perguntou ao hóspede:

— Como é seu nome?

— Juan Griggs, del buque inglês, "Andes"!

— Seu João, o senhor está muito ferido. Vou levá-lo ao hospital.

Dentro da carroça, deitado em colchão de palha, com travesseiros e cobertas, partiu Griggs antes do clarear do dia. Ainda de madrugada, encontraram cavalarianos da República Riograndense fazendo o patrulhamento da região.

— Para onde vai o patrício? Perguntou o oficial.

— Se Deus me ajudar até Pelotas, levando meu amigo João, machucado.

O militar foi ver o homem excepcionalmente alto, que nem podia abrir os olhos.

— João? Grande, não é? Que aconteceu com ele?

— Bateu na polícia imperial de Rio Grande. Aleijou um, quebrou a canela de outro e feriu mais quatro. Eles quase o mataram!

— Então é dos nossos. Siga em frente e boa viagem!

Ao meio-dia Jucá parou no povoado de Barro Vermelho. Almoçou. Fez João engolir um copo de leite cru. Esperou que refrescasse para prosseguir. Não demorou ser alcançado pela patrulha farropilha que vinha de volta e deu o recado:

— Patrício, você teve sorte! Os imperiais andam batendo as estradas à procura de seu amigo João. Tivemos que dar uma corrida nos soldados que vinham para cá!

Jucá Soares entregou o ferido aos cuidados da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

John passou alguns dias ardendo em febre, entre a vida e a morte. Custou a se recuperar. Em convalescença foi procurado pelo Delegado de Polícia a quem narrou os fatos de que se lembrava.

— O senhor fala bem o castelhano, disse a autoridade. Agora precisa aprender português. Aceite um conselho de amigo, não apareça tão cedo em Rio Grande pois a polícia de lá é rancorosa e não perdoará os estragos que sofreu...

Tinha o paciente certeza que o visitante dispunha de informações detalhadas da ocorrência, pois fizera até alusão ao nome do "Bar Serrano", que não mencionara. Depois desta visita recebeu outras de um rapaz muito simpático, Renato Souza, que estudara na Europa, falava inglês e era também capitão do Exército. Veio a primeira vez à Enfermaria da Santa Casa por ordem do Comando Militar e nas outras, porque gostava de conversar em inglês com João Griggs.

Para o convalescente, preso ainda ao leito, cada visita de Renato era um presente de Deus. Contou episódios ocorridos no Estaleiro McKinley em Rosedale, onde trabalhara e também que estudara por dois anos Filosofia em Memphis. Mas, como esta ciência por si só, não dá camisa a ninguém, leve que arranjar ocupação na Marinha Mercante. Gostava de viajar, aprendera a arte da navegação e chegara ao posto de imediato no navio "Andes" de bandeira inglesa.

— Espero, Senhor Griggs, disse Renato certo dia, que não me pe-
ca segredo dos fatos e lances de sua vida, deveras interessante.

— Porque? O senhor quer escrever uma novela? Não me incomo-
do!

— Nada disso! Outros com mais tempo no futuro o farão! Acontece
que o Governo da República está interessado em criar um Estalei-
ro agora e depois uma frota! Temos pela frente muitos anos de
guerra, pois não nos faltam nem coragem, nem determinação para
defender nossos ideais republicanos e federativos. Temos também
certeza que mais tarde, ou mais cedo o Brasil será uma grande
República Federativa. Se me permitir. Senhor Griggs, transmitirei
suas qualificações às Autoridades, que. imagino lhe farão uma
proposta concreta. Concorda?

John concordou. Não adiantava discordar. Desconfiava, ou adivi-
nhava que todas as informações dadas nos colóquios da enferma-
ria já estavam todas registradas nos caderninhos do Comando da
Praça, ou quiçá do Ministério. Quando recebeu alta da Santa Casa,
Renato o ajudou a encontrar hotel e o levou a uma Casa Bancária,
onde converteu as libras esterlinas que possuía em moeda nacio-
nal. Admirou-se da quantidade de mil réis recebidos por elas.

Foram os dois amigos visitar o quartel. Griggs era a primeira vez
que visitava um estabelecimento militar, gostou da ordem e do as-
seio reinantes. Apresentado a certo Major Pereira Martins, do Es-
tado-Maior, este com ares de velho conhecido, imediatamente o
convidou a visitar Piratini.

— O senhor, seu John, vai gostar de nossa Capital, dizia ele. É
uma cidade pequena, mas muito acolhedora. Tem boa altitude so-
bre o nível do mar, bons ventos e o clima de lá o ajudará a recupe-
rar-se do acidente sofrido!

"Meu Deus", pensou Griggs, "será que tenho cara de bobo, ou ele
pensa que sou algum menino a quem se engambela com passei-
o?"

O Major falava sem parar. O que dissera fora apenas introdução.
Veio depois o principal:

— De mais a mais, o senhor Ministro Domingos de Almeida, interi-
namente na chefia do Governo, tem interesse em entrevistá-lo.
Posso adiantar-lhe que temos em nossa Unidade uma viatura para
levá-lo a Piratini no momento em que desejar. Que tal amanhã?

A pressa foi surpresa para o convidado, mas revelava o interesse do Governo por sua pessoa.

— Depois de amanhã, está bem? Preciso fazer algumas compras no comércio, principalmente roupas..

— Não há dúvidas. Depois de amanhã, cedo, a carruagem estará na porta do hotel esperando pelo senhor. Desde já nosso prezado amigo Renato de Souza fica à sua disposição para as andanças na cidade e irá acompanhá-lo na viagem!

No dia marcado a viatura do Exército partiu da cidade tirada por quatro esplêndidos cavalos. Houve cinco mudas de animais durante o dia. Antes que cansassem, eram substituídas por outras mudas tão rápidas, quanto as primeiras. Chegaram à Capital de tarde. Ao escurecer John foi recebido por Domingos de Almeida no próprio Ministério, com quem jantou e conversou até altas horas da noite.

Foi redigida, por fim, a minuta de um documento pelo qual John Griggs era contratado para construir navios para a República Rio-grandense. Receberia o título de Mestre dos Estaleiros Oficiais, um "pró labore" adequado e todo o auxílio necessário para o fiel desempenho da missão, inclusive planta dos barcos a construir, imediatamente iria montar uma serraria em Camaquã, fazendo tábuas e barrotes para a obra. Quando os primeiros barcos estivessem em condições de navegar, o Governo, mediante desejo expresso do Mestre, comprometia-se a conduzi-lo a Montevideu e a mantê-lo naquela cidade até que conseguisse contrato de trabalho na Marinha Mercante. Pediu o futuro Mestre, que uma parte do dinheiro a receber se destinasse a Jucá Soares, de Povo Novo, por tê-lo salvo da sanha policial. Disse-lhe o Ministro que não se preocupasse. O Estado se encarregaria disso. Nos próximos dias seriam entregues em casa do verdureiro caridoso duas vacas leiteiras da melhor qualidade. Seria o prêmio!

Enquanto aguardava a publicação do decreto de criação do Estaleiro, sua nomeação e outras providências burocráticas, o ex-imediato fazia constantes exercícios de linguagem. Lia, traduzia e escrevia em português com o auxílio de dicionário bilíngüe fornecido pelo Ministério da Guerra.

Decorrido um mês de estada em Piratini, John Griggs, já com o apelido carinhoso de João Grande, por sua altura e caminhar desengonçado, deslocou-se de carro para Camaquã onde se localizava a Fazenda do Brejo com madeira em abundância. Seguiram com ele a cavalo, carpinteiros, serradores, uma carreta com longas

serras, ferramentas diversas e correntes. Uma escolta comandada pelo sargento Adão Silveira protegia a caravana e se fixaria no Estaleiro como destacamento. Havia necessidade de tropa para garantir o estabelecimento contra patrulhas imperiais e quadrilhas de assaltantes.

Avisados pelo Ministro Da. Ana Gonçalves Meirelles, proprietária da Fazenda, o filho dela, Bentinho, as duas filhas Marta e Maria, mais a sobrinha Manoela na porta da casa esperavam o hóspede enviado pelo compadre Domingos, para dar-lhe as boas vindas.

Capítulo XXIII

Vitória da Esquadra Farropilha

Bento Gonçalves não se demorou na Fazenda do Brejo. Antes de partir, porém, teve uma conversa particular com Garibaldi, quando lhe entregou a mensagem escrita ao Povo Catarinense. O capitão, abatidíssimo durante o dia, de noite confidenciou:

— Griggs, meu amigo, tu achas que eu sei dizer as coisas! Pois eu te digo que tenho muito a aprender com o General!

— Parla, fratello! (Fala, irmão!)

— Manoela, peccato, é noiva do filho dele! Quando ele me disse isso, senti uma dor, que eu não podes imaginar! Mas o Presidente me falou num tom de respeito, de amizade e de confiança, que me deixou... não sei... digamos, pateta!

João Grande pensou no problema do amigo e antes de dormir, sorriu ao lhe ocorrer a pergunta, "quem seria o noivo de Maria, se eu pedisse em casamento? Outro filho do Presidente? E ele terá tantos?".

Todas as atenções dos homens se concentraram nos barcos. Foram revisados cascos, cavernas, cobertas, mastros e reforçadas as velas. Quatro canhões armavam cada escuna e dois o patacho "Gaudério", que acompanharia os navios até certo ponto e depois se afastaria em missão especial.

Chegou enfim o emissário do Governo informando que o Coronel Davi Canabarro estava se deslocando com a tropa para Mostar-

das, onde arranjaria bois para a tração dos barcos por terra. Aproximava-se a hora da partida e Garibaldi não sentiu vontade nenhuma de ir à Fazenda despedir-se. John insistiu com ele:

— Visita rápida e formal. A família sempre nos tratou bem!

Foram. Não se demoraram, "porque estavam atrasados e era mister partir o quanto antes!" Bentinho e Da. Ana, muito afáveis. As moças apareceram no último instante. João Grande, cada vez mais convencido que Manoela nunca soubera do tal noivado com o primo. Maria, pálida, de olhar triste, parecia uma estátua de cera.

Voltando ao estaleiro, disse o Capitão a Griggs: — La ragazza (a moça) Maria parece estar doente!

Logo que os visitantes saíram Maria trancou-se no quarto e chorou. Algo lhe dizia ser esta a última vez que via João Grande, "um de nós não demora a morrer! Deus permita que seja eu!".

Enquanto o "Farroupilha", o "Gaudério" e o "Seival" desciam o Camaquã, Griggs examinou a margem esquerda com atenção e pareceu-lhe que Pacheca não se dera conta da passagem da frota. No entanto ali residiam suas duas mulheres, Isabel de quem não guardava boa recordação e Margarida, coitada, bondosa, carinho puro, mas difícil de aturar. "Não sei se é o jeito, ou o cheiro dela que me desagrada", pensava. Não sentira entusiasmo por ela. Terminados os encontros, esqueci-a. "Ana Maria, bem... Continuou" por essa menina me sinto responsável. Se um dia, terminada a guerra eu for morar em qualquer cidade dentro, ou fora do Brasil, gostaria de levar minha filha. Se a mãe quiser ir junto para tomar conta da criança, só para cuidar dela, tudo bem!"

De pé, atento, na ponte de comando do "Seival" entrou João Grande na Lagoa dos Patos pelo canal norte, mais fundo, na frente dos outros, disposto a descarregar os canhões da escuna no primeiro navio que tentasse interceptá-lo. Não houve obstáculos. Os bombeiros farropilhas haviam informado corretamente. Greenfell na ocasião estava inspecionando todas as canhoneiras e barcos armados imperiais em Porto Alegre.

A esquadilha seguiu em paz para o norte. Na altura da Ponta das Desertas o "Gaudério" despediu-se, guinou e foi lançar ferros junto à Ponta de Itapoã, conforme o estabelecido. O "Farroupilha" e o "Seival" rumaram para o Saco da Roça Velha onde desemboca o Capivari, no Município de Conceição do Arroio. (Hoje, Osório)

No meio de mata cerrada difícil de identificar, a barra do arroio, quase sempre está obstruída por bancos de areia. Pularam os homens na água e puxaram e empurraram os barcos com cordas e varas. Transposto o obstáculo veio a satisfação. O Capivari tinha duas braças de profundidade, mas tão estreito que o retorno só seria possível de ré.

Desembarcou então o grupo de combate do sargento Jucá com ordem de fixar-se, vigiar e defender a barra. Andaram as escunas ainda cerca de duas léguas, riacho a dentro, chegando a um ponto em que o leito era tão raso e sinuoso que não oferecia mais condições de navegação. Fundearam. Feito um reconhecimento, constatou-se que a mata na margem do arroio tinha aproximadamente duzentas braças, depois havia campo, lagoas e longe a cinqüenta milhas, o mar.

Distribuíram-se as tarefas. João Grande, com seus homens, devia abrir picada perpendicular ao arroio, por onde deveriam sair os barcos. Matru cuidava do movimento de terra. Valerigini, da descarga dos navios e canhões. Garibaldi da construção dos ranchos. Carniglia e Ferreira com o mestre carpinteiro José de Abreu seguiram até o galpão de uma Fazenda próxima para construir as rodas e eixos de madeira. Devia estar tudo pronto quando chegasse Cana-barro com os bois.

João Grande se afligia com a lentidão do trabalho. Eram centenas de árvores, algumas delas grossas, outras de madeira de lei para cortar e depois arrancar as raízes mais volumosas. Certo dia pegou no machado e trabalhou o dia inteiro. Na manhã seguinte verificou não ter mais bolhas nas mãos. Havia uma única bolha em cada mão, ocupando a palma inteira. As falanges estavam cm carne viva. Resolveu descansar.

Garibaldi observando as mãos do amigo, disse que ele devia ir com um remador, de canoa, ver o que estava acontecendo com o sargento Jucá e os soldados na foz.

— Tenho armas, munições, dois canhões e mais quatorze homens do "Gaudério"!

O patacho penetrara no Capivari e fundeou a quinhentas jardas da desembocadura. João Grande procurou logo o comandante Venâncio:

— Que foi que o trouxe aqui tão cedo, meu amigo?

— A artilharia do junco melhorou muito em qualidade e alcance e abriu fogo cerrado contra o "Gaudério". Além disso surgiram cinco barcos armados, um deles chamado "Cassipéia" com seis canhões...

— Deste eu ainda não ouvi falar! Interrompeu Griggs.

— Na impossibilidade de enfrentá-los, velejei para o sul. De noite aproximei-me de Mostardas e, bordejando a Lagoa, vim para cá. Espero não descubram meu esconderijo!

— Isso nós vamos já saber! Disse Griggs e sugeriu colocassem um canhão de cada lado do arroio, pronto para atirar.

Concluiu João Grande por exclusão que a frota imperial viria procurar o "Gaudério" no Capivari e não iria demorar a chegar.

Não houve engano. Horas depois o sargento jucá apontando para o horizonte perguntou:

— E aquela fumacinha?

Venâncio assestou o óculo de alcance e confirmou:

— É! É o navio a vapor e não vem só!

Devido à pequena profundidade da Lagoa os barcos não se aproximaram da margem. Fundearam ao largo, longe dos canhões republicanos. Do "Cassipéia" arriaram um escaler com quatro remadores, levando na proa, de pé, um figurão de chapéu de dois bicos.

— Olhem o Almirante Grinfell! Exclamou o comandante do patacho.

João Grande quis ver no aparelho ótico o homem que chamava a esquadra farropilha de "Damned Pirates". E perguntou a Venâncio se tinha bons atiradores.

— Não sei se são bons, mas alguns tem sorte! E Griggs emocionado:

— Seria ótimo acertar um tiro naquela baleeira. A Lagoa dos Patos "seria a digna sepultura de um Almirante inglês a serviço do Império!".

Tiveram os artilheiros de esperar o bote se aproximar. Grinfell de binóculo em punho procurava o desaguadouro do arroio escondido

no mato. Andava de um lado para outro sem querer chegar muito perto da margem.

— Estás com o diabo te roncando nas tripas! Observou o sargento Jucá, tenso, na expectativa do inglês entrar na mira dos canhões.

No momento em que o Almirante parecia desistir e retornar ao navio o Tenente Venâncio ordenou:

— Fogo!

Ecoaram ao mesmo tempo dois tiros de canhão. O eco repetiu os estrondos, mas as balas infelizmente caíram longe do alvo.

Grinfell agora localizara a foz de Capivari, onde fundeara o patacho dos "malditos piratas". Por isso profetizou:

— Nós os pegaremos! Os farrapos não têm a 'mínima possibilidade de sair do arroio. É apenas uma questão de tempo!

Deixou quatro canhoneiras cercando o local e voltou a Porto Alegre, satisfeito a bordo do "Cassipéia".

Griggs examinou e - aprovou as fortificações improvisadas pelo Tenente e pelo sargento e retornou ao "Seival". A ocorrência não preocupou Garibaldi.

— Os homens sabem se defender... e o mato é grande! O pior que nos pode acontecer é a perda do "Gaudério"!

Numa das constantes idas de João Grande ao descampado viu ao longe algo que se movia, levantando poeira. Quando teve certeza de que era Canabarro se aproximando, mandou avisar o Capitão. Vinham duzentos bois mansos, cento e cinqüenta cavalos, carretas com gêneros, novinhos para abate e mais' de cem cangas completas para as juntas. E, para surpresa dos marujos, toda a cordoalha, velas, e instrumentos de bordo do "Tentador", naufragado há pouco nas imediações da vila de Mostardas. Vinham também sessenta Guardas Nacionais, convocados para auxiliar a operação.

O mestre carpinteiro Abreu soube da chegada de Canabarro e trouxe as rodas e os eixos prontos, "ótimo trabalho", foi a opinião de João Grande. Doze rodas com uma braça de raio e um palmo de espessura, maciças, com aro de ferro batido. Tinham que ser colocadas nos navios. Para isso Carniglia, Matru e Griggs, apesar do frio intenso, pularam para dentro do Capivari para trabalhar. Puxaram. Empurraram. Bateram. Machucaram as mãos. Esfolaram

os ombros, mas firmaram os eixos e rodas nos cascos do "Farrou-pilha" e do "Seival".

Griggs contente disse a Garibaldi e Canabarro:

— Agora é só puxar!

Na madrugada seguinte puseram canga em vinte e cinco juntas de bois para começar o trabalho. Não bastaram. Mais dez juntas foram acrescentadas para tirar a escuna maior, dezoito toneladas, de dentro d'água. No último instante, o barco saindo, as rodas da esquerda afundaram mais do que as outras na lama. O "Farrou-pilha" ameaçou cair de banda e inutilizar-se. Com muito cuidado, com muita imprecação de marinheiros e soldados e rezas de João Grande, que apelou fervorosamente para os Santos, velhos conhecidos de outras campanhas, o barco equilibrou-se e safou-se. "Seival", mais leve, deu menos trabalho.

Canabarro, antes de partir para atacar Laguna por terra, entregou cópias dos mapas da região sul-catarinense aos comandantes dos navios.

— O porto de Laguna, informava o General, tem duas entradas. Uma delas, tida e havida como impraticável. Talvez esta nos sirva. Vejam aqui, há uma passagem estreita e rasa da Lagoa Garopaba para o mar e um furo dela parado rio Tubarão, que desemboca na Laguna. Vêem o caminho? Do mar para Garopaba, desta para o rio e dele para Laguna) que juntos atacaremos!

Griggs tinha uma pergunta a fazer.

— Porque meu barco se chama "Seival"?

— Seival é o nome do maior afluente do rio Piratini. Creio que foi essa a razão que levou a darem o nome à escuna.

Foram seis dias duros de trabalho para levar os navios até à Lagoa do Firmino e de lá, navegando pelo canal natural à Lagoa do Armazém e por fim ao rio Tramandaí, com apenas quatro palmos d'água em certos trechos. Mas, chegaram ao mar! Que alegria. "Tálassa. tálassa", gritou Griggs lembrado de Xenofonte, o mar, o mar!

O "Seival" foi o primeiro a enfrentar as ondas do Atlântico. Griggs tratou logo de afastar-se da praia com receio de ter o frágil costado do barco estraçalhado na arrebentação pelo vento sudoeste, "o carpinteiro", que começava a soprar. Navegando distante do litoral,

na altura do paralelo vinte e oito, rumou para o desaguadouro da Garopaba, onde se encontraria com Garibaldi dentro da lagoa. Quem primeiro chegasse esperaria o parceiro. Amainou o vento e choveu. Estava saindo bastante água pela barra e João Grande resolveu aproveitar a facilidade. Foi até o canal que une a lagoa ao rio Tubarão e ancorou na rota exata que o "Farroupilha" teria que fazer.

Griggs esperou três dias em vão notícias de Garibaldi e dos companheiros. Uma guarnição passava o dia na barra e voltava sem ter visto nada. Aflito, para fazer algo, resolveu inspecionar a redondeza. Passou o comando a Valerigini e partiu só e a pé em direção à cidade de Laguna. Para atravessar o rio, tirou a roupa, amarrou-a na borduna e nadou de costas até a outra margem. Daquele local ainda não se via a cidade. O arvoredo da ilha dos Gansos fechava o horizonte. Andando mais um pouco pela margem, encontrou um pescador com quem entabulou longa conversa.

— Você é alemão de São Pedro de Alcântara, ou de São Ludgero?

Griggs não sabia da existência de alemães na região, mas mentiu com coragem:

— De São Ludgero!

O sotaque, a entonação cantada do pescador divertiram João Grande. Pareceu-lhe que a recíproca também era verdadeira, pois apenas ele dissera algumas frases o interlocutor confirmou:

— Você tem um jeito engraçado de falar!

Mostrou Griggs interesse em passear de canoa pelas águas calmas e prometeu uma gratificação...

— Em dinheiro? Já estou indo...

À medida que contornavam a ilha pelo leste João constatou o grande número de navios atracados, ou em movimento. Alguns, armados com bocas de fogo! Pagou um mil réis adiantado e o homem o levou à ilha dos Passarinhos e à vizinhança do navio "Itaparica", com seis canhões, ao lado de dois barcos menores o "L 15" e o "L 17", também armados.

— Que está acontecendo por aqui? Indagou Griggs.

O pescador não se fez de rogado:

— Ué! Vocês em São Ludgero não sabem que os gaúchos estão ameaçando a Província? Olhe, ali no outro lado da lagoa, há um grupo de bandidos esperando reforços do Rio Grande para saquear a cidade. Mas, para nos defender, aí estão sete navios de guerra mandados pelo Governo para escorraçá-los. Nosso Comandante Vilas Boas é homem valente, tem armas e soldados para vencer dez exércitos dos tais esfarrapados!

Os termos "escorraçar", "bandidos" e "esfarrapados" doeram na alma de João Grande. Mas, não era hora de reagir e sim de informar-se.

— O senhor é homem que sabe das coisas, meus parabéns!

— Minha filha é cozinheira da casa do Comandante e me conta tudo o que se passa por lá! E, como é mesmo seu nome?

— José Kaiser, seu criado! Mentiu Griggs.

— Que é que você veio fazer aqui?

John esperava a pergunta e tivera tempo de preparar o enredo.

— Ando um pouco tonto! Coisas da vida! Como o senhor me parece de muito juízo e experiência, vou até lhe pedir um conselho... Os olhos do pescador brilharam de curiosidade.

— Fale, seu alemão, se eu puder ajudar.

— Pois, briguei outro dia com a mulher por causa de minha sogra que é um demônio. Resolvi, então, me afastar alguns dias de casa, para ver se a Carolina e as crianças sentem saudades de mim. Fiz bem, ou mal?

— Desculpe, fez mal! Mulher é para ser tratada com energia!

A volta ao "Seival" foi difícil e cansativa. Caminhando recapitulou Griggs o que vira e ouvira, tirando conclusões. O trabalho não fora um sucesso, mas conseguira informações, que depois de analisadas com Valerigini, poderiam ser úteis e aproveitadas pelo Comando da Expedição. Não lhe parecia possível dois barcos, o "Farroupilha" e o "Seival" levarem vantagem num combate contra sete navios imperiais apoiados por artilharia postada à beira da lagoa.

— E a aparência dos navios? Perguntou Henriques.

— Bem, eu contei seis canhões no "Itaparica" e vi de perto duas canhoneiras. São barcos novos, limpos e bem tripulados. Os outros vasos de guerra estavam longe demais.

Finalmente no fim da semana apareceram a oeste da Garopaba alguns cavaleiros abanando os ponchos, fazendo sinal. Pareceu a João Grande ver com eles uma bandeira republicana. Mandou por isso dois marinheiros num escaler para verem o que estava acontecendo. No retorno veio magro, desfigurado, irreconhecível, Giuseppe Garibaldi.

Griggs não fez perguntas, mas Valerigini não se conteve:

— Cos'è sucess...?

— Tutto, disgraziato! Tutto, ecco!

John trouxe um copo de aguardente, o Capitão tomou um gole e começou a narrar em português incrementado com sonoros palavras em dialeto savoiano:

— Apenas transpusemos a barra do rio Tramandaí, começou a soprar violento aquele maldito "carpinteiro". Lutamos com o "Farroupillia" quanto pudemos. Quando percebi que era impossível alcançar e mar alto, resolvi entrar no rio Mampituba e esperar lá, esmorecesse a ventania. Eu estava encostado ao mastro principal do navio, quando uma onda gigantesca me arrancou dali e me jogou n'água. Não voltei mais a bordo. A escuna perdeu o leme, adernou e virou. Estávamos a uma milha de terra. Vi Campiglia lutando para desvencilhar-se de um capote grosso de lã encharcada. Puxei da faca e cortei-lhe as mangas. Empurrei então uma porta de madeira que flutuava a Matru, que se debatia.

— Os dois nadavam bem! Interrompeu João Grande.

— Sim! E Carniglia, melhor que Matru. Mas outra onda fortíssima rebentou a porta e me fez mergulhar como um prego. Voltando à tona, não vi mais os meus amigos. Gritei, chamei! Nada! (*) Carniglia, Matru e a maior parte da tripulação morreu. De quarenta, salvamo-nos dez! Ecco! Esperamos horas. Depois, desesperados desandamos a correr pela praia. Duas léguas além, na casa do senhor Balduíno Vianna, contei o que acontecera. Ele nos arranhou cavalos e veio incorporar-se à vanguarda de Canabarro, comandada pelo Tenente-Coronel Teixeira Nunes. Enfim, estamos aqui!

Engoliu o Capitão o resto da aguardente e terminou:

— Teixeira Nunes ataca a Laguna amanhã sem falta e nós com ele!

Ao clarear do dia o "Seival" entrou no furo que vai da lagoa Garopaba ao rio Tubarão. Griggs levava a escuna com cautela. Ao saber pela fuzilaria que começara o ataque, hasteou no mastro da nau belíssima bandeira republicana bordada por Maria, Marta e Manoela e rompeu Laguna a dentro a todo o pano, disparando os canhões com impressionante rapidez, parecendo uma fortaleza a deslizar sobre a superfície das águas. O "Itaparica" e o "Lagunense" no momento metralhando as posições republicanas atacantes, surpresos com a chegada do navio farropilha, refugiaram-se no porto.

(*) Chiamai disperatamenee, ma in vano". Memória di G. M. Garibaldi.

A Marinha Imperial e as Autoridades locais, soube-se depois, ficaram pasmas com a entrada olímpica do "Seival" em pleno combate. Donde vinha uma feroz escuna de guerra, desse tamanho, que não entrara pela barra?

Já se dissera em Laguna, mas ninguém acreditara, "barcos republicanos desceram o Tramandaí e velejaram para o norte". Agora o boato se confirmava. Quantos barcos? Muitos? Poucos? A população citadina já se intimidara com a informação do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro, denunciando o ataque farropilha, um mês antes de Canabarro se movimentar:

"Pessoas vindas dentre os rebeldes nos asseguram que tentam mandar uma expedição à Província de Santa Catarina com o fim de sublevarem os pacíficos habitantes daquela província e os obrigarem a separar-se da comunhão brasileira".

Em seguida o jornal ameaçava os catarinenses com o Comandante da tropa, Canabarro.

"Que de vítimas não serão imoladas por esse homem perverso, que seu prazer é ver jorrar sangue humano!".

As notícias alarmantes ajudaram os republicanos. Terríveis, os comentários na cidade:

— Esfarrapados, sanguinários, hunos, verdugos! Degolam mulheres e crianças indefesas! Não sei como o Governo consente numa coisa destas!

— Foi por artes de Satanás que este maldito vaso de guerra apareceu por aqui! Que será de nós? Virgem Santíssima, protegei-nos!

O Vigário Francisco Araújo consolava os fiéis, citando os Evangelhos:

— Temos que confiar em Deus e seguir Sua palavra escrita por S. Mateus "Não resistais ao mau!" Quando chegarem os gaúchos, devemos tratá-los com urbanidade. Eles são brasileiros e não farão mal a ninguém!

— Santa ignorância! Diziam alguns. E outros:

— Por fim alguém menos pessimista!

Com a retração dos barcos inimigos, Griggs achou prudente voltar ao rio Tubarão, satisfeito com o susto que lhes pregara. Recebeu ordens do Comando Geral, transmitidas por Garibaldi, de no dia seguinte embarcar cem soldados e deixá-los no outro lado da lagoa, como reforço à tropa de Teixeira Nunes.

Na hora em que subiam a bordo os homens para a curta viagem, ouviram-se tiros. João Grande apressou a operação e saiu voando para o local do barulho. Naquele exato momento a "Imperial Catarinense" e a canhoneira "Lagunense" preparavam armadilha urdida para destroçar o "Seival", onde o rio desagua na lagoa. Descuidou-se o comandante da "Imperial" e a nau encalhou junto ao barranco, onde se encontravam o cabo farropilha Manuel de Castro Oliveira (*) e mais três soldados. O graduado por sua conta e risco abriu fogo, varrendo o tombadilho à bala e impedindo os artilheiros imperiais de assumirem seus postos.

Neste momento chega João Grande e depara com o navio imobilizado. Garibaldi estava em terra, mas certamente aprovaria o ataque. Bem de perto desfecha dois tiros certos. Com o primeiro disparo abre uma brecha na proa e com o outro derruba o mastro principal. O comandante da "Imperial Catarinense", Tenente José de Jesus, sem o apoio da canhoneira, sentiu que ia ser apresado. Rompeu o casco e prendeu fogo na estrutura de madeira, fim poucos minutos as labaredas alcançavam alturas vertiginosas. O "Seival" afastou-se, temendo as explosões da munição, que de fato ocorreram. O Tenente embrenhou-se no mato e uma semana depois apresentou-se com os marinheiros a seu superior hierárquico na capital da Província.

Com o primeiro fora de combate, preparou-se Griggs para atacar o segundo, a "Lagunense". De pé na ponte de comando do "Seival"

dando ordens, apertava emocionado a borduna com as duas mãos à altura das coxas e sentia-se o próprio Almirante Nelson em Trafalgar. Bordejou e partiu feroz, a todo o pano para a canhoneira, comandada pelo excelente oficial Manoel Moreira da Silva, o Maneca Diabo. A tripulação do barco imperial totalmente simpática aos farropilhas, negou-se novamente a obedecer às ordens de Maneca. Antes, já insubmissa, não acudira a "Imperial Catarinense".

Os tiros da escuna veloz e ameaçadora fizeram com que os marinheiros desembarcassem mais depressa! Maneca Diabo, horas depois apresentou-se sozinho ao Comandante de Laguna. João Grande abordou e mandou Valerigini ocupar o navio apresado com dez marinheiros.

Ao entardecer voltaram juntos os dois barcos para o rio Tubarão. A "Lagunense" desfilando pela primeira vez desfraldando vastíssima bandeira farropilha.

Garibaldi ao vê-los chegar, abriu os braços e gritou entusiasmado:

— Per Dio Santo!

Chorava e ria o Capitão-tenente de contentamento ao abraçar o amigo João Grande, felicitando-o.

(*) Informa Lindolfo Collor em "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos", página 236, que Manuel de Castro Oliveira era natural de Cachoeira (do Sul).

Naquela mesma noite os fugitivos, desertores da canhoneira juntaram-se aos velhos adversários das Autoridades Municipais lagunenses e trataram de disseminar o pânico entre a população. Diziam:

— Com esses gaúchos ninguém pode! No primeiro tiro desarvoraram a "Imperial". No segundo, incendiaram o navio! E com que rapidez, santo Deus! Degolaram o comandante e a tripulação, sepultada nas águas com o barco! Que pena, homens tão bons! É preciso entregar já essas Autoridades corruptas e irresponsáveis para salvar a cidade! Que morram alguns para que muitos se salvem!

Os boatos mentirosos incendiaram as imaginações, inclusive a do Comandante da Praça, Villas Boas, que na calada da noite retirou-se com as tropas de confiança para o norte, em direção a Desterro. (Florianópolis) Depois o militar explicou aos amigos:

— Tive que tomar uma providência para salvar meus soldados da sanha daqueles bandidos do sul!

Antes do clarear do dia, aproveitando a maré, o "Cometa", o maior e mais bem armado dos navios imperiais, levantou ferros e saiu barra a fora.

A luta recomeçou de manhã. Nesse terceiro dia Garibaldi embarcou com Griggs no "Seival". Valerigini seguiu-os na "Lagunense" republicana.

João Grande de longe reconheceu a "Itaparica" na parte oriental da lagoa e mostrou-a ao Capitão. Garibaldi não perdeu tempo, ordenando:

— Barcos, atacar!

O vento estava favorável e o "Seival" seguiu a toda a velocidade, fazendo dois disparos de advertência. Incontinenti Muniz Barreto, o Comandante, mandou içar bandeira branca. Um escaler trouxe o imediato para comunicar a rendição, "não por covardia, mas por não mais ser obedecido pela marujada e ter o navio encalhado". Ordenou o Capitão a transferência da Oficialidade para o "Seival" e escalou o Tenente Henriques para assumir o comando do "Itaparica", que foi logo ativado.

Garibaldi, radiante, dizia a Griggs:

— Viu, fratello? (Irmão) Deus está do nosso lado!

— Vi, Capitão. E estou vendo aquela canhoneira apontando as bocas de fogo para cá, querendo acabar com nossa alegria!

— Vai ser fácil!

A "Itaparica", de bandeira nova, recebeu ordem de aproximar-se da "Santana" por bombordo. A "Lagunense", por estibordo. Atirariam só na hora em que o capitânea desse ordem. O interesse era apresar a canhoneira. Griggs faria a abordagem.

O plano deu certo. Cercado por três, o navio de guerra se entregou, sem mesmo hastear toalha, ou lençol. Simplesmente arriaram o estandarte.

A batalha estava ganha. O "Seival" foi ao ponto onde atracavam os lanchões L 15 e L 17. Griggs de cara feia ordenou aos ocupantes que levassem as roupas e não voltassem mais a bordo. Dois mari-

nheiros pareciam querer reagir, mas diante da borduna e a resolução de quem a empunhava, se foram.

Terminara a luta. Vilas Boas fugira. Todos, os navios do porto ostentavam a bandeira farropilha. Laguna não era mais imperial, fazia parte agora do Brasil Republicano, que seria Federativo!

À noite João Grande foi chamado ao Paço Municipal, sede do Governo Provisório da futura República Juliana. O Palácio era um edifício imponente, pintado de branco, com sete janelas na fachada e uma escada de tijolos do lado esquerdo, por fora da casa. A festa era no sobrado.

Canabarro felicitou João Grande, deu-lhe um abraço e procurou distingui-lo de toda a maneira. Griggs ficou encabulado com as honrarias, mas Garibaldi exultante com o prestígio do amigo, não escondia a satisfação, que isto lhe dava. O rosto do italiano era um sorriso só de orelha a orelha e chamava Griggs ora de "fratello", ora de "cugino" (primo).

Canabarro também estava contente e fez um pequeno discurso:

"Com a tomada de Laguna tivemos mais uma prova cabal do valor de nossos soldados e marinheiros. Parabéns! Tenho orgulho dos senhores! Pelo que pudemos apurar a causa republicana ganhou hoje, além da cidade uma população amiga, um imenso território, cinco barcos de guerra, quatorze barcos mercantes, dezesseis canhões, quinhentas armas de fogo e trinta e seis mil cartuchos embalados! O Governo..."

Griggs tomara alguns goles de licor e quase disse, mas no último instante a censura interna o impediu: "Boa assim, só a festa de minha Primeira Missa em Rosedale!".

Capítulo XXIV

Última batalha naval

Com a retirada das tropas imperiais a população aceitou sem reagir a Nova Ordem. Não houve perseguições, inquéritos e atropelos. Tampouco se soube de desmandos do contingente farropilha que ocupou a Praça. Soldados e marinheiros que não quiseram acompanhar suas unidades retirantes foram convidados a incorporar-se

às Forças Republicanas. Alguns aceitaram a proposta, outros simplesmente trocaram de roupa e foram para casa:

No domingo de manhã, depois da missa, houve desfile da tropa. Os Comandantes do Exército e da Marinha, General Davi Canabarro e Capitão-tenente Garibaldi, com seus auxiliares imediatos, Coronel Teixeira Nunes e Tenente John Griggs, mais o Intendente e o Vigário da paróquia assistiram a marcha do alto do palanque armado diante do Paço Municipal.

Com a tropa perfilada e alinhada no Largo ocorreu gente e a solenidade começou com a proclamação do Presidente da República Riograndense, Bento Gonçalves, lida por um capitão, cuja voz de clarim e perfeita dicção foi ouvida com interesse pela assistência:

"Fazei troar em vossas montanhas o brado glorioso de vossa emancipação. Vossa posição geográfica, vosso caráter, vossos hábitos e usos concorrem para irmanar-nos! Liguemo-nos em firme aliança! Sejamos um e o mesmo Povo. A Providência Divina não deixará de abençoar nossos esforços e nossas Armas!..."

Não subsistira o receio de castigos e degolas em praça pública e por isso a população, antes temerosa, aplaudiu e ovacionou os militares farropilhas, que desfilaram com garbo e perfeita ordem na mais empolgante cerimônia cívico-militar vista na cidade. Os mais bem aquinhoados foram Garibaldi e Griggs, que ao descerem do estrado foram seguros e beijados pelas moças da sociedade!

Depois disso reuniu o General os oficiais no gabinete e explicou:

— Convocarei amanhã pessoas importantes de Laguna para elegerem o Presidente e o Vice-Presidente provisórios da República Juliana. (*) A tropa deve refazer-se para em breve reencetar a luta. Sob o ponto de vista militar, o primeiro passo seria dado "em direção à Capital da Província, na ilha, em situação excelente para dominarmos todo o sul. Acabo de relatar às Altas Autoridades da República o êxito recente de nossas Armas. Organizo agora a administração conforme instruções que recebi. aguardo novas ordens do Governo de Caçapava...

(*) "Nella cita di Laguna, chiamata dai repubblicani di VILLA GIULIANA, per esser nella mese di Luglio l'epoca della conquista". Giuseppe M. Garibaldi. em "Revisione delle Mie Memória", pag. 53.

Determinou Garibaldi o local, entre o porto e o desaguadouro da laguna, onde os seis navios da Esquadra Farropilha deviam fundear. Conhecia o Tenente João Henrique, lagunenses os marinheiros

e artífices da cidade e por isso encontrou facilmente pessoas habilitadas a tripular e restaurar os navios apresados aos imperiais. Entre estas naus havia duas maiores e mais confortáveis que o "Seival". Resolveu Garibaldi rebatizá-los com os nomes de "Rio Pardo", o capitânea, e "Caçapava", entregue a Griggs. Valerigini assumiu o comando do "Seival".

Enquanto operários e mestres trabalhavam a bordo, passava o capitão horas e horas de binóculo em punho examinando outro lado da lagoa, onde havia algumas casas. Griggs viu e caçoou com o amigo:

— Você já descobriu ó espião imperial que se esconde naquelas bandas? Quando o localizar, avise que tratarei dele...

— Hummm!

— Não tenha receio, Capitão, que não é o Comandante Villas Boas! Enquanto eu estiver aqui ele não aparece sozinho!

— Você, Griggs, além de curioso é profundamente indiscreto! Bem, mas você é também meu amigo! Qualquer dia desses eu contarei...

João Grande não tocou mais no assunto, mesmo porquê havia novidades transcendentais, a eleição de Joaquim Neves e de Monseñor Cordeiro para a Presidência e Vice-Presidência da jovem República Juliana.

Decorridos alguns dias o Capitão entrou no assunto:

— Você me acha com cara de mentiroso?

Griggs achou divertida a pergunta, mas respondeu categórico:

— Examinando de perto sua fisionomia, nota-se que não tem cara de mentiroso, mas isso não quer dizer que...

— Estou falando sério, interrompeu Garibaldi! Hoje de manhã apanhei um escaler e fui ver de perto quem era a moça bela e elegante que me chamava a atenção vista de longe e através das lentes. Ao desembarcar abordei o primeiro sujeito que me apareceu. Conversa vai, conversa vem, me convidou para tomar café em casa dele. Veja a coincidência, sabe quem morava lá?

— A filha! E sem perda de tempo você pediu a mão dela!

— Calma! Não era filha, era hóspede. Mulher belíssima, simpaticíssima, perfeitíssima! Tem apenas dois defeitos graves, é casada e chama-se Aninha!

"Com tanto superlativo, só namorada de italiano", pensou Griggs e indagou:

— E daí?

— Vou mudar o nome dela para Anita, Anita Garibaldi!

— Já pediu autorização ao marido?

— Que marido? Fugiu. Foi embora. Vou ficar com ela!

"Da. Ana e Bento Gonçalves tinham razão! Manoel a não era mulher para o Capitão", murmurou Griggs para seus botões.

Findas as obras de recuperação dos barcos de guerra, começaram evoluções na lagoa para adestrar os novos tripulantes.

— Vamos fazer uma expedição ao Rio de Janeiro, dizia Garibaldi, inflando o peito de satisfação com o desempenho dos marinheiros! Vamos caçar a onça na toca! Sabe, Griggs, que minha vontade é essa, mesmo?

Entretanto chegou inesperadamente o carpinteiro Belmiro com correspondência enviada pelo Governo ao Comando da Praça de Laguna. Cumprida a obrigação, procurou logo o sargento Jucá e os dois amigos foram para bordo do "Caçapava", onde João Grande os recebeu com alegria.

— Você não é mais carpinteiro, Belmiro?

— Não, Mestre! Sou estafeta do Governo em Caçapava!

— Deixou o estaleiro?

— O estaleiro acabou. O senhor não soube? Foram lá os imperiais com certo Almirante "Grinfa"...

— Grinfell!

— Ou isso! Incendiaram a serraria e os galpões que o senhor construiu, os depósitos de madeira, os quatro barcos em construção e o material estocado, óleo, cordas, gesso, tudo! Não sobrou nada, só cinza!

— E vocês, não reagiram?

— O senhor sabe que não somos assustados! Matamos uma porção de atacantes. Mas, por infelicidade nossa, logo nos primeiros tiros acertaram duas balas na cabeça de nosso Comandante, Tenente Braga, valente e capaz. Sobrou o Tenente Dutra, homem do mar, coitado, atrapalhou-se e foi aquela debandada... Pegaram, contudo o Hidalgo e mais quatro "pintas-brabas" vindos de Buenos Aires, que nem o senhor, nem o Capitão quiseram embarcar. Pressos, foram levados para Porto Alegre como troféus!

A lembrança de Maria e dos demais familiares deixaram João Grande aflito.

— E o pessoal da Fazenda do Brejo?

— Foi respeitado! Não se aproximaram da casa de Da. Ana, nem da de D. Antônia, nem da Fazenda do Cristal. Honra seja feita! Pois é, eu morei algum tempo na casa que o senhor ocupou. E ainda eu estava lá quando vieram o Dr. Ferreira e D. Maria Manoela buscar a filha que não voltava mais para casa. (*)

Jucá e Belmiro estavam a bordo quando chegou um marinheiro com mensagem para o Comandante. Griggs esperou a saída deles para ler a carta, certamente vinda no pacote de Caçapava. A letra do sobrescrito era de Anne e endereçada para Montevideú, aos cuidados do representante da República Riograndense naquela Capital. "Querido Johny,

Sabes que não gosto de dar notícias ruins. Mas achei que devia te informar que Papai, Mamãe e meu Sogro descansaram na paz de Deus. O primeiro a nos deixar foi McKinley e por último a Mamãe no dia dez de junho. Está aqui em casa nosso irmão Jimmy, a quem os médicos dão poucos meses de vida. Creio que podes vir tranqüilamente a Rosedale. Ninguém mais se lembra daqueles episódios tristes que te levaram a afastar-te. Aconteceu tanta coisa depois disso. Eu, Tom, Jimmy e todos os teus verdadeiros amigos estamos ansiosos por te ver de novo aqui. Vem! Vem logo, que todos te esperamos! Carinhosamente,

tua irmã

Anne"

Griggs sentiu uma saudade imensa dos pais falecidos, dos irmãos e dos amigos de Rosedale. E Garibaldi, sem querer, veio tirá-lo dos sonhos:

(*) Consta que Manoela, nonagenária, faleceu em Pelotas no começo do século, solteira e sempre conhecida como "a noiva de Garibaldi"

— Meu amigo, chegou a hora de agir! Vamos caçar barcos imperiais!

— E a barra?

Era público e notório que o desaguadouro da lagoa era vigiado por quatro navios adversários, um grande o "Patagônia" e três menores.

— Fratello, o comandante da esquadilha imperial é um inglês de nome George Broom. Informação segura!

— Pois eu gostaria de ver a cara desse George, para conferir. Creio que foi em Kingston, na Jamaica. Se é o que conheci, trata-se de um tolo, pretensioso e beberrão!

— Deus te ouça! Mandei aumentar o velame e trocar a bolina do iate "Bem-te-vi". É a menor embarcação que nós temos. Pretendo dispará-lo para Desterro, só com o lastro. Se o Broom for o bobo, teu conhecido, sairá no encaço do "Bem-te-vi" com todos os navios e limpa nossa barra!

No alto do morro da Atalaia, ao sul do canal instalara-se um posto de vigia. No morro da Cruz, atrás da cidade, outro. Três barcos de guerra no fim da semana estavam prontos para sair mar a fora e o "Bem-te-vi" também. Na hora em que os navios imperiais velejavam para o sul, avisado pelos observadores, Griggs transmitiu ordem ao iate de partir a todo o pano para o norte. George Broom incontinentemente manobrou cento e oitenta graus e saiu com toda a flotilha a perseguir o barquinho, que fugia veloz!

Do Atalaia deram o sinal de "Barra limpa". Garibaldi riu e disse aos que estavam próximos:

— Logramos o "amigo" de Griggs!

Imediatamente levantaram ferros o "Seival", o "Caçapava" e o "Rio Pardo" e partiram para o leste e depois para o norte. Na rota encontraram navios ingleses, argentinos e espanhóis, mas com ban-

deira do Império, nenhum. Os navios republicanos aproximaram-se da costa. Na altura de Cananéia, Província de São Paulo, Griggs chegou perto do "Rio Pardo" e viu o Capitão abraçado com uma mulher. Seria Ana Maria, ou Aninha, como era conhecida a mulher do sapateiro Manuel Duarte? Chegados à distância de fala, Garibaldi apontou para o lado da terra, indicando um ponto branco navegando lentamente para o sul e disse:

— Griggs, Anita viu com o óculo uma bandeira imperial naquela su-raca. Queres pegá-la? Olha, nós te esperamos em Santos. Boa caça!

O "Caçapava" virou a proa para sudoeste em direção à presa e abriu os panos. Três horas depois alcançava a sumaca "Formiga" carregada de açúcar e café. Ao primeiro tiro de canhão o barco arriou a bandeira e esperou a abordagem. O Comandante entregou o manifesto da carga e foi transferido para o "Caçapava". Griggs colocou Ruy Azambuja no comando e Carlos Peixoto de imediato. A ordem era não sair de perto do navio apresado.

Pouco tempo depois amainou o vento e surgiu um nevoeiro denso, comum naquela época do ano. João Grande não viu mais os barcos de Garibaldi e Valerigini. Durante a noite a "Formiga" fugiu. Não procurou a fujona. Continuou navegando para o norte. Passou pela ilha Laje dos Santos e foi à Ponta do Boi, na ilha de São Sebastião, sem encontrar os navios republicanos. Voltou, abasteceu-se em Itanhaém e fundeou alguns dias na baía de Antonina esperando os companheiros. Sem esperança de encontrá-los, regressou à Laguna.

Do Saco dos Magalhães, onde já estivera ancorado, Griggs, ora de dia, ora de noite subia o morro da Atalaia, ou ao da Cruz para observar o Oceano e conversar com os vigias. Soube, entre outras coisas, que o Comandante Andréa, brasileiro naturalizado, no momento chefe imperial de operações contra os farropilhas de Laguna, enfureceu-se porque George Broom caíra na esparrela armada por Garibaldi. O inglês pateta, preso, foi remetido ao Conselho de Guerra no Rio de Janeiro!

Em compasso de espera John passou a freqüentar a cidade. Dos primeiros procurados foi o Vigário Francisco de Araújo, velho, piedoso e triste. Difícil de entender. João Grande não retornou à Casa Paroquial. Na crônica do padre não constavam casos com Margots, ou Lucilas. Araújo era bem visto pelos paroquianos.

Em Laguna o Vice-Presidente da República Juliana, que assumira o Governo, depois de Joaquim das Neves abandonar o cargo, era

um desastre político. Monsenhor Cordeiro, autoritário e inflexível seria um ótimo inquisidor, nunca um governante democrata. O Coronel Teixeira Nunes, comandante da Praça, não o tolerava. E Griggs teve dificuldade de encontrar alguém, entre muitos interlocutores, que apoiasse Sua Excelência, ou Sua Reverendíssima. Chamado com urgência ao Rio Grande, o General Davi Canabarro (*) ainda não retornara.

Certa madrugada do alto do Atalaia viu João Grande seis luzinhas balançando no mar. Na madrugada seguinte eram dez.

— Temos assombração! Disse. E avisou o Coronel Nunes.

(*) “Canabarro, onesto e prode guerriero repubblicano...” Giuseppe Garibaldi em “Revisione delle Mie Morie” 1875. pág. 54.

— Era de esperar, Tenente Griggs! Ontem, do morro da Cruz avistaram seis barcos imperiais. Escalei um pelotão de sapadores para cavar mais trincheiras junto ao canal. Estou precisando de mais canhões e de uma corrente para fechar a entrada da lagoa.

Afirmava-se que vinte e dois navios de guerra nas imediações da barra aguardavam a chegada de três mil homens do Exército e da Guarda Nacional para atacar Laguna por terra e mar. As famílias de mais recursos começaram a retirar-se para as fazendas em Imbituba, Jaguaruna e Araranguá. Griggs foi inspecionar o desaguardo. Achou-o sem condições de dar passagem a navios de maior calado. Conversando, porém, com práticos do canal e com pescadores, ouviu dizer:

— Quando chove na serra o rio Tubarão engrossa e a correnteza retira a areia do canal. Se logo depois vier maré alta, navios de quinze palmos de calado entram na lagoa. Já aconteceu...

"Se isso ocorrer", pensou John, "estamos perdidos!".

O Comandante do "Caçapava" andou alguns dias bastante preocupado. A chegada do Tenente Adão, contudo, veio distraí-lo. Rememoravam a viagem a Pelotas, o episódio de "Aos Caçadores" e outros mais, amplamente comemorados com garrafas de whisky que João Grande comprara. Adão viera como observador e trazia mensagem do Presidente Bento Gonçalves. Quando chegou o General Canabarro os dois amigos foram cumprimentá-lo. Sua Excelência estava visivelmente preocupado.

John aquela noite rolou nos lençóis sem poder dormir. Tinha maus pressentimentos. Sentia no ar cheiro de tragédia. De madrugada

levantou-se. Estava escuro. Acendeu uma vela e pôs-se a escrever: "Querida Maria, só depois de minha morte, saberás por esta que te amei desesperadamente. Amei-te quanto se pode amar neste mundo. Esteja eu, onde estiver neste instante em que me lês, meu pensamento estará contigo. Acompanharei teus passos como tua sombra em dia de sol..."

Leu, releu e rasgou o papel, dizendo baixinho:

— Não posso magoar esta moça, nem assustá-la com fantasmas! Escreverei outra carta... outras, talvez. Adão vai partir e fará o favor de levá-las.

Ao clarear do dia João Grande foi à igreja, preparar-se para o pior. Ajoelhou-se no último banco. Viu a lamparina indicadora da presença eucarística de Nosso Senhor Jesus Cristo e rezou com um fervor que há muito não sentia. Lembrava-se de ter rezado assim na Catedral de Nova Orleans, quando sem dinheiro, sem emprego, sem saber o que fazer, nem para onde ir. Uma hora depois tinha casa e comida a bordo do "Scott". Deus o ajudara! "Senhor", rezou, "creio que estás presente neste Sacrário e que me ouves! Acho que dentro de poucos dias chegarei à Tua Presença levando apenas os meus pecados! Ajuda-me a arrepender-me deles, para que eu possa ver a Tua Face! Nossa Senhora, minha boa Mãe", jamais se ouviu dizer que alguém que tenha recorrido à vossa proteção, fosse por Vós desamparado ", consegui-me a graça de arrepender-me de minhas faltas, não por medo do castigo, mas por amor a vosso divino Filho, Jesus Cristo, tão paciente comigo! Eu vos peço também por meus companheiros a quem não dei bons exemplos, nem bons conselhos!"

Suspirou fundo. Recitou a "Salve-Rainha", alguns "Padre-Nossos", outras tantas "Ave-Marias" e começou o exame de consciência, preparatório da confissão sacramental.

Quando o Padre Araújo entrou no confessional, Griggs foi até lá, ajoelhou-se e começou:

— Sou sacerdote. Abandonei a batina e a paróquia muito longe daqui. Julgo estar arrependido de meus pecados e peço que me dê em nome de Deus a absolvição deles! Há cinco, quase seis anos que não me confesso.

João Grande tossiu. Tomou fôlego para desfiar a cadeia dos malfeitos. Confessou a omissão da reza do breviário, as missas rezadas e os sacramentos administrados sem estar em estado de graça, as relações pecaminosas com Margot, Isabel, Margarida e ou-

tras, o adultério com Lucila e o escândalo conseqüente, as dúvidas que sentia se de fato o último recurso para não morrer, fora matar. Incluiu os pecados cometidos nesses anos de impiedade que esquecera de mencionar. Terminou dizendo:

— Creio, padre, que estou bem próximo da morte e me recomendo!

O Vigário suspirou, talvez com pena do colega e custou a começar:

— Mesmo que Vossa Reverendíssima não se dê conta, está preocupado com a morte. Espero que se engane e viva muitos anos para glorificar a Deus e servir à Santa Igreja! Não lhe dou conselhos! Lembro, apenas, que depois da absolvição perdura o dever de regularizar sua vida sacerdotal. Procure logo que puder um Bispo, Agora um favor pessoal, se ocorrer breve sua morte, peça ao Pai Celeste que chame logo o velho Vigário de Laguna! Ofereça a Santa Missa e a Comunhão em reparação de seus pecados. Reze um Rosário por penitência. Nosso Senhor teve muita paciência com Vossa Reverendíssima. Não abuse mais!

Recebida a absolvição John voltou ao banco tonto e com o suor correndo debaixo dos braços, pingando na roupa. Em seus ouvidos martelavam as palavras "Vossa Reverendíssima!" Depois de tanto tempo, de tantas peripécias e pecados ele continuava padre Sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedec, dissera o Bispo no dia de sua ordenação em Memphis. Como isso lhe parecia distante! Ouviu missa, comungou, fez quinze minutos de ação de graças e saiu da igreja leve, satisfeito, um novo homem, disposto a viver e a morrer, pensando: "Que bom a gente pertencer a uma Religião que perdoa os pecados!".

Os sinaleiros agitaram as bandeiras ao meio-dia, chegavam o "Rio Pardo" e o "Seival". Griggs foi cumprimentar o Capitão e explicar-lhe o que acontecera, inclusive o episódio da sumaca "Formiga".

— Pois ela tornou a cair em nossas mãos, fratello! Azambuja e Peixoto vieram comigo! Passaram maus pedaços. O antigo imediato sublevou a tripulação e eles foram postos a ferro no porão, passando a pão e água. Tratei o maroto à inglesa, mandei dar-lhe tremenda surra! E por aqui como estão as coisas?

— Poderiam estar melhor se não houvesse fora da barra toda uma frota esperando a hora de nos atacar. Se não vierem agora de tarde, de noite poderemos ir ao Atalaia contá-los. Dizem que são vinte e dois barcos de guerra! E a viagem como foi?

— Menos mal. Pegamos e esvaziamos mais dois pequenos navios além do "Formiga", o "Elvira" e o "Bizarra" '. Conseguimos enganar a fragata "Regeneração", mandada em nosso encalço com vinte canhões. Não nos acertou um tiro. Foi diferente o encontro com a "Bela Americana", nas vizinhanças da ilha de Santa Catarina. E uma corveta armadíssima. Perdemos seis homens e o "Seival" foi atingido, precisa de reparos urgentes! Mas de toda 'a expedição o marinheiro mais valente e dedicado chama-se Anita Garibaldi! Ecco!

À meia-noite, apesar da chuva e do vento forte. Garibaldi e João Grande foram ao alto do morro da Cruz e contaram dezenas de luzinhas balançando no mar.

— Tomara que desabe forte tempestade e ponha essas pestes a correr, foi a praga do Capitão!

De manhã os dois oficiais verificaram a posição dos soldados no canal de entrada. A margem norte, uma reta com cerca de quinhentas braças de comprimento, comportava quinhentos homens. A margem sul, com a metade da extensão, pois fazia curva e se alargava até a desembocadura do rio Tubarão, tinha duzentos soldados, num total de mil e trezentos da Guarnição da cidade. Apenas seis canhões reforçavam a defesa da passagem.

A esperança de Griggs e dos demais comandantes farropilhas era de que os navios pesados como a "Bela Americana", com trinta e seis canhões e o "Patagônia" com dezesseis, encalhassem na barra. Então, os barcos menores que tivessem entrado na lagoa seriam destruídos pelos canhões de terra, ou pela "Esquadrilha da Morte".

Garibaldi situou os navios em ordem de batalha. O primeiro a enfrentar os invasores seria o "Itaparica", comandado por João Henrique, o lagunense. O segundo, o "Rio Pardo", capitânia. O terceiro, o "Caçapava", de Griggs, depois o "Seival", o "Lagunense" e o "Santana", pela ordem. Entre os vasos de guerra, cinco lanchões armados cada um de uma boca de fogo.

Esperavam todos nervosos o ataque, pois a frota imperial se movimentava, aproximando-se da entrada. Garibaldi de quinze em quinze minutos interrogava Henriques:

— Qual a profundidade da barra?

Este por sua vez perguntava ao marcador e respondia:

— Quatorze palmos!

— E agora

— Dezessete! As chuvas dos últimos dias e a maré estão contra nós!

Griggs ouvia e rezava, pensando "os imperiais devem ter tábua das marés e o ataque não vai demorar!"

Às onze e meia, do alto do Atalaia, deram sinal de alerta. A batalha ia começar. Eis que rompe a fuzilaria na entrada da lagoa. Ribombam canhões. Das trincheiras os soldados farropilhas miram e matam mais da metade da tripulação da primeira canhoneira, a de Manoel Moreira da Silva, Maneca Diabo. Era pequena a distância entre uns e outros e fácilimo acertar os tiros. Logo atrás da canhoneira vem "Bela Americana", com salvas rápidas e arrasadoras de dezenas de canhões atirando ao mesmo tempo, faz terríveis estragos na defesa do canal. Por um instante Griggs e Garibaldi pensaram que a corveta ia encalhar. Ela vacilou, mas oportuna lufada de vento e uma onda maior a salvaram. Este vaso de guerra sozinho, mais armado que toda a frota farropilha, destroçou as fortificações de ambas as margens, infantess e artilheiros republicanos morrem às dezenas e imediatamente outros companheiros valentes ocupam os lugares dos caídos e continuavam atirando e lutando. A "Bela Americana" penetra na lagoa. Não há força capaz de detê-la. Na esteira dela navega o capitânea, "Éolo", a vapor. Logo atrás vêm as corvetas "Patagônia", "Astéria". "Cometa", mais a "Calíope" e a "São José", nome pouco adequado, e por fim a canhoneira "N" 14 ". Todos os barcos armadíssimos disparam ao mesmo tempo. Fumaça infernal!

Os poucos homens que restam da canhoneira de Maneca Diabo manobram e abordam o "Itaparica". João Henrique defende-se como pode, mas certa machadada abre-lhe o peito, pondo à mostra o coração do valente oficial farropilha.

Depois da canhoneira "N" 14" vem a segunda onda de navios invasores. Griggs não conseguiu contá-los, nem ler-lhes os nomes, tal a fumaceira que os envolvia, mas eram muitos. Anita durante a batalha não quer abandonar o companheiro, mas Garibaldi, para afastá-la, obriga a mulher ir à cidade pedir ajuda ao General Canabarro que nada mais tinha a dar, senão votos de êxito na luta.

Griggs, desde os primeiros disparos, subiu para a ponte de comando do "Caçapava" e, de borduna na mão, dava ordens em altos brados a marujos e artilheiros em meio à fumaça, tiros, gritos e

imprecações vindo de todos os lados. Logo no começo da luta seu melhor atirador, vindo do "Seival", teve a cabeça arrancada por um disparo do "Eolo". João Grande não perdeu a calma. Mandava atirar na linha d'água dos navios imperiais. "Ganha-se a batalha do mesmo jeito", pensava ele, e morre menos gente, pois a margem da lagoa é próxima e qualquer sofrível nadador a alcança e se salva!"

Pareceu a John que o adversário mais temível, o que fazia mais estragos, era a corveta "Bela Americana". "Pois é a ela que vamos atacar", pensou.

— Trinta e dois graus a estibordo, gritou ao imediato, que transmitiu a ordem de João Grande ao piloto. Atenção.. Atenção! Preparar o canhão de proa! Todo o pano! Eu disse todo! Vamos abalroar atirando!

João Grande tentava fazer do "Caçapava" um aríete. O risco era grande, mas assim mesmo iria arremeter. Imaginava a proa de seu barco, como a lâmina de um machado romper o costado da corveta, afundando-a. Contava com o vento e com a surpresa. Seria um golpe rápido, como os da borduna, pondo o adversário fora de combate. Ele se entusiasmava com a idéia. Se a construção do barco fosse sólida, como supunha, e resistisse ao impacto, continuaria abalroando outros... e outros... Seria um sucesso. Garibaldi exultaria de satisfação. Ele se empolgava. A Esquadra da República Riograndense, a nossa Esquadra, venceria finalmente a grande batalha naval que o Capitão previra ao chegar ao Estaleiro em Camaquã... Fazenda do Brejo... Maria.. tudo tão longe! Não podia se distrair. O vento mantinha-se firme, mas a surpresa não aconteceu! A "Bela Americana" prevendo o golpe, desviou-se para bombordo e apontava os canhões para o "Caçapava". Os navios estavam muito perto. John Griggs bradou com toda a força dos pulmões ao artilheiro da pequena peça em condições de atirar no momento:

— Fogo!

O canhão disparou e atingiu o alvo à meia nau. Sentiu John que o revide da corveta ferida seria rápido e fatal. Levantou os braços para o céu e iniciou a prece das horas solenes, "Accipe, adhuc, me Domine... "Recebe-me, agora Senhor..." Um clarão deslumbrante e um tremendo estrondo de oito canhões disparando ao mesmo tempo cortaram-lhe a frase no meio!

O abdômen, as pernas, com metade do varapau de João Grande se esparramaram sobre a coberta da escuna. O busto, com a outra

metade da borduna na mão, foi colocada por Ruy Azambuja, seu piloto fiel, sobre a amurada, antes de abandonar o navio!

Anita voltou ao "Rio Pardo" e transmitiu ao Capitão a última ordem do General Canabarro:

— Salve o que for possível e incendeie os navios!

Garibaldi obedeceu. A bordo do "Caçapava" indefeso e ainda bombardeado pelos canhões imperiais viu (*) o busto ereto, o impávido rosto corado e os olhos abertos de seu amigo John Griggs, como se vivo fosse!

Na pira ardente do navio que com bravura comandara, consumiu-se o corpo de João Grande. E as cinzas se espalharam pela Laguna, onde, como diziam os farropilhas:

PERDEMOS TUDO MENOS A HONRA!

(*) Transcrevo o trecho das "Memórias" de Garibaldi em Italiano. "Io avevo veduto Il tronco dell'amico mio, diviso in due. Il busto era rimato ereto sulla coperta a tolda della Caçapava. appoggiato alla murata. colorito l'impávido volto, come vivente! Ed Il resto delle membra era sparso attorno ed a qualche distanza dal busto. Una canonata a palla e mitraglia sparata da vicino avea colpito a mezzo corpo li valoroso mio compagno nell'ultimo combattimento di mare, nella Laguna di Santa Catarina. Ed in quella guisa mi presento in quel giorno quando lo. incendiando la squadriglia per ordine del Generale Canabarro, ascendevo Il legno comandato da Grigg e fulminato ancora delia squadra nemica!"

EPÍLOGO

No dia vinte e dois de novembro o Padre Francisco de Araújo rezou na igreja paroquial Missa Solene de Réquiem pelos mortos na Batalha Naval de Laguna. Logo depois, sentindo-se mal sentou-se na Sacristia. Aos que acudiram para ajudá-lo ele sussurrou:

— Deixem-me, meus filhos! O Padre deu o recado que pedi. Chegou a minha hora!

Morreu o Vigário sem dizer qual o recado.

Duas semanas antes do Natal batia um soldado à porta da Fazenda do Brejo com carta para a senhorita Dona Maria Gonçalves Meirelles. Aberto o sobrescrito a moça leu:

"Senhorita Maria Meirelles,

Respeitosamente passo às mãos de V. S. o documento que me foi dado pelo Senhor Tenente João Griggs, com a condição de entregá-lo a V. S. somente no caso dele vir a falecer. Como o dito oficial teve morte heróica no dia 15 de novembro, lutando na batalha naval de Laguna, cumpro-lhe a última vontade.

Seu cr. e obr.

Adão Silveira, tenente.

Caçapava, aos 30 dias de novembro de 1839."

Tremiam as mãos de Maria ao romper o lacre da carta de João Grande. Ela correu para o quarto e trancou a porta para ler e chorar sozinha a morte do rapaz.

"Querida Maria,

Esta é a primeira e provavelmente também a última carta que escrevo a você.

Gostaria que ela fosse bem alegre, para sempre que a lesse, ou relembresse, fosse com alegria.

Estou aqui no fundo da baía de Laguna como caranguejo de olho na maré, sabendo que no mar alto, aqui na frente, há 22 barcos de guerra inimigos, prontos a nos destruir. Se não houver bastante água no canal na hora do ataque os navios grandes não poderão entrar, somente os menores. A estes certamente poderemos vencer. De qualquer maneira a batalha será decisiva.

Escrevo hoje porque talvez não tenha outra oportunidade de agradecer a você as atenções que teve com minha pessoa e principalmente para desejar-lhe uma felicidade que não pude dar e muita Paz. Paz no sentido bíblico, não apenas "não-guerra", mas tranqüilidade, que flui do Amor. Quero que você se sinta amada, não só por Deus, mas por sua Família e por todos que têm a ventura de cercá-la, inclusive por este João Grande, desajeitado, que pode ter um coração muito pequeno, mas que esteja onde estiver é todo seu.

John Griggs"

Poucas horas depois o mesmo soldado abria o portãozinho de entrada da mais confortável residência de Pacheca. A porta da rua estava aberta e uma linda menina de olhos azuis escuros veio engatinhando ao encontro do militar. Este deslumbrado com a beleza da criança perguntou:

— Como é teu nome, minha filha?

— Na... na... na!

Veto uma senhora alta e vistosa e disse:

— O nome dela é Ana Maria Griggs! O senhor deseja alguma coisa?

— Trouxe uma carta para Dona Margarida...

— Sou eu mesma!

Recebeu o documento com surpresa. Assinou o recibo e sentou-se para ler. Eram duas folhas de papel. Ao ver a assinatura de uma delas estremeceu.

"Querida Margarida,

Sinto-me até hoje envergonhado por não ter podido retribuir todo o amor que você me dedicou. Peço-lhe perdão por isso. Beije nossa filha por mim!

John Griggs."

A segunda carta era do companheiro que João trouxera, quando comprara a casa para ela e a filha, Adão.

"Prezada Dona Margarida.

Infelizmente nosso amigo João Grande morreu combatendo heroicamente na batalha naval de Laguna no dia 15 de novembro passado. Nas vésperas da morte entregou-me esta carta fechada e lacrada que encaminho às suas mãos.

Atenciosamente.

Adão Silveira, tenente.

Caçapava, 30/11/1859."

Em Caçapava, Canabarro chamou Garibaldi para ajudar a traduzir e como amigo tomar conhecimento da correspondência chegada dos Estado Unidos da América, via Montevidéu. para o bravo e querido amigo Griggs.

"Prezado Johny.

Nosso querido James acaba de falecer aqui em Rosedale e constituiu você e Anne como herdeiros universais. Eu sou o testamenteiro. Têm vocês dois agora uma fortuna muito grande, que inclui até mina de prata legalizada e em pleno funcionamento em Aspen. Colorado.

Aguardamos com urgência sua presença.

seu cunhado e amigo:

Tom McKinley" Rosedale, Miss. julho. 30 de 1839

FIM

Nas "Memórias" de Garibaldi o texto é assim: "Egli (Griggs) era giovane. d'indole eccel lente, d'un coraggio a tutta prova e d'immensa constanza. Di famiglia agiata. egli avea generosamente consacrato sua vita alia causa della Repubblica. e quando una lettera dei suoi parenti nord-americani lo chiedeva in patria annunziandogli una colossale eredità. egli avea gloriosamente terminato i suoi giorni..."

BIBLIOGRAFIA

Lindolfo Collor — Garibaldi e a Guerra dos Farrapos, Ed. Civilização Brasileira, 1977.

Tristão de Alencar Araripe — Guerra Civil do Rio Grande do Sul acompanhada de documentos.

Lucas Alexandre Boiteux — A Marinha Imperial na Revolução Farroupilha. Ed. 1935.

Henrique Boiteux — Santa Catarina e o 2- Tenente José de Jesus.

Luiz Felipe Goicochea — História do Rio Grande do Sul.

Giuseppe Maria Garibaldi — Memorie Autobiografiche — Ed. Firenze 1888.

Giuseppe Maria Garibaldi — Revisione delle mie Memorie — Ed. 1871.